



Pregadores da Bíblia



PAULO

O PRÍNCIPE DOS PREGADORES

Pregadores da Bíblia

PAULO

O PRÍNCIPE DOS PREGADORES

CIRO SANCHES ZIBORDI

Todos os direitos reservados. Copyright © 2019 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Miquéias Nascimento

Revisão: Ester Soares

Capa e projeto gráfico: Elisangela Santos

Editoração: Elisangela Santos

CDD: 250 – Congregações cristãs, práticas e teologia pastoral

ISBN: 978-85-263-1959-2

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 2009, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso *site*: <http://www.cpad.com.br>

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ

CEP 21.852-002

1ª edição: 2019

Tiragem: 3.000

Sumário

Agradecimentos.....	5
Prefácio.....	8
Introdução	15
Capítulo 1 - Príncipe dos Pregadores Itinerantes.....	26
Capítulo 2 - Que Quer Dízer este Tagarela?.....	68
Capítulo 3 - Precisa-se de Pregadores-modelo.....	117
Capítulo 4 - Maior Apologista do Evangelho.....	170
Capítulo 5 - A Palavra de Deus não Está Presa.....	206
Capítulo 6 - Loucura da Pregação	244
Capítulo 7 - A última Viagem de Paulo.....	283
Referências e Notas	335

A Renato Zibordi (in memoriam), o homem que me ensinou a amar as “sagradas letras” e a crer que “a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça”

(2 Tm 3.16, ARA).

Agradecimentos

No princípio, Deus criou “os céus e a terra” (Gn 1.1) e, em seguida, formou, dia após dia, o Universo e a Terra, que “era sem forma e vazia” (vv. 2_31). Ao terminar seu labor, no dia sétimo, descansou de toda a sua obra que tinha feito (2.1,2). Esses três verbos também são especificamente usados em relação à criação do ser humano (cf. Is 43.7; Gn 1.27; 2.7,22). Desde então, toda e qualquer obra necessariamente passa por estas três etapas: criação (propriamente dita), formação e acabamento.

Comecei o ano de 2017 desejoso de escrever um livro sobre os 7 principais pregadores do Novo Testamento, chamados textualmente de cheios do Espírito Santo. Tendo orado, pensado e pesquisado, iniciei, então, o árduo trabalho de selecionar fontes e fazer os primeiros apontamentos para criar, formar e concluir essa grande obra.

No segundo semestre daquele ano, passei a dar forma ao que previamente criara. Decidi que o livro teria 7 capítulos e comecei a escrever, contando com a ajuda do Espírito Santo, que paira sobre nossa vida e, também, habita em nós. Quando chegou o mês de agosto, quase desisti desse projeto, pois me sentia incomodado com o tamanho que a obra poderia ter.

Também percebi que seria muito difícil reunir os pregadores cheios do Espírito Santo numa obra só. Como condensar a vida e o ministério de Paulo num único capítulo, por exemplo? Cheguei à conclusão de que o ideal seria transformar o livro numa série, porém não tive coragem de apresentar essa ousada proposta à CPAD.

No mês seguinte, para minha surpresa, o diretor executivo dessa editora — homem de oração e com grande visão do mercado editorial — entrou em contato comigo. Ele enviou-me a seguinte mensagem: “Irmão Ciro, pensei em desenvolver uma série de livros de leitura rápida com temas correlatos. Tem alguma ideia?”.

Pronto! Foi aí que a série Pregadores da Bíblia, de fato, começou com o livro João Batista: o Pregador Politicamente Incorreto. Agradeço, portanto, penhoradamente, ao irmão Ronaldo Rodrigues de Souza. Além de seu trabalho de excelência como diretor executivo à frente de nossa Casa Publicadora, ele tem sido um grande apoiador do autor nacional.

Também desejo externar minha gratidão a toda a equipe de vendas e marketing da CPAD, especialmente o pastor Cícero Silva (gerente comercial). E aproveito para agradecer, de modo especial, a dois funcionários dessa editora que vêm fazendo um trabalho de excelência em todos os livros da presente série: Elisangela Santos, idealizadora das capas e do projeto gráfico, e Miquéias Nascimento, responsável por copidesque e revisão dos originais.

Sou muitíssimo grato também a meus pais, Renato Zibordi (in memoriam) e Célia, que me ensinaram as “sagradas letras”, das quais jamais me esquecerei. Agradeço a Luciana, meu amor, esposa linda e fiel — quase perfeita! — que suporta meus terríveis defeitos há quase 30 anos!

Júlia Zibordi, fruto de nosso amor, participou efetivamente desta obra, opinando, lendo os originais, sugerindo correções, etc. Deus é tão bom que me deu uma “professora particular”, essa menina de ouro que

aprende tudo de maneira muito rápida e depois partilha seus conhecimentos comigo.

Minha eterna gratidão aos pastores Antonio Gilberto (1927–2018) e Valdir Bícego (1939–1998), homens que me ensinaram, sobretudo por meio do exemplo, a ser um imitador de Cristo. Por fim, agradeço aos seguintes pastores apoiadores: José Wellington Costa Júnior (presidente da CGADB), Paulo Lopes (meu pastor), Hércules Carvalho Denobi, Daniel Acioli, Wagner Gaby, Gedeão Menezes, Jecer Goes e Maurilo de Freitas.

Louvo, acima de tudo, a Jesus Cristo, que — além de salvar-me e chamar-me para o santo ministério — tem dirigido todos os meus passos. Sou hoje um escritor porque, em 1993, Ele usou o saudoso pastor Valdir Bícego para incentivar-me a enviar o primeiro artigo à redação de nosso *Mensageiro da Paz*, da CPAD. “A graça seja com todos os que amam a nosso Senhor Jesus Cristo em sinceridade. Amém!” (Ef 6.24).

Prefácio

Ao mencionar os “pregadores-modelo” do seu tempo, o célebre David Martin Lloyd-Jones (1899–1981) afirmou:

São aqueles que divertem o povo, manipulam suas emoções, afirmam sempre coisas agradáveis e não comprometem a sua autoestima. Devem ser bem preparados na arte de divertir e impressionar; e, para isso, os recursos mais usados são as experiências, histórias comoventes e frases de efeito (LLOYD- JONES, p. 8).

A situação não é muito diferente hoje em dia; a pregação *coaching*, a animação de auditório e a citação de bordões com música de fundo melodramática roubaram o lugar da exposição das Escrituras ungida pelo Espírito Santo. Por isso, a série *Pregadores da Bíblia* destina-se a quem deseja aprender com os verdadeiros pregadores_modelo, aqueles que “ex-puseram a vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo” (At 15.26).

Em cada livro dessa série, destacam-se qualidades imprescindíveis a todo pregador, especialmente a comunhão com o Paráclito e o compromisso com a Palavra de Deus e o Deus da Palavra. No caso do protagonista deste livro, o apóstolo Paulo, ele é apresentado textualmente — assim como todos os principais pregadores do Novo Testamento — como cheio do Espírito Santo.

Todavia, escrever esta obra foi um grande desafio, visto que há inúmeros tratados sobre Paulo nas livrarias evangélicas. Poderíamos encher uma biblioteca somente com livros escritos sobre ele. Por que mais um? O que há de novo? Ora, a Bíblia é uma fonte inesgotável. Além disso, a maioria das obras sobre esse apóstolo enfoca sua biografia e o conteúdo teológico de suas 13 epístolas, e não seu — ainda pouco explorado — ministério como pregador itinerante cheio do Espírito Santo.

Desde seu encontro memorável com o Senhor a caminho de Damasco (At 9.3-5; 1 Co 9.1), Paulo renunciou seu passado como fariseu, isolou-se por um tempo e abraçou a excelência do conhecimento de Cristo Jesus (Fp 3.6-14). Chamado por seu nome romano pela primeira vez no relato de sua passagem por Pafos, na ilha de Chipre, “Saulo, que também se chama Paulo, cheio do Espírito Santo” (At 13.9), é o principal modelo para todos os pregadores da Palavra de Deus depois de Jesus Cristo.

Embora Lucas seja o único autor neotestamentário a empregar a expressão “cheio do Espírito” (cf. Lc 1.15,41,67; 4.1; At 2.4; 4.8,31; 6.3,5; 7.55; 9.17; 11.24; 13.9,52), o Paulo de Atos dos Apóstolos é o mesmo das Epístolas. Não há contradição alguma entre as paracletologias paulina e lucana, haja vista o próprio Paulo ter dito frases como: “Andai em Espírito” e “enchei-vos do Espírito” (Gl 5.16; Ef 5.18). A Bíblia é uma harmonia perfeita!

Há, entretanto, ensinamentos, exemplos, bem como detalhes da história e do ministério de Paulo que só podem ser encontrados nas páginas do quinto livro do Novo Testamento. Por conseguinte, nossa

fonte principal nesta obra é o livro de Atos dos Apóstolos, que é mais historiográfico que biográfico, além de teológico.

O segundo tratado de Lucas, aliás, pertence ao gênero literário “teologia narrativa”, cuja principal finalidade não é oferecer aos leitores a biografia de Pedro ou de Paulo, “e sim apresentar o testemunho dado por eles de Jesus, o Cristo anunciado pelas Escrituras judaicas e constituído por Deus Senhor de todos, mediante a ressurreição dos mortos” (FABRIS, p. 5,6).

LINHA DO TEMPO DE PAULO

Qualquer cronologia do Novo Testamento é imprecisa, mas alguns acontecimentos históricos paralelos aos narrados em Atos dos Apóstolos ajudam-nos a manter a linha do tempo de Paulo desde seu encontro com o Cristo ressurreto no caminho de Damasco, entre 33 e 35 d.C., quando Tibério era o imperador de Roma.

Três anos mais tarde, Paulo fez sua primeira visita como salvo em Cristo a Jerusalém (Gl 1.18) após um período de isolamento em Damasco, quando Aretas IV tornou-se governador da vizinha Nabateia, entre 37 e 39 d.C. Depois de alguns dias, esse apóstolo instalou-se na província conjunta de Síria-Cilícia durante os mandatos dos imperadores Gaio (37–41 d.C.) e Cláudio (41–54 d.C.).

Uma nova visita do transformado Saulo de Tarso a Jerusalém deve ter ocorrido em 48 d.C. Pouco tempo depois disso, ele e Barnabé empreenderam a primeira viagem missionária: de Antioquia da Síria a

Chipre e sul da Galácia, entre 49 e 50 d.C. Nessa mesma época, Paulo escreveu sua primeira carta (Gálatas) e participou do concílio dos 14 apóstolos: os Doze de Jerusalém e os Dois de Antioquia da Síria (Paulo e Barnabé).

Em seguida, entre 51 e 52 d.C., Paulo, com Silas, empreendeu sua segunda viagem missionária: de Antioquia da Síria, através da Ásia Menor, até Macedônia e Acaia. Entre 52 e 53 d.C., em Corinto, escreveu duas cartas aos crentes de Tessalônica, quando Gálio era o procônsul da Acaia. Ao retornar, fez mais uma visita a Jerusalém durante o mandato de Félix, procurador da Judeia (52–59 d.C.).

Ainda em 53 d.C., o apóstolo dos gentios empreendeu sua terceira viagem missionária, instalando-se em Éfeso, na província romana da Ásia. Nesse ínterim, Nero tornou-se imperador de Roma (54–68 d.C.). Este foi o César a quem Paulo apelou em Cesareia, após dois anos de injusto encarceramento. Mais tarde, algum tempo depois da libertação desse apóstolo da prisão romana, Nero tornou-se um cruel perseguidor da Igreja.

Nos três anos que permaneceu na província da Ásia, Paulo escreveu em Éfeso a primeira carta aos crentes de Corinto. Após esse longo período, revisitou Macedônia — onde deve ter escrito 2 Coríntios —, Ilírico e Acaia entre 56 e 57 d.C. Por volta de 58 ou 59 d.C., ele visitou Jerusalém pela última vez, onde foi detido e enviado para Cesareia. Sua quarta viagem (missionária), à Itália, já como prisioneiro de Jesus Cristo, ocorreu entre 60 e 62 d.C.

Ele permaneceu em prisão domiciliar em Roma por dois anos, onde escreveu as chamadas cartas da prisão: Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom. Lucas conclui a biografia (na verdade, uma historiografia) de Paulo dizendo que ele ficou dois anos em prisão residencial “pregando o Reino de Deus e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo, sem impedimento algum” (At 28.31).

No entanto, o epistolário paulino indica que, depois disso, seu ministério apostólico continuou, inclusive com novas viagens, até que foi finalmente encarcerado e morto por ordem de Nero (cf. 2 Tm 4.7-13). Após os dois anos em Roma, Paulo teria obtido absolvição plena ou, pelo menos, autorização para viajar. Ele pode ter visitado a Espanha, já que manifestara o desejo de estar ali (Rm 15.22-28). É certo que passou pela ilha de Creta e Éfeso, onde deixou Tito e Timóteo, respectivamente, bem como Macedônia (Tt 1.5; 1 Tm 1.3-20).

Paulo deve ter sido preso novamente em Trôade ou Mileto (cf. 2 Tm 4.13-20). Mas, durante esse período de liberdade, antes do levante sanguinário do imperador de Roma contra os cristãos, escreveu duas cartas pastorais: 1 Timóteo e Tito. Na fase final de seu ministério, em uma masmorra romana, entre 64 e 67 d.C., escreveu sua última epístola: 2 Timóteo. Acredita-se que ele foi decapitado nesse mesmo período.

A história narrada neste livro mostra que Deus pode transformar o amargo em doce, o pobre em rico, o pior em melhor. Antes de sua conversão, Paulo alcançou a reputação de maior inimigo da Igreja, distinguindo-se acima de todos os seus correligionários na perseguição da Igreja em Jerusalém (At 8.3; 9.1,2; 22.5; 26.10). Ao tornar-se uma nova

criatura (2 Co 5.17), tornou-se o maior defensor do evangelho, principal mestre do cristianismo e príncipe dos pregadores itinerantes.

Por outro lado, mesmo antes de seu encontro com Jesus Cristo, Deus usara o que tinha de pior em Saulo de Tarso para fazer o melhor em prol do seu Reino. O grande Semeador permitiu a perseguição para semear a Palavra de Deus, espalhando pregadores de Jerusalém por toda parte (At 8.1-4; 11.19).

Há, nesses mais de 2 mil anos de História da Igreja, algum pregador comparável ao apóstolo Paulo? O “calor atraente da sua personalidade, sua estatura intelectual, a liberação jubilosa efetuada por seu evangelho da graça redentora, o dinamismo com que ele propagou este evangelho pelo mundo, dedicando sua vida, unicamente, ao cumprimento da comissão que lhe fora confiado na estrada para Damasco” (BRUCE, 2003, p. 11) fazem dele, com justiça, o príncipe dos pregadores itinerantes.

Nesta obra, faço — de modo especial — uma análise do conteúdo dos sermões registrados desse pregador-modelo. Chama a atenção o fato de apenas uma de suas 7 pregações ter sido dirigida ao público cristão, a de Mileto, aos presbíteros de Éfeso (At 20.17-38). Isso evidencia bem o foco ministerial desse apóstolo dos gentios, que pregava muito mais a pagãos que a cristãos.

Paulo escreveu 13 epístolas, mas sua mensagem não se propagou apenas por meio de seus escritos. Ele foi chamado por Deus para ser um apóstolo apto a falar com autoridade a hebreus, gregos e romanos, além de fundar igrejas e consolidá-las. Depois do Sumo Apóstolo Jesus Cristo (Hb 3.1), Mestre dos mestres (Mt 23.8) e Pregador dos pregadores (4.23),

Paulo é, sem dúvida, o maior dentre todos os apóstolos e mestres, o mais destacado pregador de todos os tempos.

Ciro Sanches Zibordi
Niterói, RJ, abril de 2019

Introdução

O Legado de Paulo

Porque eu sou o menor dos apóstolos, que não sou digno de ser chamado apóstolo, pois que persegui a igreja de Deus. Mas, pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça para comigo não foi vã; antes, trabalhei muito mais que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus, que está comigo. 1 Coríntios 15.9,10

A carreira de Paulo como pregador do evangelho começou na majestosa cidade de Damasco, descrita pelos poetas como “um punhado de pérolas numa taça de esmeralda” (BALL, p. 62). Era essa a imagem que ele avistava, quase ao meio-dia, quando um raio de luz mais brilhante que o sol em todo o seu esplendor cegou seus olhos, levando-o ao chão. Todos os cristãos sabem muito bem o que aconteceu depois disso (At 9.1-9).

Num instante, tudo mudou na vida de Saulo de Tarso, especialmente em seu íntimo. A arrogância farisaica caiu por terra, e um servo de Deus quebrantado e abatido declarou: “Senhor, que queres que faça?” (At 9.6). “Estêvão estava certo!”, Paulo deve ter pensado. Sim, o Justo está vivo e salvou o grande perseguidor da Igreja, chamando-o imediatamente para levar seu nome “diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel” (v. 15).

Logo após esse glorioso encontro com Jesus, o incansável pregador Paulo começou seu ministério anunciando o evangelho nas sinagogas, em Damasco e por toda a Judeia (At 9.19-23; 26.20). Passado algum tempo e

tendo experimentado a rejeição de seus compatriotas, isolou-se por três anos nas “regiões da Arábia” — termo que indica, com maior probabilidade, a região desértica que limita a Síria (MONEY, p. 232) — e em Damasco (Gl 1.15-18, ARA). Seu objetivo, certamente, era refletir sobre sua nova situação e preparar-se para cumprir seu amplo ministério como “vaso escolhido” (At 9.15).

Não obstante, seu retiro não foi “calmo, sereno e tranquilo” como se imagina. Ao escrever sobre esse período, Paulo relata uma experiência um tanto humilhante e perigosa que viveu: “Em Damasco, o que governava sob o rei Aretas pôs guardas às portas da cidade dos damascenos, para me prenderem, e fui descido num cesto por uma janela da muralha; e assim escapei das suas mãos” (2 Co 11.32).

O governador preposto do rei Aretas IV, da Nabateia, muito próxima a Damasco, tomou uma atitude hostil em relação a Saulo de Tarso. Este, certamente, não estava em completa meditação ou contemplação silenciosa entre nabateus (povos semíticos ancestrais dos árabes) e damascenos. Inquieto, ele devia estar “perturbando os moradores da terra” com a pregação do evangelho!

Como o território do reino nabateu chegava bem perto dos muros de Damasco, os inimigos de Paulo devem ter ficado de plantão, vigiando o portão da cidade por fora para prendê-lo. Ele, então, com a ajuda de alguns companheiros, sem que se percebesse, fugiu da cidade, sendo descido num cesto por uma janela da muralha. E, assim, partiu para Jerusalém.

Foi nessa ocasião, provavelmente, no terceiro ano depois de sua malsucedida cruzada anticristã, interrompida na estrada de Damasco, que ele fez, digamos, sua primeira visita oficial a Jerusalém. Nessa cidade, onde ainda era visto com muita desconfiança, contou com a ajuda de Barnabé. Usando seus préstimos, esse eminente pregador de fé e obras — um dos personagens enfocados na presente série (ZIBORDI, 2019b) — aproximou Paulo dos líderes da igreja-mãe (At 9.27,28).

Barnabé era, então, uma espécie de “décimo terceiro” apóstolo, pois, além de realizar atos que lhe renderam o título de “filho da profecia” (gr. *Barnabas*), ele possivelmente pertencera ao grupo dos Setenta (cf. Lc 10.1). O célebre Eusébio de Cesareia (263–340 d.C.) afirma que, embora não haja um catálogo desses 70 discípulos eminentes, “Barnabé, que se distingue nos Atos dos Apóstolos e também na epístola de Paulo aos Gálatas, teria sido um deles” (EUSÉBIO, 2014).

Saulo permaneceu apenas 15 dias em Jerusalém, mas aproveitou bem esse tempo para conversar com os apóstolos Pedro e Tiago, irmão do Senhor, com o intuito de firmar laços de comunhão com esses dois principais líderes da Igreja nascente (Gl 1.18,19). Talvez ele também quisesse sondá-los quanto à sua conduta em relação à pregação do evangelho aos gentios, assunto que vinha gerando debates acalorados naqueles dias (ZIBORDI, 2018c, p. 217–222).

Como muitos judeus e helenistas eram contrários à mensagem de Paulo, ele precisou fugir novamente, com a ajuda de alguns irmãos, que o acompanharam até o porto que ficava em Cesareia. Dali, navegou para Tarso, sua terra natal, localizada na província conjunta de Síria-Cilícia,

distante de Jerusalém cerca de 160 quilômetros (At 9.29,30; Gl 1.21). Antes de partir, ele teve uma experiência gloriosa enquanto orava no Templo (At 22.17-21).

Jesus disse a ele: “Dá-te pressa e sai apressadamente de Jerusalém, porque não receberão o teu testemunho acerca de mim”. Paulo respondeu-lhe: “Senhor, eles bem sabem que eu lançava na prisão e açoitava nas sinagogas os que criam em ti. E, quando o sangue de Estêvão, tua testemunha, se derramava, também eu estava presente, e consentia na sua morte, e guardava as vestes dos que o matavam”. Jesus, então, concluiu, confirmando sua chamada: “Vai, porque hei de enviar-te aos gentios de longe”.

Após deixar Jerusalém, Paulo passou uns dez anos pregando o evangelho em partes da Síria e da Cilícia. Nesse período, segundo ele mesmo relata, sua fama começou a chegar às igrejas da Judeia: “Aquele que já nos perseguiu anuncia, agora, a fé que, antes, destruía. E glorificavam a Deus a respeito de mim” (Gl 1.23,24). Barnabé, então, convidou-o para trabalhar em Antioquia da Síria, e ambos ensinaram muita gente durante um ano (At 11.25,26).

Havendo grande fome em toda a terra da Judeia, a igreja antioquena — que se tornaria em pouco tempo o grande centro irradiador do evangelho — fez uma coleta e enviou-a a Jerusalém por intermédio de Barnabé e Saulo (At 11.27-30). Isso foi fundamental para melhorar ainda mais seu relacionamento com os apóstolos, presbíteros e membros de toda aquela região, já que Paulo, longe da igreja-mãe, “não era conhecido de vista das igrejas da Judeia, que estavam em Cristo” (Gl 1.22).

Cumprida essa missão em Jerusalém, Barnabé e Saulo voltaram a Antioquia (At 12.25; 13.1). Este sexto livro da série *Pregadores da Bíblia* — que não é uma obra biográfica de Paulo, como outra que escrevi (ZIBORDI, 2015) — começa nessa cidade da Síria, que se tornou o centro irradiador do evangelho, ainda na primeira metade do primeiro século d.C. Foi de lá que o apóstolo Paulo partiu em três de suas cinco viagens missionárias. Cinco? A conferir.

Paulo Histórico

Apesar de os Evangelhos fornecerem valiosas informações a respeito de Jesus de Nazaré desde o seu nascimento, sabemos que é impossível reconstruir sua biografia de modo detalhado. Os evangelistas, no entanto, escreveram o que era necessário, tendo sido inspirados pelo Paráclito. No caso de Paulo,

(...) não só é possível traçar um perfil biográfico, mas pode-se dizer que ele é a única personagem da primeira geração cristã que entra com pleno direito na galeria dos fundadores de movimentos religiosos (FABRIS, p. 3).

Há uma documentação ampla e excepcional sobre a vida de Paulo, embora as principais — e inquestionáveis — fontes sejam o livro de Atos dos Apóstolos e suas 13 epístolas. Desde a segunda metade do segundo

século, há um *corpus* de escritos que possibilita a reconstrução dos principais traços de sua personalidade, bem como de sua atuação como apóstolo, pregador e mestre dos gentios. Quanto ao período final de sua vida, há, especialmente, tradições preservadas por Clemente de Roma (35–97 d.C.), além de livros apócrifos.

Além de ter recebido educação rabínica de seu próprio pai em Tarso, na Cilícia, lugar onde nasceu possivelmente em 5 d.C., Paulo também foi enviado a Israel para aprender aos pés do célebre fariseu Gamaliel durante uns 6 anos (cf. At 22.3). Depois disso, voltou à sua terra natal. E, após a morte de Jesus, estabeleceu-se em Jerusalém. Pelo que tudo indica, ele jamais viu o Senhor antes da experiência na estrada para Damasco.

Em debates e disputas, o jovem Saulo não tinha adversários. Além de mestre no judaísmo, ele também era cidadão romano nascido em Tarso, importante centro de educação e cultura helênico-oriental, bem como falante de aramaico, latim e grego. Ninguém era capaz de superá-lo, até que conheceu os adeptos da “seita” do Caminho, especialmente Estêvão, primeiro apologista do evangelho (At 6.9,10).

O nome de Saulo aparece pela primeira vez em Atos dos Apóstolos como perseguidor da Igreja na dramática narrativa do assassinato de Estêvão: “E, expulsando da cidade, o apedrejavam. E as testemunhas depuseram as suas vestes aos pés de um jovem chamado Saulo” (7.58). Mas ele, que era da Cilícia, é mencionado antes indiretamente: “E levantaram-se alguns que eram da sinagoga chamada dos Libertos, e dos Cireneus, e dos alexandrinos, e dos que eram da Cilícia e da Ásia, e disputavam com Estêvão” (6.9).

Pouco tempo depois da morte desse primeiro apologista do evangelho, a vida de Saulo foi radicalmente mudada. A caminho de Damasco, desejando fazer mal aos cristãos dali, ele de repente deparou-se com um resplendor de luz e ouviu a voz do Salvador: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (At 22.5-7). Ali, ele convenceu-se de que Estêvão estava certo, entregou sua vida a Cristo e tornou-se o príncipe dos pregadores itinerantes.

A biografia de Paulo é fascinante, mas não será nosso objeto de estudo nesta obra, que, aliás, é a terceira que escrevo sobre esse apóstolo. Na primeira, *Evangelhos que Paulo Jamais Pregaria* (2006), baseando-me no conteúdo de suas 13 epístolas, discorro sobre o que esse apóstolo não pregaria caso vivesse em nossos dias. A segunda, *Procuram-se Pregadores como Paulo* (2015), é mais biográfica e abrange sua vida como um todo.

Paulo: o Príncipe dos Pregadores Itinerantes apresenta uma abordagem ao mesmo tempo historiográfica, teológica e inspirativa, centrada na conduta de Paulo como pregador do evangelho e no conteúdo de sua mensagem. Esta obra resulta de uma pesquisa cuidadosa norteadas pelo que Lucas escreveu na segunda metade de Atos dos Apóstolos, dedicada inteiramente a esse apóstolo (caps. 13–28).

Príncipe dos Pregadores Itinerantes

A partir de Atos 13, Lucas muda o enfoque de seu livro, deixando os apóstolos de Jerusalém de lado, ainda que estes sejam mencionados com certo destaque no capítulo 15. Paulo torna-se o protagonista.

Até aqui, Jerusalém e a Judeia têm sido o cenário das atividades dos crentes, sendo Pedro o personagem proeminente. Agora, todavia, muda-se a base de operações [...] para a Antioquia da Síria, e Paulo torna-se o centro da atenção (WILLIAMS, p. 247).

Enquanto Jerusalém gradualmente perde o protagonismo, Antioquia da Síria emerge como o principal centro de difusão do evangelho, de onde o príncipe dos pregadores itinerantes parte em suas viagens missionárias — que não são meras viagens, e sim longos períodos de missão em cidades importantes. Mas, a despeito de formar-se um mundo evangélico independente, com uma série de igrejas, “Jerusalém continua sendo um local de importância singular” (BOOR, p. 188).

A primeira expedição evangelística de Paulo concentrou-se nas cidades de Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe, no sul da província romana da Galácia. Após essa viagem, ocorreu um importante concílio em Jerusalém, que reuniu apóstolos, presbíteros e toda a igreja com o propósito de determinar se os convertidos gentios precisavam submeter-se à Lei (At 13–15).

Sua segunda viagem levou-o uma vez mais à Galácia e, em seguida, pela primeira vez, à Macedônia e Acaia, na Europa, especialmente às cidades de Filipos, Tessalônica e Corinto. Na terceira viagem, Paulo instalou-se na cidade de Éfeso, na província da Ásia — que não deve ser confundida com a região da Ásia Menor (Anatólia) e nem com o grande continente asiático —, por três anos (At 16–19).

Depois de revisitar várias cidades gregas, ainda por ocasião da terceira expedição evangelística, empreendeu viagem, com algumas escalas, a Jerusalém, desejando muito participar das festividades alusivas ao dia de Pentecostes, duplamente importante para ele, que era judeu e cristão. Ali, ele foi acusado de introduzir gentios no Templo, profanando-o. Mas a intervenção do tribuno Cláudio Lísias impediu que ele fosse morto pela multidão. Sua defesa perante o povo, instigado por membros do Sinédrio, produziu violentas reações (At 20–22).

Quando o tribuno romano ficou sabendo de uma conspiração para matar Paulo, enviou-o como prisioneiro ao governador Antônio Félix, em Cesareia, de onde foi deportado para Roma após dois anos de prisão. Durante o período como preso do Senhor, além de ter provado sua inocência, esse apóstolo defendeu a fé cristã perante Félix, Festo e o rei Agripa II, bem como ensinou pessoas em Roma, fez novas viagens e escreveu epístolas (At 23–28).

Grandes Sermões de Paulo

Clarence Edward Noble Macartney (1879–1957) é o autor da inspirativa obra *Grandes Sermões do Mundo*. Ele fez uma compilação especial, reunindo num volume só o *Sermão da Montanha*, de Jesus Cristo, o *Primeiro Sermão Pentecostal*, pregado por Pedro no dia de Pentecostes, além de célebres pregações de profetas do Antigo Testamento e de pais da Igreja a reformadores e arautos dos tempos modernos (MACARTNEY, 2003).

Esse autor, entretanto, cometeu um grande “pecado”! (Risos). Dentre os quase 30 sermões selecionados por ele, não há nenhum do príncipe dos pregadores itinerantes! A bem da verdade, Macartney compensa isso, em parte, com o sermão *A Grandeza do Apóstolo Paulo*, de João Crisóstomo (347–407).

Neste sexto livro da presente série, a ênfase recai sobre as sete pregações de Paulo registradas em Atos dos Apóstolos. Cada capítulo desta obra corresponde a um dos sermões paulinos, a começar pelo primeiro, que foi pregado a judeus de Antioquia da Pisídia, por ocasião de sua primeira viagem missionária.

O segundo capítulo trata do sermão de Paulo a filósofos gregos no Areópago, em Atenas, durante sua segunda viagem missionária. No terceiro, destaca-se sua única pregação a um público cristão registrada, a qual foi ministrada aos presbíteros das igrejas da província da Ásia.

Nos capítulos seguintes, temos quatro pregações de Paulo como prisioneiro do Senhor dirigidas a públicos distintos. Na primeira pregação

dessa quádrupla série, em Jerusalém, mais precisamente na escada da Fortaleza Antônia, ele pregou diante de uma multidão enfurecida. Na segunda, já em Cesareia, diante de Antônio Félix, governador romano da Judeia, e seus empregados. Na terceira, na mesma cidade, diante de Pórcio Festo, Herodes Agripa II e os seus. Sua última pregação registrada em Atos dos Apóstolos foi em Roma, diante dos principais dos judeus.

Paulo contribuiu muito para a expansão do cristianismo em pouco mais de 10 anos, plantando igrejas em quatro províncias do Império Romano: Galácia, Ásia, Macedônia e Acaia. Contudo, sua contribuição mais destacada ao mundo foi apresentar as “boas-novas da graça gratuita — como ele mesmo teria dito (corretamente), sua reapresentação das boas-novas explícitas no ensino de Jesus e corporificadas em sua vida e obra” (BRUCE, 2003, p. 14).

Convido, pois, o leitor a conhecer um pouco melhor a história do pregador Paulo, “ouvindo” suas pregações por meio deste estudo dos seus sermões registrados em Atos dos Apóstolos. Afinal, como veremos, esse príncipe dos pregadores itinerantes deixou-nos um grande legado, formado não só por seus escritos (13 epístolas), mas também por suas pregações, que foram fielmente redigidas por seu companheiro Lucas.

Capítulo 1

Príncipe dos Pregadores Itinerantes

E desta maneira me esforcei por anunciar o evangelho [...]. Pelo que também muitas vezes tenho sido impedido de ir ter convosco. Mas, agora, que não tenho mais demora nestes sítios, e tendo já há muitos anos grande desejo de ir ter convosco, quando partir para a Espanha, irei ter convosco [...]. Mas, agora, vou a Jerusalém para ministrar aos santos. Romanos 15.20,22-25

De acordo com Frederick Fyvie Bruce (1910–1990), o apóstolo Paulo “sempre se refere ao príncipe dos apóstolos por seu nome aramaico Cefas” (BRUCE, 2003, p. 147). Ora, se um dos maiores estudiosos do Novo Testamento afirma que Pedro é o príncipe dos apóstolos, não seria nenhum exagero dizer que Paulo é o príncipe dos pregadores. No entanto, em respeito ao célebre Charles Haddon Spurgeon (1834–1892), procurarei demonstrar a partir deste primeiro capítulo que Paulo, depois de Jesus Cristo, é o principal pregador *itinerante* que já existiu.

A bem da verdade, a pregação de Spurgeon ecoou no mundo todo graças a seus escritos. Em 1856, quando ele tinha pouco mais de 20 anos, um volume de seus sermões foi editado em Nova York, nos Estados Unidos, onde ele passou a ser conhecido como o novo Whitefield. A quantidade de sermões e devoções proveniente dos lábios e da pena desse príncipe e publicada em vários idiomas supera a produção de qualquer

evangelista da mesma qualidade nos tempos modernos (SPURGEON, p. 11).

Esse célebre pregador permaneceu por mais de 30 anos como pastor da London Metropolitan Tabernacle, igreja que comportava quase 6 mil pessoas. Ele também pregava no Surrey Music Hall para 10 mil pessoas, bem como no Agricultural Hall e no Crystal Palace para mais de 20 mil em Londres, Inglaterra. Portanto, embora seja conhecido com justiça como o príncipe dos pregadores, não foi um pregador itinerante como Paulo e tantos outros eminentes arautos do evangelho ao longo da História.

Entre Profetas e Mestres

Saulo de Tarso começou a pregar o evangelho em Damasco, mas sua carreira como pregador itinerante teve início, de fato, em sua primeira viagem missionária. Ele vinha fazendo algumas viagens aqui e ali, até que o Espírito Santo chamou-o para exercer o amplo ministério para o qual ele fora designado desde o ventre de sua mãe (Gl 1.15; At 9.15). A confirmação desse glorioso chamado deu-se na igreja de Antioquia da Síria, onde ele figurava entre quatro profetas e mestres (At 13.1).

Conquanto Paulo seja o personagem em foco, farei uma abordagem resumida desses quatro proeminentes servos do Senhor da igreja antioquena que estavam ao seu lado, a exceção de Barnabé. Este primeiro obreiro da lista — possivelmente “considerado o mais importante do grupo, ou talvez o cristão de mais tempo na fé” (MARSHALL, p. 204,205) — é o protagonista de uma das obras da presente série (ZIBORDI, 2019b).

Lucas não diz quem desses cinco homens de Deus eram profetas ou mestres, dando a entender que todos eles podiam exercer ambos os ofícios. Por outro lado, o texto grego deixa a impressão de tratar-se de 2 grupos, um formado por Barnabé, Simeão e Lúcio, e outro formado por Manaém e Paulo. Deveríamos então considerar o primeiro grupo como formado de profetas, e o segundo de mestres? (WILLIAMS, p. 250).

A ordem apresentada também parece indicar que Barnabé era o líder da igreja antioquena ou o obreiro de maior prestígio entre eles (cf. At 4.36,37; 11.22-24), e Paulo, um jovem ministro em ascensão. Simeão — um nome judeu muito comum à época —, segundo alguns escritores, era filho de judeu, mas sua mãe era negra, proveniente de alguma nação etíope. Daí ele ser chamado de Níger (negro). Dessa suposição, decorre outra: a de que Simeão fora o Cireneu que carregou a cruz de Jesus (cf. Mc 15.21; Lc 23.26).

Supõe-se também que o Lúcio mencionado seria Lucas, o autor de Atos dos Apóstolos e companheiro de Paulo, o qual aparece na comitiva desse apóstolo por ocasião de sua segunda viagem missionária, em Trôade (At 16.9-11). No entanto — ainda que seja aceitável a variação dos nomes Lúcio e Lucas (assim como Simeão e Simão, etc.) —, declara-se, de modo definido, que esse obreiro do Senhor era um dos homens de Cirene, norte da África, a oeste do Egito (13.1; cf. 11.20).

Dentre os três profetas e/ou mestres menos conhecidos, talvez Manaém (hb. *Menahem*, “consolador”) seja o mais instigante, pois cresceu com Herodes, o tetrarca. Alguns eruditos acreditam que “ele se tornou cortesão ou oficial deste Herodes. João Batista deve ter exercido alguma

influência sobre ele. [...] E também é possível que ele estivesse entre os presentes no dia de Pentecostes” (HORTON, p. 136).

Evidências de inscrições gregas “sugerem que ele havia recebido um título de honraria por ser companheiro e confidente do tetrarca” (WILLIAMS, p. 248). Os Herodes chamados de tetrarcas governavam a quarta parte do reino que herdaram do seu pai. Esse título aplica-se a Antipas, da Galileia (Lc 3.1,19; 9.7; Mt 14.1), e a Filipe, da Itureia e da província de Traconites (Lc 3.1). Cada um desses “filhos de Herodes o Grande [...] herdou um quarto do reino de seu pai” (PFEIFFER, p. 1.930).

Manaém, ao que parece, era o filho da ama de leite de Antipas ou recebeu a designação de “irmão de leite” como um título, então conferido pelas cortes gregas.

De que maneira um homem do convívio de alguém como Herodes Antipas chegou à fé em Jesus? Que história divina sucedeu ali? No entanto, Lucas não tinha condições de relatar tudo isso em seu breve livro (BOOR, p. 186).

Esse obreiro da igreja antioquena, portanto, fora criado no palácio com o mesmo Herodes que mandou degolar João Batista e a quem Pilatos enviou o Senhor Jesus!

Por trás de tudo isso estava Deus, é claro, que tirara da mesma família, como tirou Jacó em vez de Esaú, a Manaém no lugar de um

Antipas. [...] Deus em sua bondade resgatou esse homem, Manaém, do grosseiro paganismo da casa em que foi criado (SPROUL, p. 193).

Quanto a Saulo de Tarso, não é apresentado como o quinto da seleta lista dos Cinco por acaso. “Aprender a ver ‘historicamente’ faz parte da leitura correta de Atos: o ‘grande Paulo’ também foi um jovem iniciante, que constava como último da lista, depois de personalidades dirigentes” (BOOR, p. 186).

Chamado para a Pregação Itinerante

Naqueles dias, pregadores itinerantes como o evangelista Filipe, espalhados por causa da perseguição, andavam pelo mundo levando o evangelho (cf. At 8.1-5; 11.19). No entanto, ainda não haviam surgido pregadores que se dispusessem a trabalhar voluntariamente em novos lugares a fim de iniciar e organizar novas igrejas. Lucas, então, afirma que, “servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado” (13.2).

Tratou-se de uma ordem expressa do Paráclito, uma exigência, de acordo com o texto grego, a qual deve ter sido transmitida à igreja antioquena por meio de profecia. Se não foi mediante esse dom congregacional — à disposição de todos os salvos batizados no Espírito Santo (cf. 1 Co 12.10; 14.1-3) —, pode ter sido através de uma palavra profética ministrada por um dos cinco ministros mencionados. Afinal,

está claro que eles haviam recebido o ministério (dom ministerial) de profeta (cf. Ef 4.11; 1 Co 12.28). Não o confunda com o dom de profecia!

Por outro lado, o tempo perfeito do verbo grego usado em Atos 13.2 aponta para uma ação passada com resultados no presente. Isso mostra que o Espírito Santo já tinha tratado com Barnabé e Saulo pessoalmente. Mas eles estavam servindo não somente ao Senhor, mas à Igreja. Tinham responsabilidade no ministério à igreja em Antioquia. Assim, era preciso que a igreja sentisse desejo de deixá-los ir (HORTON, p. 136).

Da mesma forma que Jesus enviava missionários de dois em dois (Mc 6.7; Lc 10.1), o Paráclito incumbiu à dupla antioquena da pregação itinerante. Ele sabe como é difícil para alguém sozinho enfrentar lutas, dificuldades e perseguições. Tudo fica menos complicado quando podemos contar com um companheiro de ministério em momentos de comunhão de oração, proclamação do evangelho, aconselhamento, etc. Ambos, então, aceitaram o chamado, e Paulo tornou-se, no dizer do famoso excético Sir William Ramsay (1852–1916), “São Paulo, o Viajante” (WILLIAMS, p. 249).

Assim que a igreja recebeu essa mensagem da parte do Paráclito, houve um período de consagração ao Senhor, com jejum e oração. E, “pondo sobre eles as mãos, os despediram” (At 13.3). Pregadores da atualidade que ministram a chamada “transferência de unção” deveriam saber que a imposição de mãos, ainda praticada na atualidade, é um símbolo. Não há “poder real nessas mãos que transmite alguma coisa de um para o outro. A imposição de mãos representa a bênção de Deus, a unção do poder de Deus” (SPROUL, p. 193).

Como o próprio apóstolo Paulo ensina que devemos julgar as profecias (1 Co 14.29), é sempre prudente, quando se recebe uma palavra profética, manter-se calmo até que se tenha certeza plena de que a mensagem provém mesmo do Senhor. Certamente, também houve uma preparação exaustiva, em sincera oração com jejum.

Deus trabalha em sintonia com o seu povo: “[...] tudo o que ligares na terra será ligado nos céus” (Mt 16.19). Mas, atenção: o Espírito Santo não dá aval a tudo o que lideranças eclesíásticas decidem! O jogo de palavras no texto bíblico citado em grego assevera literalmente: “o que ligares [ou desligares] na terra terá sido ligado [ou desligado] nos céus”. Soberano e presciente, Ele comunica à sua Igreja a sua vontade, e esta tão somente cumpre o que já está ligado ou desligado de antemão.

Havendo, pois, a certeza de que Barnabé e Saulo foram escolhidos por Deus para realizar uma grande missão evangelística, ambos partiram de Antioquia, às margens do rio Orontes, tendo o jovem João Marcos como assistente. Durante a primeira parte da viagem de quase 30 quilômetros até Selêucia, era possível, num dia claro, avistar, a partir da costa da Síria, que olha para o Mediterrâneo, a forma e o contorno da grande ilha de Chipre.

Dessa cidade portuária da Síria, fundada por Seleuco I Nicátor, navegaram para a terra natal de Barnabé. Com bons ventos, essa viagem de cerca de 100 quilômetros através da água deve ter sido realizada em poucas horas. Aportaram, então, em Salamina, onde havia uma grande

população de judeus e um bom número de sinagogas; e ali pregaram a Palavra de Deus (At 13.4,5).

Como Barnabé, a princípio, liderava a expedição, parece natural que esse grupo de missionários fosse primeiro a Chipre, terra natal do líder. Entretanto, observe que, a despeito de haverem recebido a bênção da igreja local, eles foram enviados pelo Paráclito! E, como estamos falando de dois pregadores cheios do Espírito Santo (At 11.24; 13.9), depreende-se que até mesmo a escolha do local para início da expedição foi dirigida pelo Senhor.

Portanto, não foi por acaso que seguiram adiante, através da ilha, depois de anunciarem a Palavra em Salamina. Quando os romanos tomaram Chipre em 58 a.C., eles “transferiram a capital de Salamina, no leste, para Pafos, na costa oeste” (PFEIFFER, p. 413). Os missionários queriam chegar à capital, de onde o evangelho seria difundido para toda a região.

Outro ponto que chama a atenção: embora eles tenham recebido a bênção da Igreja de Antioquia da Síria, nada é dito sobre seu sustento. Como se manteriam financeiramente nessa expedição evangelística? Quando lemos as cartas de Paulo, descobrimos que os missionários “aderiram depois ao princípio do sustento próprio [...], podendo ser essa a base sobre a qual eles iniciaram” (WILLIAMS, p. 249; cf. 1 Co 9.6).

Creio que é importante abrir um parêntese aqui para responder a uma pergunta recorrente quanto à pregação itinerante. Considerando que já é bastante comum perguntar-se a um mensageiro de Deus convidado se

ele estabelece um valor para pregar ou ensinar as Escrituras, deve ele cobrar cachê como se fosse um artista ou palestrante secular?

Pregador Itinerante Deve Cobrar Cachê?

O termo “cachê” (do francês *cachet*), desde o século XVII, tem sido usado para designar a retribuição dada a um artista por representação ou concerto. Segundo o Houaiss, alude à “remuneração que ator, músico ou outro artista recebe por apresentação”. Trata-se de uma quantia paga a quem se apresenta em público, especialmente a artista que se apresenta num espetáculo (de teatro, música, dança, variedades, etc.) ou que participa de uma produção cultural ou publicitária.

Quando me perguntam se cobro para atender a um convite para pregar ou ensinar a Palavra de Deus, respondo com um “não”, acrescentando que aceito uma “oferta”, cujo valor, evidentemente — como esse próprio termo sugere —, fica a critério dos anfitriões. Apesar de alguns irmãos, acostumados a tratar com celebridades, estranharem esse meu procedimento, baseio-me na conduta de Daniel diante do rei Belsazar, na Babilônia (Dn 5.1-17).

Esse profeta recusou-se firmemente a aceitar, *a priori*, os presentes de Belsazar, o qual lhe pedira a interpretação da escritura que havia aparecido na parede do palácio real. Entretanto, depois que Daniel disse ao rei o que significavam as duras palavras: “Mene, Mene, Tequel e Parsim” (Dn 5.25), ele mandou que o vestissem “de púrpura, e que lhe puse-

sem uma cadeia de ouro ao pescoço, e proclamassem a respeito dele que havia de ser o terceiro dominador do reino” (v. 29).

Alguém poderá pensar que estamos diante de uma contradição. Afinal, o mesmo Daniel, que antes dissera ao rei: “As tuas dádivas fiquem contigo, e dá os teus presentes a outro” (Dn 5.17), recebeu-os de Belsazar, depois de entregar-lhe a mensagem de Deus! Não há, contudo, contradição alguma nessa conduta, e sim o ensinamento, por meio de exemplo, de que não devemos exigir pagamento para transmitir a Palavra do Senhor.

Se Daniel tivesse aceitado tais dádivas antes de entregar a mensagem de Deus, teria sido induzido a dizer uma palavra que agradasse ao rei. Por outro lado, quando cumpriu sua missão de modo isento, teve seu trabalho reconhecido — mesmo depois de transmitir uma mensagem muito dura a Belsazar (cf. Dn 5.18-28); por isso, aceitou, sem nenhum constrangimento, os presentes que lhe foram ofertados.

Em outras palavras, seguindo o exemplo desse profeta, não devemos estipular um cachê para entregar a mensagem do Senhor, mas aceitar uma “oferta” em reconhecimento de nosso trabalho em prol do Reino de Deus, o que é uma conduta lícita à luz do Novo Testamento (cf. 1 Tm 5.17,18). Cobrar cachê e receber “oferta”, por conseguinte, não são nomes diferentes de uma mesma prática, pois a primeira é uma exigência, como se fosse uma condição para a transmissão da mensagem; e a outra, uma prática passiva, sem estabelecimento de valor.

Diante do exposto, deve-se exigir dinheiro para ministrar a Palavra de Deus? Não, pois o próprio Senhor Jesus, ao enviar pregadores,

ensinou-lhes a dar de graça o que de graça receberam (Mt 10.8). Por outro lado, quem convida um mensageiro de Deus para pregar ou ensinar deve ser-lhe grato e honrar o seu ministério, cobrindo todas as suas despesas, hospedando-o bem e dando-lhe a melhor “oferta” possível.

Isso é uma forma de reconhecer que ele, ao atender o convite, absteve-se de estar com a família, deixou sua igreja local, seu trabalho profissional — em muitos casos —, renunciou atividades importantes e abriu mão de um período que poderia usar em seu benefício e da sua família. Quanto à “oferta”, alguém poderá perguntar: “Qual seria um valor justo a ser ofertado a um mensageiro de Deus?”.

O termo “oferta” é autoexplicativo; o valor a ser ofertado ao mensageiro de Deus fica a critério da igreja. Tendo em mente que o obreiro é digno do seu salário (1 Tm 5.18), ela deve contribuir com liberalidade, valorizando o ministério da Palavra sem que haja a necessidade de estabelecer-se um cachê (1 Co 9.9-14).

Lembremo-nos finalmente de que o mensageiro de Deus deve ser honrado como *convidado*, e não tratado como alguém que se ofereceu para vender o seu serviço. Ao escrever sua penúltima carta pastoral, Paulo deu a seguinte recomendação a Tito, pastor da igreja na ilha de Creta, a respeito de dois obreiros versados nas Escrituras: “Encaminha com diligência Zenas, o intérprete da lei, e Apolo, a fim de que não lhes falte coisa alguma” (Tt 3.13, ARA).

Cheio do Espírito Santo

Voltemos a Chipre. Embora nada seja dito sobre a caminhada de mais de 150 quilômetros de Salamina à capital Pafos, na outra extremidade da ilha, os verbos “atravessar” e “percorrer” em Atos dos Apóstolos quase sempre estão ligados à atividade evangelística (BOOR, p. 126). Se prevalecesse a vontade do líder Barnabé, eles teriam ficado mais tempo na terra onde ele cresceu (At 4.36), cujos costumes e o povo ele conhecia muito bem. Mas sua estratégia, nitidamente, era deter-se por um pouco mais de tempo apenas nas cidades mais importantes.

Além de evangelizar, Barnabé e Saulo tinham como meta fazer discípulos para que estes também pregassem o evangelho a outras pessoas. Por isso, em vez de tentar cobrir o território inteiro, eles iam às cidades-chave para estabelecer igrejas. Essas assembleias se tornavam, pois, centros de onde o corpo local podia propagar o evangelho a toda a área circunvizinha (HORTON, p. 137).

Quando Barnabé, Saulo e João Marcos atravessaram a ilha e chegaram a Pafos — cidade conhecida por seu templo a Vênus, a deusa do amor, cujos adoradores prostituíam-se —, na costa de Chipre, depararam-se com um “certo judeu, mágico, falso profeta, chamado Barjesus, o qual estava com o procônsul Sérgio Paulo, varão prudente. Este, chamando a si Barnabé e Saulo, procurava muito ouvir a palavra de Deus” (At 13.6,7).

Judeus mágicos, adivinhos ou cartomantes estavam debaixo da ira do Senhor segundo a Lei. Nos tempos do Antigo Testamento, a prática de

qualquer tipo de feitiçaria ou astrologia era uma abominação, sujeita à pena de morte (Dt 18.10-14). Mas Barjesus, chamado de Elimas, o encantador, por uma interpretação grega do seu nome (At 13.8), atuava como “teólogo da corte” e “astrólogo oficial”. E, à semelhança de Simão Mago, de Samaria (cf. 8.13-24), valia-se de artes mágicas para opor-se à pregação da fé ao mencionado procônsul.

Críticos da Bíblia dizem que não havia um governador (gr. *anthypatos*) em Chipre. Entretanto, estudos arqueológicos recentes corroboram a informação de Lucas de que essa ilha havia sido uma província senatorial desde 22 a.C. (WILLIAMS, p. 252). Descobriu-se uma estela (pedra) com uma inscrição erigida no tempo de Cláudio, que reinou por ocasião da primeira viagem de Paulo, a qual confirma que a ilha foi transferida do domínio de César para o Senado e que o governador local recebia o título de procônsul (SPROUL, p. 196).

A salvação de Sérgio Paulo produziria um efeito em cadeia, haja vista sua grande influência. Ademais, como o eunuco da Etiópia, evangelizado por Filipe na estrada para Gaza (At 8.31), e Cornélio, que recebeu Pedro em sua casa, em Cesareia marítima (10.33), esse procônsul estava em busca da verdade. Ele “procurava muito ouvir a palavra de Deus” (13.7).

Lucas, a partir desse ponto, passa a chamar Saulo por seu nome romano mundialmente conhecido: Paulo (At 13.9) e continua chamando-o assim até os últimos versículos de Atos dos Apóstolos (28.30,31). Isso não significa que Deus tenha mudado o nome desse apóstolo. Talvez o autor sagrado tenha entendido que o nome romano estivesse mais

coerente com a missão de levar o evangelho aos gentios de todo o império.

Aliás, o próprio Saulo de Tarso chama-se a si mesmo de Paulo em todas as suas epístolas. Sendo cidadão romano, ele tinha, na verdade, três nomes: um prenome (correspondente ao nosso nome de batismo), um sobrenome, isto é, o nome de sua clã (*gens*), o qual terminava em *ius*; e um cognome, ou outro sobrenome de família, indicativo do ramo do clã à qual o cidadão pertencia (WILLIAMS, p. 255).

Paulo também tinha uma marca que une todos os personagens da série *Pregadores da Bíblia*, a qual é o segredo dos principais pregadores do Novo Testamento, a começar por João Batista (Lc 1.15). Se esse apóstolo não estivesse sob o controle do Paráclito, talvez chamasse Barjesus para uma conversa em particular para pedir-lhe gentilmente que parasse de atrapalhar sua pregação. Ele, porém, estava cheio do Espírito Santo!

Tomando uma atitude comparável à de Pedro, Paulo disse a Elimas, olhando para esse falso profeta: “Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perturbar os retos caminhos do Senhor? Eis aí, pois, agora, contra ti a mão do Senhor, e ficarás cego, sem ver o sol por algum tempo” (At 13.10,11).

O nome de Jesus era bastante comum naqueles dias. Paulo, no entanto, ao desmascarar o impostor, chamou-o de filho do Diabo, aparentemente em contraste com o nome que Barjesus ostentava (gr. *Bariesous*, “filho de Jesus”). E, ao ouvir essas duras palavras, trevas imediatamente caíram sobre ele a tal ponto que procurou alguém para

guiá-lo pela mão. Aparentemente, todos se esquivaram de Barjesus, deixando-o em extrema dificuldade.

Paulo disse que Barjesus estava “cheio de todo o engano e toda a malícia” porque este pervertera os retos caminhos do Senhor, agindo de modo dissimulado. Sabemos que o perigo do ocultismo está justamente em parecer “religioso” ou “cristão” e, ao mesmo tempo, distorcer da pior maneira a simplicidade da pregação do arrependimento e da fé. Por trás disso, sem dúvida, está o poder do Inimigo, habilmente camuflado.

Satanás não aparece diante de nós com chifres, rabo, todo avermelhado, cuspiendo fogo pela boca, tridente à mão e dizendo: “Eu sou o Diabo”. Quem faz questão de identificar-se é o Senhor! E Paulo sabia muito bem disso, já que, no caminho para Damasco, o Senhor dissera ao então perseguidor da Igreja: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues” (At 9.5). O Inimigo, por meio de seus emissários, age sempre de maneira dissimulada.

Há pouco tempo, citei esse exemplo numa pregação, e, no fim do culto, uma irmã perguntou-me assim: “Pastor Ciro, o chiclete tridente é do Diabo?”. Em sua simplicidade — ou, talvez, com um grande senso de humor, ela estava se referindo ao *Trident*, mas eu falava do garfo de 3 pontas! Bem (risos), se o Inimigo surgisse diante de nós como a mitologia assim o define, não hesitaríamos em dizer: “Saia daqui agora em nome de Jesus!”. Como ele aparece de modo camuflado, como se fosse um filho de Jesus, precisamos estar cheios do Espírito para ter discernimento (1 Jo 2.20,27).

Alguém pode pensar que Paulo foi muito rígido e que podia ter dialogado com Barjesus para convencê-lo pacificamente a parar de atrapalhar a pregação do evangelho. No entanto, nenhum exegeta consegue captar corretamente o que acontece nessa ocasião se já não esteve pessoalmente na luta contra os poderes das trevas, conhecendo os fatos por experiência própria. [...] Diante do poder das trevas não existe contemporização. Nada será obtido por meio da discussão ou de esclarecimentos. É preciso agir (BOOR, p. 190).

Talvez alguém, ainda influenciado pelas filosofias pós-modernas, acredite que Jesus, no lugar de Paulo, tivesse dialogado com Elimas. É necessário lembrar-se de que o Senhor foi terno com os oprimidos e fracos. Contudo, quando os que estavam em posições de poder se levantavam para resistir à verdade de Deus, Jesus chamou-os de filhos do inferno, tal como Paulo agora chama esse falso profeta de “filho do diabo”. Não estamos acostumados a isso em nossa prática cristã (SPROUL, p. 197).

Ao ver o homem cego e andando às apalpadelas, Sérgio Paulo “creu, maravilhado da doutrina do Senhor” (At 13.11,12). Apesar do grande sinal realizado por Deus por meio de Paulo, o que deixou esse procônsul profundamente impressionado foi a doutrina do Senhor! Isso também ocorrera em Cafarnaum, quando Jesus libertou um endemoninhado (Mc 1.27). Sinais, prodígios e maravilhas atraem as pessoas, mas elas precisam de uma doutrina, de um ensino, para abraçar e seguir.

Especula-se que Sérgio Paulo ficou maravilhado com a doutrina do Senhor, mas não se converteu de fato, uma vez que não se menciona o seu

batismo em água, como aconteceu nos casos do eunuco da Etiópia, Cornélio e o carcereiro de Filipos (At 8.38; 10.48; 16.33).

Mais correto é deduzir que o importante magistrado romano na verdade ficou profundamente impressionado pelo que vivenciou, abrindo amplamente seu coração à mensagem de Jesus, mas que não consegue dar o último passo e arcar com todas as consequências (BOOR, p. 191).

Por outro lado, como Lucas costuma condensar sua narrativa quando relata episódios com características parecidas como outros já mencionados, podemos supor que Sérgio Paulo, como crente, “foi batizado tanto na água como no Espírito Santo com a evidência de falar em outras línguas” (HORTON, p. 139). Mas a dúvida ainda permanece em razão de nada ser dito a respeito da nova vida desse procônsul. Teria ele, de fato, dado o último passo e recebido a Cristo como Senhor e Salvador?

O mesmo Deus que chamou Saulo para ser o príncipe dos pregadores itinerantes confirmou sua chamada por meio de sinais, prodígios e maravilhas. Curiosamente, a primeira realização miraculosa de Paulo não foi uma cura, e sim uma punição. A mesma mão poderosa do Senhor, estendida para curar e fazer prodígios (At 4.28-31; 11.21), pesou sobre o enganador Elimas. O mesmo Senhor que deu vista aos cegos quando andou na terra também tirou a visão de um oponente do evangelho.

Embora Lucas nada diga acerca da vida desse encantador após seu encontro com Paulo — o mesmo aplica-se ao mago de Samaria após ter sido confrontado por Pedro —, foi-lhe oferecida a oportunidade de arrependimento, já que “o juízo é cronologicamente delimitado. Mas passa a vigorar instantaneamente: ‘No mesmo instante, a escuridão e as trevas o invadiram’” (BOOR, p. 191). A expressão “por algum tempo” (At 13.11) “pode significar que Elimas ficaria cego até que se arrependesse” (WILLIAMS, p. 253).

Guiado pelo Paráclito

Depois desse episódio em Pafos, Barnabé pareceu ter entendido, pelo Espírito Santo, que Paulo fora chamado para liderar a expedição e exercer seu ministério com total liberdade. Certamente conhecendo a promessa a respeito de Saulo de Tarso — “este é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel” (At 9.15), esse “filho da profecia” (gr. *Barnabas*), um pregador de fé e obras, deixou-se ficar prazerosamente em segundo plano.

Lucas diz que, “partindo de Pafos, Paulo e os que estavam com ele chegaram a Perge, da Panfília. Mas João, apartando-se deles, voltou para Jerusalém” (At 13.13). Talvez por conta dessa mudança de comando, o inexperiente João Marcos, um tanto contrariado ou descontente, resolveu desertar justamente quando eles tinham real necessidade de sua

companhia. Não foi nada fácil a transição que levou Paulo e Barnabé de Chipre à Ásia Menor, mais precisamente à região conhecida hoje como Turquia.

A atitude de Marcos foi considerada uma falha grave por Paulo, que, aparentemente, demorou muitos anos para considerar esse parente de Barnabé um obreiro de confiança (Cl 4.10; 2 Tm 4.11). Isso nos ensina que devemos ter muito cuidado para não decepcionarmos aqueles que nos dão uma oportunidade. Por outro lado, um pequeno desvio do caminho não determina nosso fracasso. Deus é misericordioso e endireita “caminhos tortos” (Is 45.2).

Por ocasião da segunda viagem missionária, após o concílio de Jerusalém, Barnabé deu uma nova oportunidade a João Marcos, “comprando uma briga” com seu grande companheiro, a ponto de separar-se dele. Foi melhor assim para o Reino de Deus, pois se formaram duas comitivas de missionários (cf. At 15.36-40).

Sem muito sucesso em Chipre, por assim dizer, talvez a decisão mais sensata de Paulo e Barnabé teria sido voltar a Antioquia da Síria para refazer os planos ou, então, continuar trabalhando um pouco mais na ilha. No entanto, o príncipe dos pregadores itinerantes era persistente e estava seguro do que precisava ser feito, houvesse o que houvesse.

Ele era um grande estrategista e objetivava chegar a um grande centro: Antioquia da Pisídia, administrada pela província romana da Galácia. Aliás, não somente essa cidade, mas também todas as outras ao seu redor (Ícônio, Listra e Derbe) eram consideradas gálatas, o que explica

o fato de esse apóstolo endereçar sua primeira carta “às igrejas da Galácia” (Gl 1.2); mais precisamente, aos crentes do sul da Galácia.

Além da cidade de onde Paulo e Barnabé partiram, havia outras conhecidas como Antioquia. Daí a necessidade dos complementos: “da Síria”, “da Pisídia”, etc. O motivo disso era o amplo poder e autoridade de um dos herdeiros do império deixado por Alexandre, o Grande (356–323 a.C.).

Fora do Império Selêucida surgiu um deles conhecido como Antíoco, o Grande. Havia pelo menos 3 cidades que levavam o seu nome, da mesma forma que na América há muitos lugares chamados de Lincoln, ou Washington, ou Jefferson (SPROUL, p. 202).

O príncipe dos pregadores itinerantes, *a priori*, estava convencido de que não era tarefa dele trabalhar em uma única região em toda a sua extensão, mas sempre levar o evangelho a regiões e cidades novas, “até aos confins da terra” (At 1.8). Ele queria fazer de Antioquia da Pisídia mais um centro irradiador do evangelho, pois acreditava que “somente cidades maiores poderiam ser ‘castiçais’ que irradiam luz para longe em uma região” (BOOR, p. 193–194).

Em Perigos de Salteadores

Não podendo contar com a ajuda de um jovem cheio de vigor, Paulo e Barnabé tiveram dificuldade para atravessar Perge (Perga), na Panfília, conhecida por seu grande templo, um pouco menos suntuoso que o de Éfeso, dedicado à deusa Diana (cf. At 19.24-35). Mas eles precisavam fazer isso para chegar a Antioquia da Pisídia (13.14), o palco da primeira grande pregação do príncipe dos pregadores itinerantes. Essa pregação, aliás, é o segundo maior sermão em Atos dos Apóstolos; o primeiro é o de Estêvão (ZIBORDI, 2018b, p. 121–140).

Os missionários não devem ter permanecido muito tempo na Panfília, já que não há evidência arqueológica ou outros sinais de que houvesse uma sinagoga em Perge. Como parece que Paulo e Barnabé, em geral, começavam sua pregação na sinagoga, esse pode ser o motivo por que eles foram para Antioquia (GONZÁLEZ, p. 194).

Se fizermos uma “viagem” àquele tempo — mediante uma análise histórico-cultural —, descobriremos que não era muito simples “atravessar Perge”. Paulo e Barnabé tiveram de enfrentar 160 quilômetros de uma árdua e perigosa caminhada por montanhas, onde havia tribos assaltantes. Na melhor das hipóteses, essa penosa viagem durou cerca de 10 dias.

Pense nos perigos que eles enfrentaram ao cumprir o seu ministério. De modo geral, era muito arriscado viajar pela Ásia Menor, mas a extensão de terra entre Perge e Antioquia da Pisídia, em especial, era notoriamente perturbada por bandidos muito violentos. Paulo possivelmente se refere a essa região do sul da Galácia quando menciona “perigos de salteadores” (2 Co 11.26). Estes ficavam de tocaia, à espera de corajosos viajantes que passassem por seu território. O Senhor, por certo, escondeu seus servos “debaixo das suas asas” (Sl 91.4).

Desde o início do primeiro século, Antioquia — situada precisamente na Frígia, na fronteira com a Pisídia, e administrada conforme o direito romano — era formada por gregos, romanos, frígios e judeus. Assim como a cidade de mesmo nome localizada na Síria, ela foi fundada por Seleuco I Nicátor e derivou seu nome de Antíoco, o Grande. Os selêucidas assentaram muitos judeus nessa região limítrofe, bem como em toda a Panfília e Licaônia, a fim de dispor de uma população confiável para seu domínio.

Arqueólogos encontraram uma inscrição de Sérgio Paulo em Antioquia da Pisídia que confirma a autenticidade histórica de Atos dos Apóstolos. Dessa descoberta, decorre uma curiosa suposição: Saulo teria adotado o nome latino *Paulus* em Pafos, na ilha de Chipre, por influência desse procônsul. Alguns estudiosos acreditam que essa cidade era sua terra natal e que ele teria “recomendado Paulo a seus amigos e familiares de Antioquia da Pisídia” (CROSSAN; REED, p. 171).

Especulações à parte, Paulo foi bem recebido na sinagoga, que, para os judeus da diáspora, era o local geral de encontros, “o centro da vida

comunitária, a escola, a corte, o arquivo, além de ser o ponto de reunião religiosa e culto” (WILLIAMS, p. 269). E, como ele era mestre do judaísmo, teve a oportunidade de apresentar, num dia de sábado, uma palavra de consolação ao povo, logo após a lição da Lei e dos Profetas (At 13.14,15).

Primeiro Sermão de Paulo em Atos dos Apóstolos

Nesse primeiro sermão, mencionam-se pormenores não encontrados em outros do mesmo período. Mas, em linhas gerais, não há “muita diferença entre o que Paulo disse em Antioquia da Pisídia e o que Pedro disse em Jerusalém no primeiro Pentecostes cristão” (BRUCE, 2003, p. 159). A mensagem paulina aos judeus abrange três tópicos: (1) apresentação sucinta da história de Israel; (2) ênfase para a salvação em Jesus Cristo; e (3) exortação ao arrependimento.

Lucas, como se sabe, não costuma repetir características de eventos similares. Ele detalha, por exemplo, as conversões ocorridas logo após a primeira pregação pentecostal, mas, por ocasião da segunda, diz apenas que “dos que ouviram a palavra creram, e chegou o número desses homens a quase cinco mil” (At 4.4).

Da mesma forma, ao narrar o Pentecostes em Samaria, Lucas — que falara do Pentecostes inaugural nestes termos: “todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” (At 2.4) — apenas diz que os samaritanos “receberam o Espírito Santo” (8.17). Ou seja, está implícito que estes também falaram em línguas ao receberem o dom do Paráclito.

Nesse caso, o primeiro sermão registrado de Paulo é um modelo, assim como o foi o de Pedro lá no dia de Pentecostes (cf. At 2.22-36; 3.12-26; 4.1-12; 10.34-43). Em todas as suas pregações, o príncipe dos pregadores itinerantes ressaltava os pontos salientes do evangelho, não havendo necessidade de Lucas repeti-los (cf. 14.1). Todavia, a pregação paulina contrasta com o modo costumeiro de proferir pregações e discursos na atualidade.

Paulo não se preocupa com apreciações fundamentais, cosmovisão, provas sistemáticas, etc. Ele simplesmente narra a história de Israel, dando destaque para os grandes feitos de Deus. Como conclusão, Paulo desafia o auditório a crer em Jesus Cristo para a salvação. Seu discurso é inteiramente bíblico,

(...) pois a Bíblia é — para estranheza e decepção de muitos que buscam por “sabedoria” (1 Co 1.22) — essencialmente um livro de história [...]. Por isso é necessário que passemos por uma transformação de todo nosso pensamento se quisermos ler a Bíblia corretamente e tornar-nos de fato “crentes” no sentido bíblico (BOOR, p. 195).

Introdução historial

Ao levantar-se, Paulo pede silêncio com a mão, fazendo um gesto bastante usado pelos oradores clássicos (At 13.16). Como não assume o púlpito da sinagoga para interagir com os israelitas ou entretê-los de alguma maneira, pede-lhes que estejam atentos à sua exposição. Nesses

tempos de interação exagerada com o auditório e falta de reverência, esse cuidado também deve ser o nosso. Lembremo-nos do que dizia o saudoso pastor assembleiano Estêvão Ângelo de Souza: “Não sei pregar quando conversam, nem conversar quando pregam”.

Paulo dirige-se aos israelitas tementes a Deus. E, por isso, não inicia sua prédica falando de Jesus, e sim da eleição de Israel:

O Deus deste povo de Israel escolheu a nossos pais e exaltou o povo, sendo eles estrangeiros na terra do Egito; e com braço poderoso o tirou dela; e suportou os seus costumes no deserto por espaço de quase quarenta anos. E, destruindo a sete nações na terra de Canaã, deu-lhes por sorte a terra deles (At 13.17-19).

Ele esforça-se para estabelecer a base do ponto de contato entre o povo de Israel e o evangelho de Jesus Cristo: Davi.

Em essência disse: “Olhem para o seu herói, o grande rei e príncipe guerreiro. Olhem para o seu laureado poeta, o autor dos Salmos”. Simplesmente olhar para o que Davi escreveu nos Salmos deveria ser suficiente para levá-los a Cristo, porque Deus usou aquela obra de Davi para falar do Messias que estava por vir. Aquele que seria o filho de Davi seria ao mesmo tempo o Senhor de Davi (SPROUL, p. 208).

Começando pela eleição do povo de Deus, Paulo menciona seu livramento do Egito até chegar à escolha de Davi (At 13.17-25). Em certo sentido, ele segue o modelo do sermão de Estêvão (cf. 7.2-53), mas sem dar ênfase às falhas dos israelitas. Como se sabe, “toda a pregação primitiva seguia um padrão comum que até certo ponto se baseava em modelos rabínicos” (WILLIAM, p. 256).

De Abraão a João Batista

Paulo liga a primeira parte do seu sermão à introdução e continua fazendo uma exposição da história de Israel, obedecendo ao relato das Escrituras. À semelhança de Estêvão perante o Sinédrio, ele começa com os patriarcas Abraão, Isaque e Jacó, o qual se estabeleceu no Egito com seus 12 filhos (cf. At 7.2-17). Estes foram muito prósperos nesse país, mas, depois de algum tempo, o Senhor tirou-os dali por meio de Moisés, com braço forte, fazendo os israelitas peregrinarem no deserto (Êx 6.1; Sl 136.11,11).

O príncipe dos pregadores itinerantes enfatiza a paciência de Deus ao suportar os costumes, as maneiras e a disposição do seu povo durante 40 anos no deserto, antes de resumir rapidamente a conquista sob a liderança de Josué, o período dos juízes e o reinado de Saul. As sete nações mencionadas (At 13.19) são as seguintes: “os heteus, e os gírgaseus, e os amorreus, e os cananeus, e os ferezeus, e os heveus, e os jebuseus” (Dt 7.1).

Em seguida, “vencidos cerca de quatrocentos e cinquenta anos”, afirma Paulo, [Deus] lhes deu juízes, até ao profeta Samuel. Então, eles pediram um rei, e Deus lhes deparou Saul, filho de Quis, da tribo de Benjamim, e isto pelo espaço de quarenta anos. E, tendo tirado a este, levantou-lhes o rei Davi, do qual também, dando testemunho, disse: Achei Davi, filho de Jessé, homem segundo o meu coração, que fará toda a minha vontade (At 13.20-22, ARA).

O número de anos (450) “aparentemente foi calculado a partir do final da era patriarcal — 400 anos no Egito (cf. At 7.6), 40 anos no deserto e 10 anos na conquista de Canaã” (WILLIAMS, p. 260). Após esse período, juízes como Sansão, Gideão, Débora e Samuel foram chamados e levantados soberanamente pelo Senhor. Entretanto, esses líderes carismáticos não eram oficiais eleitos nem reinaram como reis, numa sucessão hereditária.

Ao mencionar esse número arredondado de anos, Paulo faz referência não meramente ao tempo do livro de Juízes, mas a todo o tempo após terem entrado na terra até o princípio do reinado de Davi. O clímax da narrativa histórica é alcançado quando Paulo diz que Deus deu testemunho acerca de Davi, de que era um homem segundo o seu próprio coração, que faria toda a vontade de Deus (HORTON, p. 141).

Sabemos que cada um dos reis do Israel unificado (Saul, Davi e Salomão) reinou por 40 anos. Quem, porém, nos fornece essa informação, pelo menos no que tange a Saul, não são os escritores do Antigo Testamento, e sim o apóstolo Paulo. Assim como Estêvão descobriu, com a ajuda do Espírito Santo, que a primeira chamada de Abraão ocorreu em Ur dos Caldeus (ZIBORDI, 2018b, p. 125), Paulo chegou à conclusão de que o primeiro rei israelita reinou por 40 anos.

Apesar da menção a Saul, o objetivo de Paulo é relembrar as pessoas do auditório das promessas do Senhor a Davi (2 Sm 7.12; Sl 89.29-34), bem como das profecias messiânicas alusivas à sucessão do trono davídico (Is 9.6,7; 11.1-5; Ez 21.27). E, ao fazer isso, salienta que o Deus de Israel cumpriu o que prometeu, levantando da descendência de Davi, homem segundo o seu coração, o Messias e Salvador, Jesus Cristo (Mt 1.21).

O que significa ser um homem (ou mulher) segundo o coração de Deus? Trata-se de uma pessoa que se deleita em fazer a vontade do Senhor, que deseja conhecê-lo mais do que apenas superficialmente. É buscar mais do que um conhecimento ou entendimento ocasional do Senhor.

Por Davi ser descrito dessa forma por Deus no Antigo Testamento, as pessoas olhavam para ele, a despeito de seus pecados e falhas, como o modelo daquele que viria, o amado do Pai, que revelaria o coração do Pai (SPROUL, p. 205; cf. Sl 89.20; 1 Sm 13.14; Is 44.28).

Não obstante, diferentemente de Estêvão perante o Sinédrio, Paulo não se preocupa muito com detalhes de personagens que apontam para Cristo. O príncipe dos pregadores itinerantes queria mencionar logo, de modo claro, o Salvador. E, ao citar Davi, imediatamente declara: “Da descendência deste, conforme a promessa, levantou Deus a Jesus para Salvador de Israel” (At 13.23). A citação com destaque de Davi é relevante, já que ele era um tipo do Messias e, ao mesmo tempo, seu progenitor, como Deus dissera.

Outro ponto importante dessa parte histórica do sermão de Paulo é a menção do profeta João Batista, que fez a transição entre a Antiga e a Nova Aliança:

Tendo primeiramente João, antes da vinda dele, pregado a todo o povo de Israel o batismo do arrependimento. Mas João, quando completava a carreira, disse: Quem pensais vós que eu sou? Eu não sou o Cristo; mas eis que após mim vem aquele a quem não sou digno de desatar as sandálias dos pés (At 13.24,25).

No sul da Galácia e em toda a Ásia Menor, João Batista era mais famoso que Jesus de Nazaré, tendo, inclusive, discípulos em Éfeso (At 19.1-4). Os judeus sabiam que esse enviado de Deus recusara ser chamado de Messias de modo peremptório, porém ignoravam ou negavam que ele dera testemunho de que Jesus é o Cristo (Jo 1.20-29).

Paulo corrige habilmente essa concepção errada usando uma frase do próprio João Batista — “Eu não sou o Cristo” — como correspondente

ao poderoso testemunho de Jesus a respeito de si mesmo: “Eu o sou” (Jo 4.26). Ao mencionar esse pregador que chamaríamos hoje de “politicamente incorreto”, o qual, não por acaso, abre a série *Pregadores da Bíblia* (ZIBORDI, 2018a), reconhece seu significativo papel como precursor de Cristo.

Na verdade, percebemos no Novo Testamento uma passagem de “bastão” entre os pregadores. Jesus Cristo veio para dar sequência à história da salvação desde os primórdios até seu precursor, João Batista. Paulo, por sua vez, aplica a si mesmo uma profecia messiânica de Isaías — “Eu te pus para luz dos gentios, para que sejas de salvação até aos confins da terra” (At 13.47) — para indicar que ele, juntamente com os apóstolos, foi comissionado para dar continuidade ao ministério do Senhor Jesus (cf. Mc 16.15-20; At 1.8; 26.12-18).

Ao completar a sua carreira, o príncipe dos pregadores itinerantes entregou o “bastão” a Timóteo (cf. 2 Tm 2.2; 4.1-5), e essa maratona prossegue até os dias de hoje. Muitos maratonistas, como o evangelista Billy Graham (1918–2018) e o mestre Antônio Gilberto (1927–2018), acabaram a carreira recentemente após combaterem o bom combate. O Senhor, no entanto, tem levantado outros, que continuam pregando o evangelho e ensinando a sã doutrina.

Jesus Cristo é o Salvador

Ao iniciar a segunda parte de seu sermão, Paulo deixa claro que a sua mensagem é sobre a salvação em Cristo:

Varões irmãos, filhos da geração de Abraão, e os que dentre vós temem a Deus, a vós vos é enviada a palavra desta salvação. Por não terem conhecido a este, os que habitavam em Jerusalém e os seus príncipes, condenaram-no, cumprindo assim as vozes dos profetas que se leem todos os sábados. E, embora não achassem alguma causa de morte, pediram a Pilatos que ele fosse morto (At 13.26-28).

Em toda essa seção, Paulo alude à morte e à ressurreição do Senhor, recorrendo ao testemunho dos apóstolos e das Escrituras veterotestamentárias. Ele, porém, não responsabiliza todos os judeus pela morte de Jesus, e sim os de Jerusalém, ressaltando que eles agiram por ignorância.

A palavra grega usada aqui às vezes implica ignorância voluntária ou deliberada da verdade. Dado que eles conheciam as profecias, é a ignorância voluntária que está indicada aqui (HORTON, p. 142).

Paulo prossegue: “E, havendo eles cumprido todas as coisas que dele estavam escritas, tirando-o do madeiro, o puseram na sepultura” (At 13.29). Ou seja, assim que as profecias acerca da morte de Jesus foram cumpridas, judeus de Jerusalém — mais precisamente, José de Arimateia e Nicodemos — tiraram-no da cruz (cf. Dt 21.23; Gl 3.13) e puseram-no no túmulo (Jo 19.38,39).

Em seguida, vemos na palavrinha “mas”, que aparece tantas vezes nas epístolas de Paulo, a indicação de que a morte de Jesus não foi o fim, pois Ele ressuscitou dentre os mortos, ensejando um novo começo: “Mas Deus o ressuscitou dos mortos. E ele, por muitos dias, foi visto pelos que subiram com ele da Galileia a Jerusalém, e são suas testemunhas para com

o povo” (At 13.30,31). Em outras palavras, “Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e [...] foi sepultado, e [...] ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e [...] foi visto [...] por todos os apóstolos” (1 Co 15.3-7).

A mensagem de Paulo é claramente cristocêntrica. Ela enfatiza que a obra redentora abarca a encarnação, a morte e a ressurreição do Senhor Jesus. Se Ele não tivesse nascido para revelar a glória do Pai e dar o exemplo de uma vida santa, não teria morrido em nosso lugar. Se não tivesse morrido de modo vicário, Ele não teria ressuscitado para nossa justificação.

Paulo externa o seu desejo de que os judeus do mundo todo saibam que as profecias messiânicas foram cumpridas em Jerusalém. Jesus morreu por nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação:

E nós vos anunciamos que a promessa que foi feita aos pais, Deus a cumpriu a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus, como também está escrito no Salmo segundo: Meu filho és tu; hoje te gerei (At 13.32,33).

Nessa profecia, o verbo “gerar” é empregado de modo figurado. Praticamente todos os exegetas que se prezam concordam que Paulo, ao fazer a citação de Salmos 2.7, “não falava sobre o momento em que Jesus foi gerado. O ato de gerar descrito nesse salmo cumpriu-se na ressurreição, onde num sentido ‘gerar’ tornou-se um sinônimo de exaltação” (SPROUL, p. 210).

A frase “hoje te gerei” confirma que Jesus é o Filho unigênito do Deus de Israel (Sl 2.7; cf. Rm 1.3,4) e significa literalmente: “Estou declarando hoje que sou teu Pai”. O Salmo 2 refere-se a Jesus sendo declarado por Deus como seu Filho. Deus fez isso a primeira vez quando Jesus começou seu ministério e Deus enviou seu Espírito sobre Ele (Lc 3.22). Depois, Ele o fez de maneira inequívoca ainda quando ressuscitou Jesus dentre os mortos (HORTON, p. 142).

Paulo também chama a atenção dos seus ouvintes para outras profecias messiânicas. Ele diz que Deus Pai, ao afirmar que ressuscitaria seu Filho dos mortos “para nunca mais tornar à corrupção, disse-o assim: As santas e fiéis bênçãos de Davi vos darei. Pelo que também em outro Salmo diz: Não permitirás que o teu Santo veja corrupção” (At 13.34,35).

Observe como a pregação de Paulo é diferente das que temos ouvido hoje. Ele aponta para Jesus, e não para as potencialidades humanas. Sua missão, como pregador do evangelho, é discorrer sobre Jesus e sua obra redentora. Não há espaço para outro assunto: “Porque, na verdade, tendo Davi, no seu tempo, servido conforme a vontade de Deus, dormiu, e foi posto junto de seus pais, e viu a corrupção. Mas aquele a quem Deus ressuscitou nenhuma corrupção viu” (At 13.36,37).

Confiando no poder da Palavra de Deus, Paulo leva os seus ouvintes a refletir sobre as “firmes beneficências de Davi” (Is 55.3), associadas a perdão e salvação, e declara que Deus, em cumprimento das profecias, não permitiu que o corpo do herdeiro do trono davídico, seu Filho, o Santo, sofresse qualquer dissolução (cf. Sl 16.10). Ele não sofreu nenhuma corrupção moral nem decadência ou decomposição de ordem física.

O Salmo 16 refere-se ao Messias, e não a Davi, pois este “viu” o apodrecimento do seu corpo. O Senhor Jesus não viu a corrupção, o que também se evidenciou na primeira pregação após o derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes (At 2.29). Ou seja, Paulo vê a mesma verdade que o apóstolo Pedro, a despeito de apresentá-la de modo um tanto diferente (cf. Gl 1.8,9; 2.2,9; 1 Co 15.11).

Segundo essa pregação cristocêntrica de Paulo, todos nós somos mortais, e nossos corpos, sujeitos à decomposição. Ou seja, há um agente corruptor inerente — o pecado — que emana do âmago de nosso ser.

É o pecado que corrompe toda a pessoa. Essa é a mensagem da Escritura. Buscamos a ressurreição do corpo e a vida eterna porque significa que o pecado foi vencido e perdoado através da expiação que nos foi oferecida com perfeição e de uma vez por todas por Jesus na cruz (SPROUL, p. 212).

Necessidade de arrependimento

Na última parte do seu sermão, Paulo apela para a necessidade de arrependimento para obtenção da remissão de pecados: “Seja-vos, pois, notório, varões irmãos, que por este se vos anuncia a remissão dos pecados” (At 13.38). Ele salienta que o Cristo ressurreto “possibilita a *re-missão de pecados*, [...] oferecida aos ouvintes” (MARSHALL, p. 217).

A pregação de Paulo está em sintonia com o mandamento do Senhor Jesus, antes de sua ascensão, o qual ordenou que “em seu nome, se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as

nações, começando por Jerusalém” (Lc 24.47). O que é a remissão de pecados? Em primeiro lugar, não deve ser confundida com a redenção (gr. *lytrosis*), que é o ato ou o efeito de redimir ou resgatar. Jesus, ao realizar a obra redentora, efetuou “uma eterna redenção” (Hb 9.12).

Remissão (gr. *áphesis*) é o ato de remitir ou perdoar, o que resulta da redenção: “sem derramamento de sangue não há remissão” (Hb 9.22). Nesse caso, mediante a obra realizada pelo Senhor Jesus em benefício da pessoa do pecador (redenção), aquele que crê em Jesus e arrepende-se obtém a remissão de seus pecados: “Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça” (Ef 1.7).

Paulo, porém, também menciona a justificação pela fé: “E de tudo o que, pela lei de Moisés, não pudestes ser justificados, por ele é justificado todo aquele que crê” (At 13.39). No seu sentido objetivo, a salvação em Cristo abarca três aspectos simultâneos: (1) a justificação, pois Deus declara-nos justos; (2) a regeneração, já que nos chama de filhos; e (3) a santificação, uma vez que nos torna santos mediante a fé no sangue derramado por seu Filho Unigênito.

O que é a justificação? É a mudança de posição externa e legal do pecador diante de Deus: de condenado para justificado. Pela justificação, passamos a pertencer ao grupo dos justos, não de nascimento, mas justificados (Rm 5.1-5). Justificação diz respeito ao tempo passado da salvação em Cristo (1 Co 6.11; Rm 8.33; 3.24; Gl 2.16). É o ato judicial de Deus, pelo qual Ele declara justo o pecador que põe sua fé em Jesus para a salvação, ficando, assim, isento de culpa e condenação (Rm 8.30).

Conclusão “pessimista”

Se o apóstolo Paulo tivesse escrito seu sermão antes de pregá-lo, como ocorre em muitas igrejas da atualidade,

(...) seus redatores de discursos o teriam examinado e diriam: “Bem, Paulo, essa mensagem está boa até chegar nas últimas frases. Tudo é otimista. Tudo é boas-novas. Tudo apela aos sentidos da audiência, mas então você fecha com essa citação do Antigo Testamento. [...] É muito negativa, e devemos eliminá-la do seu sermão”. Graças a Deus que Paulo não teve redatores de discurso como esses (SPROUL, p. 215).

Sua prioridade, assim como a de Estêvão, diante do Sinédrio, e a de Pedro, no dia de Pentecostes, não é receber aplausos do público, e sim agradar a Deus. Por isso, ele não conclui sua pregação de modo positivo, inspirativo ou triunfante. Suas últimas palavras são de dura advertência: “Vede, pois, que não venha sobre vós o que está dito nos profetas: Vede, ó desprezadores, e espantai-vos e desaparecei; porque opero uma obra em vossos dias, obra tal que não creereis se alguém vo-la contar” (At 13.40,41).

Ele evoca Habacuque 1.5, usando a versão grega *Septuaginta* (LXX), em cuja profecia o verbo “desaparecer” (At 13.41) denota “ser removido”. O príncipe dos pregadores itinerantes queria que seu auditório se acautelasse pelo medo de que um castigo maior sobreviesse contra eles do que o que viera sobre os rebeldes aos quais Habacuque se refere (HORTON, p. 143).

Ninguém acreditava que o Templo seria destruído, como o Senhor havia previsto: “não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada” (Mt 24.2). Os líderes judeus desprezaram não somente os avisos de Jesus, como também os do apóstolo Paulo. Por isso, Israel experimentou o juízo divino em 70 d.C., quando milhares de judeus foram mortos pelas forças romanas do general Tito, enquanto outros tiveram de fugir.

Deus Elegeu Indivíduos para a Vida Eterna?

Após o sermão de Paulo, os judeus e prosélitos (gentios convertidos ao judaísmo) que saíram da sinagoga pediram-lhe que pregasse de novo a Palavra de Deus no sábado seguinte. Eles queriam ouvir “as mesmas coisas” (At 13.42). A explanação repetitiva das Escrituras é agradável e eficaz para quem as preza (Sl 119.130), e não enfadonha. Precisamos voltar a valorizar a simples exposição da Palavra, sem interação com o auditório, música melodramática de fundo e outras práticas mecanicistas!

Boa parte do auditório de Paulo estava tão sedenta pela verdade que seguiu os missionários, “os quais, falando-lhes, os exortavam a que permanecessem na graça de Deus” (At 13.43). A salvação é inteiramente pela graça, mas os salvos devem permanecer nela. Por isso, foram mantidos muitos diálogos de aconselhamento, “nos quais Paulo e Barnabé tentaram mover os que perguntavam e buscavam para uma firme e duradoura adesão à graça manifesta por meio de Jesus” (BOOR, p. 198).

Gentios devotos espalharam a notícia de que Paulo e Barnabé pregariam na sinagoga novamente, no sábado seguinte, e “ajuntou-se quase toda a cidade a ouvir a palavra de Deus” (At 13.44). Isso, porém,

despertou a fúria dos invejosos mestres judeus, que não conseguiam gerar tamanho interesse pelas suas enfadonhas divagações sobre a Lei. Logo, eles, usando uma linguagem desrespeitosa, começaram a opor-se a Paulo, especialmente por ser o pregador (v. 45).

Paulo e Barnabé não se abateram e nem tentaram insistir com os que rejeitavam o evangelho, mas, “usando de ousadia, disseram: Era mister que a vós se vos pregasse primeiro a palavra de Deus; mas, visto que a rejeitais, e vos não julgais dignos da vida eterna, eis que nos voltamos para os gentios” (At 13.46). De acordo com o versículo seguinte, essa volta aos gentios não foi uma ideia de Paulo, e sim “obediência à palavra profética dada em Isaías 49.6 concernente ao Messias, o Servo de Deus” (HORTON, p. 144; cf. Is 42.6; Lc 2.30-32).

Embora essa profecia de Isaías faça referência a Jesus Cristo, o apóstolo Paulo conecta-a com o trabalho missionário, considerando que o Senhor entra pessoalmente em cena por meio do seu enviado.

Em toda a evangelização, o verdadeiro evangelista é o próprio Jesus. Sendo Ele a “luz dos gentios”, é também por meio de seus mensageiros que Ele gera “salvação até aos confins da terra” (BOOR, p. 199). Eis o resultado da pregação da Palavra de Deus: “os gentios, ouvindo isto, alegraram-se e glorificavam a palavra do Senhor, e creram todos quantos estavam ordenados para a vida eterna. E a palavra do Senhor se divulgava por toda aquela província” (At 13.48,49). Esses novos convertidos não glorificaram Paulo e Barnabé, mas, sim, a Palavra do Senhor!

Teólogos calvinistas extremados afirmam que os gentios foram prioritariamente salvos porque tinham sido eleitos para a salvação antes

da fundação do mundo, isto é, seus nomes já constavam de uma lista prévia de eleitos. Acreditam que Deus decretou desde toda a eternidade que eles viriam e ouviriam o apóstolo Paulo e seriam vivificados na fé pelo Espírito Santo, e assim todos os que estavam destinados desde a eternidade creram (SPROUL, p. 219).

Para calvinistas moderados, Lucas não afirma que todos os eleitos, supostamente salvos de antemão, creram na pregação de Paulo. Na verdade, os que Deus preordenou acabarão recebendo a vida eterna. O texto [At 13.48] não fala da fé como uma condição para se obter salvação, pois a Bíblia em todo lugar diz que a fé vem primeiro e, depois, a regeneração (GEISLER, p. 262).

Teólogos pentecostais rechaçam o chamado hipercalvinismo e divergem um pouco do calvinismo moderado, haja vista o Senhor ter criado seres morais, livres, que podem escolher entre a salvação e a condenação (Dt 30.19; Mt 7.13,14). O verbo “destinar” (At 13.48, ARA) indica, na verdade, predisposição. Ou seja, os gentios receberam a verdade da vida eterna através de Cristo Jesus e não permitiram que a contestação dos judeus dela os afastasse. O resultado foi que a Palavra do Senhor (Jesus) era divulgada (por estes crentes) por aquela região inteira (HORTON, p. 144).

Não parece coerente, à luz da analogia geral da Bíblia, a ideia de que o texto bíblico em apreço refira-se à salvação dos eleitos, já que Deus não limita a salvação a uns poucos, em contraste com o exclusivismo judaico (1 Tm 2.4-6). A escolha divina não descarta a necessidade da fé pessoal. Não há sugestão alguma de que algumas pessoas de Antioquia da Pisídia

“receberam a vida eterna independentemente do seu próprio ato de fé consciente” (MARSHALL, p. 220).

Alguns eruditos, na verdade, entendem que o verbo “ordenar” (ou “destinar”) na passagem em apreço, está na voz média, e não na passiva, e traduzem o texto assim: “e tantos quantos destinaram-se a si mesmos [mediante sua reação positiva aos apelos do Espírito] para a vida eterna, creram” (WILLIAMS, p. 267).

Os judeus de Antioquia da Pisídia, em sua maioria, foram indiferentes à pregação da Palavra de Deus; ao contrário dos gentios, que creram no evangelho e dispuseram-se a receber a salvação pela graça de Deus. A resposta à pregação mediante fé e arrependimento não ocorre por causa de um decreto eterno, pois as Escrituras sempre põem a responsabilidade dessa resposta ao evangelho em quem ouve a pregação (cf. Mt 13.18-23).

Portanto, em Atos 13.48, vemos que ninguém recebe a vida da ressurreição à parte do ato consciencioso da fé em Cristo.

O que Lucas está ensinando é que o grande plano de salvação de Deus inclui gentios, e que está sendo irrevogavelmente revelado na pregação do evangelho aos gentios. Ao crerem no evangelho, eles foram ordenados à vida eterna — quer dizer, a vida do mundo vindouro despontou em Cristo. É a vida da ressurreição que Deus ordenou que todos os que crerem em Jesus Cristo receberão (ARRINGTON, p. 703).

Pentecostes em Antioquia da Pisídia

Como a Palavra de Deus foi disseminada por todo o sul da Galácia, é possível supor que Paulo e Barnabé permaneceram nessa região por, pelo menos, alguns meses. Houve, no entanto, muita perseguição contra eles: judeus invejosos levantaram-se, incitando mulheres religiosas e honestas, bem como pessoas influentes de Antioquia da Pisídia para expulsarem-nos da cidade (At 13.50). Na Frígia, muitas mulheres influentes gozavam de grande prestígio e ocupavam cargos administrativos.

Em sua carta mais autobiográfica, Paulo diz que foi castigado com vara três vezes (2 Co 11.25). Como Lucas só menciona uma dessas (At 16.22), é possível que os missionários tenham sofrido esse tipo de violência ao saírem de Antioquia da Pisídia. Eles, então, sacudiram contra eles o pó dos pés e seguiram para Icônio, numa viagem de mais de 150 quilômetros (13.51). Sacudir o pó dos pés significa declarar às pessoas hostis à pregação do evangelho que elas agora terão de tratar com o Justo Juiz (cf. Mt 10.14,15; Mc 6.11; Lc 9.5; 10.11,12).

Como resultado dessa grande campanha evangelística, “os discípulos estavam cheios de alegria e do Espírito Santo” (At 13.52). Embora esse versículo venha depois de os missionários terem deixado a Pisídia, refere-se a Antioquia, “pois Lucas não fornece nenhum indício de que o evangelho já fora pregado antes em Icônio” (GONZÁLEZ, p. 200).

Os perseguidores não conseguiram impedir a obra do Paráclito! E, como Lucas costuma não dizer tudo quando relata um fato similar a outro,

“podemos ficar certos de que estes crentes também foram batizados em água, bem como no Espírito Santo” (HORTON, p. 145). Em outras palavras, ao dizer que os discípulos de Antioquia da Pisídia estavam cheios de alegria e do Espírito Santo, sua intenção é levar-nos a crer que ali houve um verdadeiro Pentecostes! Aleluia!

Capítulo 2

Que Quer Dizer este Tagarela?

E, estando Paulo no meio do Areópago, disse: Varões atenienses, [...] Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, em todo lugar, que se arrependam. Atos 17.22,30

Vivemos em um mundo muito diferente do de Paulo. Pertencemos a uma geração que tem sido chamada de “superficial”, na qual a mente linear, calma, focada, sem distrações, está sendo expulsa por um novo tipo de mente que quer e precisa tomar e aquinhoar informação em surtos curtos, desconexos, frequentemente superpostos — quanto mais rapidamente, melhor (CARR, p. 23).

Imagine por um instante que o príncipe dos pregadores itinerantes tivesse a seu dispor toda a tecnologia dessa era que Neil Postman (1931–2003) chamou de “era do tecnopólio”. Segundo esse doutor na área de educação, não respondemos intelectualmente ao conteúdo das palavras — prioritariamente —, e sim às imagens que nos são transmitidas. Essas “são a mensagem, e tentamos fazê-las tão divertidas quanto nos for possível” (POSTMAN, 1986).

Não é a primeira vez que proponho essa reflexão (ZIBORDI, 2006, p. 13–21). E não sou o único a fazer isso. Ninguém menos que R. C. Sproul (1939–2017), de modo espirituoso, atribuiu a Paulo as seguintes palavras:

Antes do sermão, vocês se importariam se eu trouxesse minha equipe de teatro para a frente da capela e removesse o púlpito de acrílico para que, antes de pregar, possamos apresentar uma encenação dramática visualmente agradável?

Na imaginação de Sproul, Paulo também diz:

Espero que vocês não se importem se eu ilustrar meu sermão com uma apresentação de multimídia, que aparecerá no telão à frente do santuário. Solicito ainda que a imprensa presente transmita a mensagem ao vivo para Jerusalém via satélite [...]. Finalmente, espero [...] que, ao me ouvirem expor a Palavra de Deus, vocês se concentrem no conteúdo da Palavra, em vez de contar quantas vezes eu franzi a testa ou fiz caretas, ou enruguei a minha sobrancelha, porque o conteúdo é mais importante do que o estilo (SPROUL, p. 214).

Considerando que as pessoas são únicas, jamais existiu nem haverá alguém idêntico ao apóstolo Paulo. O que existem são servos de Deus como ele, isto é, imitadores de sua conduta (cf. 1 Co 11.1). Nesse caso, quero novamente propor a seguinte reflexão: Como reagiria o príncipe dos pregadores itinerantes, dono de uma personalidade única e de uma chamada divina incomparável, se ele fosse um pregador nos dias de hoje?

Ele teria, evidentemente, a mesma personalidade e seria fiel ao Senhor Jesus, além de ser uma pessoa muito estudiosa e esclarecida. Todavia, com tantos recursos à sua disposição — inexistentes no primeiro

século —, como seria seu proceder? O que ele usaria e o que poria de lado? E por quê? Apresentarei minha reflexão como se estivesse entrevistando Paulo nos dias de hoje, acrescentando, quando necessário, alguns comentários.

Entrevistando o Apóstolo Paulo

— Prezado apóstolo, sou-lhe muito grato por me conceder essa entrevista. Sempre gosto de começar perguntando como o entrevistado gostaria de ser chamado. Como devo chamá-lo? Príncipe dos apóstolos? Conferencista internacional?

— Admiro seu senso de humor, irmão Ciro — risos. — Bom, o irmão sabe que sou o menor de todos. Sequer sou digno de ser chamado apóstolo... Pode me chamar de irmão, mesmo.

— Amém, reverendo. Ops! — risos. — Minhas perguntas são objetivas e giram em torno da pregação itinerante. Elas se baseiam no que o irmão disse em uma de suas cartas: “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma”.

— Amém. Estou à disposição.

— Bom, primeiro quero lhe perguntar sobre agendamento e contato com as igrejas. O irmão usa telefone, redes sociais, etc.? Gosta de colocar na Internet o aviso de que sua agenda está aberta?

— Boa pergunta — risos. — O irmão quer provocar alguém com essa pergunta?

— De maneira alguma — risos. — Na verdade, fico incomodado com certos procedimentos e gostaria de saber, sinceramente, sua opinião.

— Bem, vamos lá! Primeiro, é claro que esses recursos são muito bons e facilitam nosso contato com as igrejas, certo? Só que precisamos saber usá-los com equilíbrio. — Paulo não perderia a oportunidade de valer-se, com equilíbrio, das melhores ferramentas da atualidade. Já pensou se existisse WhatsApp no primeiro século? Ele não precisaria enviar um mensageiro de Mileto a Éfeso para reunir todos os presbíteros. Bastaria mandar-lhes uma mensagem pelo *smartphone*. Certamente, ele saberia usar esses recursos da melhor maneira e para a glória do Senhor.

— Certo, mas...

— Complementando a resposta, irmão Ciro, quanto a dizer que a agenda está aberta, soa-me um pouco estranho, pois nossa agenda deve estar nas mãos de Deus. Não cabe a nós oferecemo-nos para pregar, e sim nos colocarmos à disposição do Espírito Santo. Mesmo antes de dizer “sim” a um convite, devemos orar e pedir a orientação do Senhor.

— O irmão, então, poderia dizer “não” a um convite mesmo tendo uma vaga em sua agenda?

— Sim. Inclusive, em algumas ocasiões, o Espírito Santo me impediu de pregar em certas cidades e me levou a outras que nem estavam em meus planos.

— Glória a Deus! Mas o irmão viaja de avião ou tem medo?

— Que é isso, irmão Ciro? Minha vida está nas mãos de Deus! Mas não rio de quem tem esse tipo de medo. As pessoas não são iguais e, por isso, reagem de modo diferente quando expostas a determinado tipo de

perigo. — Um homem como Paulo, que viajou tantas vezes e em condições precaríssimas, sofreu naufrágio e passou por tantos outros perigos. Ele não teria motivo para temer viagens aéreas.

— Tenho ouvido alguns pregadores dizendo que não é possível imitar a Cristo hoje, pois teríamos de pregar sem auxílio de microfone, *tablet*...

— Sêrio?

— Sim, sêrio. O que o irmão pensa sobre isso?

— Olha, eu não vejo problema nenhum em usar microfone, pois tanto nosso Mestre quanto outros pregadores do primeiro século tinham outra forma de amplificar o som, aproveitando bem a acústica dos lugares e posicionando-se a favor do vento. Agora, quanto ao *tablet*, é muito útil para fazer um esboço. Sem falar que quem o utiliza não corre o risco de deixar para trás, na casa de alguém, livros pesados e pergaminhos...

— É mesmo, isso é verdade — risos.

— Por exemplo, no meu *tablet*, inclusive, há várias versões bíblicas e livros que uso em meus estudos, sobretudo quando estou em viagem.

— Muito bom, irmão Paulo! É importante sabermos usar com inteligência essas novas ferramentas.

— Mas é claro que gosto de ter à mão um exemplar impresso da Palavra de Deus, especialmente quando estou pregando. Aliás, sempre a mantenho aberta sobre o púlpito. — Ainda que fazer isso não signifique fidelidade à Bíblia, creio que Paulo, hoje, mantê-la-ia aberta sobre o púlpito, pois “o pregador que fecha (ou mantém fechada) a Escritura após

a leitura do texto, inadvertidamente está dizendo: ‘Agora que cumpri este ritual, passemos à minha mensagem’” (CHAPELL, p. 369).

— Nesse caso, o que o irmão pensa sobre os pregadores que dizem ao público: “Feche a Bíblia. Estou recebendo uma revelação nova”?

— Bom, eu penso que eles são dados ao misticismo e ainda não entenderam que a Bíblia é nossa fonte primacial de autoridade. Estão pregando sua própria mensagem, e não o evangelho. Eles ainda não aprenderam que o pregador que se preza não ultrapassa o que está escrito.

— Concordo plenamente, irmão Paulo. E, aproveitando essa oportunidade, já que o senhor afirmou que prefere ler a Bíblia impressa à versão eletrônica, o que o irmão pensa da pirataria de livros evangélicos?

— Ah, isso é uma prática abominável. O crente fiel sabe muito bem que, embora todas as coisas sejam lícitas, determinadas práticas não convêm aos santos. Pirataria, sem dúvida, é uma das obras da carne.

— Como assim, irmão Paulo? A lista de obras carnis não está fechada?

— Não, irmão Ciro, de forma alguma. Quando escrevi sobre isso, relatei alguns tipos de pecado que entristecem o Espírito Santo, só que a lista de obras da carne é tão longa que resolvi resumir o que surgiria posteriormente numa única frase: “e coisas semelhantes a estas”.

— Ah, sim... agora entendi. Mas...

— Irmão Ciro, desculpe-me... As perguntas não girariam em torno da pregação itinerante?

— Opa, é verdade. Peço-lhe perdão por isso. Mas a próxima pergunta me parece um tanto quanto delicada. Eu estava tentando ganhar um pouco de tempo antes de fazê-la.

— Prossiga, meu irmão. Precisamos remir o tempo. Ademais, o importante é que a Bíblia seja sempre nossa fonte precípua de autoridade, mesmo que desagrade a alguém.

— Amém. Bom, sendo assim, diga-me o que pensa sobre fundos musicais melodramáticos em pregações.

— Olha, irmão Ciro, isso eu nunca usei; o Espírito Santo não precisa de uma “mãozinha”. Como já tenho escrito, a pregação não deve consistir em palavras persuasivas de sabedoria humana, e sim em demonstração de poder da parte do Espírito Santo. Esses fundos musicais mexem com as emoções das pessoas, manipulando seus sentimentos.

— Mas isso não seria uma contradição? Se o irmão usa o microfone para amplificar o som da voz, por que não empregar a música para ajudar as pessoas a receberem a Palavra de Deus?

— São duas coisas muito diferentes. O microfone é um recurso para fazer com que a mensagem chegue claramente aos ouvidos. O fundo musical, por sua vez, altera o estado de espírito das pessoas, impedindo-as de refletir sobre o que está sendo pregado. Música de fundo durante a pregação é, definitivamente, um modismo.

— Penso da mesma forma, irmão Paulo, pois não existe música neutra.

— Concordo. — No primeiro século, Paulo podia ter usado o fundo musical. Já havia música na igreja naquele tempo. No entanto, não consta

que ele levasse consigo um tangedor, um músico, para fazer fundo musical e animar suas preleções. Pelo contrário, vemos que, em Trôade, um rapaz chamado Êutico dormiu enquanto esse apóstolo pregava!

— E quanto à interação com o público, irmão Paulo? Estamos na era da interatividade. Muitos pregadores itinerantes bem-sucedidos costumam mandar as pessoas pegarem na mão do irmão ao lado, apertá-la até que se diga “aleluia”, etc. O irmão é contrário a isso também?

— Mas com toda a certeza! Tanto a música melodramática de fundo como esse tipo de interação que o irmão falou fazem parte do que eu chamaria de manipulação, mecanicismo e artificialismo. Nada disso é necessário. O pregador foi chamado por Deus para tão somente expor a Palavra de Deus. Se as pessoas gostam ou deixam de gostar da exposição das Escrituras, isso não me diz respeito, pois meu compromisso é, antes de tudo, com o Senhor, e não com o povo.

— Concordo plenamente, irmão Paulo.

— Mas deixe-me falar mais um pouco sobre isso. Se tornarmos a mensagem agradável por meio de recursos de animação de auditório, como é que as pessoas vão receber a mensagem contundente do evangelho? Não fomos chamados para divertir o povo, e sim para pregar o evangelho da cruz.

— Gosto de dizer que não fomos chamados para agradar ao público, muito menos para agredi-lo, pois nosso compromisso é, sobretudo, com a Palavra de Deus e com o Deus da Palavra.

— Amém. É exatamente isso que eu penso.

— No entanto, na atualidade, não haveria espaço para usar um pouco de teatralização ou mimetismo, irmão Paulo?

— Irmão Ciro, veja bem: precisamos encontrar um ponto de equilíbrio. Uma coisa é fazer com que a mensagem chegue aos ouvintes mais claramente. Outra é chamar a atenção para si. Alguns profetas usaram o recurso da representação, porém a profecia em si não deve ser confundida com a exposição das Escrituras. Não vemos nenhum pregador valendo-se da teatralização no Novo Testamento.

— De fato, não vemos João Batista, Jesus, Pedro, Estêvão, Filipe e outros usando esse recurso; o que vemos é o profeta Ágabo, numa profecia transmitida ao próprio apóstolo Paulo, valendo-se do mimetismo, à semelhança dos profetas (At 21.10-12).

— Há mais alguma coisa que incomode o irmão nesse sentido?

— Olha, sinceramente, penso que tudo o que é usado para manipular o público é reprovável. Alguns pregadores que empregam música de fundo e interagem em excesso com o auditório também costumam apelar às emoções dos ouvintes, usando voz chorosa, mas apresentam quase nada de exposição das Escrituras. Isso me tem incomodado.

— Pois é, e a mim também...

— Irmão Ciro, não me tenha mal, mas tenho um compromisso daqui a pouco.

— Eita! Como o tempo passou rápido!

— É verdade.

— O irmão quer dar uma última palavra?

— Leiam a série *Pregadores da Bíblia!* — risos.

— Muito grato, irmão Paulo! — Evidentemente, esse diálogo é ficcional e apresenta as reflexões deste próprio autor, com base naquilo que ele tem aprendido à luz das Escrituras. Todavia, reflitamos sobre isso. Se Paulo vivesse hoje, que tipo de pregador itinerante ele seria? Um mala barista, animador de auditório, *coach*, milagreiro? Ou simplesmente alguém que, sem “sublimidade de palavras”, diria: “eu recebi do Senhor o que vos ensinei”?

Depois da Campanha em Antioquia da Pisídia

Neste livro, não tenho como objetivo mencionar todos os eventos da vida de Paulo narrados em Atos dos Apóstolos, como procurei fazer em outro livro (ZIBORDI, 2015). Meu propósito é dar ênfase aos seus sete sermões registrados no quinto livro neotestamentário. Entretanto, mencionarei a partir de agora, de modo breve, os eventos ocorridos entre a primeira e a segunda pregação desse apóstolo.

Assim que Paulo e Barnabé partiram de Antioquia da Pisídia para Icônio, na Licaônia, uma das cidades mais belas do mundo antigo, eles deixaram ali discípulos “cheios de alegria e do Espírito Santo” (At 13.51,52). O resultado foi maravilhoso porque esses missionários falaram “ousadamente acerca do Senhor, o qual dava testemunho à palavra da sua graça, permitindo que por suas mãos se fizessem sinais e prodígios” (14.1-3).

Em Icônio, eles também sofreram perseguição por parte dos judeus invejosos e precisaram fugir para Listra, uma colônia romana onde não havia sinagoga, a quase 40 quilômetros de Icônio, “e ali pregavam o evangelho” (At 14.4-7). Nessa cidade, o mesmo povo que chamou Paulo de Hermes (Mercúrio) e Barnabé de Zeus (Júpiter), depois que um homem coxo de nascimento foi curado por Deus, apedrejou o primeiro e arrastou-o para fora da cidade (At 14.8-20).

Veja como as multidões são volúveis! As mesmas pessoas que bradaram “Hosana” quando o Senhor Jesus entrou em Jerusalém gritaram “Crucifica-o” pouco tempo depois. Esses dois episódios ensinam-nos que nosso compromisso ao pregar o evangelho deve ser com a Palavra de Deus e com o Deus da Palavra, e não com as preferências do povo (cf. Jo 6.60-69).

Quanto ao apóstolo “quase morto”, de modo miraculoso levantou-se e partiu com Barnabé para Derbe, na Licaônia, a quase 30 quilômetros de distância! Alguns teólogos supõem que Paulo, de fato, morreu nesse apedrejamento. E outros vão mais além: dizem que, nessa ocasião, ele, “(se no corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe), foi arrebatado até ao terceiro céu” (2 Co 12.2; cf. 11.25). Nesse caso, “Deus o ressuscitou dos mortos” (MCGEE, 1991a, p. 164).

Após anunciarem o evangelho em Derbe, deixando ali muitos discípulos, Paulo e Barnabé iniciaram sua viagem de retorno a Antioquia da Síria. Eles revisitaram, então, as igrejas estabelecidas em cidades onde foram perseguidos pelos judeus, exortando os cristãos “a permanecer na

fé, pois que por muitas tribulações nos importa entrar no Reino de Deus” (At 14.21-25).

Já em Antioquia da Síria, Paulo e Barnabé foram convocados para participar de um concílio (ou assembleia) em Jerusalém (At 15), o qual tinha como objetivo tratar de uma controvérsia quanto à evangelização dos gentios. Estes, oficialmente,

(...) ainda tinham de se submeter a todas as exigências determinadas aos judeus pela legislação do Antigo Testamento. A ideia de que um gentio podia manter um relacionamento direto com Deus, sem que primeiramente e de fato se tornasse um judeu, era não somente estranho ao judaísmo do século I, como repugnante também (RICHARDS, p. 718).

Podemos chamar esse concílio de Assembleia dos Quatorze Apóstolos, já que os Doze discutiram o mencionado assunto com Paulo e Barnabé — que também eram apóstolos —, contando com a participação do presbitério e de toda a congregação. Naquela ocasião, pregadores ainda presos ao judaísmo (judaizantes) “sustentavam que não podia haver salvação fora de Israel. Por essa razão, diziam que todos os discípulos gentios deviam ser circuncidados e observar a lei judaica” (HURLBUT, p. 32; cf. At 15.1).

Aparentemente, Tiago, irmão do Senhor — como substituto do apóstolo Tiago, decapitado a mando de Herodes Agripa I —, presidiu esse concílio, permitindo que Paulo e Barnabé discutissem com os judaizantes.

A posição de ambos era categórica: o cristianismo não pode continuar sendo uma espécie de “judaísmo cristão”; os gentios não precisavam guardar a Lei nem se circuncidarem, já que a salvação é inteiramente pela graça de Deus (At 15.2-7).

Houve uma discussão bastante acalorada, e o apóstolo Pedro — que tivera, havia pouco tempo, uma desavença com Paulo em Antioquia da Síria — apoiou os dois, pondo fim ao impasse (At 15.8-11). Todos se calaram depois dessa intervenção conciliadora, e os dois apóstolos da igreja antioquena sentiram-se à vontade para expor as maravilhas que Deus havia realizado na Ásia Menor entre os gentios (vv. 12-18).

Diante do exposto, o presidente do concílio, Tiago, deu a palavra final, asseverando que não se deve perturbar aqueles, dentre os gentios, que se convertem a Deus, mas escrever-lhes que se abstenham das contaminações dos ídolos, da prostituição, do que é sufocado e do sangue. Porque Moisés, desde os tempos antigos, tem em cada cidade quem o pregue e, cada sábado, é lido nas sinagogas (At 15.19-21).

Paulo e Barnabé receberam a autorização formal da parte dos Doze, com o apoio do presbitério e de toda a congregação em Jerusalém, para dizer às igrejas gentílicas que não precisavam mais se preocupar com as acusações dos judaizantes (At 15.22-29). A partir daí, começaram a preparar a segunda viagem missionária com o propósito inicial de visitar os irmãos que já haviam recebido a Palavra de Deus (vv. 30-36).

Houve, então, uma desavença entre os Dois quanto à formação do novo grupo missionário.

E Barnabé aconselhava que tomassem consigo a João, chamado Marcos. Mas a Paulo parecia razoável que não tomassem consigo aquele que desde a Panfília se tinha apartado deles e não os acompanhou naquela obra. E tal contenda houve entre eles, que se apartaram um do outro. Barnabé, levando consigo a Marcos, navegou para Chipre (At 15.37-39).

Eles tiveram uma discussão tão acalorada que se separaram. Formaram-se duas comitivas: uma seguiu para o norte; outra para o sul. Deus permitiu que João Marcos ficasse afastado de Paulo por um longo período a partir daquele momento, mas ainda tinha planos para a vida desse jovem. Mais tarde, ele também cooperou com Pedro em seu trabalho itinerante (1 Pe 5.13). Inclusive, conforme uma antiga tradição, esse apóstolo deu àquele as informações necessárias para a preparação do Evangelho Segundo Marcos.

Temos, portanto, “de agradecer a Barnabé e a Pedro por haverem colocado Marcos em uma posição onde o Espírito Santo podia dirigi-lo e inspirá-lo para escrever o segundo Evangelho” (HORTON, p. 163). Por outro lado, Paulo, um homem de Deus que não guardava ressentimentos, também deve ser lembrado como um dos apóstolos que contribuíram para a formação desse jovem obreiro.

Aliás, em dois momentos como preso do Senhor, em Roma, ele mencionou João Marcos de modo positivo. Quando estava em prisão domiciliar, recomendou à Igreja de Colossos, ressaltando que esse jovem de valor era parente de Barnabé (Cl 4.10). Finalmente, numa masmorra, em sua última carta, Paulo fez a Timóteo — substituto de João Marcos, a partir da segunda expedição missionária — o seguinte pedido: “Toma

Marcos e traze-o contigo, porque me é muito útil para o ministério” (2 Tm 4.11).

Pregando a Mulheres em Filipos

Paulo e Barnabé não ficaram inimigos; apenas se separaram (cf. 1 Co 9.6). O primeiro escolheu Silas (Silvano) como companheiro para a nova viagem (At 15.40; cf. 2 Co 1.19). E, juntos, partiram de Antioquia da Síria para as províncias da Síria e da Cilícia, “confirmando as igrejas” (At 15.41). Depois, foram também a Derbe e Listra, na Licaônia, onde o notável jovem Timóteo, que deve ter ouvido a pregação do evangelho ainda por ocasião da primeira expedição evangelística, uniu-se a Paulo (16.1,2; cf. 1 Tm 1.1,2; 2 Tm 1.5; 3.11).

Em seguida, o príncipe dos pregadores itinerantes voltou a Icônio e Antioquia da Pisídia com sua nova comitiva, onde viu os frutos de seu trabalho. Dali, atravessando a Frígia e o sul da Galácia, chegou à Mísia — tendo sido impedido pelo Paráclito de pregar nas províncias da Ásia e da Bitínia —, mais precisamente à cidade portuária de Trôade (At 16.4-8).

Ali, o Senhor revelou a Paulo, por meio de uma visão, que ele deveria seguir para a província da Macedônia, na Europa (At 16.9,10).

O planejamento humano teria apreciado evangelizar na Ásia e em Éfeso — quem sabe se depois não se estabeleceriam até ligações com a Grécia. Deus projeta seus mensageiros audaciosamente para a Europa e quer ter a firme base na Macedônia, antes de investir sobre

a difícil Grécia. Éfeso, Colossos, Laodiceia e as demais igrejas na Ásia [...] ainda terão sua hora (BOOR, p. 232).

Paulo e seus auxiliares Silas, Timóteo e Lucas — que se insere discretamente na narrativa usando o plural “procuramos”, “seguimos”, “permanecemos” — navegaram em linha reta para a ilha rochosa de Samotrácia, na parte nordeste do mar Egeu, a mais de 30 quilômetros ao sul da costa da Trácia, onde ancoraram. Na manhã seguinte, desembarcaram na cidade marítima de Neápolis, na Macedônia. Ao pisar pela primeira vez em solo europeu, o príncipe dos pregadores itinerantes dirigiu-se a Filipos, centro comercial e posto militar próximo à fronteira da Trácia (At 16.10-12).

Em Filipos, os missionários depararam-se com Lídia, mulher temente a Deus, aparentemente a primeira pessoa convertida em território europeu. Ela era de Tiatira e tinha um negócio lucrativo: vendia púrpura e corantes, produtos raros e dispendiosos no mundo antigo. Lucas diz que, no sábado, eles dirigiram-se para junto do rio a um lugar de oração e falaram a mulheres. O Senhor, então, “abriu o coração” de Lídia, e ela atendeu ao que Paulo dizia (At 16.13,14).

Ela distinguia-se entre as mulheres porque era especializada em corantes com tons de púrpura, uma cor associada com a autoridade principesca. “É necessária uma obra de Deus para mudar a alma do ser humano. Deus interveio na vida dessa mulher e abriu seu coração para ouvir a Palavra de Deus” (SPROUL, p. 266). Após ser batizada, Lídia fez de sua casa um ponto de pregação (At 16.15); e foi dessa forma que

começou a Igreja de Filipos, que posteriormente cresceu a ponto de ter “bispos e diáconos” (Fp 1.1).

Depois de um grande trabalho entre os filipenses, a começar pela evangelização de mulheres judias e prosélitas, Paulo repreendeu o espírito de adivinhação que havia em uma jovem (ou menina) escrava e acabou sendo açoitado e preso juntamente com Silas (At 16.16-24). Por ironia, o lugar de oração para o qual se dirigiram quando essa menina com um espírito adivinhador encontrou-os “é o mesmo lugar de oração onde haviam se encontrado com Lídia” (GONZÁLEZ, p. 230).

Na prisão, perto da meia-noite, ocorreu um grande terremoto, bastante citado pelos pregadores de nosso tempo. Enquanto os missionários oravam e cantavam hinos, os alicerces foram movidos, e as portas foram abertas. Assustado, achando que os presos haviam escapado, o responsável pelo cárcere quis matar-se. Paulo, porém, não somente o impediu dessa ação, como também lhe disse: “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa”. Resultado: o carcereiro e toda a sua família receberam os prisioneiros em casa e foram batizados em água assim que ouviram a Palavra do Senhor (At 16.23-34).

Possivelmente, esses novos convertidos fizeram uma completa profissão de fé. Como, para os missionários, já havia desaparecido toda dúvida quanto a comer com gentios, pode “ter havido também uma celebração da Ceia do Senhor” (WILLIAMS, p. 320). Quando Paulo e Silas retornaram à prisão, as autoridades filipenses decidiram soltá-los imediatamente e sem qualquer alarde, reconhecendo que erraram ao açoitá-los e aprisioná-los (At 16,35,36).

Entretanto, Paulo e Silas tinham plena convicção de que haviam sido “maltratados e ultrajados” (1 Ts 2.2), pois conheciam seus direitos, e o primeiro fez questão de reivindicá-los (At 16.37,38). Como cidadão romano, ele exigiu um pedido de desculpas público, visto que seus direitos — estabelecidos no código da lei romana ainda antes de os Césares assumirem o controle — foram violados (SPROUL, p. 274).

Somente após um pedido de desculpas formal por parte dos magistrados de Filipos, o apóstolo dos gentios despediu-se dos irmãos que estavam na casa de Lídia e começou sua difícil jornada a Tessalônica (At 16.39,40, ARA). Isso nos ensina que, embora estejamos prontos a sofrer por amor a Cristo, não devemos ser omissos como cidadãos nem aceitar passivamente a injustiça.

Defendendo o Evangelho em Tessalônica

Quando Paulo escreveu que Jesus veio ao mundo na “plenitude dos tempos” (Gl 4.4), certamente pensou nas estradas que imperadores e governadores romanos abriram sem saber que elas serviriam aos propósitos de Deus! Uma delas foi via Inácia (*Egnatia*), construída por Gnaeus Egnatius, procônsul da Macedônia entre 146 e 120 a.C., com pavimentação sólida, pontes, estações de água, etc., a fim de enviar legiões para o Oriente e trazer de volta espólios em todas as estações do ano (CROSSAN; REED, p. 147).

A via Ignácia — uma das mais importantes do Império Romano, que saía de Bizâncio e terminava em Dirráquio, no mar Adriático — levava os

viajantes a Tessalônica. Ela atravessava rios e uma vasta zona pantanosa em Trácia, Macedônia e Ilíria. Seguindo por ela, Paulo e sua comitiva chegaram a Anfípolis e Apolônia, onde não se detiveram, pois não encontraram ponto de apoio, “geralmente constituído pela presença de judeus e por um local de reunião, onde podem se encontrar também os pagãos prosélitos e os simpatizantes do judaísmo” (FABRIS, p. 316–317).

Como a distância entre Filipos e Tessalônica ultrapassava a 150 quilômetros, os missionários apenas pararam para descansar um pouco em Anfípolis e Apolônia, fazendo, assim, duas “pequenas” viagens de 50 quilômetros. Embora não houvesse sinagoga nessas cidades, eram lugares de parada obrigatória noturna para viajantes que percorriam cerca de 30 milhas (50 quilômetros) por dia, velocidade média numa grande estrada como a via Ignácia.

Paulo tinha pressa para chegar a Tessalônica, pois seu objetivo era atingir especialmente os grandes centros, de onde se irradiaria o evangelho para outros lugares. Esse próprio apóstolo afirmou que os crentes tessalonicenses tornaram-se “exemplo para todos os fiéis na Macedônia e Acaia” (1 Ts 1.7).

Tessalônica, que fora um grande centro comercial e base militar, era a residência do governador romano naquele momento. Paulo certamente considerava essa cidade ótima para a difusão da Palavra de Deus tanto por mar como por terra, haja vista sua localização privilegiada. Ademais, era a capital de toda a área e contava, à época, com aproximadamente 200 mil habitantes.

A comunidade judaica nessa importante cidade era proporcionalmente grande, enorme, se comparada com a de Filipos. “Numa colônia militar poucas coisas seriam capazes de atrair os judeus, mas um centro cosmopolita e comercial de tão grande porte por certo os atrairia” (WILLIAMS, p. 324). Paulo aproveitou para disputar (gr. *dialégo mai*, “discutir” ou “dialogar”) com eles sobre as Escrituras na sinagoga por três sábados (At 17.2).

Como apologista (cf. Fp 1.16), dialogou com judeus e prosélitos, “expondo e demonstrando que convinha que o Cristo padecesse e ressuscitasse dos mortos. E este Jesus, que vos anuncio, dizia ele, é o Cristo” (At 17.3). Sua mensagem abarcava três pontos: (1) o sofrimento de Jesus, o Nazareno; (2) sua gloriosa ressurreição; e (3) sua messianidade.

Assim como em Antioquia da Pisídia, Paulo ressaltou que todas as profecias messiânicas deveriam ser aplicadas a Jesus de Nazaré, o Profeta, Sacerdote e Rei que haveria de vir. Resultado: uma grande multidão de gregos religiosos, muitas mulheres distintas, bem como alguns judeus, creram, enquanto outros, invejosos, “alvorocaram a multidão e os principais da cidade” (At 17.4-9).

Paulo descreve esse acontecimento ressaltando que os crentes de Tessalônica receberam sua pregação “não como palavra de homens, mas (segundo é, na verdade) como palavra de Deus, a qual também opera em vós, os que crestes” (1 Ts 2.13). Seus inimigos, no entanto, acreditando que o Messias aniquilará todos os poderes estatais gentios quando vier, interpretaram a mensagem do Rei Jesus como alta traição contra o

imperador. E, usando a mesma estratégia de alguns grupos políticos da atualidade, “alvorocaram a cidade” e, depois, acusaram os missionários de causarem uma revolução mundial (At 17.5,6).

Para os judeus, o título “Messias” equivalia a “Rei” e, para os gentios, era conferido exclusivamente ao imperador. Portanto, o anúncio cristão numa cidade que é capital da província sede do procônsul, que goza dos privilégios de cidade livre, não pode deixar de chamar a atenção e as suspeitas das autoridades locais de Tessalônica (FABRIS, p. 320).

Embora houvesse decretos imperiais contra profecias pelas quais se afirmasse que havia outro rei (ou imperador), a acusação dos judeus era caluniosa e infundada, uma vez que o reino anunciado não era deste mundo. Entretanto, os acusadores tinham um trunfo: os cristãos chamavam Jesus frequentemente de “Senhor Jesus” (gr. *Kyrios Iesous*), preferindo usar a saudação “Jesus é Senhor” no lugar de “César é Senhor”.

Paulo estava ausente quando o motim começou e, por isso, não foi linchado. Seus inimigos, contudo, foram procurá-lo na casa de seu anfitrião, Jasom (Jasão), onde também não o encontraram. Esse cristão muito respeitado e abastado, ao ser chamado de conspirador perante os magistrados (politarcas), soube defender-se, enquanto os missionários preparavam a fuga de Paulo. Jasom explicou aos politarcas que toda aquela gritaria histórica não se justificava. Mesmo assim, seus argumentos foram insuficientes, e ele teve de pagar “a fiança estipulada” (At 17.9, ARA).

O evangelho pregado em Tessalônica foi confirmado pelo Paráclito e repercutiu em toda a Macedônia e na Acaia (1 Ts 1.8). A mensagem de salvação foi eficaz nessa região, gerando grande número de gentios convertidos, porque não chegou ali “tão somente em palavra, mas, sobretudo, em poder, no Espírito Santo e em plena convicção” (v. 5, ARA). Na verdade, foi esse grande resultado, à semelhança do que ocorrera em Antioquia da Pisídia, que despertou a inveja dos judeus (cf. At 13.44,45).

Alguns estudiosos acreditam que Paulo referiu-se a esses inimigos judeus — que eram uma “pedra no sapato” para esse apóstolo — quando fez menção do “espinho na carne” (2 Co 12.7). Deus, porém, estava no controle de todas as coisas. O príncipe dos pregadores itinerantes só saiu de Tessalônica porque o Senhor quis que fosse assim. Ele permitiu, inclusive, que Satanás impedisse seu retorno a essa cidade, durante a segunda viagem missionária, para que o evangelho fosse propagado em outros lugares da Europa (cf. 1 Ts 2.17,18).

Público Seleto em Bereia

Em Tessalônica, o trabalho evangelístico, a despeito do mencionado resultado a médio e longo prazos, não teve, *a priori*, muito sucesso entre os judeus. A maioria deles permanece arredia, ou melhor, começa a perceber a presença dos novos pregadores como uma ameaça para a sinagoga. De fato, aqueles que acolhem bem a pregação de Paulo são os pagãos que frequentam a sinagoga como tementes a Deus e, sobretudo, algumas senhoras de classe alta e abastadas (FABRIS, p. 318–319).

Os missionários partiram, pois, de noite, à pequena cidade de Bereia, nos contrafortes do famoso Olimpo, onde tiveram uma grata surpresa: encontraram judeus que tinham as Escrituras como sua fonte primacial de autoridade (At 17.10- 12). Mais nobres que os judeus crentes de Tessalônica, estudavam o texto sagrado diariamente, pesquisando como advogados que investigam um caso.

Visto como examinavam as Escrituras, estes bereanos não somente estabeleceram um exemplo para todos nós, mas Paulo não precisou corrigi-los depois, como teve de fazer com tantas outras igrejas (HORTON, p. 178). Pregadores malabaristas gostam de divertir a plateia e manipular auditórios, mas Paulo é um pregador muito diferente! Ele certamente ficou encantado com a avidez dos bereanos e seu interesse pela Palavra de Deus!

É isso que todo pregador de verdades bíblicas gostaria de alcançar: não acolhida “entusiasmada”, emocional, mas exame exaustivo com base na palavra da Escritura, que depois leve a uma decisão fundamentada e clara por Jesus (BOOR, p. 247).

Não demorou muito para os perseguidores judeus de Tessalônica chegarem a Bereia (At 17.13). Assim como um grupo deles fora de Antioquia da Pisídia e Icônio para Listra, perseguindo o príncipe dos pregadores itinerantes, agora outro grupo partiu de Tessalônica a Bereia para alvoroçar o povo e incitá-lo contra os missionários. Paulo, então,

contando com a ajuda dos novos convertidos bereanos, deixou ali Silas e Timóteo e partiu rumo ao sul, com o objetivo de evangelizar a Acaia.

Houve, nitidamente, uma estratégia para confundir os perseguidores. Embora Lucas diga que “os irmãos mandaram a Paulo que fosse até ao mar”, eles devem ter tomado a decisão — no meio do caminho — de viajar por terra, já que não se menciona o porto de Pidna, no mar Egeu, bem próximo de Bereia. Formaram-se, pois, dois grupos, que mudaram de direção, possivelmente quando souberam da trama dos judeus de Tessalônica. Paulo partiu para Atenas, de onde enviou seus companheiros de volta, com ordem para que Silas e Timóteo fossem ao seu encontro o mais depressa possível (At 17.14-16).

Que sequência de lutas e perseguições o príncipe dos pregadores itinerantes estava enfrentando! Contudo, “não se preocupava com as consequências; estava feliz em participar da humilhação de Jesus. Ele regozijava-se em preencher o que restava das aflições de Cristo” (SPROUL, p. 273; cf. Cl 1.24). Sua cabeça estava no Céu, futuro glorioso da Igreja!

Algun tempo depois, juntamente com Silas e Timóteo, ainda em meio a provações, ele escreveria as seguintes palavras:

Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos

para sempre com o Senhor. Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras (1 Ts 4.16-18, ARA).

Caminhando por Atenas

Paulo chegou, então, ao palco de seu segundo grande sermão: a cidade de Atenas, famosa por seus deuses, filósofos e construções. Ele, que sempre andava acompanhado, dessa vez caminharia sozinho pelas ruas de Atenas, já que seu grupo havia-se dividido estrategicamente para confundir os perseguidores de Tessalônica (1 Ts 3.1,2).

Pregadores itinerantes que se prezam sabem que seu compromisso é com Deus, e não com as pessoas, que se comportam das mais diversas maneiras. Paulo, que encontrara em Bereia judeus nobres, receptivos ao evangelho, agora terá de enfrentar um auditório bem diverso. Ele não pregará somente a judeus e prosélitos na sinagoga, mas também a filósofos zombeteiros, irônicos, curiosos e alguns interessados.

Quando chegou a essa metrópole cosmopolita, ela não era mais a grande Atenas clássica da era do ouro, que se gabava de ser o centro literário e cultural do mundo civilizado. Entretanto, ela ainda era conhecida como a cidade universitária, a preferida de quem desejasse ter uma boa formação intelectual. Embora a natureza ali fosse deslumbrante, o que deve ter chamado imediatamente a atenção de Paulo foram os belos e magníficos monumentos e obras de arte que se descortinavam diante dos seus olhos com esplendor cativante.

Antes desse apóstolo, andaram por essa cidade filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles, além de Eurípedes e Fídias, o escultor inigualável. À época, ela continuava sendo “um centro intelectual com poucos rivais” (GONZÁLEZ, p. 241), pois a Academia de Platão ainda existia. Todavia, a liderança ateniense nos campos da cultura e da educação já havia sido sobrepujada por Alexandria, no Egito.

Atenas era antropocêntrica e extremamente idólatra. Em comparação com Jerusalém, onde a Igreja começou suas atividades, havia muita diferença, conquanto ambas sejam cidades-símbolo de universos religiosos e culturais.

Idealmente, Paulo parte de Jerusalém, onde aprendeu a conhecer a Deus na prática da lei e, em seu percurso de proclamador do evangelho aos pagãos, chega à cidade de Péricles e de Platão, onde o centro de interesse é a investigação sobre o ser humano, medida de todas as coisas (FABRIS, p. 329).

Em cada cidade da Grécia antiga, o local topológico mais alto abrigava um monumento ao deus (ou deusa) considerado mais importante. Para os atenienses, esse lugar elevado era a acrópole (gr. *acro*, “altura”; *polis*, “cidade”), haja vista sua cidade ter surgido dessa colina rochosa, coroada pelo Partenon, seu mais notável templo, construído e dedicado à deusa Atena no século V a.C.

Enquanto Paulo esperava seus companheiros, “o seu espírito se comovia em si mesmo, vendo a cidade tão entregue à idolatria” (At 17.16).

Ele não havia planejado passar tão cedo por essa importante cidade grega, mas tudo o que vinha ocorrendo nessa viagem missionária estava na agenda de Deus (cf. 16.9,10), que permitiu a perseguição dos judeus para “empurrá-lo” de cidade em cidade.

Se confrontarmos o relato de Lucas com o que o próprio Paulo escreveu (cf. 1 Co 10.20; Rm 1.23-25), podemos ter uma ideia do que esse apóstolo sentia naquele momento. Ele estava incomodado, pois via os templos, altares e imagens de Atenas com os olhos de alguém que foi criado no espírito do monoteísmo judaico e do princípio de não fazer imagens, do segundo mandamento do Decálogo (BRUCE, 2003, p. 229).

Hoje, costumamos viajar durante nossas férias simplesmente para ter um momento de contemplação, mas o que o apóstolo dos gentios viu em Atenas causou-lhe grande impacto a ponto do seu coração encher-se de tristeza. Ele não conseguiu sentir-se tranquilo para “contemplar os numerosos templos e as estátuas de deuses com um catálogo turístico na mão, deleitando-se como entendido da arte” (BOOR, p. 249).

Paulo não era um tipo de pregador que se desligava facilmente da sua responsabilidade. Sua missão era urgente, pois o Reino de Deus estava sendo expandido por todo o Império Romano. Na verdade, os tempos eram outros. Ninguém pensava em estresse, depressão, síndrome de *burnout* e outros males que atingem os ministros do evangelho na atualidade.

Que Pregador Estranho!

Diante do que observou, Paulo resolveu atacar em duas frentes: debater na sinagoga “com os judeus e religiosos e, todos os dias, na praça, com os que se apresentavam” (At 17.17). Ele “disputou” especialmente com os epicureus e estóicos, os quais, ainda na praça (gr. *agorá*), perguntavam entre si: “Que quer dizer esse tagarela?”, enquanto outros comentavam: “Parece pregador de estranhos deuses” (v. 18, ARA).

Aparentemente, eles entenderam que esse apóstolo queria apresentar-lhes duas novas divindades, já que “lhes anunciava a Jesus e a ressurreição” (At 17.18). Podem ter concluído que se referia a Jesus e “seu companheiro” *Anastasis* (palavra grega para ressurreição), entendendo talvez que fossem Cura (a palavra “Jesus” soava mais ou menos como a palavra grega para “cura”) e a Restauração (WILLIAMS, p. 333).

Paulo foi acusado pelos donos da menina escrava — porém liberta! —, em Filipos, de ensinar costumes que não eram permitidos aos romanos acatar ou praticar. Em Tessalônica e, possivelmente, em Bereia, judeus acusaram-no de ser desleal ao imperador, proclamando outro rei. Em Atenas, ainda que de modo mais brando e irônico, filósofos disseram que ele, além de pregador de deuses estranhos, era um tagarela ou paroleiro.

Essa palavra (gr. *spermologos*, “falador”), que só aparece uma vez no Novo Testamento, originalmente aludia a pássaros que perambulam em busca de alimento. Depois, começou a ser empregada para pessoas que

viviam vasculhando lixeiras. Por fim, ela foi usada para se referir a qualquer charlatão ou diletante que perambulava coletando ideias e juntando-as umas às outras sem nenhuma sabedoria ou sentido especial (GONZÁLEZ, p. 242).

Acredita-se, também, que esse termo grego, traduzido para “paroleiro” (ARC) ou “tagarela” (ARA), é uma referência a indivíduos que juntavam pequenos pedaços de pano para vender no mercado a preços baratos, muito parecidos com as pessoas que hoje recolhem latas e garrafas e tentam ganhar a vida vendendo-as por alguns centavos (SPROUL, p. 281).

Quando Jesus andou na terra, também eram ditas as mais diversas coisas sobre Ele. Alguns o acusavam de ser comilão e bebedor (Lc 7.34); outros, mais ousados, cometendo o pecado imperdoável — a blasfêmia contra o Espírito Santo (cf. Mt 12.30-32) —, diziam: “Este não expulsa demônios senão por Belzebu, príncipe dos demônios” (v. 24). No entanto, enquanto uns falavam uma coisa, e outros, outra, ecoava do Céu a voz de Deus Pai: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (2 Pe 1.17, ARA).

Paulo foi acusado de pregar sobre deuses estranhos, embora Lucas deixe claro que ele discorria sobre a obra redentora do Senhor Jesus com ênfase para sua ressurreição. Os pregadores do evangelho são tidos como propagadores de “deuses estranhos” ainda hoje, pois não pregam o que a maioria quer ouvir. Eles nada dizem sobre os “sonhos de Deus” nem massageiam o ego das pessoas. Suas mensagens são “antipáticas” e cristocêntricas!

Que pregador estranho era Paulo! Sua mensagem não estava em sintonia com o pensamento dos filósofos gregos, que o chamaram de tagarela. Muitos pregadores de hoje também são acusados de falar demais e de não interagir com o público. “O povo não suporta mais essas ladainhas. Está faltando interação, fundo musical, linguagem leve”, dizem os críticos de quem explana a Palavra de Deus.

Ora, a exposição das Escrituras — não necessariamente um sermão expositivo —, “esclarece e dá entendimento aos simples” (Sl 119.130, ARA). Entretanto, os animadores de auditório e pregadores malabaristas de nosso tempo preferem interagir com o público não para compartilhar a luz da Palavra do Senhor, e sim para receber a luz dos holofotes.

Epicureus, Estoicos e Areopagitas

Epicurismo e estoicismo — únicas linhas filosóficas mencionadas no Novo Testamento — competiam, então, por hegemonia. Epicuro (341–270 a.C.) foi um filósofo grego que nasceu na ilha de Samos e viveu em Atenas. Como seu estilo de vida baseava-se no prazer dos sentidos, acredita-se que ele desenvolveu o hedonismo, pelo qual se diz que “o prazer é a única coisa intrinsecamente valiosa para uma pessoa durante todo o tempo, enquanto a dor é a única coisa intrinsecamente sem valor para um indivíduo” (KLEINMAN, p. 41).

Os epicureus eram hedonistas moderados e sofisticados; não viam o prazer como satisfação de todas as vontades e desejos, e sim como a ausência do sofrimento, das perturbações e de quaisquer males advindos

das paixões. Nesse caso, era válida somente a busca dos prazeres que podem ser controlados ou apreciados com moderação, como a amizade, a paz e a contemplação estética. Eles “tentaram inventar uma fórmula, uma média de prazer e dor, que fosse tão equilibrada que evitasse esse paradoxo” (SPROUL, p. 280).

Epicuro negava a possibilidade de milagres, profecias e providência divina; ele dava ao prazer o sentido de real felicidade. Ele acreditava na metafísica atomista dos filósofos pré-socráticos Leucipo (séc. V a.C.) e Demócrito (460–370 a.C.), aceitando, em particular, o espaço vazio, um número infinito de átomos e o número infinito de mundos que suas variadas combinações produzem. Tinha também uma doutrina da sobrevivência dos mais aptos para explicar a evolução das espécies sem apelo às causas finais de Aristóteles (BLACK BURN, p. 118).

A escola atomista, da qual Epicuro derivou sua doutrina, propunha que todo objeto físico é feito por átomos e vácuo (espaço vazio em que se movem os átomos) que se organizam em diferentes formas.

Essa escola acreditava que os átomos eram partículas extremamente pequenas (tão diminutas que não podiam ser cortadas ao meio) com diferentes tamanhos, formas, movimentos, arranjos e posições e que, colocados juntos, criavam tudo o que está no mundo visível (KLEINMAN, p. 11).

Quanto aos estoicos, eram um grupo de filósofos que seguiam um modo de pensar lógico, físico e moral unificado, cuja designação deriva

do pórtico pintado em Atenas (gr. *stoa poikilê*), onde essa doutrina era ensinada por Zenão de Cítio (335–264). Ele cria em um poder criador “e fazia do dever, da razão (ou concordância com a razão divina) e da autossuficiência o objetivo da vida” (HORTON, p. 179). Os adeptos mais ilustres do estoicismo foram Sêneca (4 a.C.– 65 d.C.), Epiteto (55–135 d.C.) e o imperador Marco Aurélio (121–180 d.C.).

O ponto saliente da filosofia estoica é uma ética do consolo através da identificação com a ordem moral imparcial e inevitável do universo.

É uma ética da serenidade autossuficiente e benevolente, em que a paz do homem sábio o deixa indiferente à pobreza, à dor e à morte, assemelhando-se assim à paz espiritual de Deus (BLACKBURN, p. 128).

Para os estoicos, tudo neste mundo obedece a causas mecânicas estabelecidas. Em resumo, epicureus eram extremamente materialistas — ateístas na prática —, centrados na felicidade baseada no prazer que se pode obter neste mundo à parte do Deus Criador. Eles tinham motivo para considerar Paulo um tagarela e desprezar a crença “supersticiosa” da ressurreição. Quanto aos estoicos, panteístas e racionalistas, indiferentes às tristezas e prazeres mundanos, além de fatalistas quanto ao futuro, também não tinham nenhuma razão para acreditar nas promessas da ressurreição e da vida eterna.

Esses dois grupos viram em Paulo qualidades que os instigaram a conhecer melhor o seu pensamento e refutá-lo. Alguns deles, zombeteiros,

talvez pensassem que poderiam vencê-lo facilmente em um debate e expô-lo ao ridículo. Ou quisessem comprovar que ele era mesmo um paroleiro — semelhantemente a um pássaro catador de grãos ou apanhador de sementes —, sem pensamento próprio.

Lucas diz que esses filósofos, tomando Paulo, levaram-no ao Areópago, dizendo: “Poderemos nós saber que nova doutrina é essa de que falas? Pois coisas estranhas nos trazes aos ouvidos; queremos, pois, saber o que vem a ser isso. (Pois todos os atenienses e estrangeiros residentes de nenhuma outra coisa se ocupavam senão de dizer e ouvir alguma novidade.)” (At 17.19-21).

A Bíblia é a Palavra de Deus. E o Deus da Palavra, o Criador, já nos entregou toda a verdade. No entanto, como o ser humano continua em busca de novidades, depara-se com as novas mentiras de Satanás, um ser criativo. Muitos, no meio teológico, não suportam mais a “boa e velha” verdade das Escrituras. Estão em busca de novas perspectivas teológicas, o que muitas vezes contribui para o surgimento de heresias.

Deus abriu uma grande porta para o apóstolo Paulo, que estava preparado para discursar no Areópago (gr. *áreios pagos*, “colina de Ares”, deus da guerra), elevação rochosa separada da acrópole por um riacho, onde as mais importantes reuniões ocorriam. Ali, Paulo pregou não apenas a grandes filósofos, mas também aos membros do conselho do Areópago (areopagitas), a suprema corte de Atenas.

Esse tribunal, formado por 31 membros, reunia-se na mencionada colina de Ares (chamado de Marte pelos romanos) para julgar “os casos que afetavam o bem-estar da cidade” (PFEIFFER, p. 1.479). Estejamos

prontos! A qualquer momento, podemos ter o privilégio de falar de Cristo em algum “areópago” deste mundo.

Segundo Sermão de Paulo em Atos dos Apóstolos

Ao convidar Paulo para discursar perante a suprema corte de Atenas, os filósofos atenienses deram-lhe a oportunidade de pregar o evangelho a um público muito seletivo no principal palco do mundo grego. Isso tudo, porém, estava na agenda do Senhor Jesus, que escolheu esse apóstolo para levar o seu “nome diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel” (At 9.15).

O primeiro grande sermão de Paulo foi dirigido a judeus e prosélitos em uma sinagoga em Antioquia da Pisídia. Esse segundo, em Atenas, foi pregado a grandes intelectuais. Chama-nos a atenção a adaptabilidade do príncipe dos pregadores itinerantes: ele estava preparado para pregar o evangelho tanto a mulheres à beira de um rio como a estudiosos judeus nas sinagogas e, também, a filósofos gregos na praça e no Areópago.

Introdução bem-humorada

Paulo começa a sua pregação “no meio do Areópago”, aparentemente fazendo um gracejo com o público ou o elogiando: “Varões atenienses, em tudo vos vejo um tanto supersticiosos” (At 17.22). Em vez de começar atacando os ídolos deles, “Paulo diz aos atenienses que eles

são um povo muito religioso, pois ele até mesmo encontrou uma inscrição ‘Ao Deus Desconhecido’” (GONZÁLEZ, p. 243).

Recebido no Areópago como um palestrante convidado, e não na condição de acusado, como ocorrera com Sócrates cinco séculos antes (PLATÃO, p. 67), Paulo comporta-se de maneira amistosa. Nesse caso, a suposta acusação de que os filósofos eram “muito supersticiosos” — literalmente, “muito tementes das divindades” ou “muito religiosos” — é, na verdade, uma forma bem-humorada de dizer-lhes que prezam tanto os deuses a ponto de honrarem até mesmo os desconhecidos!

Aproveitando-se da receptividade do auditório, Paulo fala de sua caminhada por Atenas e indica o assunto pelo qual discorrerá: “passando eu e vendo os vossos santuários, achei também um altar em que estava escrito: Ao Deus Desconhecido. Esse, pois, que vós honrais não o conhecendo é o que eu vos anuncio” (At 17.23). Ele não foi desrespeitoso, pois o título atribuído à “divindade” era um reconhecimento de que eles não a conheciam.

Os filósofos atenienses reconheciam que desconheciam muitas coisas e que estavam em busca da verdade. Sócrates, um dos seus filósofos mais famosos, “costumava dizer que a única coisa que ele sabia, com certeza, era que não tinha certeza de nada” (BUDZISZEWSKI, p. 48). Paulo, então, com sabedoria, resolve dizer-lhes que conhecia o tal Deus desconhecido!

Quem é o Deus desconhecido?

Bem-humorado, Paulo vale-se de fina ironia ao mencionar a inscrição alusiva ao “Deus desconhecido” (gr. *agnostos theos*), pois, em seguida, “acusa” os sábios atenienses de ignorância (At 17.23). O Deus que os filósofos ainda desconheciam é o “que fez o mundo e tudo que nele há”, o qual, “sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens. Nem tampouco é servido por mãos de homens, como que necessitando de alguma coisa; pois ele mesmo é quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas” (vv. 24,25).

Fica claro que o primeiro ponto do sermão de Paulo seria a respeito da existência do único Deus verdadeiro, a quem os gregos “adoravam” sem conhecer. Ele é, portanto, grande demais para habitar em santuários feitos por mãos humanas.

Esta era uma verdade que Salomão também compreendia (1 Rs 8.27), bem como os profetas (Is 57.15; 66.1). Que contraste para os pequenos deuses de Atenas cujos ídolos eles lavavam e fingiam alimentar! (HORTON, p. 180).

Ao andar pela cidade, Paulo avistara estátuas por toda a parte; eram estátuas feitas de ouro, prata, pedra, madeira, etc. Também havia muitas “habitações” de deuses. Entretanto, o Deus desconhecido dos atenienses — que é, na verdade, o verdadeiro Deus — não habita em templos feitos pelos homens. O Criador não precisa ser servido, atendido ou tratado por um médico.

Paulo assevera que Deus é autossuficiente, o Todo-poderoso, a verdadeira Fonte de toda a vida. Como isso deve ter soado estranho aos ouvidos daqueles filósofos! Ele, porém, continua:

E de um só fez toda a geração dos homens para habitar sobre toda a face da terra, determinando os tempos já dantes ordenados e os limites da sua habitação, para que buscassem ao Senhor, se, porventura, tateando, o pudessem achar, ainda que não está longe de cada um de nós (At 17.26,27).

Essas afirmações, que fazem eco às de Estêvão, o primeiro apologista do evangelho (cf. At 7.48-50), é um duro golpe desferido contra a idolatria politeísta. Mas, como fala a filósofos, Paulo usa com maestria uma estratégia que hoje chamaríamos de “morder e assoprar”. Ao mesmo tempo em que ataca a idolatria, também usa a primeira pessoa do plural (“nós”), afirmando que Deus “não está longe de cada um de nós; [...] Pois somos também sua geração” (17.27,28).

Mesmo para aqueles dias, era um absurdo alguém dizer que um Deus Criador fez cada povo e nação do mundo a partir de um só homem. Paulo, no entanto, foi enfático: toda a humanidade faz parte da raça de Adão; nenhum de nós tem motivo para orgulhar-se de seus ancestrais ou de sua raça. Deus, inclusive, estabeleceu limites de tempo e habitação para os seres humanos (cf. Gn 1.9,10).

Paulo deixa claro que o Criador fez tudo isso para que a humanidade, tateando, possa encontrá-lo, já que Ele, ainda que excelso,

não está longe de quem se humilha diante dEle (Sl 136.8). Essa mensagem coaduna-se com o que esse mesmo apóstolo escrevera aos crentes de Roma, cidade que cultuava muitos deuses do panteão grego:

Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder como a sua divindade, se entendem e claramente se veem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis (Rm 1.20; cf. Sl 19.1-3).

Citando pensadores famosos, o príncipe dos pregadores itinerantes afirma que “nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como também alguns dos vossos poetas disseram: Pois somos também sua geração” (At 17.28). Nessa frase profunda, que aborda as três maiores questões da filosofia (vida, movimento e existência), temos duas citações: a primeira é de Minos ou Epimênedes de Creta; a outra, “somos também sua geração”, de Aratus da Cilícia.

Paulo era um erudito que tinha compromisso com a Palavra de Deus. Ele estudava as Escrituras, mas também os livros (cf. 2 Tm 4.13). Ele conhecia o pensamento dos grandes autores do seu tempo e do passado. Suas citações no Areópago não foram literais e diretas, e sim alusivas, já que as frases dos mencionados poetas não têm a cadência e a métrica da poesia.

Há escritores em nosso tempo que consideram ineficazes os sermões temáticos ou por tópicos. Ao escrever sobre Paulo e a pregação bíblica, R. C. Sproul afirmou que foi a pregação expositiva que “virou o

mundo às avessas — não uma pregação por tópicos” (SPROUL, p. 276). Entretanto, a pregação desse apóstolo no Areópago é uma evidência de que um sermão por tópicos ou até mesmo de improviso pode ser bíblico e cristocêntrico.

O príncipe dos pregadores itinerantes era um grande estrategista (cf. 1 Co 9.20- 22). Quando pregava a judeus, sempre baseava sua mensagem nas Escrituras veterotestamentárias. Ao falar aos gentios, usava, conforme a orientação do Paráclito, estratégias diferentes, sem deixar, contudo, de basear-se no que estava escrito no Antigo Testamento e, principalmente, nas palavras do Senhor Jesus.

Chamado ao arrependimento

Depois de apresentar aos atenienses a primeira afirmação do cristianismo bíblico, a de que nossa vida está enraizada e fundamentada no Deus Criador, Paulo fala da necessidade de arrepender-se dos pecados e crer em Jesus Cristo. Os pregadores da Igreja Primitiva sempre concluíam suas mensagens com uma exortação ao arrependimento, independentemente do público (cf. At 2.38; 3.19; 7.51; 10.43).

O príncipe dos pregadores itinerantes não faz nada diferente dos que o antecederam e diz:

Sendo nós, pois, geração de Deus, não havemos de cuidar que a divindade seja semelhante ao ouro, ou à prata, ou à pedra esculpida por artifício e imaginação dos homens. Mas Deus, não tendo em

conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, em todo lugar, que se arrependam (17.29,30).

Não se deve entender o verbo “notificar” (At 17.30, ARA) ou “anunciar” (gr. *apaggello*) como uma intimação divina impossível de ser recusada. Embora se trate de uma ordem expressa — assim como “Arrependei-vos” (Mt 3.1) —, sabemos que Deus não impõe a salvação como se a sua graça fosse irresistível (cf. Hb 10.28,29), mas propõe-na, esperando que o ser humano tome a decisão correta de arrepender-se (Dt 30.19; Mt 7.13,14).

Paulo acusa os seus ouvintes de adorar deuses mortos, que têm “boca, mas não falam; têm olhos, mas não veem; têm ouvidos, mas não ouvem; nariz têm, mas não cheiram. Têm mãos, mas não apalpam; têm pés, mas não andam; nem som algum sai da sua garganta” (Sl 115.5-7). Assim eram os deuses venerados pelos atenienses, os quais pensavam “acerca da natureza divina como se fosse ouro ou prata ou pedra, um trabalho de arte esculpido e meditações ou pensamentos de um ser humano” (HORTON, p. 181; cf. Is 40.18-22; 41.24; 44.9-17; Sl 135.15-18).

Jesus Cristo ressuscitou!

O objetivo de Paulo é claramente convencer os seus ouvintes de que eles ainda ignoravam a existência do Deus verdadeiro, misericordioso e longânimo, que está disposto a perdoá-los, não levando em conta o tempo em que eles viveram nessa ignorância. Em outras palavras, esse tempo

acabou. Hoje, agora, é tempo de julgamento, e eles devem arrepender-se dos seus pecados e crer em Jesus Cristo.

Um chamado ao arrependimento sem citar o Salvador ao qual os pecadores podem chegar-se seria outro tipo de “lei”, e não o evangelho. Por isso, Paulo diz que o Criador “tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do varão que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dos mortos” (At 17.31).

O termo “varão” ou “homem”, aqui, é uma provável referência à humanidade perfeita do Senhor Jesus como Deus-Homem. Paulo decerto tinha em mente o título cristológico “Filho do Homem” — usado por Estêvão perante os judeus em seu sermão apologético (ZIBORDI, 2018b, p. 144) —, o qual não faria nenhum sentido para os atenienses.

De acordo com o relato de Lucas, o sermão de Paulo foi aparentemente um fracasso. A referência à ressurreição deve ter provocado zombaria imediata por parte dos incrédulos epicureus.

E, como ouviram falar da ressurreição dos mortos, uns escarneciam, e outros diziam: Acerca disso te ouviremos outra vez. E assim Paulo saiu do meio deles. Todavia, chegando alguns varões a ele, creram: entre os quais estava Dionísio, o areopagita, e uma mulher por nome Dâmaris, e, com eles, outros (At 17.32-34).

Conclusão “decepcionante”

Paulo foi muito bem recebido em Atenas, mas sua campanha evangelística “não saiu exatamente como uma cruzada de Billy Graham” (BUDZISZEWSKI, p. 49). Por que o príncipe dos pregadores itinerantes foi tão “insensível”? Por que ele tinha de falar de arrependimento e ressurreição a uma plateia de eruditos? Se fosse um pregador *coach*, animador de auditório ou humorista, teria sabido contornar essa situação. Ele estava indo tão bem!

Em nossos dias, em certo sentido, há muita pregação bem-sucedida de um evangelho falsificado e reducionista, como o da prosperidade, amado pelos incautos. Para muitos, o pregador de sucesso é aquele que consegue manipular o auditório, fazer manobras, malabarismos, tudo para atrair multidões. Que engano!

Um conhecido teólogo, bastante citado nesta obra, afirmou ao confrontar as pregações de Paulo com discursos politicamente corretos:

Ouçõ reclamações de pessoas de toda a América que não conseguem encontrar uma igreja onde a pregação seja ousada e acurada. O que encontram em vez disso são práticas de entretenimento, psicologia “pop”, ou algo sobre ética social contemporânea. O evangelho já não é ouvido com clareza. [...] Não queremos ofender as pessoas, então aprendemos a remover a afronta do evangelho para mandar a paz (SPROUL, p. 273–274).

O compromisso de Paulo era com a Palavra de Deus e com o Deus da Palavra.

Ele sabia que o que estava para dizer não seria bem recebido (cf. At 17.30,31). Mesmo assim, ele disse, pois se não fizesse isso, sua pregação, embora talvez bem-sucedida, seria falsa. [...] A verdadeira proclamação do evangelho não deve ser medida só por seus resultados, mas também, e acima de tudo, por sua fidelidade (GONZÁLEZ, p. 244–245).

Quatro Tipos de Ouvinte

O resultado da pregação de Paulo no Areópago pode ser ilustrado pela famosa parábola do semeador, apresentada e explicada pelo Mestre dos mestres (Mt 13.1- 23; Mc 4.1.20; Lc 8.4.15). Primeiro, após afirmar que somente os que estão do lado de dentro conhecem a verdade (Mt 13.11), Jesus ensina que, “tendo eles a ouvido, vem logo Satanás e tira a palavra que foi semeada no coração deles” (Mc 4.15), deixando claro que a semente — a preciosa semente (Sl 126.6) — é a Palavra de Deus.

Quais são as características dessa Boa Semente? Primeiro, ela é perfeita e imutável (1 Pe 1.23-25). Muitos, hoje, enganados, estão buscando tipos especiais de semente, que se adaptem à grande variedade de terrenos, ignorando que a imutável Palavra do Senhor deve ser aplicada a todos os tipos de pessoa (2 Tm 4.1-5). A Palavra que foi “semeada” na pré-modernidade e na modernidade tem a mesma validade para a pós-modernidade (cf. Rm 12.1,2).

Note, contudo, que, na parábola do semeador, a semente não germina se não estiver em boa terra! Embora a salvação seja concedida ao pecador inteiramente pela graça de Deus, é preciso que haja aceitação dela por meio da fé (Dt 30.19; Sl 119.30; Lc 9.23; Ap 22.12). Chama-nos a atenção esses quatro tipos de terreno que recebem a mesma semente, os quais representam, segundo a explicação do Senhor, as várias disposições dos pecadores ante a pregação da Palavra.

Primeiro tipo de terreno: à beira do caminho

Jesus ensinou que o terreno à beira do caminho representa a disposição do coração de quem ouve a Palavra, mas o Diabo tira-lhe isso para que não se salve, mesmo crendo (Lc 8.12). Isso significa que não basta crer no sentido de acreditar. É preciso crer e arrepender-se (Rm 10.9,10; Mc 1.15), e esse arrependimento tem de ser completo; deve abarcar intelecto, sentimento e vontade (cf. Lc 15.17-24).

É preciso crer e entregar-se (Sl 37.5; At 3.19); crer e conhecer (Jo 6.60-69) para que não aconteça com a semente o que Jesus ensinou: “foi pisada, e as aves do céu a comeram” (Lc 8.5). Isso ocorre quando a Palavra de Deus é recebida pelo pecador num momento de empolgação, mas, em razão de ele não se entregar a Jesus completamente, o engano ainda prevalece no seu coração.

Segundo tipo de terreno: pedregoso

Este representa o coração de quem recebe a Palavra, mas não suporta a tentação, a tribulação ou a perseguição e desvia-se do evangelho: “saindo o sol, queimou-se” (Mc 4.6). Observe as características da planta que cresce nesse tipo de terreno: “nascida, secou-se, pois que não tinha umidade” (Lc 8.6). Ou seja, falta água, que alude à ação do Espírito (Is 44.3).

A planta “nasceu logo, porque não tinha terra profunda” (Mc 4.5). Jesus afirma que “são temporãos” (v. 17), isto é, falta engajamento, interesse, da pessoa que recebe a Palavra. E “logo se ofende” (Mt 13.21). A semente chega, portanto, a germinar, havendo até um crescimento inicial da planta, mas ela não suporta o calor do sol e queima-se.

Não se trata de um caso de “quase-salvação”, pois Jesus apresenta esse tipo de terreno como um exemplo de quem não persevera e desvia-se. Observe, inclusive, que o Mestre responsabiliza o desviado por não perseverar: “recebem com alegria [ou prazer, Mc 4.16], mas, como não têm raiz, apenas creem por algum tempo e, no tempo da tentação, se desviam” (Lc 8.13; cf. At 1.25; Ap 3.11).

Terceiro tipo de terreno: espinhoso

A disposição do coração de quem recebe a Palavra e, com o tempo, passa a priorizar os cuidados, riquezas e deleites desta vida é ilustrado pelo terreno espinhoso. Os espinhos que crescem junto com a planta (Lc

8.7) simbolizam os cuidados deste mundo, os enganos das riquezas e as más ambições, que, entrando no coração da pessoa, “sufocam a palavra” (cf. Mc 4.19). Além de germinação, há crescimento! Falta, porém, renúncia, sem a qual ninguém pode permanecer no caminho do Senhor (Lc 9.23).

Estamos, portanto, diante de mais um exemplo de desviado, pelo qual fica claro que Deus não tem prazer em tirar a salvação de ninguém. No entanto, esses males descritos como espinhos, ao crescerem, não apenas sufocam a Boa Semente, como também tornam a planta ou árvore infrutífera com o passar do tempo (Mc 4.19; cf. Lc 12.16-21; 1 Tm 6.10; Mt 6.19-21; Mc 8.36,37). Daí os muitos avisos das Escrituras para perseverarmos até o fim (Mt 24.13; At 13.43; Hb 3.12-14).

Quarto tipo de terreno: boa terra

É uma tendência do ser humano criticar a mensagem ou culpar a Deus. Na cruz, Jesus pronunciou sete frases (as célebres palavras da cruz), e os dois infratores que as ouviram reagiram de modo diferente (Lc 23.33-43). Paulo, o semeador da Boa Semente, pregou a mesma Palavra nas sinagogas de Tessalônica e Bereia, mas os bereanos foram considerados mais nobres que os tessalonicenses, pois examinaram as Escrituras com diligência (At 17.10,11).

Do mesmo modo, no Areópago, esse apóstolo pregou a mesma mensagem a todos. E o que aconteceu? Uns escarneceram. Outros possivelmente se portaram com indiferença e ironia: “te ouviremos outra vez”.

A zombaria dos primeiros é mais eloquente do que a cortesia formal dos segundos. Ambos os grupos, porém, permanecem alheios à proposta de diálogo que apela para uma mudança de perspectiva (FABRIS, p. 345).

Entretanto, alguns creram, como Dionísio, o areopagita, e uma mulher por nome Dâmaris. E, além desses, outros também creram, perfazendo quatro grupos. Talvez, no caso dos dois últimos, houve os que creram e entregaram-se a Jesus de fato, aqueles cujos corações assemelham-se aos tipos de terreno mencionados pelo Senhor na parábola do semeador.

Dionísio era membro do Conselho do Areópago (areopagita), uma pessoa muito importante e formadora de opinião em Atenas. Segundo a tradição, ele foi o primeiro bispo dessa cidade (HORTON, p. 182). Quanto a Dâmaris, era uma mulher igualmente influente. Somente por essas duas conversões, podemos estar certos de que a segunda pregação de Paulo registrada, dirigida a gentios eruditos, não foi um fracasso.

Semeador da Boa Semente

Diante do exposto, o quarto tipo de terreno na parábola do semeador é um exemplo positivo que representa a disposição do coração de quem conserva a Palavra e persevera em servir ao Senhor: “ouvindo a palavra, a conservam num coração honesto e bom e dão fruto com perseverança”

(Lc 8.15). Isso nos ensina que o salvo em Cristo é conservador (2 Tm 1.13,14) e perseverante (Ap 2.10; Mc 13.13; 1 Co 15.1,2).

O mundo de hoje é muito parecido com Atenas. Em alguns lugares, como a universidade, sentimo-nos como se estivéssemos no Areópago. Mas, a exemplo de Paulo, creiam ou deixem de crer, não podemos negar nossa fé. Deus não pôs Moisés ou Elias como Justo Juiz, e sim o seu Filho Unigênito, o Salvador do mundo. Todos os grandes líderes religiosos do passado estão mortos. Quanto a Jesus Cristo, Deus Pai há de julgar o mundo por meio dEle; “e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dos mortos” (At 17.31).

Paulo, que recebeu a indiferença e o escárnio da maioria do público do Areópago como resposta à sua pregação, antes havia sido acusado de ser tagarela e de pregar sobre deuses estranhos porque “lhes anunciava a Jesus e a ressurreição” (At 17.18). Na verdade, quando isso aconteceu, chamaram-no inconscientemente do que ele era, de fato, já que a palavra grega para “tagarela”, como vimos, é *spermologos*, formada pelos termos *sperma*, “semente”, e *lego*, “dizer”.

Sim, ele era semeador da Boa Semente! O termo em apreço, aliás, também pode ser traduzido como “coletor de sementes”, aludindo a quem recolhe fragmentos de conhecimento para, em seguida, espalhá-los. Não era isso mesmo que Paulo fazia? Ele “coletava” uma porção da Boa Semente na presença de Deus e, em seguida, semeava-a (cf. 1 Co 3.6). Por isso, ele podia dizer: “[...] eu recebi do Senhor o que também vos ensinei” (11.23).

Sendo a Palavra de Deus perfeita, a responsabilidade sempre será de quem a recebe: “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida” (Pv 4.23, ARA; cf. Jo 15.1-5; Sl 1.1-3). Sejam os semeadores da Boa Semente! E que nosso coração seja um bom terreno, permitindo que a Palavra de Cristo habite em nós “abundantemente” (Cl 3.16).

Capítulo 3

Precisa-se de Pregadores-modelo

E, logo que chegaram junto dele, disse-lhes: Vós bem sabeis, desde o primeiro dia em que entrei na Ásia, como em todo esse tempo me portei no meio de vós, [...] porque nunca deixei de vos anunciar todo o conselho de Deus.

Atos 20.18,27

Após a pregação de Paulo no Areópago de Atenas, ele continuou a sua jornada pela Grécia, fazendo uma viagem de pouco mais de 70 quilômetros a Corinto, metrópole opulenta, lasciva, idólatra e politizada. Ali também há uma acrópole, conhecida como Acrocorinto, de 500 metros de altitude, onde muitos deuses, como Ártemis e Afrodite, eram cultuados.

Quando Paulo estava na Ásia Menor, ainda por ocasião da segunda expedição evangelística, o Paráclito revelou-lhe a necessidade de passar à Macedônia, mas as perseguições de judeus invejosos levaram-no ao sul. Da mesma forma que Saulo de Tarso contribuiu para a “semeadura” de pregadores em Samaria, Fenícia, Chipre e Síria antes da sua conversão, o ódio dos seus compatriotas “empurraram-no” para Atenas, no sudeste da Grécia, e à Acaia, onde se estabeleceria mais um quartel-general do apóstolo dos gentios.

Neste capítulo, a ênfase recai sobre o grande sermão de Paulo na cidade de Mileto, berço da filosofia pré-socrática de Tales, Anaximandro

e Anaxímenes. Essa terceira pregação registrada por Lucas, além de autobiográfica, é a única dentre as sete constantes de Atos dos Apóstolos que é dirigida a um público cristão: os presbíteros da Igreja de Éfeso.

Quartel-general na Grécia

A Epístola aos Gálatas foi escrita entre o fim da primeira viagem missionária de Paulo e o início da segunda. Se ele tivesse escrito essa carta depois da sua passagem pelas províncias de Macedônia e Acaia, especialmente pela cidade de Corinto, é bem provável que acrescentasse às obras da carne, antes da frase “e coisas semelhantes a estas”, outros tipos de pecado (Gl 5.19-21).

Não por acaso, Paulo apresenta aos coríntios outra lista de obras carnis. Além de pecados antes mencionados, ele também condena algumas perversões bastante comuns no mundo grego:

[...] Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus (1 Co 6.9,10, ARA).

Em Corinto, a imoralidade era tão grande que o provérbio “Viver como um coríntio” era usado para referir-se a quem era devasso ou imoral. Se Paulo ficou extremamente incomodado com a idolatria de Atenas, a situação em Corinto era ainda pior. Na Acrocorinto e em outros templos, mesclavam-se adoração aos falsos deuses e prostituição. Havia

cultos orgíacos a Afrodite e a Apolo — com muita música, poesia e sexo —, dos quais mil prostitutas “sagradas” participavam.

O príncipe dos pregadores itinerantes sabia que, no trato com os coríntios, precisaria de uma abordagem diferente da empregada em Atenas. De nada lhe serviria a polidez e a linguagem rebuscada de um filósofo. Somente a Palavra da Cruz, loucura para os que perecem, exposta com simplicidade, poderia ser usada pelo Espírito Santo para mudar a vida dos moradores de Corinto (cf. 1 Co 1.18-23; 2.1-5).

Nessa cidade, Silas e Timóteo já estavam com Paulo novamente, mas ele também recebeu a ajuda de um casal de ensinadores e parceiros de profissão na confecção de tendas: Priscila e Áquila. Ele precisava ter ao seu lado cooperadores fiéis, pois permaneceria nessa metrópole grega por um bom tempo, “disputando” aos sábados na sinagoga (At 18.1-5).

O príncipe dos pregadores itinerantes repetiu a estratégia de começar pregando a judeus, mas sabia que fora levantado pelo Senhor para anunciar o evangelho especialmente aos gentios. Por isso, ao ser hostilizado pelos seus compatriotas, [...] sacudiu as vestes e disse-lhes: O vosso sangue seja sobre a vossa cabeça; eu estou limpo e, desde agora, parto para os gentios. Ele passou a fazer cultos nas casas, a começar pela residência de Tito (Tício) Justo, vizinho da sinagoga (At 18.6,7).

Para aumentar a revolta dos invejosos, Crispo, o principal da sinagoga, e a sua família creram em Jesus Cristo e foram batizados em água, juntamente com muitos outros coríntios. Insatisfeitos, os inimigos de Paulo conseguiram levá-lo perante o tribunal, mas o procônsul da Acaia, Gálio (Galião), não lhes deu razão e expulsou-os do tribunal (At

18.8-16). O Senhor estava com o seu servo e, em meio a essa grande perseguição, animou-o: “[...] Não temas, mas fala e não te cales; porque eu sou contigo, e ninguém lançará mão de ti para te fazer mal, pois tenho muito povo nesta cidade” (vv. 9,10).

Após “um ano e seis meses” de trabalho (At 18.11), Paulo estava convicto de que Corinto seria o seu quartel-general na Grécia. A essa igreja, apesar de todos os seus problemas, ele escreveu:

Sempre dou graças a [meu] Deus a vosso respeito, a propósito da sua graça, que vos foi dada em Cristo Jesus; porque, em tudo, fostes enriquecidos nele, em toda a palavra e em todo o conhecimento; assim como o testemunho de Cristo tem sido confirmado em vós, de maneira que não vos falte nenhum dom, aguardando vós a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo (1 Co 1.4-7, ARA).

Paulo Era Casado?

Nosso pregador-modelo dirigiu-se, então, à cidade portuária de Cenchreia com Priscila e Áquila (At 18.18), onde se estabeleceu uma igreja cujo membro mais ilustre era Febe. Posteriormente, essa dedicada serva do Senhor teria assumido o encargo de fazer com que a Epístola aos Romanos chegasse aos destinatários (Rm 16.1,2). Por ocasião da terceira expedição evangelística, segundo algumas fontes, Paulo programou o trajeto marítimo da sua viagem a Jerusalém por meio dos “conhecimentos e da experiência dessa mulher cristã” (FABRIS, p. 566).

Essa menção a Priscila e Áquila faz-nos pensar um pouco sobre o estado civil do príncipe dos pregadores itinerantes, já que há indícios no Novo Testamento de que ele foi casado um dia. Diante dessa suposição, se esse apóstolo tinha um casal de cooperadores ao seu lado, por que também não se menciona o nome da sua companheira? Não seria Priscila uma ótima companheira de viagem para a esposa de Paulo?

Acredita-se que Saulo de Tarso, como membro do Sinédrio — supostamente (cf. At 26.10) —, teria sido casado. Especula-se ainda que ele somente poderia aconselhar casais com uma esposa ao seu lado (Ef 5.22-31) e dizer a ministros que devem ser maridos de uma mulher (1 Tm 3.2). Entretanto, o principal indício de que Paulo pode ter sido casado é a pergunta que fez aos crentes de Corinto: “não temos nós o direito de [...] fazer-nos acompanhar de uma mulher irmã, como fazem os demais apóstolos, e os irmãos do Senhor, e Cefas?” (1 Co 9.4,5, ARA).

Não se deve descartar a possibilidade de nosso pregador-modelo ter sido casado. Todavia, é difícil defender a ideia de que ele estava nessa condição quando exerceu o seu tríplice ministério como pregador, apóstolo e mestre dos gentios (1 Tm 2.7). Afinal, por que Lucas omite a presença da companheira de Paulo e, ao mesmo tempo, menciona com destaque outras cooperadoras, especialmente a esposa de Áquila? Como apoiadora desse apóstolo, Priscila naturalmente seria muito próxima da esposa do apóstolo, caso esta estivesse ao seu lado em suas viagens.

O autor de Atos dos Apóstolos reforça, na verdade, o estado civil que o próprio Paulo ostentara ao escrever aos crentes de Corinto:

Quero que todos os homens sejam tais como também eu sou; no entanto, cada um tem de Deus o seu próprio dom; um, na verdade, de um modo; outro, de outro. E aos solteiros e viúvos digo que lhes seria bom se permanecessem no estado em que também eu vivo (1 Co 7.7,8, ARA).

Em outras palavras, ser celibatário é um dom (cf. Mt 19.11,12), e ser casado também! Risos.

Nosso pregador-modelo não era contrário ao matrimônio, embora considerasse pessoalmente que o celibato estivesse mais coerente com a sua especial vocação. Para ele, o casamento era permissível, mas o solteirismo, preferível. Afinal, como ele poderia ser um bom marido, atencioso, bem como um pai protetor nas condições em que exerceu o seu arriscado ministério?

Paulo sabia que líderes cristãos como Pedro se faziam acompanhar das suas esposas nas viagens missionárias, e ele concordava que eles tinham todo o direito de fazê-lo, e de receber sustento das igrejas também para elas. Na verdade, ele alega ter o mesmo direito, mas abria mão de fazer uso dele (BRUCE, 2003, p. 261).

Portanto, mesmo que ele tenha sido casado um dia, é praticamente certo que não tivesse uma companheira ao seu lado durante o exercício do seu ministério.

Voltemos a Cenchreia. Paulo, com Priscila e Áquila, navegou dessa cidade para o leste, através do mar Egeu, a fim de chegarem à metrópole de Éfeso, na província da Ásia. Ali havia um porto muito amplo, um

teatro, um hipódromo e a sua maior atração: o suntuoso templo dedicado a Diana (Ártemis). O casal de ensinadores ficou nessa cidade, e Paulo, apesar do pedido insistente dos judeus, que — surpreendentemente — queriam debater com ele por mais tempo, continuou a sua viagem (At 18.19,20).

Em seguida, ele passou pela famosa ilha de Rodes antes de atravessar o Mediterrâneo e chegar ao porto, entre Jope e Tiro, depois de alguns dias. Desse ponto, escalando alguns montes ao interior, chegou a Jerusalém, de onde partiu, pouco tempo depois, para o seu quartel-general preferido: Antioquia da Síria (At 18.21-23). Estava concluída mais uma expedição missionária.

O que Aprendemos com Paulo e Apolo?

Durante a estadia de Paulo em Antioquia da Síria, após um longo período na Europa, os crentes dessa igreja ouviram as suas pregações pela última vez. Quando voltar da sua terceira viagem missionária, nosso pregador-modelo será detido em Jerusalém, aprisionado em Cesareia por dois anos e deportado para Roma. Valorizemos nossos líderes, pregadores e ensinadores. Não sabemos por quanto tempo estarão conosco!

Após um breve período servindo ao Senhor na sua igreja local e descansando do seu desgastante trabalho em Macedônia e Acaia, o inquieto príncipe dos pregadores itinerantes partiu em mais uma expedição evangelística, “passando sucessivamente pela província da

Galácia e da Frígia, confirmando a todos os discípulos” (At 18.23). E, “tendo passado por todas as regiões superiores, chegou a Éfeso” (19.1).

Enquanto Paulo cumpria a Grande Comissão na região da Galácia, outro pregador itinerante — “instruído no caminho do Senhor; e, fervoroso de espírito” — evangelizava a cidade de Éfeso: Apolo. Esse judeu de Alexandria “eloquente e poderoso nas Escrituras” atuava com ousadia na província da Ásia, embora ainda não conhecesse bem a doutrina e a Pessoa do Espírito Santo (At 18.24,25).

Humilde, Apolo acatou a instrução ponto por ponto do casal de ensinadores Priscila e Áquila, tornou-se um dos três maiores pregadores daquele tempo — ao lado de Paulo e Pedro (cf. 1 Co 1.12; 3.22; 16.12) — e fez uma excelente obra na província da Acaia (At 18.26_28). Ao escrever sobre o trabalho desse pregador, que soube construir sobre o único fundamento, Jesus Cristo, em Corinto, Paulo apresenta-nos algumas lições importantes (cf. 1 Co 3.6-15; 4.6).

Primeira lição: cada um faz a sua parte na obra do Senhor, mas é Ele que dá o crescimento

Em Corinto, Paulo construiu um grande edifício sobre o fundamento, e Apolo deu o acabamento a essa obra. Ou, como disse esse apóstolo dos gentios, usando outra ilustração: “Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus. De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento” (1 Co 3.6,7, ARA).

Cada um de nós recebeu pelo menos três chamamentos da parte do Senhor. O primeiro foi para a salvação, que se destina a todos os pecadores, isto é, a toda a humanidade (Mt 11.28-30), haja vista todos, sem exceção, serem pecadores, carentes da glória de Deus (Lc 5.32; Rm 3.23).

Uma vez salvos, recebemos o chamado para a evangelização, também conhecido como universal, já que todo salvo deve evangelizar de uma ou de outra maneira (1 Pe 2.9,10; 1 Co 9.16-22). O terceiro chamamento é para realizar obras específicas para as quais fomos escolhidos (cf. Ef 4.11; Mc 3.13). Nos casos de Paulo e Apolo, em Corinto, essas obras foram, respectivamente, plantar e regar.

Quando colaboramos uns com os outros, cumprindo cada um o seu ministério (cf. 2 Tm 4.5), Deus dá o crescimento. Ele faz a igreja local prosperar em todos os sentidos: espiritual, numérico e geográfico (cf. At 2.42-47; 6.1-7; 1.8; 8.1-5; 11.19).

Além de a igreja crescer coletivamente, cada crente desenvolve-se como se fosse uma árvore em todas as direções e dá muito fruto (Jo 15.1-5).

Segunda lição: na obra do Senhor, o único grande é Jesus Cristo

A despeito da grandeza do ministério que recebeu do Senhor, o apóstolo dos gentios jamais desprezou Apolo. Aliás, o ministério deste foi profícuo até os últimos dias de Paulo, que, possivelmente na Macedônia — após ter deixado a prisão em Roma —, fez a seguinte recomendação a

Tito: “Encaminha com diligência Zenas, o intérprete da lei, e Apolo, a fim de que não lhes falte coisa alguma” (Tt 3.13, ARA).

Por outro lado, ao enfatizar o importante trabalho de Apolo em Corinto, Paulo asseverou “que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento” (1 Co 3.7). Isso nos ensina que nada somos; o Deus excelso é digno de toda a glória. Quanto a nós, devemos humilhar-nos debaixo da potente mão do Senhor (Sl 138.6; 1 Pe 5.6), que usa as coisas fracas, loucas, vis, desprezíveis e as que não são para confundir as fortes e sábias, além de aniquilar as que são (1 Co 1.27-29).

Terceira lição: cada servo fiel do Senhor receberá o seu galardão

Ainda falando do trabalho cooperativo entre ele e Apolo, Paulo disse aos coríntios: “Ora, o que planta e o que rega são um; mas cada um receberá o seu galardão, segundo o seu trabalho” (1 Co 3.8). Isso nos ensina que todos nós compareceremos ante o Tribunal de Cristo (Rm 14.10; 2 Co 5.10) para receber o prêmio segundo as nossas obras. Por isso, cada servo de Deus deve ver como edifica sobre o fundamento, Jesus Cristo, nossa Rocha (1 Co 3.10-15; 1 Pe 2.4,5).

Quarta lição: somos cooperadores de Deus

Nosso pregador-modelo também disse aos crentes de Corinto que “nós somos cooperadores de Deus; vós sois lavoura de Deus e edifício de Deus” (1 Co 3.9). Pai, Filho e Espírito Santo cooperam entre si; cada um

fez e faz a sua parte. Deus Pai enviou o seu Unigênito (Jo 3.16; Gl 4.4,5), o qual consumou a obra que lhe foi confiada (Jo 17.4,5; 19.30), e o Paráclito é quem convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8-11).

Além de as Pessoas da Trindade trabalharem em conjunto, o Deus trino tem os seus exércitos: os anjos (cf. At 10); a sua Criação (Gn 2); o povo de Israel (1 Sm 17); e a Igreja (2 Tm 2.3,4). Nós também somos cooperadores de Deus e da sua lavoura. Somos árvores plantadas na Casa do Senhor, as quais, nessa “boa terra”, precisam ser regadas e iluminadas pelo sol, o que simboliza a ação do Espírito Santo sobre nossa vida.

Quinta lição: as Escrituras devem ser nossa fonte primacial de autoridade

Finalizando as suas palavras sobre si mesmo e Apolo, Paulo disse aos coríntios que eles deveriam aprender isto: “[...] não ultrapassem o que está escrito; a fim de que ninguém se ensoberbeça a favor de um em detrimento de outro” (1 Co 4.6, ARA). Aparentemente, ele referiu-se a seus próprios escritos, que têm o selo da inspiração divina (cf. 2 Pe 3.15,16). Entretanto, a forma impessoal “está escrito” é comumente usada no Novo Testamento para a citação das Escrituras veterotestamentárias (cf. Mt 4.4-10; Lc 24.46; At 23.5).

Não podemos ir além do que está escrito na Bíblia Sagrada! Ela é a Palavra de Deus e orienta-nos quanto a tudo (Sl 119.105; 2 Tm 3.16,17). Muitos a têm apenas como regra de fé. Ela, no entanto, também deve regular nossas práticas e controlar todo o nosso viver. Se nos orientarmos

pelas suas promessas, mandamentos e princípios, seremos vitoriosos em todas as áreas da vida.

Em um de meus livros, trato dessa questão de maneira pormenorizada, salientando que toda e qualquer experiência deve ser submetida à Palavra de Deus (ZIBORDI, 2006). Não devemos ir além do que está escrito! Embora a Bíblia mencione arrebatamentos em espírito (2 Co 12.1-4; Ap 1), tudo deve ser provado (1 Jo 4.1; 1 Ts 5.21). Mesmo as experiências que envolvam anjos devem ser testadas pela Palavra (Gl 1.8).

Tenho ouvido testemunhos no mínimo exóticos, para não dizer heréticos, e analiso todos eles segundo a Bíblia. Alguns pregadores dizem que receberam mensagens divinas por meio de aves ou animais. Outros afirmam que foram arrebatados ao Céu e falaram com Paulo e Maria. E ainda outros declaram que receberam a revelação daquilo que Deus não revelou na sua Palavra. Que jamais abracemos ensinamentos ou experiências que ultrapassem o que está escrito nas Escrituras!

Quartel-general na Ásia Menor

Antioquia da Síria, onde estava a sua igreja local, era o principal quartel-general de Paulo. Contudo, tendo ele um ministério itinerante, almejava ter outras bases, de onde pudesse ter acesso a várias cidades e cumprir a Grande Comissão. Por isso, quando ele partiu na sua terceira expedição evangelística, a sua primeira grande meta era fazer de Éfeso um centro irradiador do evangelho na província da Ásia.

Para alcançar os seus objetivos, Paulo teria de permanecer nessa cidade por um tempo razoável e estruturar uma igreja que viesse a tornar-se a mãe de outras comunidades cristãs. E ele conseguiu! As igrejas da província da Ásia não são mencionadas em sentido horário em Apocalipse 2-3 por acaso. Todas essas comunidades cristãs — Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia — foram iniciadas e consolidadas pelo apóstolo dos gentios e a sua equipe a partir do seu quartel-general em Éfeso.

Essa cidade era um grande centro da região da Ásia Menor e o mais importante da Ásia Proconsular. Paulo permaneceu na província asiática durante três anos (At 20.31), o dobro do tempo que ficara na Acaia (18.11). Resultado: além de a igreja de Éfeso ter sido a maior comunidade cristã fundada por esse apóstolo, “todos os que habitavam na Ásia ouviram a palavra do Senhor Jesus, tanto judeus como gregos. [...] Assim, a palavra do Senhor crescia poderosamente e prevalecia” (19.10,20).

Quando chegou a Éfeso, Paulo encontrou 12 discípulos de João Batista que, surpreendentemente, nunca tinham ouvido falar do Espírito de Deus! Paulo perguntou-lhes: “Recebestes, porventura, o Espírito Santo quando crestes?”, e eles responderam-lhe: “Pelo contrário, nem mesmo ouvimos que existe o Espírito Santo” (At 19.1,2, ARA).

Eles haviam sido evangelizados por Apolo, que, naquela ocasião, ainda não estava devidamente instruído quanto à doutrina do Paráclito (At 18.24,25). Ele pregava somente o batismo de João Batista — ignorando que este também profetizou acerca de outro Batista, o Senhor Jesus, que batiza com Espírito Santo e com fogo (cf. Mt 3.11) —, privando os

membros daquela nova igreja do poder dinâmico do Espírito Santo, à disposição de todos os salvos em Cristo (At 2.39).

Sem perder tempo, Paulo batizou esses novos-convertidos em nome de Jesus Cristo (At 19.3-5). Aparentemente, ele entendeu que o batismo de João não necessariamente denotava um testemunho público de fé em Jesus; “foi apenas um sinal de arrependimento de pecados [...], não um sinal de nova vida em Cristo”(BARTON, p. 325). Nesse caso, ao confessarem publicamente que Jesus é Senhor e Salvador (cf. Rm 10.9,10), esses 12 homens foram batizados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme ordenou o Senhor (cf. Mt 28.19,20).

Em seguida, Paulo impôs as mãos sobre eles para que fossem revestidos de poder. E, assim que receberam essa maravilhosa dádiva do Paráclito, “falavam línguas e profetizavam” (At 19.6). Ou seja, houve evidência — como em todos os Pentecostes, desde o inaugural em Jerusalém — de que o Espírito Santo fora derramado sobre todos os salvos em Éfeso (cf. 2.4; 10.46; 13.52, etc.).

Como fazia em todas as cidades onde havia sinagoga, Paulo inicialmente pregou de modo ousado a adeptos do judaísmo “por espaço de três meses” (At 19.8). Depois disso, sofreu a costumeira oposição de judeus invejosos, mas, certo de que o Senhor abria-lhe uma grande e eficaz porta (cf. 1 Co 16.7-9), passou a ensinar as Escrituras diariamente “na escola de um certo Tirano”, o que ele fez por cerca de dois anos (At 19.9,10).

Milagres Extraordinários em Éfeso

Em Éfeso, como em toda a Ásia Proconsular, Deus fez maravilhas extraordinárias por meio de Paulo, “de sorte que até os lenços e aventais se levavam do seu corpo aos enfermos, e as enfermidades fugiam deles, e os espíritos malignos saíam” (At 19.11,12). Hoje, milagreiros imitam esse procedimento, vendendo “lenços ungidos” para os incautos. Mas, no caso em apreço, empregou-se um modo extraordinário e excepcional de operação de maravilhas dirigido pelo Espírito Santo, e não algo que possa ser imitado ou transformado em método.

Ainda que o Senhor continue curando enfermos, expulsando demônios e fazendo muitas maravilhas (cf. Mc 16.15-18), há determinados milagres — que foram realizados pelo próprio Senhor Jesus ao andar na terra ou pelas mãos de Pedro e Paulo — que jamais se repetirão. Foram extraordinários, únicos, episódicos, com o propósito específico de glorificar a Deus. Por exemplo, Jesus deu vista a um cego untando os seus olhos com lodo (Jo 9.6-15), e o Espírito Santo usou a sombra de Pedro, bem como os lenços e aventais de Paulo para curar os enfermos e libertar endemoninhados (At 5.15,16; 19.12).

Imagine como seria tragicômica, hoje, a cena de pregadores cuspiendo na terra para formar lodo e aplicá-lo nos olhos de deficientes visuais! Pense como seria espantosa e aparentemente idolátrica para um ministro do evangelho a conduta de distribuir as suas peças de roupa a pessoas enfermas, ou, ainda, passar a própria sombra sobre elas num dia

de sol! Como seria estranho saber que igrejas estão promovendo as campanhas do lodo ungido, da peça de roupa milagrosa ou da sombra mágica!

Lucas deixa claro que “Deus, pelas mãos de Paulo, fazia milagres extraordinários” (At 19.11, ARA). Os novos convertidos de Éfeso, ainda desprovidos de correto entendimento, poderiam facilmente fazer desse apóstolo o centro das atenções, tomando-lhe as peças de roupa para obter curas. Nesse caso em particular, o Espírito Santo atendeu às necessidades das pessoas no nível de entendimento delas.

Os efésios davam grande importância a amuletos e encantamentos [...], e agora, exatamente por esses meios, recebiam a lição de que no Deus de Paulo havia um poder maior, muito maior do que qualquer outro que conhecessem (WILLIAMS, p. 364–365).

Muitos judeus invejavam Paulo por causa do poder que estava sobre a sua vida, o qual eles não compreendiam. Uma demonstração disso é o que aconteceu a sete judeus exorcistas, filhos de um sacerdote chamado Ceva. Meros imitadores, eles pensavam que poderiam expulsar espíritos malignos das vidas das pessoas. No entanto, foram envergonhados ao levarem uma verdadeira surra de um único endemoninhado, que, além de feri-los, os deixou sem roupa (At 19.13-16). Que vergonha!

Esse “papelão” dos filhos de Ceva contribuiu ainda mais para engrandecimento, sobretudo, do nome do Senhor Jesus e da Palavra de Deus em toda a província, mas também serviu para tornar Paulo famoso

e prestigiado entre judeus e gregos (At 19.17-20), haja vista o grande alvoroço que resultou desse acontecimento, muito maior do que ocorrera em Tessalônica por ocasião da segunda viagem missionária (cf. 17.6).

Muitas pessoas ligadas ao ocultismo queimaram os seus livros na presença de todos. Elas converteram-se verdadeiramente ao Senhor a ponto de abrirem mão de bens muito valiosos. No mundo antigo, livros eram caríssimos, feitos à mão sob encomenda. Avaliou-se, então, o que fora queimado em “cinquenta mil peças de prata” (At 19.19), uma soma considerável, já que uma peça (dracma ou denário) era, em muitos casos, o salário usual diário de um trabalhador (cf. Mt 20.2).

Naquela época, a biblioteca de Éfeso era um magnífico edifício, ricamente dotado de livros.

A maioria dos livros que compunham essa biblioteca pertenciam ao ocultismo, livros que prometiam poder sobre a natureza e doenças. Contudo, as pessoas foram tão atingidas em suas consciências pela verdade real e o falsificado, e assim buscavam os livros pelos quais haviam gasto muito dinheiro e os queimavam (SPROUL, p. 301).

Mais um Grande Alvoroço

Quando se preparava para deixar Éfeso, Paulo teve de enfrentar mais um grande alvoroço, decorrente do prejuízo que a conversão de muitos causou aos artífices e comerciantes que promoviam o culto à deusa Diana (Ártemis). O líder do motim era Demétrio, que fabricava e vendia todo tipo de relicário idolátrico. Houve um grande levante contra nosso

pregador-modelo, que, precavido, pediu a Timóteo e Erasto que fossem os seus precursores na Macedônia (At 19.22-27).

Leal aos seus companheiros Gaio e Aristarco, que corriam o risco de ser linchados por uma multidão ensandecida e confusa, Paulo fez de tudo para ajudá-los e escapou por pouco da morte. Deus interveio, e o escrivão da cidade, conhecendo bem o seu povo e valendo-se de habilidade política, acalmou a multidão, que se dissipou (At 19.28-41). Assim que cessaram o barulho e o tumulto, o apóstolo dos gentios despediu-se dos irmãos e viajou para Macedônia e Grécia a fim de visitar as igrejas de Filipos, Tessalônica, Bereia e Corinto.

Antes de partir, ele transmitiu, como se supõe, a sua última exortação à Igreja de Éfeso (At 20.1-3). Mais tarde, ela receberá outra mensagem desse apóstolo, porém através dos seus porta-vozes, os presbíteros que irão a Mileto. Entretanto, pelo que se infere das Epístolas Pastorais, Paulo, o prisioneiro de Cristo, voltou a Éfeso logo após enfrentar dois anos de prisão em Roma (cf. 1 Tm 1.3; 2 Tm 4.11- 20).

Cumprida a missão na província da Ásia, ele iniciou a sua viagem a Jerusalém. O seu objetivo era reunir-se com os apóstolos na igreja-mãe por ocasião da festa de Pentecostes, quando os crentes de Judeia, Samaria, etc. estariam reunidos. Ele queria entregar aos pobres uma grande oferta que vinha coletando durante a sua estadia na Europa (Macedônia e Acaia) e também desejava, sem dúvida, voltar a Antioquia da Síria, o seu primeiro quartel-general, para empreender uma nova viagem missionária, dessa vez a Roma (cf. At 19.21; 20.16).

Lucas descreve uma longa viagem, pela qual o apóstolo Paulo e a sua comitiva foram de um continente a outro através de várias províncias (Ásia, Macedônia, Acaia), indo e voltando, em apenas seis versículos (At 20.1-6). Embora “tenha decidido ir a Jerusalém, ele não viaja diretamente para essa cidade, que fica na direção leste, mas, antes, segue na direção [...] da Macedônia e da Grécia” (GONZÁLEZ, p. 279).

Preocupado com a situação das igrejas, Paulo enviara Timóteo à Macedônia, e Tito a Corinto. A caminho da Europa, passou por algumas igrejas que fundou na Ásia, tendo “atravessado aquelas terras” (At 20.2, ARA) até chegar a Trôade, onde esperava ansiosamente reencontrar Tito (2 Co 2.12,13). Não podendo esperá-lo por muito tempo, embarcou para a Macedônia. Depreende-se que, nesse trajeto, “começou um trabalho promissor pelo menos em Trôade, prematuramente interrompido por causa de sua intensa preocupação pelos coríntios” (BOOR, p. 289).

O que É o Espinho na Carne?

Paulo chegou, então, a Filipos e alegrou-se, em parte, ao reencontrar o seu companheiro Timóteo. Depois de alguns dias, ainda na Macedônia, viu a Tito, o que lhe trouxe maior consolação (2 Co 7.5-14; 8.6; 12.18). A sua alegria em revê-los foi muito grande, pois, naqueles dias, havia muitos riscos para quem viajava. Mas logo o príncipe dos pregadores itinerantes daria ao seu fiel cooperador Tito a dúplice missão de entregar a última carta a todos os crentes da Acaia (especialmente os de Corinto), a qual

denominamos 2 Coríntios, e ajudar os crentes dali com a coleta de donativos (1.1; 8.16-24).

É nessa última carta aos crentes de Corinto que nosso pregador-modelo menciona o seu polêmico “espinho na carne”, permitido por Deus para que não se exaltasse “pelas experiências das revelações”. O termo “espinho” (gr. *skólops*, “estaca”) alude à provação extrema, já que, no grego clássico, é usado para descrever empalações e mortes violentas por meio de estacas. O próprio Paulo refere-se a essa “estaca” como “um mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de não me exaltar” (2 Co 12.7).

Pensemos no contexto dessa passagem bíblica quando Paulo estava na Macedônia revisitando as igrejas que fundou durante a sua segunda expedição missionária. Não faria sentido afirmar, como se supõe, que esse “mensageiro” (gr. *aggelos*) da parte de Satanás é Alexandre, o latoeiro, inimigo que esse apóstolo só mencionaria na sua última carta momentos antes de morrer (2 Tm 4.14).

Ademais, a maneira como Paulo descreve tal “mensageiro”, dizendo que o “esbofeteava” para que não se gloriasse, sugere que não se trata de uma pessoa, e sim de um emissário do mal (cf. Ef 6.10,11) ou algum tipo de tentação permitida pelo Senhor para prová-lo (cf. Gl 4.14). Nesse caso, também podemos descartar algum falso apóstolo dentre os muitos judaizantes que atuavam em Acaia, Macedônia ou Ásia Menor (cf. 2 Co 11; Gl 1.7-9).

O que ou quem seria, ao fim e ao cabo, esse “espinho na carne”? Alguns eruditos têm sugerido que, possivelmente, era uma enfermidade,

haja vista ser um mal na “carne” (gr. *sarx*), isto é, no corpo de Paulo. Essa interpretação é viável — não comprovável —, se considerarmos que, em sua primeira epístola, Gálatas (escrita, como se supõe, entre o fim da primeira viagem missionária e o início da segunda), ele afirma que anunciou o evangelho “estando em fraqueza da carne” (Gl 4.13; cf. 1 Co 2.3).

É inútil, diante do exposto, exigir do Novo Testamento uma resposta conclusiva quanto à natureza dessa “estaca” que o Senhor não quis remover de Paulo; mas uma coisa é certa:

(...) essa experiência serviu de ensejo para manifestar a sua graça, a qual Paulo achou suficiente [...]. Através dessa dura prova, a integridade e a fidelidade desse apóstolo manifestaram-se brilhantemente, enquanto ele se gloriou nas suas fraquezas, a fim de que o poder de Cristo habitasse nele (BOYD, p. 123).

Finalmente, está claro que Deus abriu grandes e eficazes portas para o príncipe dos pregadores itinerantes na sua terceira viagem missionária, o que despertou a fúria do Inimigo e dos seus emissários (1 Co 16.9; 2 Co 2.12). Assim como no caso do patriarca Jó, o Senhor deu permissão para as forças do mal levantarem-se contra o seu servo para prová-lo (cf. Jó 2.7); mas, em ambos os casos, a graça de Deus foi maior do que qualquer fraqueza (cf. 2 Co 12.7-10)!

Revisitando Igrejas

O Reino de Deus estava expandindo-se por toda parte. Pedro (Cefas), à época, também era um pregador itinerante, que aparentemente passara por Corinto. O mesmo se aplica a Apolo (1 Co 1.12; 3.22; 9.5). As igrejas, especialmente nos grandes centros, sempre recebiam a visita de renomados pregadores; o principal deles era Paulo, que, ao deixar Filipos, se dirigiu novamente a Tessalônica e Bereia, passando por Anfípolis e Apolônia.

Ao deixar para trás Bereia, passou novamente por Atenas até chegar ao sul da Grécia (gr. *Hellas*), mencionada textualmente apenas em Atos 20.2. Alguns eruditos acreditam que “Grécia”, aqui, seja sinônimo de Acaia. No entanto, como Paulo menciona o Ilírico e Nicópolis em suas cartas (cf. Rm 15.19; Tt 3.12), é possível que Lucas tenha usado um termo mais abrangente para indicar que o príncipe dos pregadores itinerantes visitou outros lugares gregos além de Acaia, na parte sul da península.

Que paisagens maravilhosas estavam diante dos seus olhos! E que lembranças! Não fazia muito tempo que Paulo discursara no meio do Areópago! Tudo ainda estava muito vivo na sua mente. Chegando a Corinto, hospedou-se por três meses na casa de um obreiro latino abastado, Gaio, tempo suficiente para escrever, com a ajuda do amanuense Tércio, a maravilhosa Epístola aos Romanos (At 20.3; cf. Rm 16.22,23; 1 Co 1.14).

Depois disso, ele iniciaria a viagem a Jerusalém, propriamente dita, cuja finalidade principal era levar a mencionada oferta levantada junto às

igrejas de Macedônia e Acaia para os pobres cadastrados pela igreja-mãe (Rm 15.25,26). Por isso, Paulo formou uma comitiva de sete delegados: “Sópatro, de Bereia, e, dos de Tessalônica, Aristarco e Segundo, e Gaio, de Derbe, e Timóteo, e, dos da Ásia, Tíquico e Trófimo” (At 20.4).

Sete Notáveis

A intenção original de Paulo era enviar esses sete delegados a Jerusalém (1 Co 16.1,2), mas também deixou em aberto a possibilidade de liderar essa delegação, assumindo a responsabilidade pelo dinheiro arrecadado pelas igrejas da Acaia: “se valer a pena que eu também vá, irão comigo” (v. 4). Alguém poderá pensar: “Por que tantos homens para levar donativos aos pobres?”. Administrar a oferta do povo de Deus é coisa séria!

No início da Igreja, elegeram-se sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria para “servir às mesas” (At 6.2, ARA), que também significava administrar o dinheiro arrecadado para as viúvas (ZIBORDI, 2018b, p. 35). Agora, Paulo, a exemplo dos apóstolos, escolhe sete notáveis para auxiliá-lo na tarefa de levar a coleta de fundos a Jerusalém.

Sópatro, filho de Pirro (cf. ARA), de Bereia, talvez seja outro nome de Sosípatro, que estava com Paulo em Corinto quando este escreveu a Epístola aos Romanos (cf. 16.21). Os representantes de Tessalônica eram Aristarco, uma das vítimas do tumulto em Éfeso (At 19.29), o qual estava

sempre ao lado de Paulo, inclusive na prisão em Roma (27.2; Cl 4.10; Fm v. 24), e Segundo, que é o terceiro (risos) na lista dos sete delegados. Gaio e Timóteo — um dos personagens mais conhecidos do Novo Testamento — eram gálatas. No entanto, de acordo com alguns manuscritos, o primeiro era de Doberus (Doberes), cidadezinha macedônia próxima a Filipos, e não de Derbe. Nesse caso, ele seria a outra vítima do tumulto em Éfeso (WILLIAMS, p. 377).

As igrejas da Ásia também tinham dois representantes. Tíquico, muito mencionado nas últimas epístolas paulinas como o “carteiro de Paulo” (Ef 6.21; Cl 4.7; Tt 3.12; 2 Tm 4.12). E Trófimo, famoso por ter sido envolvido em uma polêmica no Templo em Jerusalém (At 21.29), o qual, nos últimos dias de Paulo, foi deixado enfermo em Mileto (2 Tm 4.20). Se esse apóstolo fosse um guru da Confissão Positiva, teria determinado a cura de Trófimo, mas ele era “apenas” um servo do Senhor Jesus Cristo!

Paulo e esses sete notáveis deveriam embarcar todos em Cencreia, porto oriental de Corinto, com destino a Trôade. Ele, porém, mudou de ideia e quis viajar a pé porque temia as ciladas dos judeus, haja vista levar consigo o dinheiro arrecadado para os pobres da igreja-mãe. Judeus invejosos prepararam uma conspiração contra ele. Quanto aos delegados, foram orientados a obedecer ao plano original e tomaram o navio.

Guiado pelo Espírito (At 20.22,23), o príncipe dos pregadores itinerantes começou a sua viagem a Jerusalém por terra, pelo mesmo caminho que tomara três meses antes, e revisitou as igrejas da Macedônia: Bereia, Tessalônica e Filipos. Possivelmente com Tito e outro colaborador,

tomou a estrada que sai do norte para Atenas e seguiu ao longo da costa ocidental do mar Egeu até chegar à via Ignácia.

Páscoa em Filipos, Ceia em Trôade

Esse novo percurso, além de permitir-lhe visitar as comunidades cristãs da Macedônia, ofereceu-lhe a oportunidade de evangelizar mais gente (At 20.3-6). É possível que ele tenha passado por outros lugares, em cidades ao oeste daquelas visitadas na viagem anterior, desde que, em Romanos 15.19, ele pregou fartamente o evangelho indo até Ilírico (Dalmácia), ao noroeste da Macedônia (HORTON, p. 204).

Ao passar por Filipos, Paulo ainda teve tempo de participar da Páscoa antes de embarcar em Neápolis para Trôade, onde celebraria a Ceia do Senhor (At 20.6,7). Alguns teólogos afirmam que essa menção aos “dias dos pães asmos” é meramente cronológica, já que não teria sentido esse apóstolo celebrar a Páscoa numa igreja gentílica (BOOR, p. 291). Ele, contudo, ainda observava o antigo rito. A partir “de 1 Coríntios 5.7ss podemos ver um pouco do novo conteúdo que Paulo lhe acrescentava — Páscoa judaica tornava-se a Páscoa cristã” (WILLIAMS, p. 378).

Páscoa e Pentecostes, aliás, eram duas festas que a Igreja Primitiva prezava, porém sob uma nova perspectiva. A segunda, obviamente, em razão do derramamento inaugural do Espírito Santo no dia de Pentecostes (At 2.1-13). Quanto à Páscoa, como vimos, era uma ocasião para os cristãos recordarem-se da gloriosa morte expiatória do Cordeiro de Deus (1 Co

5.7), bem como da sua ressurreição, considerando que Ele ressuscitou no domingo após o sábado pascoal.

Quase dez anos tinham passado desde o primeiro contato do príncipe dos pregadores itinerantes com Trôade, cidadezinha cujo porto liga os continentes asiático e europeu (cf. At 16.8). Radiante por reencontrar os seus companheiros que haviam partido antes, Paulo permaneceu por sete dias ali e ensinou a Palavra de Deus em um cenáculo com muitas lâmpadas a óleo. Essa iluminação, que muitos consideram exagerada, era uma exigência da lei romana, que proibia a realização de reuniões em lugares secretos.

As lâmpadas do cenáculo eram, basicamente, tochas usadas para iluminar o recinto de modo que as pessoas pudessem enxergar. Elas, no entanto, também aqueciam o ambiente e consumiam muito oxigênio, espalhando um véu de fumaça no ar em um local onde possivelmente havia “tapetes e esteiras para se sentar, alguns divãs para os hóspedes e uma mesa para refeição” (FABRIS, p. 569).

Creio que seja interessante abrir um pequeno parêntese aqui para mencionar uma nova moda que tenho observado em vários lugares: pintar o interior dos templos de uma cor escura, especialmente a preta, assemelhando-os a locais para *show*. Esse tipo de pintura em ambientes como teatros, cinemas e casas de espetáculo induz os espectadores a direcionarem a sua atenção para o palco.

Nos templos, serve para destacar o palco em que o pastor, o dirigente do culto e os músicos são vistos com suas calças coladas

[no corpo], suas camisas atraentes, suas tatuagens e colares, o que traz implícita a ideia de *show* (SOUZA, 2018).

Vivemos em dias de ostentação de todo tipo. Todavia, o que deve estar sob “holofotes” é a Palavra de Deus! Culto não é *show*! Púlpito não é palco! Pregador não é um astro! Se o príncipe dos pregadores itinerantes vivesse em nossos dias, não tenho dúvida de que desejaria pregar em lugares bem iluminados. O que deve ter destaque é o evangelho! Não por acaso, Paulo disse aos coríntios:

Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria [...] para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus (1 Co 2.1,5, ARA).

No primeiro dia da semana, antes da Ceia do Senhor, ocorreu, nesse mesmo cenáculo alugado ou emprestado, que comportava umas 50 pessoas, um famoso episódio. O célebre Êutico — o rapaz que dormiu no culto durante a pregação de Paulo! —, possivelmente buscando um pouco de ar fresco, caiu da janela e morreu, mas Deus deu-lhe vida por meio da intercessão desse apóstolo.

Alguns eruditos acreditam que esse culto no cenáculo ocorreu no sábado, e não no domingo, haja vista considerarem a contagem judaica. Entretanto, visto que Lucas refere-se ao “amanhecer” como sendo “o dia seguinte” (cf. At 20.7-11), “parece que estava usando a contagem romana,

segundo a qual a meia-noite e, na verdade, o nascer do sol marcavam o começo do novo dia” (WILLIAMS, p. 379). Além disso, o “domingo era conhecido desde o início como o Dia do Senhor” (SPROUL, p. 308).

Também é possível que o culto no qual Paulo ministrou a Palavra tenha sido uma vigília, que começou no sábado à noite e estendeu-se até o domingo. Há ampla evidência de que, pelo menos, por volta do século II, os cristãos celebravam a ressurreição do Senhor reunindo-se em uma longa vigília, que começava na noite de sábado e terminava com batismos e o partir do pão na manhã de domingo bem cedo (GONZÁLEZ, p. 280).

Esse episódio mostra que a Igreja nascente já adotava o domingo como o seu dia de reuniões especiais. Isso não significa que ela guardava o domingo da mesma forma como os judeus santificam o sábado. Embora guardemos o domingo, por assim dizer, como um dia de adoração, estudo da Palavra e evangelização, etc., este jamais terá para nós o mesmo peso que o sábado tem para os israelitas. O cristianismo não é cerimonialista como o judaísmo (cf. Gl 4). Após a crucificação de Jesus, todas as exigências cerimoniais da Lei tornaram-se inócuas e descartáveis (Cl 2.14-16).

Pregador do Evangelho, e não Milagreiro

O curioso, no caso de Êutico, é que ele adormeceu e caiu da janela porque o pregador “alargou a prática até à meia-noite” (At 20.7). Como foi possível alguém ter dormido enquanto Paulo pregava? Esse episódio mostra que os pregadores não são supercrentes dotados de poderes especiais. Eles são seres humanos. Mesmo nosso pregador-modelo, retratado aqui como o maior pregador da Igreja Primitiva, foi capaz de fazer alguém da sua plateia dormir!

Por outro lado, o fato de Êutico ter dormido durante a exposição da Palavra não deve ser visto em termos morais, e sim anotado como um fato natural. “Um jovem que trabalhou o dia todo simplesmente adormece quando um discurso se prolonga até perto da meia-noite” (BOOR, p. 291). Paulo, inclusive, depois do seu extenso discurso e da Ceia do Senhor, “ainda lhes falou largamente até à alvorada” (At 20.11).

Como ele gostava de pregar e ensinar as Escrituras! E que povo amante da exposição da Palavra! Precisamos de ensinadores como Paulo; e de crentes como os de Trôade, inclusive Êutico, sempre tomado como exemplo negativo, mas que estava ali, na presença de Deus, mesmo depois de um dia de trabalho pesado! Lembremo-nos de que a vida não era nada fácil naqueles dias e de que os patrões gentios em Trôade nada sabiam sobre o descanso do sábado.

Êutico estava assentado no peitoril ou parapeito da janela. E, ao cair do terceiro andar (cerca de 5 metros), morreu, mas Jesus ressuscitou-o (At 20.7-12). Ao ser usado por Deus para levantar o jovem, Paulo colocou-se

mais uma vez na vanguarda dos pregadores itinerantes que operaram milagres, ao lado do próprio Senhor Jesus (Lc 7.11-15; 8.49-56) e de Pedro (At 9.36-41).

Em Listra, por ocasião da primeira expedição missionária, quando um homem leso dos pés foi curado, os gentios chamaram Paulo de Hermes (Mercúrio) e quiseram sacrificar animais a ele e a Barnabé, acreditando, também, que este fosse Zeus (Júpiter). No caso da ressurreição de Êutico, não houve alarde; tudo transcorreu de modo contido e simples, como se o ocorrido fosse apenas um intervalo ou momento de *coffee break*. Isso mostra que a igreja gentílica de Trôade fora ensinada a dar toda a glória ao Senhor Jesus.

Nos dias de hoje, muitos milagreiros que gostam de “holofotes” dizem: “Filma aqui”. Paulo não recebia glória dos homens! Veja como Barnabé e ele portaram-se em Listra, por ocasião da segunda expedição missionária:

Ouvindo, porém, isto os apóstolos Barnabé e Paulo, rasgaram as suas vestes e saltaram para o meio da multidão, clamando e dizendo: Varões, por que fazeis essas coisas? Nós também somos homens como vós, sujeitos às mesmas paixões, e vos anunciamos que vos convertais dessas vaidades ao Deus vivo, que fez o céu, e a terra, e o mar, e tudo quanto há neles (At 14.14,15).

O autor de Atos dos Apóstolos registra apenas um trecho pequeno da pregação de Paulo aos moradores de Listra.

Ele achou por bem não relatar o fato integralmente. Seus leitores já haviam ouvido o evangelho em sermões anteriores. Lucas prefere relatar o que é distintivo neste sermão, isto é, o argumento de Paulo quanto à existência de Deus (WILLIAMS, p. 279).

Paulo ainda diz em Listra, que Deus, nos tempos passados, deixou andar todos os povos em seus próprios caminhos; contudo, não se deixou a si mesmo sem testemunho, beneficiando-vos lá do céu, dando-vos chuvas e tempos frutíferos, enchendo de mantimento e de alegria o vosso coração (At 14.16,17).

Em momento algum, esse apóstolo quis receber a glória dos homens por causa do milagre que ocorrera. Pelo contrário, ele continuou pregando o evangelho, anunciando o Deus vivo e dando-lhe toda a glória. Que exemplo!

Muitos pregadores dizem que foram chamados para pregar milagres, o que é um grande contrassenso se considerarmos que estes são uma consequência ou o efeito da evangelização, e não o objeto da pregação (Mc 16.15-20). Na ressurreição de Êutico, ocorrida em Trôade, e na cura do paralítico, lá em Listra, vemos que Paulo deu o exemplo de como um pregador itinerante deve agir quando Deus opera maravilhas. Que toda a glória seja dada ao maravilhoso nome de Jesus!

A Caminho de Jerusalém

Em Trôade, o incansável Paulo — logo depois de ensinar a Palavra até que a luz do sol entrasse pelas pequenas janelas do cenáculo —, partiu

a pé para Assôs, cidade marítima do mar Egeu. Pelo mar, embora a distância fosse maior, ganhava-se tempo, mas esse apóstolo preferiu ir andando enquanto os seus companheiros viajaram de navio.

Assôs localiza-se ao sul de Trôade. A estrada romana que liga essas duas cidades percorre na direção sul, por uns 30 quilômetros, a planície costeira e, deixando à direita o promontório do cabo Lecton, chega depois de uns 15 quilômetros a Assôs, nos arredores da aldeia atual de Behram Kale, na embocadura do golfo de Edremit, exatamente diante da ilha de Lesbos (FABRIS, p. 572).

Paulo teve tempo suficiente para contemplar lindas paisagens, como a bela ilha de Lesbos, cercada por águas cristalinas, e principalmente para buscar a Deus, preparando-se para o que enfrentaria nos próximos dois anos. Pouco depois ele disse aos anciãos efésios que em cada cidade o Espírito Santo testemunhava que prisões (grilhões) e aflições (perseguição, sofrimento) o esperavam em Jerusalém. Sem dúvida, Paulo precisava desse tempo a sós para resolver com Deus a ida a Jerusalém (HORTON, p. 205).

Por conseguinte, não seria nenhum exagero presumir que nosso pregador- modelo resolveu caminhar até Assôs para ter um dia de sossego ininterrupto, sem, no entanto, perder tempo para sua viagem. Quantas coisas havia para refletir e orar; todo o enorme campo de trabalho, no qual havia “terminado” sua atividade [...], e Jerusalém, Roma e Espanha descortinando-se diante dele de modo ameaçador e convocador (Rm 15.22-32) (BOOR, p. 292).

De Assôs, navegaram para Mitilene, capital da ilha de Lesbos, a quase 50 quilômetros dali, de onde partiram para Quios. Ali pernoitaram para continuar a viagem até a ilha de Samos. Em seguida, partiram para Trogílio (ou Trógilo), uma península na costa da Ásia Menor. Estando já bem próximos de Éfeso, Paulo preferiu passar adiante “para não gastar tempo na Ásia. Apressava-se, pois, para estar, se lhe fosse possível, em Jerusalém no dia de Pentecostes” (At 20.13-16).

Por que ele queria estar em Jerusalém no dia de Pentecostes? Como se tratava de uma data importante para a cristandade, quando cristãos de cidades adjacentes visitavam a igreja-mãe, seria oportuno entregar-lhe a oferta das igrejas de Macedônia e Acaia. Por outro lado, havia muitos riscos: a cidade também estaria cheia de detratores desse apóstolo, judeus invejosos vindos de toda a parte. Paulo, entretanto, não tinha o que temer, pois tinha convicção de que essa viagem fora dirigida pelo Espírito Santo (At 20.22,23).

Alguns críticos dizem que ele teria poupado uns dois dias da sua viagem se tivesse ido diretamente a Éfeso. No entanto, se hoje já não é fácil programar viagens mesmo com modernos meios de transporte, como seria nos tempos desse apóstolo? Como se sabe, o itinerário dos navios de cabotagem curta nem sempre coincide com o programa de viagem. Talvez não houvesse navios que, partindo de Assôs, fizessem escala em Éfeso. [...] Ou devemos supor que Paulo não queria aparecer em Éfeso, onde alguns meses antes ocorrera o perigo de ser condenado? (FABRIS, p. 573).

Finalmente, no dia seguinte, Paulo chegou ao palco do seu terceiro sermão registrado em Atos dos Apóstolos: Mileto. Essa histórica cidade,

então eclipsada comercial e politicamente por Éfeso, pertencia à província romana da Ásia. Não fosse por esse célebre sermão paulino, nunca lembraríamos dela como importante para a História da Igreja, já que, aparentemente, não entrou no raio de ação missionária do príncipe dos pregadores itinerantes.

Terceiro Sermão de Paulo em Atos dos Apóstolos

Havia a possibilidade real de Paulo ser preso em Jerusalém, o que significaria o encerramento da sua atividade missionária e pastoral na Ásia Menor. Por isso, ele não podia continuar a sua viagem sem, antes, transmitir uma última mensagem aos líderes da comunidade cristã em Éfeso, a qual já era o centro irradiador do evangelho naquela região. Ele, então, enviou um ou mais dos seus obreiros a essa cidade para trazer de lá os presbíteros (gr. *presbyteroi*, “os anciãos”) da igreja (At 20.17).

Essa viagem de ida e volta levaria, pelo menos, três dias. Por isso, podemos supor que “Paulo aproveitou a oportunidade, enquanto o navio estava sendo descarregado e carregado de novo, para encontrar-se com os presbíteros” (GONZÁLEZ, p. 283). Tudo seria facilitado se houvesse *smartphone*, *e-mail*, mensagens eletrônicas, etc. Mas, naquele tempo, tudo era mais difícil...

Introdução aparentemente imodesta

Nessa importante pregação autobiográfica, ministrada possivelmente na casa de algum crente de Mileto, o príncipe dos pregadores itinerantes segue o modelo típico dos discursos de despedida conhecidos na tradição judaica. Ele faz um balanço da própria vida e dá as últimas instruções e normas testamentárias (FABRIS, p. 575).

Paulo inicia a sua prédica de modo aparentemente imodesto, chamando a atenção para o seu porte: “[...] Vós bem sabeis, desde o primeiro dia em que entrei na Ásia, como em todo esse tempo me portei no meio de vós” (At 20.18). Ele, contudo, não queria exaltar-se, pois afirma logo em seguida que, durante o tempo em que esteve na Ásia, sempre serviu “ao Senhor com toda a humildade” (v. 19).

O príncipe dos pregadores itinerantes sabe que o Senhor Jesus colocou-o como um modelo a ser imitado, um paradigma para o povo de Deus (Fp 3.17; 1 Co 11.1). Por isso, ele não entrega aos presbíteros uma “ética cristã”, mas lega-lhes o seu exemplo. Com certeza o exemplo do dirigente da grande e trabalhosa missão, que não aceitava sustento da igreja, mas adquiria com seus companheiros o mais necessário através do trabalho manual, era poderoso (BOOR, p. 300).

Modelo de pregador que serve ao Senhor

O apelo de Paulo à memória dos presbíteros de Éfeso é traço familiar nas suas epístolas. Ele usa com frequência expressões para levar os seus

destinatários originais à lembrança de como trabalhou entre eles (cf. Fp 4.15; Cl 1.6; 1 Ts 2.1,5,10). Destacam-se três aspectos do seu serviço ao Senhor: humildade, lágrimas e provações.

Primeiro, Paulo coloca-se como exemplo de servo humilde de Jesus Cristo (cf. Rm 1.1) num mundo em que a humildade não é considerada uma virtude, e sim uma qualidade reservada apenas aos escravos. A mesma expressão que ora emprega a seu respeito ante os presbíteros de Éfeso ele usará nas Epístolas da Prisão: “Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis [...] com toda a humildade” (Ef 4.1,2; cf. Cl 3.12; Fp 2.3).

Desde os tempos da sua ignorância, quando era um zeloso fariseu, Paulo “servia” a Deus segundo o judaísmo, mas não conhecia Jesus Cristo (At 22.3). Ele pensava que era um servo do Senhor, porém era soberbo. Somente depois que se deparou com o Salvador a caminho de Damasco, começou a servi-lo no seu espírito (Rm 1.1,9), dando-lhe toda a glória (1 Co 9.16; Gl 2.20; At 14.11-18).

Paulo serve a Deus com humildade e, também, [...] com muitas lágrimas e tentações que, pelas ciladas dos judeus, me sobrevieram; como nada, que útil seja, deixei de vos anunciar e ensinar publicamente e pelas casas, testificando, tanto aos judeus como aos gregos, a conversão a Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo (At 20.19-21).

Quando analisamos a vida de Paulo como um todo, vemos que essas “muitas lágrimas” não foram derramadas prioritariamente por causa das suas provações e tentações, as quais lhe eram, na verdade, uma fonte de alegria (2 Co 4.8-17). Ele chorava principalmente pelo sofrimento alheio —

por causa dos irmãos “em Cristo” que enfrentavam aflições (cf. v. 31; Rm 9.2; 2 Co 2.4; Fp 3.18) e por causa das pessoas sem Cristo que viviam num mundo “sem esperança e sem Deus” (Ef 2.12) (WILLIAMS, p. 384).

Tudo o que está dizendo é verdadeiro, pois todas as coisas que fez na Ásia são públicas e notórias. Ele pregou e ensinou na escola de Tirano, por exemplo, e nas casas dos irmãos, e o conteúdo das suas ministrações está em perfeita sintonia com a ordem de Jesus antes da sua ascensão: “que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações” (Lc 24.47, ARA).

Simplesmente por uma questão de preferência vocabular, Paulo emprega o termo “conversão a Deus” em lugar de “arrependimento”. Este não é muito usado por esse apóstolo nos seus sermões; “faz mais parte do vocabulário de Lucas, mas serve como equivalente do uso que Paulo faz de ‘conversão’ (1 Ts 1.9)” (MARSHALL, p. 309).

Modelo de pregador do evangelho

Ao dizer que testificou “tanto aos judeus como aos gregos, a conversão a Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo” (At 20.21), Paulo deixa claro que pregava um evangelho completo a todos. Sua ação é dirigida a dois grupos distintos por razões étnico-religiosas. Em relação aos judeus, a proclamação do evangelho visa à profissão de fé em Jesus Senhor, enquanto os pagãos são chamados à conversão ao único Deus (FABRIS, p. 576).

Ele prega “a fé em nosso Senhor Jesus Cristo”, isto é, apresenta Jesus não somente como Salvador, mas também como Senhor e Cristo. A sua pregação é, como diríamos hoje, politicamente incorreta, pois confronta o senhorio do imperador romano, ao mesmo tempo em que instiga os judeus a aceitarem que o Nazareno é o Messias prometido.

Pregar a conversão a Deus tanto a judeus como a gentios significa pregar a mensagem de arrependimento a todos (At 20.21, ARA). Paulo salienta, portanto, que ambos os grupos estão “mortos para Deus”, precisando salvar-se “desta geração perversa” (cf. Ef 2.3; At 2.40), e essa salvação é viável de modo imediato e sem o desvio pela Lei. “Isso significa, inicialmente para rebater os judaístas: o grego não precisa tornar-se judeu antes que possa alcançar a salvação” (BOOR, p. 296).

Hoje, há muitos pregadores itinerantes que ignoram a necessidade de arrependimento. Dizem que isso é obra exclusiva do Espírito Santo e que pregar contra o pecado é ser legalista. Ora, com quem eles aprenderam isso? Com João Batista, o precursor de Cristo? Não! Com o maior pregador que andou na terra, o Senhor Jesus? Não! Com Pedro, o primeiro pregador pentecostal e principal dentre os Doze? Não! Com Estêvão, o primeiro apologista do evangelho e principal dentre os Sete? Não! Com Paulo, o príncipe dos pregadores itinerantes? Não!

Todos os grandes pregadores do Novo Testamento pregavam o arrependimento! João Batista começou o seu ministério dizendo: “Arrependei-vos” (Mt 3.2). Jesus, assim que foi batizado e jejuou no deserto por 40 dias, foi para a Galileia e bradou: “Arrependei-vos” (Mt 4.17). Pedro, no dia de Pentecostes, disse: “Arrependei-vos” (At 2.38).

Estêvão disse aos judeus, diante do Sinédrio, que eram “incircuncisos de coração e ouvido” (7.51). E Paulo declarou diante do Conselho do Areópago que Deus “anuncia agora a todos os homens, em todo lugar, que se arrependam” (17.30).

Modelo de pregador cheio do Espírito Santo

Ele também assevera:

E, agora, eis que, ligado eu pelo espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que lá me há de acontecer, senão o que o Espírito Santo, de cidade em cidade, me revela, dizendo que me esperam prisões e tribulações (At 20.22,23). Vemos, aqui, um paralelismo com a mensagem de Jesus aos seus discípulos: Desde então, começou Jesus a mostrar aos seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e padecer muito dos anciãos, e dos principais dos sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia (Mt 16.21; cf. Jo 13.31- 35).

Alguns teólogos afirmam que a frase “ligado eu pelo espírito” alude ao espírito humano. “Paulo sente um impulso que vem de dentro de ir a Jerusalém. Nesse caso, o ‘espírito’ é seu espírito humano” (GONZÁLEZ, p. 284). Isso é defendido pelo exegeta pentecostal Antônio Gilberto (1927–2018), que, ao relacionar todos os textos bíblicos em que o Espírito Santo é

mentionado no texto hebraico e grego, não cita Atos 20.22 (GILBERTO, 2008, p. 237).

Por outro lado, o contexto dessa passagem mostra que Paulo sentiu-se divinamente compelido a ir, já que o próprio Paráclito havia-lhe advertido de que prisões e tribulações aguardavam-no em Jerusalém (At 20.23; cf. 2 Co 1.8; Fp 1.17). Se considerarmos a frase “ligado eu pelo espírito” à luz de Atos 19.21, chegaremos à conclusão de que ela “representa antecipadamente a percepção de Paulo daquilo que o aguardava, embora ele ainda não tivesse nenhuma ideia do que lhe aconteceria, e onde” (WILLIAMS, p. 386).

Na verdade, essa parte do sermão em apreço revela que o príncipe dos pregadores itinerantes era dominado inteiramente pelo Espírito. Embora ainda não esteja aprisionado literalmente, já se sente preso à sua chamada. Entretanto, só tem essa percepção no seu espírito porque está em perfeita sintonia com o Paráclito. Diante do exposto, “ligado pelo espírito” indica que Paulo estava debaixo da direção e da autoridade do Espírito Santo.

O príncipe dos pregadores itinerantes não teme o que lhe espera, pois tem convicção de que foi chamado pelo Senhor Jesus:

Mas em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus (At 20.24).

Após fazer uma retrospectiva, ele prevê, pelo Espírito, o seu futuro imediato em Jerusalém e, também, seu martírio.

Sua viagem, a partir de Mileto, terá algumas escalas, mas o seu destino final é o Céu. Paulo está convicto de que cumprirá a sua carreira e receberá a coroa da justiça no dia do Tribunal de Cristo (cf. 2 Tm 4.6,7). Quanto à viagem a Jerusalém, está convencido de que “não representa um risco incerto e arbitrário. Ele sabe pelo Espírito Santo que precisa realizá-la” (BOOR, p. 296).

Em outras palavras, esse imitador de Cristo irá a Jerusalém debaixo da direção do Espírito, que lhe revela, de cidade em cidade, o que lhe sobrevirá. Afinal, ele é cheio do Espírito Santo, qualidade (segredo) de todos os pregadores retratados nesta série: João Batista (Lc 1.15), Jesus Cristo (4.1), Pedro (At 4.8), Estêvão, Filipe (6.3-5), Barnabé (11.24) e o próprio Paulo (13.9).

A vontade de Paulo torna-se secundária ante a direção do Paráclito. Ele está indo a Jerusalém porque fora constrangido pelo Espírito, que lhe tornara claro que a necessidade divina exigia dele ainda que fosse a Jerusalém. Não sabia que coisas ali encontraria, a não ser que o Espírito Santo, de cidade em cidade, testificava (sem dúvida através do dom de profecia) (HORTON, p. 206).

Ao dizer, de modo impactante, que em nada tem a sua vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a sua carreira e o ministério que recebeu do Senhor Jesus, Paulo faz a recorrente analogia da “corrida para o alvo” (cf. 1 Co 9.24-27; Fp 3.13,14; 2 Tm 4.7). Ele demonstra que está

preso à sua chamada, que consiste em dar testemunho da graça do Senhor, e não apresentar, prioritariamente, o seu testemunho pessoal.

É importante falarmos do que Jesus tem feito em nossa vida, mas isso não é a verdadeira pregação do evangelho!

Não é nossa história que o Senhor investe de poder para salvação; é a história de Jesus — quem Ele é, o que Ele fez e como podemos nos apropriar dos benefícios do que Ele fez. Dessa forma, o evangelho que Paulo pregou é o evangelho da semente de Davi, o Jesus Cristo encarnado, que foi condenado à morte na cruz e ressuscitado dos mortos, que ascendeu ao céu e voltará (SPROUL, p. 210).

Modelo de pregador compromissado com a verdade

Ele agora dá a entender que irá a Jerusalém para morrer (cf. At 21.13): “[...] sei que todos vós, por quem passei pregando o Reino de Deus, não vereis mais o meu rosto. Portanto, no dia de hoje, vos protesto que estou limpo do sangue de todos” (20.25,26). Entretanto, “o Espírito só o havia advertido a respeito de ‘prisões e tribulações’ (20.23). O fato é que talvez o tivessem visto de novo” (WILLIAMS, p. 386).

Antes de ser novamente encarcerado e condenado à morte, Paulo teria feito outra viagem missionária a partir de Roma, pela qual visitou Espanha, ilha de Creta, Macedônia e Ásia Menor (cf. Rm 15.24-28; Tt 1.5;

2 Tm 4.13,20). Tratarei dessa quinta expedição evangelística no capítulo conclusivo desta obra.

Sempre se lembrando das Escrituras, Paulo evoca uma passagem do profeta Ezequiel, destinado como atalaia do povo de Israel quando este estava exilado na Babilônia. À semelhança desse profeta — um símbolo de responsabilidade espiritual —, esse apóstolo não falhou na sua missão, sabendo que o sangue das pessoas que Deus deu a ele para cuidar seria demandado da sua mão, caso viessem a perder-se em decorrência de pastoreio ineficaz (cf. Ez 3.18-20; 33.6-8).

Alguns teólogos defendem o que chamam de “graça irresistível”, afirmando que os eleitos para a salvação antes da fundação do mundo não têm como resistir ao “chamado eficaz” do Espírito Santo. O que Paulo diz aos presbíteros de Éfeso parece contrariar esse pensamento: “[...] estou limpo do sangue de todos” (At 20.26). Em outras palavras, se alguns dos salvos na província da Ásia voltassem à perdição, a culpa seria deles mesmos, já que resistiram à graça salvadora (cf. Lc 8.11-15; Hb 10.29).

Diante dos presbíteros de Éfeso, o apóstolo dos gentios demonstra estar convicto de que lhes disse toda a verdade: “nunca deixei de vos anunciar todo o conselho de Deus” (At 20.27). Ao discorrer sobre essa passagem, um famoso escritor afirmou que tinha receio do que o Senhor perguntará a ele no dia do julgamento:

Qual assunto você teve medo de pregar? Quanto do meu conselho você declarou às pessoas sob seu cuidado? Era sua a tarefa quando

eu o consagrei de não deixar nada para trás, e proclamar todo o conselho de Deus (SPROUL, p. 315).

Modelo de pastor

Nosso pregador-modelo é hábil evangelista, mas também tem o cajado e a vara de pastor para guiar o rebanho e afugentar os lobos. E, como bispo (supervisor) de todos aqueles líderes efésios, pode afirmar, de modo solene, que será inocente diante do Senhor, caso algum deles desvie-se da verdade.

Como pastor-modelo, além de dar-lhes o exemplo de uma vida santa, imitando o Pastor e Bispo de nossas almas, nunca deixou de anunciar-lhes todo o conselho (gr. *boulé*, “propósito”, “desígnio”) de Deus. Paulo, o fundador de igrejas, que em muitos locais levou multidões a aceitar Jesus, preocupou-se, portanto, individualmente com cada pessoa (cf. 1 Ts 2.12). Noite e dia, incessantemente, teve tempo para cada um (BOOR, p. 299).

Em seguida, Paulo passa o bastão aos presbíteros de Éfeso:

Olhai, pois, por vós e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue (At 20.28).

Seguindo o seu exemplo, cada presbítero (cargo) deveria exercer o episcopado (função), atuando como um bispo (gr. *epískopos*) ou supervisor do rebanho (cf. Fp 1.1; 1 Tm 3.1ss; Tt 1.7).

Que faz um supervisor (ou *epískopos*) do rebanho? Ele zela diligentemente pelas almas dos que foram adquiridos pelo sangue de Jesus (Ef 1.7; cf. Tt 2.14; Hb 9.12-14; 13.12,13).

A raiz da palavra skopos simplesmente tem a ver com visão, mas um epískopos ou episcopas é uma forma particular de escopo. O prefixo epi simplesmente toma a raiz da palavra scopos e a reforça. Portanto, a tarefa do bispo é olhar para as coisas com extremo cuidado (SPROUL, p. 314).

O mesmo versículo que agrada a presbiterianos e episcopais satisfaz os assembleianos (risos). Mas Paulo não se refere a uma denominação, e sim ao Corpo de Cristo, a Igreja (gr. *ekkesian tou theou*, “assembleia de Deus”) “que ele resgatou com seu próprio sangue”. Esse apóstolo também não está falando do sangue de Deus, que é espírito (Jo 4.23,24), e sim enfatizando a humanidade perfeita de Jesus Cristo, o Deus-Homem, e a sua obra vicária (1 Tm 3.16; Fp 2.5-8).

Não foi Deus que morreu na cruz, pois Ele é imortal (1 Tm 1.17). Na verdade, o Deus-Homem morreu, e a natureza divina que tinha sido perfeitamente unida à natureza humana viva, que respirava, foi então unida a um cadáver. A divindade de Cristo não pereceu na cruz, porque toda a vida está em Deus (SPROUL, p. 286).

Alguns eruditos interpretam a frase “a igreja de Deus” como a “a igreja do Filho de Deus”, alegando que o texto grego permite isso (cf. Rm 8.32). Assim, temos em Atos 20.28 uma referência às três Pessoas da Trindade e as suas diferentes relações com a Igreja: o Pai enviou o seu próprio Filho (Jo 3.16), que derramou o seu sangue em prol do seu povo (1 Pe 1.18,19). Quanto ao Espírito Santo, convence os pecadores, bem como chama e capacita os pastores dados por Jesus à Igreja (Jo 16.8-11; Ef 4.11; At 13.1-4).

Antes de concluir o sermão, o príncipe dos pregadores itinerantes faz dois avisos:

Porque eu sei isto: que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si. Portanto, vigiai, lembrando-vos de que, durante três anos, não cessei, noite e dia, de admoestar, com lágrimas, a cada um de vós (At 20.29-31).

Nessa passagem, são indiretamente mencionados os ensinamentos falsos, que vêm de fora, trazidos por “lobos cruéis”, e os ensinamentos falsificados (meias-verdades), que surgem no meio do povo de Deus. Os primeiros, de modo geral, são detectados mais facilmente, já que se trata do mal declarado: ensinamentos claramente falsos. Entretanto, os falsificados são mais perigosos, pois resultam da mistura entre o bem e o mal, entre o certo e o errado, entre o verdadeiro e o falso.

Paulo tem muitos detratores ligados ao judaísmo, além dos judeus cristãos de linha dura. Esses “lobos” poderiam chegar a Éfeso e tentar atrapalhar, por meio das suas falsas doutrinas judaizantes, o que ele, com a graça de Deus, construiu ao longo de três anos (cf. Gl 1.6ss; 2 Co 11.4).

Ainda que os tais ainda não houvessem aparecido em Éfeso, a experiência do passado lhe teria ensinado que logo apareceriam, de modo que esse discurso (em parte) é uma forma de ele prevenir seus ouvintes quanto a essa eventualidade (WILLIAMS, p. 382).

Não obstante, Paulo também está preocupado com os ensinamentos falsificados. Estes, diferentemente dos falsos, que vêm de fora, são disseminados por obreiros que, muitas vezes, prezamos, os quais se parecem com ovelhas, mas são lobos (cf. Mt 7.15-23). Ele sabe que um bom orador, “falsificador da palavra”, tido como “excelente apóstolo”, pode causar um grande prejuízo na nova igreja por ele fundada (cf. 2 Co 2.17; 11.5-13).

Lobos em pele de lobos, embora sejam perigosos, podem ser identificados à distância; mas lobos vestidos como ovelhas são muito mais perigosos! Por isso, Paulo, durante três anos, admoestou os crentes da Ásia com lágrimas, sabendo que os falsificadores da Palavra de Deus, egocêntricos e materialistas, usariam todo tipo de estratégia para enganar. Torcendo a verdade, procurariam atrair discípulos que já eram crentes; mostrariam pouco interesse em ganhar os perdidos para Cristo e não

estariam dispostos a aumentar as igrejas já estabelecidas (HORTON, p. 208).

Quando diz que anunciou “todo o conselho de Deus”, Paulo decerto tem em mente o perigo de alguns começarem a pregar o falso bem, isto é, o bem misturado com o mal. Uma grande ameaça, à época, além das tendências judaizantes (cf. At 21.20,21), era o de os presbíteros doutrinados por esse apóstolo serem influenciados pelo gnosticismo, passando a falar “coisas perversas, para atraírem os discípulos após si”.

Esse movimento herético influenciou, de fato, muitos pregadores itinerantes daquela época, que passaram a pregar uma “espiritualidade” extremada. Os gnósticos disseminaram por toda a Ásia Menor e Europa — depois da partida de Paulo (cf. 1 Tm 4.1-3; 6.3-5; 2 Tm 4.1-5) — a doutrina denominada “gnose”, derivada do platonismo, que mescla elementos sagrados (cristãos ou judeus) com pagãos, atribuindo uma importância central ao “conhecimento revelado” sobre Deus e a sua natureza.

Não obstante, quem causou maior dano às igrejas não foram os gnósticos em si, mas os pregadores e mestres que, influenciados pelo gnosticismo, introduziram “encobertamente heresias de perdição” (2 Pe 2.1) entre os cristãos. A maior ameaça para a nação de Israel eram os falsos profetas no meio do povo, que tomavam a verdade de Deus e torciam-na. “Os maiores inimigos de Jesus eram do clero de sua época, os fariseus e os saduceus” (SPROUL, p. 317).

Quando examinamos a História da Igreja, descobrimos que não foram os professores seculares que trouxeram heresias para dentro das

igrejas. Quem sempre faz isso (sem generalizar, é evidente) são professores de seminário e pregadores renomados — lobos em pele de ovelha — que negam doutrinas fundamentais e apresentam ao povo “outro evangelho” (Gl 1.6-8; 2 Co 11.3,4).

Modelo de pregador desapegado

Ele não faz esse alerta por acaso, pois esses presbíteros, na verdade, haviam sido eleitos para supervisionar o rebanho. E, como tais, deveriam ter boa reputação e sabedoria, além de ser inteiramente dominados pelo Paráclito (cf. At 6.3). Jamais deveria passar pela mente deles que estavam apascentando o seu próprio povo, mas, sim, “a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue”.

À luz de Atos 14.23, Paulo queria dizer aos presbíteros de Éfeso que eles foram eleitos para esse ofício por pessoas cheias do Espírito, guiadas pelo Paráclito. Mais importante ainda: eles eram dependentes do Espírito Santo para os dons de administração (governos) e direção necessários para desempenharem seu ofício [...]. Eles não estavam guiando sua própria igreja, mas a assembleia do Senhor, [...] adquirida por um preço tremendo (HORTON, p. 207–208).

Ainda se apresentando como protótipo dos presbíteros, Paulo entrega-os “a Deus e à palavra da sua graça; a ele, que é poderoso para vos edificar e dar herança entre todos os santificados” (At 20.32). O termo “palavra da sua graça” alude à Palavra de Deus e foi empregado por

Lucas quando narrou os milagres que o Senhor realizou em Icônio na primeira viagem missionária. Ao confirmar a pregação do evangelho, o Senhor “dava testemunho à palavra da sua graça” (14.3).

Usando o seu próprio exemplo, Paulo antecipa o que escreveria nas suas Epístolas Pastorais, nas quais pontifica que os candidatos ao ministério não devem ser apegados a dinheiro e bens materiais: “De ninguém cobicei a prata, nem o ouro, nem a veste” (At 20.33; cf. 1 Tm 3.3-8; 6.7-10; Tt 1.7). Hoje, pessoas fúteis cobiçam roupas de grife. Naquele tempo, “antes de existir máquina de costura ou dos produtos sintéticos serem inventados, a roupa era cara, e ter diversas vestimentas era sinal de riqueza” (GONZÁLEZ, p. 285).

Ele prossegue: “Vós mesmos sabeis que, para o que me era necessário, a mim e aos que estão comigo, estas mãos me serviram” (At 20.34). Os presbíteros conheciam muito bem a motivação de Paulo (cf. 2 Co 5.14) e a sua conduta em relação ao seu sustento na obra do Senhor. Eles sabiam que esse apóstolo provia pelo seu próprio trabalho as suas necessidades e as de seus companheiros.

Ao falar sobre isso aos crentes de Tessalônica, o imitador de Cristo afirmou: “Porque bem vos lembrais, irmãos, do nosso trabalho e fadiga; pois, trabalhando noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós, vos pregamos o evangelho de Deus” (1 Ts 2.9). Que exemplo!

Por outro lado, Paulo disse a Timóteo que os presbíteros que governam bem, “principalmente os que trabalham na palavra e na doutrina”, deveriam ser dignos do seu salário e “estimados por dignos de duplicada honra”, isto é, duplos honorários (1 Tm 5.17,18). Ele estava se

referindo a supervisores de igrejas estabelecidas e bem estruturadas. “Quando Paulo entrava numa área nova, ele era cuidadoso em deixar claro a todos que não estava pregando o evangelho com o objetivo de obter vantagens materiais” (HORTON, p. 209).

O apóstolo dos gentios sempre pautou a sua vida pela coerência; ele jamais exigiu remuneração por parte das igrejas, especialmente Éfeso, que estava em formação. No entanto, ele teria recebido — o que é lícito — ofertas ocasionais de outras igrejas, como Filipos e Tessalônica. Observe estas palavras: “Julguei, contudo, necessário mandar-vos Epafrodito, meu irmão, e cooperador, e companheiro nos combates, e vosso enviado para prover às minhas necessidades” (Fp 2.25; cf. 4.16).

Conclusão que exalta Jesus Cristo

Apesar de apresentar-se como um modelo, Paulo conclui o seu sermão com uma frase do Senhor Jesus. Com isso, demonstra que deseja levar os seus liderados a imitar o Sumo Pastor:

Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é necessário auxiliar os enfermos e recordar as palavras do Senhor Jesus, que disse: Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber (At 20.35).

Essas palavras “são como um selo do seu testamento espiritual entregue aos anciãos de Éfeso e idealmente a todos os pastores das igrejas que se reportam à sua tradição” (FABRIS, p. 577).

Paulo não tem à mão os Evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) e o suplementar (João). Contudo, conhece muito bem as principais palavras de Jesus e cita uma frase com a qual o seu público está familiarizado. Mais tarde, quando o cânon do Novo Testamento ficou completo com 27 livros, verificou-se que nenhum dos quatro evangelistas registrou a frase: “Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber”.

É possível que Paulo tenha recebido essa mensagem diretamente do Senhor (cf. 1 Co 11.23), haja vista o que ele escreveu aos gálatas: “[...] o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens, porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo” (Gl 1.11,12).

Jesus, por meio de Paulo, não ensina que receber ajuda das igrejas seja uma conduta reprovável, e sim que ofertar é mais necessário e altruísta, pois quem gosta mais de receber do que dar demonstra ser egoísta. Em outras palavras, pode-se aceitar auxílio com alegria, exercitando a arte de receber com gratidão.

Afinal, receber é a atitude básica que todos nós temos de assumir perante Deus. Contudo, o egoísta temeroso em nós pode constatar que dar não é [...] mais bem-aventurado que receber (BOOR, p. 300).

Novo Começo à Vista

Assim que Paulo concluiu o seu sermão, ajoelhou-se para orar de modo muito intenso com todos os presbíteros. “Na igreja primitiva,

normalmente, orava-se em pé, com as mãos estendidas. Ajoelhar era sinal de solenidade e de súplica profunda” (GONZÁLEZ, p. 285). A despedida foi marcada por abraços, beijos e tristeza. “E acompanharam-no até ao navio” (At 20.36-38).

Houve grande choro, como se esse apóstolo fosse, de fato, morrer nas mãos daqueles que crucificaram o Salvador do mundo e apedrejaram Estêvão, o primeiro apologista do evangelho. É impossível não recordar dos momentos finais de Jesus, quando tomou o firme propósito de ir a Jerusalém para enfrentar os seus algozes e dar a vida pela humanidade.

Entretanto, embora Jesus Cristo tenha sido o maior Pregador que já andou na terra, veio prioritariamente para morrer em nosso lugar e ressuscitar para nossa justificação. Paulo, por sua vez, ainda que tenha sido martirizado em Roma, não tinha como missão prioritária morrer como mártir, pois o Senhor Jesus salvou-o e constituiu-o “pregador, e apóstolo, e doutor dos gentios” (1 Tm 2.7).

A carreira do apóstolo Paulo, por conseguinte, ainda estava longe de acabar. Na verdade, é em Jerusalém que começaria o seu maior e mais difícil combate, que duraria cerca de 10 anos. Nossa jornada é assim. Quando muitos pensam que nosso tempo acabou e que nossa carreira chegou ao fim, há uma grande reviravolta, que faz emergir um novo começo!

Capítulo 4

Maior Apologista do Evangelho

Verdade é que também alguns pregam a Cristo por inveja e porfia, mas outros de boa mente; uns por amor, sabendo que fui posto para defesa do evangelho.

Filipenses 1.15.16

Não há dúvida de que Jesus Cristo foi o primeiro a valer-se da apologética no primeiro século, haja vista ter usado raciocínio lógico para responder aos que se lhe opunham. Além disso, defendeu de várias maneiras a verdade de que é o Messias, o Filho de Deus. Entretanto, como escrevi em outro livro desta série, Ele não foi, a rigor, o primeiro apologista do evangelho.

Os termos “apologista do evangelho” e “apologética cristã” dizem respeito ao que vem depois de Cristo, uma vez que os complementos “do evangelho” e “cristã” aludem às Boas-Novas que Ele anunciou ao andar na terra (Jo 3.1-16; Lc 19.1-10). Além disso, Jesus foi muito mais que apologista, teólogo, pregador, pastor, mestre, apóstolo, etc. Ele é nosso supremo paradigma, em todos os sentidos (Jo 13.15; 1 Jo 2.6) (ZIBORDI, 2018b, p. 104).

Nesse caso, o primeiro apologista do evangelho teria sido Paulo? Na verdade, o ministério apologético cristão não começa com esse apóstolo, pois, na primeira vez em que o verbo “disputar” (gr. *suzeteo*) aparece em Atos dos Apóstolos, diz respeito à discussão entre Estêvão e os seus

adversários (At 6.9-11). Como se sabe, esse verbo alude à prática da apologética, o que coloca o primeiro diácono e protomártir do cristianismo como pioneiro também em termos de defesa da fé cristã.

Ainda que Paulo não tenha sido o primeiro apologista do evangelho, foi, sem dúvida, o maior de todos, mesmo em comparação com os defensores da fé que surgiram ao longo dos séculos: Irineu, Atanásio, Agostinho, Aquino, Lutero, Calvino, Pascal e Jonathan Edwards. A essa lista dos principais apologistas, encabeçada por Paulo — proposta por um especialista em apologética cristã de nosso tempo (MARKOS, p. 22) —, podemos acrescentar outros nomes: Armínio, C. S. Lewis, William Lane Craig e tantos outros.

Quando Paulo passou por Tessalônica em sua segunda expedição missionária, “disputou” com os judeus sobre as Escrituras, “expondo e demonstrando”. Esses três verbos gregos — *dialégomai*, “disputar”; *dianoigo*, “expor”; e *paratíthemi*, “demonstrar” — exprimem ações apologéticas. Além de explanar as Escrituras, o maior apologista do evangelho argumentava racionalmente, demonstrando por meio de evidências, “que convinha que o Cristo padecesse e ressuscitasse dos mortos” (At 17.2,3).

Ademais, se o verbo grego *suzeteo* (“disputar” apologeticamente) surge no debate entre Estêvão e os judeus das sinagogas, o substantivo *apología* (“defesa”; cf. 1 Pe 3.15; Fp 1.16) é empregado pela primeira vez por Paulo em seu quarto sermão registrado por Lucas. Este — que é o primeiro de uma série de três discursos em defesa do evangelho (At 22.1-21; 24.10-21; 26.2-23) — será o objeto deste quarto capítulo. Antes, porém,

convido o leitor a recordarmo-nos do que ocorreu após sua pregação aos presbíteros de Éfeso.

Depois da Pregação em Mileto

Assim que o príncipe dos pregadores itinerantes concluiu seu sermão em Mileto, teve início sua triste despedida. Não é fácil perder um grande líder; os presbíteros de Éfeso queriam tê-lo por muito mais tempo ao seu lado. Paulo era muito importante para aqueles obreiros. Entretanto, esse episódio ensina-nos que não devemos ficar em torno de uma pessoa influente. Por mais que aprendamos com ela e façamos dela nosso referencial, devemos continuar nossa jornada olhando para o Sumo Pastor (Hb 12.1,2).

Paulo sabia que não podia olhar para trás; seu ministério na área do mar Egeu chegara ao fim. Ele deveria seguir firmemente para Jerusalém, onde começaria uma nova fase, como “o preso do Senhor” (Ef 4.1). Ele navegou, então, com seus companheiros, no primeiro dia — numa embarcação de pequeno calado —, a Cós; no dia seguinte, foi à famosa ilha de Rodes; de onde, no terceiro dia, seguiu para o porto de Pátara (Pátaros), na província da Lícia (At 21.1).

Desse ponto, a comitiva partiu num navio de carga para a Fenícia, o qual precisaria fazer uma demorada escala na antiga cidade de Tiro. Paulo aproveitou essa parada, que duraria pelo menos sete dias, para visitar a congregação que havia ali. Ele recebeu mais avisos quanto ao

risco de ir a Jerusalém, possivelmente por meio do dom de profecia (At 21.2-4).

Preocupados com sua segurança, os irmãos entendiam que esse apóstolo deveria abortar a viagem, mas ele sabia que era necessário passar por Jerusalém. Alguns servos de Deus, movidos pelo Espírito, alertam Paulo sobre o risco que corre indo a Jerusalém. Mas a decisão de Paulo de continuar o seu caminho também se remete à ação do Espírito (At 20.22) (FABRIS, p. 580).

Como temos visto ao longo desta série, o autor de Atos dos Apóstolos não costuma repetir as ocorrências de eventos parecidos com os já narrados. Ele descreve com detalhes, por exemplo, o Pentecostes inaugural em Jerusalém, mas não pormenoriza os outros derramamentos do Espírito Santo (cf. 2.1-13; 4.4; 8.14-17; 10.44-46; 19.6). Da mesma forma, podemos supor que as estadias de Paulo em Trôade e Tiro foram bem parecidas.

Nosso pregador-modelo, que havia celebrado a Páscoa em Filipos e a Ceia do Senhor em Trôade, bem como ministrado aos presbíteros em Mileto (At 20.6ss), agora fala às famílias de Tiro. Elas acompanham-no até a embarcação para ouvir as suas últimas instruções e ajoelham-se na praia para uma oração de despedida (21.5,6). Devem ter ocorrido várias reuniões nessa cidade, já que Paulo aproveitava bem cada oportunidade e gostava de pregar a Palavra “a tempo e fora de tempo” (2 Tm 4.2).

A bordo da mesma embarcação, a comitiva seguiu para Ptolemaida, na Síria, onde esse apóstolo apenas saudou os irmãos. No dia seguinte, chegou a Cesareia marítima, onde ocorreu o célebre encontro na casa de

Filipe, o evangelista, o qual é detalhado em outro livro desta série (ZIBORDI, 2019). Desse evento — um verdadeiro encontro pentecostal — , participaram, além de Paulo e Filipe, as quatro filhas profetisas deste, o profeta Ágabo, da Judeia (cf. At 11.27-29), e vários outros irmãos (21.8-14).

Ágabo, que exercia o ofício de profeta — assim como Filipe, o de evangelista —, valeu-se de dramatização, como se fosse um profeta nos moldes do Antigo Testamento (cf. Is 20.2; Jr 13.1; Ez 5.1), para transmitir uma mensagem a todos. Ao prender-se a si mesmo com o cinto de Paulo, profetizou: “Isto diz o Espírito Santo: Assim ligarão os judeus, em Jerusalém, o varão de quem é esta cinta e o entregarão nas mãos dos gentios” (At 21.10,11).

O príncipe dos pregadores itinerantes não temia o perigo e estava disposto a morrer por amor a Cristo. E, como ele tinha a convicção de que estava em plena sintonia com a vontade do Senhor, recebeu a profecia como mais um aviso acerca da luta que teria de enfrentar em Jerusalém. Entretanto, seus próprios companheiros de viagem e os irmãos em Cesareia choravam, temendo por sua segurança, o que também o entristecia (At 21.12-14).

Procurando — inutilmente — animar os irmãos e convencê-los de que era necessário visitar a capital da Judeia, Paulo e a sua comitiva, que aumentou em Cesareia, partiram. Ele foi muito bem recebido por todos ao chegar a Jerusalém. Aparentemente, uma reunião na casa do apóstolo Tiago, com a presença dos presbíteros da igreja-mãe, estava agendada para o dia seguinte (At 21.15-18).

Após dizer-lhes “minuciosamente o que por seu ministério Deus fizera entre os gentios” e ouvi-los glorificando a Deus por isso, Paulo teve a confirmação de que era *persona non grata* em Jerusalém. Corriam muitos boatos e suspeitas a seu respeito. Além de adeptos do judaísmo odiarem-no por causa da sua “traição”, também havia judeus cristãos de todas as partes, as quais não viam com bons olhos o fato de ele evangelizar os gentios (At 21.19-21).

Jerusalém ficava repleta de gente durante a temporada de festas judaicas. Para uma das mais concorridas, a de Pentecostes, chegavam judeus das vilas da Judeia e da Galileia para apresentar no Templo as primícias dos campos, pagar votos, oferecer sacrifícios, etc. Muitos judeus da diáspora — entre os quais, muitos desafetos de Paulo — também aproveitavam esse período festivo para realizar sua peregrinação anual à Terra Santa.

O que fora decidido no concílio de Jerusalém antes da sua segunda viagem missionária parecia ter perdido a validade (cf. At 15.22-29). Agora, quase dez anos depois dessa importante assembleia, o próprio Tiago parece ter cedido ao *lobby* judaizante. Ele teme “uma reação dos judeus-cristãos mais intransigentes logo que estes vierem a saber que Paulo está na cidade” (FABRIS, p. 583). E, acreditando que esse apóstolo pudesse vir a ser hostilizado e até linchado pela multidão, propôs que demonstrasse publicamente o seu respeito ao judaísmo.

A bem da verdade, os que acusavam Paulo de ensinar os judeus “a apartarem-se de Moisés, dizendo que não devem circuncidar os filhos, nem andar segundo o costume da lei” (At 21.21) estavam mentindo. Ele

respeitava as tradições do judaísmo, embora pregasse “que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo” (Gl 2.16).

Tiago e seus pares propunham, na verdade, que nosso pregador-modelo fosse politicamente correto para acalmar os que se sentiam ofendidos com a sua conduta. Paulo, claramente disposto a soffrear as emoções e apaziguar os ânimos, concordou em participar de um gesto público no Templo com quatro cristãos observadores do judaísmo. Tratava-se de um ritual de purificação de sete dias previsto na Lei para demonstrar o seu apego aos costumes religiosos tradicionais (At 21.23-26; cf. Nm 6.1-21; 19.12).

Paulo queria conciliação, mas seu “tiro” na intolerância judaizante “saiu pela culatra”. Seus desafetos já tinham decidido de antemão que o “pecado” do imitador de Cristo era imperdoável. E vê-lo dentro do Templo foi o suficiente para deixá-los enfurecidos e dispostos a matá-lo. Pesavam contra ele três acusações: falar contra o povo judeu, a Lei e o Templo, profanando-o (At 21.28).

Com respeito à crítica de Paulo à Lei, seus inimigos certamente tinham lido ou pelo menos ouvido falar da Epístola aos Gálatas. Nessa carta às igrejas do sul da Galácia, ele menciona a importância da Lei, porém afirma que esta foi dada apenas como aio, haja vista ser a fé em Jesus Cristo que resulta em justificação. Em outras palavras, o evangelho é superior à religião judaica, pois se baseia na fé em Cristo, e não em obras humanas (Gl 3.10-26; cf. Ef 2.8-10).

As acusações caluniosas ligadas ao Templo eram as mais graves. Lembremo-nos de que elas foram usadas para condenar à morte a quem

deu a sua vida pela humanidade, Jesus Cristo (cf. Mt 26.61; 27.40; Jo 2.19-21), e o primeiro mártir do cristianismo, Estêvão, acusado de ter falado “contra este santo lugar” (At 6.13; cf. 21.28).

Essas calúnias baseavam-se em suposições ou invencionices. Alguns desafetos alegavam que “tinham visto com ele na cidade a Trófimo, de Éfeso, o qual pensavam que Paulo introduzira no templo” (At 21.29). Como não havia interesse por parte deles em apurar os fatos, dando a esse apóstolo o direito de defender-se, foi-lhes mais fácil alvoroçar a multidão.

A Igreja Primitiva vivia uma nova fase. Outrora, fora muito querida pelo povo de Jerusalém (At 2.47). Inclusive, os principais sacerdotes e os membros do Sinédrio temiam o povo, que tendia a favor dos cristãos. Já na época do martírio de Estêvão, [...] pela primeira vez, é o povo que ataca os cristãos.

Agora, está claro que o povo tomou o partido dos principais sacerdotes e dos líderes religiosos e políticos a ponto de o tumulto acontecer sem que esses líderes tivessem de provocá-lo (GONZÁLEZ, p. 298).

Pronto para Defender o Evangelho

Paulo e os quatro judeus cristãos atravessaram o pátio externo, que era dedicado aos pagãos, e entraram por uma porta lateral à área reservada exclusivamente aos judeus. De repente, ouviu-se alguém gritando com o dedo apontado para o grupo de Paulo. Em seguida,

chegaram outros berrando e abrindo caminho entre os curiosos. Empurrando de lado os quatro acompanhantes desse apóstolo, agarraram-no e arrastaram-no “para fora do templo, e logo as portas se fecharam” (At 21.30).

Ao ser avisado dessa grande confusão, o tribuno romano Cláudio Lísias (cf. At 24.22), responsável por algumas centenas de soldados, chegou a tempo de evitar a morte de Paulo, que já estava bastante ferido. Este, a princípio, foi tratado como suspeito, já que, “aproximando-se o tribuno, o prendeu, e o mandou atar com duas cadeias, e lhe perguntou quem era e o que tinha feito” (21.31-33).

Enquanto Paulo era interrogado, a multidão, incitada pelos judeus asiáticos — e não pelos principais sacerdotes e membros do Sinédrio —, pedia sua cabeça mesmo sem saber exatamente por quê. Lucas informa que o próprio tribuno estava sem entender o que estava acontecendo, pois “uns clamavam de uma maneira; outros, de outra” (At 21.34).

Lísias, como membro do exército de ocupação e romano, não sabe sobre o país nem sobre os conflitos religiosos internos. Sua única preocupação é garantir que não haja tumulto nem rebelião que possa macular sua folha de serviço (GONZÁLEZ, p. 299).

Assim, protegido por uma poderosa escolta, Paulo foi levado por esse tribuno à Fortaleza Antônia, construída por Herodes, o Grande, em honra a Marco Antônio, junto ao Templo, a mais de 20 metros de altura.

Também conhecida como Torre de Antônia, ela ocupava o lugar onde Neemias construíra um palácio (cf. Ne 2.8) e teria sido o local onde o Senhor Jesus fora interrogado por Pilatos (cf. Jo 19.13). Este, naquela

ocasião, não estaria hospedado no palácio de Herodes durante a Páscoa, como se supõe, e sim “na Fortaleza Antônia, junto com a guarnição romana” (WALKER, p. 162).

Ao subir as escadas dessa fortaleza, os soldados tiveram de agir de modo mais enérgico para livrar Paulo de um linchamento e, então, carregaram-no enquanto a turba gritava: “Mata-o!” (At 21.35,36). No momento em que Lísias estava para introduzir o príncipe dos pregadores itinerantes na prisão, este lhe perguntou se podia dizer alguma palavra em sua defesa. E o oficial disse-lhe, com certo espanto e preconceito: “Sabes o grego? Não és tu, porventura, aquele egípcio que antes destes dias fez uma sedição e levou ao deserto quatro mil salteadores?” (At 21.37,38).

O tribuno referiu-se a um falso profeta egípcio mencionado por Flávio Josefo (37–100 d.C.), o qual, mais ou menos em 54 d.C., liderou 30 mil homens ao monte das Oliveiras para assaltar Jerusalém.

O procurador Félix havia ordenado um ataque ao monte, mas o egípcio fugira, deixando a “maioria” de seus comandados ou capturados ou mortos [...]. Josefo tem a tendência a exagerar nos números, o que explica a diferença entre os 30 mil e a estimativa do comandante, de os seguidores do egípcio serem cerca de 4 mil homens (WILLIAMS, p. 406).

Paulo, que sabia bem o grego, respondeu-lhe: “Na verdade, eu sou um homem judeu, cidadão de Tarso, cidade não pouco célebre na Cilícia;

rogo-te, porém, que me permitas falar ao povo” (At 21.39). Foi-lhe, então, concedido defender-se. E, como ele precisava dirigir-se não somente a seus acusadores, mas também ao povo, que estava furioso, resolveu discursar em aramaico. Para esse apóstolo, mais prioritário que se salvaguardar era pregar o evangelho! Não há outra explicação para o fato de ele querer dirigir-se a uma multidão de judeus revoltados. Antes, porém, ele precisava convencer o tribuno de que não era um gentio profanador do Templo. Embora tivesse nascido em Tarso, na Cilícia, também era um judeu, conhecedor e zeloso da Lei.

Lísias, então, deu-lhe a oportunidade, e nosso pregador-modelo, “pondo-se em pé nas escadas, fez sinal com a mão ao povo” (At 21.40). As acusações dos judeus asiáticos contra ele eram infundadas e um pretexto para tentar matá-lo. O que gerou tamanho ódio nesses seus inimigos, a ponto de induzirem a multidão a linchá-lo, foram duas coisas: apostasia do judaísmo e, principalmente, pregação aos gentios. Por isso, esses dois pontos decisivos serão abordados no seu sermão.

Nesse episódio, vemos semelhanças com dois famosos sermões pregados em Jerusalém. Um deles é a primeira mensagem pentecostal, pregada por Pedro no dia de Pentecostes, quando ele, “pondo-se em pé com os onze, levantou a voz” (At 2.14). O segundo é a pregação apologética de Estêvão diante do Sinédrio, quando “enfureciam-se em seu coração e rangiam os dentes contra ele” (7.54).

Assim como Pedro — o primeiro pregador pentecostal —, Paulo estava em pé, cheio do Espírito Santo, embora não tivesse 11 companheiros ao seu lado. Por outro lado, assim como ocorreu com

Estêvão, havia muitas pessoas enfurecidas, desejando ver o maior apologista do evangelho morto de qualquer jeito.

Entretanto, ele, em pé, nas escadas da Fortaleza Antônia, pedindo silêncio com a mão, “falou-lhes em língua hebraica” (At 21.40). Aqui, no texto grego, temos a seguinte expressão: *hebraídi dialekto*, “dialeto hebraico”. Em outras palavras, Paulo não pregou em hebraico clássico, e sim em um dialeto que todo o povo da Judeia podia entender no primeiro século, o aramaico.

Quarto Sermão de Paulo em Atos dos Apóstolos

A narrativa a seguir é um parêntese no livro de Atos dos Apóstolos pelo qual se acrescenta detalhes a fatos outrora apresentados. Trata-se, em grande parte, do relato da conversão de Paulo na estrada de Damasco, o qual é repetido três vezes. Mas há também outros pormenores autobiográficos no discurso desse apóstolo, como, por exemplo, a informação de que ele foi aluno do mestre Gamaliel em Jerusalém (cf. At 5.34-39).

No primeiro relato da conversão de Saulo de Tarso, Lucas narra o seu encontro com o Senhor Jesus e os seus desdobramentos (At 9.1-19). No segundo e terceiro relatos, o próprio Paulo descreve esse episódio, primeiro diante de uma turba enfurecida em Jerusalém (22.1-22); depois, perante Herodes Agripa II (26.12-18). Há pequenos traços aparentemente

contraditórios, que, aliás, são de pequena importância e podem ser facilmente explicados.

Introdução pacificadora

Paulo dirige-se à multidão em sua própria língua, o que desperta o interesse imediato de todos (At 22.2). Empregando a mesma saudação polida de Estêvão perante o Sinédrio, inicia-se, assim, a sua pregação: “Varões irmãos e pais, ouvi agora a minha defesa perante vós” (v. 1). Que mansidão e senso de humor tinha esse apóstolo! Em tom conciliador, ele chama de irmãos e pais os religiosos israelitas fanáticos que, cheios de ódio, por pouco não o trucidaram!

O fato de ele empregar o termo “pais” pode indicar que os membros do Sinédrio estão presentes para averiguar o que está ocorrendo, embora os chame apenas de “irmãos” em Atos 23.1. Mesmo falando para uma multidão, Paulo comporta-se como se estivesse num tribunal, falando em sua defesa, termo que significa mais do que meramente dar respostas a acusações; inclui o pensamento de dar testemunho do Senhor. A defesa se torna, então, verdadeiro ataque, sendo o evangelho pregado aos acusadores (WILLIAMS, p. 407).

Apologia de Paulo

Neste sermão, temos a primeira menção do termo grego *apología*, “defesa”, empregado sete vezes por Paulo no Novo Testamento (cf. At 22.1; 25.16; 1 Co 9.3; 2 Co 7.11; Fp 1.7,16; 2 Tm 4.16). Ele refere-se a si mesmo em seis delas. Pedro também usa esse vocábulo uma vez (1 Pe 3.15), num versículo que, ao lado de Filipenses 1.16, formam a base neotestamentária para o ministério apologético.

Sabemos que os apologistas, quando têm a oportunidade de falar em sua própria defesa, discorrem, na verdade, sobre as Boas Novas, contrapondo-se ao que se opõe às Escrituras. Lembra-se de Estêvão, o primeiro apologista do evangelho? Ao ser chamado para defender-se, verberou contra o erro, preferindo defender as verdades da Palavra de Deus (ZIBORDI, 2018b, p. 121–140). O que esperar de Paulo, o maior defensor da fé cristã?

A princípio, ele dá a entender que falará em sua própria defesa, haja vista mencionar sua formação no judaísmo: “Quanto a mim, sou varão judeu, nascido em Tarso da Cilícia, mas criado nesta cidade aos pés de Gamaliel, instruído conforme a verdade da lei de nossos pais, zeloso para com Deus, como todos vós hoje sois” (At 22.3). Seu objetivo é mostrar que “pelo fato de ser cristão não deixava de ser judeu. Esse discurso é inteiramente autobiográfico” (WILLIAMS, p. 405).

Paulo tinha um currículo invejável. Além de ter nascido na célebre cidade de Tarso, centro de instrução da Cilícia — onde, durante a sua infância e adolescência, aprendeu Filosofia e poesia antiga —, foi criado

em Jerusalém aos pés de Gamaliel (cf. At 22.3), um dos três rabinos mais célebres da antiguidade, ao lado de Hillel e Akiba.

Desses três, sem nenhuma dúvida, o mais famoso era Gamaliel. “Por isso, Paulo, em sua defesa, recorda aos seus ouvintes que havia estudado com o melhor deles” (SPROUL, p. 332). A frase “criado aos pés” alude à maneira como os alunos recebiam a instrução, assentados no chão, enquanto o professor sentava-se num banco mais elevado. Maria, irmã de Lázaro, por exemplo, “quedava-se assentada aos pés do Senhor a ouvir-lhe os ensinamentos” (Lc 10.39, ARA).

Paulo também reafirma o seu passado como judeu zeloso, perseguidor do “Caminho”. Ele nunca usa esse termo em suas epístolas para referir-se à fé cristã, mas empregá-lo-á no presente sermão em lugar de “igreja de Deus” para não irritar de imediato os adeptos do judaísmo. Está claro que ele, *a priori*, não tem como objetivo censurá-los por quase o lincharem. “Em outros tempos, no seu zelo por Deus, ele teria feito a mesma coisa” (HORTON, p. 220).

Portanto, ser “zeloso para com Deus, como todos vós hoje sois”, nesse contexto, implica defender o judaísmo das “heresias”, como lemos em sua carta aos crentes do sul da Galácia:

Porque já ouvistes qual foi antigamente a minha conduta no judaísmo, como sobremaneira perseguia a igreja de Deus e a assolava. E, na minha nação, excedia em judaísmo a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais (Gl 1.13,14).

Paulo antes de Cristo

As palavras introdutórias de Paulo certamente mexem com o público. Agora, todos sabem que estão diante de um grande erudito, poliglota, fariseu e zeloso das tradições, educado por ninguém menos que o brilhante, bondoso e tolerante Gamaliel. Lísias deve estar pensando: “Por que querem matar esse homem?”; quanto aos membros do Sinédrio, especialmente os fariseus, também ficam pensativos, haja vista Paulo ter-se apresentado como um deles.

Paradoxalmente, foi do tolerante e democrático Gamaliel que Saulo de Tarso aprendera a amar a Lei com tanto zelo e paixão, que desejava livrar-se de qualquer pessoa que se opusesse ao judaísmo. Ele, então, admite que perseguiu “este Caminho até à morte, prendendo e metendo em prisões, tanto homens como mulheres” (At 22.4).

Quando fala, arrependido, de seu passado como perseguidor do Caminho, Paulo acusa — ainda que de sutilmente — o Sinédrio por sua cumplicidade com a violência. Ele diz que, em seu afã de defender o judaísmo, recebeu autorização por escrito (cartas) do sumo sacerdote e de todo o conselho dos anciãos para ir a Damasco em busca de cristãos. Sua missão era trazer de lá “manietados para Jerusalém aqueles que ali estivessem, a fim de que fossem castigados” (At 22.4,5).

Ao afirmar que o sumo sacerdote é testemunha de que ele perseguiu o Caminho até a morte, Paulo não quer dizer que, no momento em que está pregando, Caifás ainda é o principal dentre os sacerdotes. Mais

adiante, Lucas informa que o sumo sacerdote Ananias “mandou aos que estavam junto dele que o ferissem na boca” (At 23.2). Aparentemente, seu “apelo se dirigia à memória coletiva do Sinédrio” (WILLIAMS, p. 408).

Que autoridade o sumo sacerdote ou quaisquer outros líderes religiosos judeus teriam fora da Judeia? Podiam eles emitir ordem de prisão contra judeus em Damasco? Lucas não detalha isso. Saulo, possivelmente, não levava ordens de prisão, e sim cartas de apresentação aos líderes da sinagoga de Damasco. Ele esperava que, com essas cartas, esses líderes tomariam providências para prender os cristãos [judeus], pois, àquela altura, [...] estavam sujeitos às leis da própria comunidade deles (GONZÁLEZ, p. 150).

Paulo queria mostrar o quão hipócrita ele era — junto com os seus pares — antes de conhecer a Jesus Cristo. Ele pregava o amor, a tolerância e, ao mesmo tempo, queria ver mortos aqueles que tinham opiniões diferentes. Não é isso que vemos nos dias de hoje? O Senhor Jesus disse que devemos amar nossos inimigos e bendizer àqueles que nos maldizem (Mt 5.44). No entanto, vemos cristãos (cristãos?) marxistas (marxistas?) escrevendo nas redes sociais: “Eu tenho lado. Com inimigos não há diálogo”.

Encontro de Saulo com Cristo

O príncipe dos pregadores itinerantes narra, então, seu inesperado encontro com o Cristo ressurreto:

Ora, aconteceu que, indo eu já de caminho e chegando perto de Damasco, quase ao meio-dia, de repente me rodeou uma grande luz do céu. E caí por terra e ouvi uma voz que me dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? E eu respondi: Quem és, Senhor? (At 22.6-8).

Saulo de Tarso encontrou-se com Jesus “quase ao meio-dia”, mas o resplendor da presença do Senhor foi ainda maior que a claridade do sol. “Por essa razão se fala da ‘glória’ dessa luz usando-se na ocasião o termo *doxa*, que sempre se refere ao fulgor radiante de Deus” (BOOR, p. 317). Paulo diz também que caiu por terra. Como ele seguia por uma estrada, podemos imaginar que estivesse montado em um cavalo, pelo menos até o momento da queda, já que, depois, “guiando-o pela mão, o conduziram a Damasco” (At 9.8).

Muitos quadros pintados ao longo dos séculos sugerem que esse apóstolo — já bem próximo a Damasco — caiu do cavalo. Milênios de arte cristã têm dependido afetuosamente do cenário de Lucas, gravando-o de maneira indelével na imaginação ocidental. E, como sabemos, essa arte acrescentou um cavalo à história de Paulo. Nada mais apropriado num mundo onde o orgulho ferido era mais bem simbolizado pelo herói caído olhando a garupa de seu cavalo (CROSSAN; REED, p. 19).

Durante seu ministério terreno, Jesus jamais se apresentou como “o Nazareno”, embora Ele seja chamado assim nos Evangelhos e em Atos dos Apóstolos (cf. Mt 26.71; Mc 10.47; 16.6; Lc 18.37; 24.19; Jo 1.45; 18.7; At 2.22, etc.). A única vez que o Senhor chamou a si mesmo de Nazareno foi no

encontro com Saulo de Tarso no caminho para Damasco: “Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem tu persegues” (22.8). Isso foi significativo para Paulo, que devia ter o mesmo preconceito de Natanael: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?” (Jo 1.46).

Na resposta dada ao então perseguidor do Caminho, Jesus deixou claro que tem uma relação íntima com a sua Igreja, fazendo-o lembrar-se, certamente, da pregação de Estêvão e do seu apedrejamento. Paulo descobriu que, ao perseguir furiosamente os cristãos, estava opondo-se ao próprio Cristo ressurreto, contra quem nada podia fazer de fato. A partir desse episódio, ele passou a entender que qualquer bem ou mal dispensado aos discípulos do Caminho recebe a devida retribuição do próprio Nazareno (cf. Mt 25.40,45; At 5.1-4).

Nosso pregador-modelo cita outros detalhes alusivos a esse glorioso encontro, procurando convencer os judeus de que não deixou o judaísmo por apostasia, e sim por causa de uma intervenção divina: “os que estavam comigo viram, em verdade, a luz, e se atemorizaram muito; mas não ouviram a voz daquele que falava comigo” (At 22.9).

Críticos da Bíblia — especialmente os que dividem a teologia bíblica em teologias paulina, lucana, joanina, petrina, etc., como se essas se contrapusessem entre si — dizem que o depoimento de Paulo contrapõe-se ao de Lucas. Isso porque esse apóstolo diz que os seus companheiros “viram, em verdade, a luz [...]”; mas não ouviram a voz daquele que falava comigo” (At 22.9), o que, aparentemente, contraria o que diz o autor de Atos dos Apóstolos: “pararam espantados, ouvindo a voz, mas não vendo ninguém” (9.7); mas a Bíblia é uma harmonia perfeita.

A narrativa de Lucas destaca a percepção sensorial dos companheiros de Paulo — que só ouviram sons ininteligíveis —, enquanto o depoimento desse apóstolo dá ênfase à coisa percebida (palavras inteligíveis), já que a construção frasal está no acusativo, o que acaba com a ideia de qualquer contradição. O primeiro texto [At 9.7] indica um “ouvir” do som; o último [22.9] aponta o significado ou a mensagem da voz (o que eles não ouviram) (VINE, p. 841).

De acordo com Lucas, os companheiros de Saulo não viram nenhuma pessoa (isto é, “ninguém”), mas perceberam que alguém estava falando do meio da luz de maneira parecida com que Deus falou a Moisés do meio da sarça ardente (Êx 3.1-4). Paulo, por sua vez, afirma que os homens viram a luz e não ouviram (gr. *akouo*, “entenderam”) a voz do Senhor (At 22.9, ARA; cf. 1 Co 14.2).

Portanto, uma leitura mais atenta é suficiente para convencer-nos de que não há nenhuma contradição ou desarmonia entre os relatos de Paulo e Lucas, pois a comparação das passagens mostra que os homens viram a luz e ouviram a voz de Jesus. Entretanto, não conseguiram ver quem falava nem entender a mensagem transmitida exclusivamente a Saulo (ZIBORDI, 2005, p. 88). Foi tão real que também seus companheiros o notaram. No entanto, a manifestação do Senhor exaltado destinava-se exclusivamente a Paulo (BOOR, p. 317).

Em seguida, esse apóstolo afirma: “Então, disse eu: Senhor, que farei?” (At 22.10). Nessa pergunta, o termo “Senhor” não tem, evidentemente, o mesmo sentido que aparece nas epístolas paulinas, nas quais geralmente é empregado em referência a Jesus Cristo (cf. Rm 1.4,7;

5.1; 1 Co 1.3; Ef 5.20,22, etc.). Trata-se de um título que indica a dignidade suprema de Jesus. “Aqui, é a forma normal de se dirigir respeitosamente a um desconhecido” (GONZÁLEZ, p. 151; cf. Jo 4.11).

Entretanto, ao introduzir a resposta de Jesus, o maior apologista do evangelho emprega novamente o título “Senhor”, agora com outro sentido: “E o Senhor disse-me: Levanta-te e vai a Damasco, e ali se te dirá tudo o que te é ordenado fazer” (At 22.10). Considerando que Jesus não é “o Senhor” para a multidão de judeus, Paulo está defendendo, ainda que de modo tácito, a deidade do Nazareno!

Ele fala, em seguida, da sua entrada na cidade: “como eu não via por causa do esplendor daquela luz, fui levado pela mão dos que estavam comigo e cheguei a Damasco” (At 22.11). Ao ficar cego — não necessariamente como uma punição, e sim por causa da própria luz —, entrou ali sem carruagens e poder, sendo conduzido, tateando no escuro, “com alguém segurando sua mão e guiando-o através dos becos e ruas, conduzindo-o à casa de Judas” (SPROUL, p. 333).

Nosso pregador-modelo confessa diante de todos a sua conduta maldosa, soberba e arrogante antes de conhecer o evangelho. Considerando-se autossuficiente, ele teve de humilhar-se e pedir ajuda a pessoas que perseguia sem nenhuma misericórdia. O homem duro, intolerante, que outrora respirava “ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor” (At 9.1), precisou ser guiado pela mão para poder entrar na cidade.

Nova vida de Paulo

Paulo detalha o que aconteceu na cidade de Damasco:

E um certo Ananias, varão piedoso conforme a lei, que tinha bom testemunho de todos os judeus que ali moravam, vindo ter comigo e apresentando-se, disse-me: Saulo, irmão, recobra a vista. E naquela mesma hora o vi. E ele disse: O Deus de nossos pais de antemão te designou para que conheças a sua vontade, e vejas aquele Justo, e ouças a voz da sua boca (At 22.12-14).

Em Atos dos Apóstolos, Lucas menciona dois cristãos com o nome de Ananias. O primeiro desviou-se do Caminho e mentiu ao Espírito Santo (At 5.1-11). O outro é o servo de Jesus Cristo que ajudou o neoconverso Saulo de Tarso. Ainda que este não chame Ananias de cristão no sermão em apreço, ele confirmou “a desconfiança de Saulo de que já havia cristãos em Damasco [...], embora Lucas não nos informe como o evangelho chegou àquela cidade” (GONZÁLEZ, p. 152).

Ananias foi enviado pelo Paráclito ao encontro de Saulo de Tarso com duas mensagens do Senhor:

Primeira, uma palavra de cura — “Saulo, irmão, recobra a vista” [...] —, e segunda, um anúncio a respeito de seu futuro trabalho. [...] Ao recordar a frase de Ananias, “o Deus de nossos pais”, Paulo poderia ter a esperança de mostrar de novo sua identificação com o auditório (WILLIAMS, p. 410).

O relato paulino coincide com o lucano nos traços básicos, mas há detalhes realçados por ambos. Lucas afirma que o próprio Jesus enviou Ananias ao encontro de Paulo. Este considera relevante mostrar aos seus ouvintes judaicos que, precisamente, “o Deus de nossos pais”, em quem eles também creem, escolheu Saulo de Tarso para conhecer a sua vontade. “Não cita aqui o nome Jesus, mas fala do ‘Justo’, a quem Deus lhe permitiu ver e ouvir na entrada de Damasco” (BOOR, p. 318).

Quando Ananias disse a Paulo que o “Deus de nossos pais de antemão te designou para que conheças a sua vontade” (At 22.14), referiu-se a uma eleição e um chamado feitos muito tempo antes da sua própria obediência (cf. Jr 1.4,5; Gl 1.15). O Deus de Abraão, Isaque e Jacó designara Saulo de Tarso para conhecer (vir a conhecer, compreender) sua vontade, para ver o Justo (o Servo Justo, isto é, o Messias) e ouvir sua voz, não de longe, mas de sua boca, face a face (HORTON, p. 220).

Estêvão, diante do Sinédrio, havia pregado a respeito desse Messias, o Justo de Israel, e Saulo de Tarso, juntamente com os seus pares, desprezaram-no, enfurecendo-se contra ele (At 7.52-54). Entretanto, após se encontrar com Jesus a caminho de Damasco e ouvir Ananias falando novamente sobre “aquele Justo”, tudo ficou muito claro.

Paulo teve a confirmação de que Estêvão fora morto injustamente ao pregar sobre a verdadeira justiça. Um cristão simples de Damasco, porém cheio do Espírito Santo, confirmou que Jesus Cristo é o Messias, o Salvador, e por isso transformou a vida de Paulo.

É raro no mundo teológico que alguém que tenha militado por uma determinada posição teológica, por um período de anos, de repente muda e vá para a outra banda. Acontece, mas não com muita frequência. Normalmente é necessário algum tipo de experiência dramática para provocar essa mudança (SPROUL, p. 333).

Como alguém com o cabedal de Saulo de Tarso deixaria tudo para seguir um carpinteiro de Nazaré? Na verdade, ninguém pode ser convencido a arrepender-se e crer em Jesus Cristo por meio de mera argumentação filosófica. Esta tem a sua importância — haja vista os apologistas! —, mas quem convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo é o Espírito Santo (Jo 16.8-11). Aliás, no caso de Paulo, em particular, além do Paráclito, o próprio Senhor interveio, dizendo-lhe: “Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem tu persegues”.

Atos dos Apóstolos é conhecido como Atos do Espírito Santo, mas também poderia ser chamado de Atos do Cristo Ressurreto. Antes de agir diretamente para salvar Saulo de Tarso, o Senhor já havia realizado outras ações pessoalmente. Além de derramar o poder do Espírito Santo no dia de Pentecostes (Mt 3.11; At 1.8; 2.1-4), ficou em pé enquanto Estêvão pregava diante do Sinédrio (7.56) e apareceu a Saulo no caminho para Damasco (9.5). O mesmo Jesus também ordenou a Ananias: “Vai, porque este é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel” (v. 15).

Apóstolo dos gentios

De acordo com Paulo, Ananias disse-lhe que, além de salvo por Jesus, nosso pregador-modelo foi chamado para ser apóstolo. Ainda que não faça parte do seleto grupo dos Doze, ele tem as mesmas credenciais dos que viram e ouviram o Cristo ressurreto: “hás de ser sua testemunha para com todos os homens do que tens visto e ouvido. E, agora, por que te deténs? Levanta-te, e batiza-te, e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor” (At 22.15,16; cf. 1.22; 2.32; 4.33; cf. 1 Co 9.1).

Está claro, à luz da analogia geral da Bíblia, que o batismo em água não lava pecados, pois simboliza a nova vida em Cristo (cf. Rm 6.1-10). Eles são lavados pelo sangue de Jesus (Ap 22.14; 1 Jo 1.7) através da invocação do seu nome, e não pela água do batismo.

Como Pedro faz ressaltar, as águas do batismo não podem lavar a imundícia da carne (isto é, a velha natureza). [...] Assim, passar pelas águas do batismo traz testemunho à fé que creu em Cristo e recebeu a purificação do seu sangue e da sua Palavra antes do batismo (HORTON, p. 220–221; cf. 1 Pe 3.20,21).

Chama-nos a atenção o fato de Paulo não mencionar o recebimento do batismo no Espírito Santo, com a evidência de falar em outras línguas, no momento em que Ananias orou por ele, batizando-o em água. Isso está implícito na frase “há de ser sua testemunha para com todos os homens”, já que o próprio Senhor Jesus prometera, antes do dia de Pentecostes:

“recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas [...] até aos confins da terra” (At 1.8, ARA).

Paulo não era um apóstolo por ocasião do derramamento inaugural do Espírito Santo no dia de Pentecostes. Aliás, ele sequer era salvo. Entretanto, percebem-se ligações intencionais com Atos 1 e 2 em termos do testemunho profético agora percebido (2.17; Jl 2.28-32), o que coloca a experiência de Paulo no mesmo nível daquela das testemunhas oculares do Pentecostes (WILLIAMS, p. 405).

Portanto, ainda que de modo silencioso e sóbrio, como Lucas sugere (cf. At 9.17,18), o príncipe dos pregadores itinerantes foi batizado com o Espírito Santo para ser uma testemunha do Senhor Jesus “para com todos os homens” (22.15). No entanto, ao mencionar essas palavras de Ananias, Paulo estrategicamente usa um termo genérico, preferindo não citar os gentios como alvo real do seu apostolado.

Ele, então, fala de uma experiência marcante que vivenciou no Templo em Jerusalém, a qual não é mencionada no relato feito por Lucas: “quando orava no templo, fui arrebatado para fora de mim” (At 22.17). Aqui, a ideia é de que lhe sobreveio um êxtase (gr. *ékstasis*; cf. ARA), um estado de “torpor mental” (lat. *in stupora mentus*) também experimentado por Pedro, em Jope (10.10), e por João, na ilha de Patmos (Ap 1.10).

Esse episódio não deve ser confundido com o encontro real de Paulo com Jesus a caminho de Damasco. Trata-se de uma experiência que, de modo algum, “está fora de sintonia com a impressão obtida das suas cartas. Ver e ouvir estão implícitos, como no incidente num momento crucial de seu ministério em Corinto” (BRUCE, 2003, p. 438; cf. At 18.9,10).

Ele tem plena consciência de que lhe sobreveio um êxtase no Templo, um estado similar ao que menciona em 2 Coríntios 12.2. “Foi por isso que no Templo ninguém, além dele, ouviu algo. Para ele, porém, significou uma ‘revelação do Senhor’ válida” (BOOR, p. 319).

O maior apologista do evangelho deixa bem claro que recebeu essa revelação do Cristo ressurreto após sua conversão, quando orava no Templo. Para ele, é muito importante partilhar essa experiência — pela qual o Senhor confirmou o seu apostolado — com os seus compatriotas. Trata-se de uma prova de que, para o cristão Paulo, esse santo lugar continua sendo uma casa de oração e adoração. “Um homem que orasse no Templo com certeza não o profanaria” (WILLIAMS, p. 411).

Muitos crentes leem esses relatos como se estivessem diante de um livro de mitologia, pois não conseguem crer na sobrenaturalidade do evangelho. Outros têm dito que essas experiências foram vivenciadas exclusivamente pelos cristãos do primeiro século. Esses céticos e cessacionistas têm razão, em parte, pois muitas heresias têm surgido depois de certos “êxtases” e “arrebatamentos” (ZIBORDI, 2006).

Por outro lado, nenhuma passagem do Novo Testamento abona a ideia de que não há mais sobrenaturalidade associada ao evangelho, que “é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê” (Rm 1.16; cf. At 2.38,39). Afinal, “Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente” (Hb 13.8). O que devemos fazer, nesse caso, é valorizar as experiências, mas também julgá-las, prová-las, examiná-las, priorizando as Escrituras (1 Jo 4.1; 1 Ts 5.19-21).

Em seguida, o príncipe dos pregadores itinerantes diz que viu “aquele que me dizia: Dá-te pressa e sai apressadamente de Jerusalém, porque não receberão o teu testemunho acerca de mim” (At 22.18). Ele não experimentou um êxtase no sentido moderno ou pagão, e sim um estado em que sua mente desligou-se da terra e conectou-se ao Céu. “Então ele viu Jesus que lhe disse para sair depressa de Jerusalém, porque os habitantes ali não receberiam seu testemunho a respeito dEle” (HORTON, p. 221).

Alguns eruditos veem aqui uma similaridade com a chamada do profeta Isaías (cf. Is 6), embora Deus tenha dito a esse profeta “para ficar e falar a Israel, o que é justamente o oposto do que disse a Paulo: ‘Apressa-te e sai logo de Jerusalém, porque não receberão o teu testemunho a meu respeito’” (SPROUL, p. 334).

Essa pressa caracterizou todo o trabalho desse apóstolo dos gentios e príncipe dos pregadores itinerantes! Esse mesmo ímpeto de avançar na força do Espírito Santo deve impulsionar-nos. Lembremo-nos do belo hino de Paulo Leivas Macalão: “Dá-te pressa, não vaciles, hoje Deus te chama/ Para vires pelejar ao lado Senhor/ Entra na batalha onde mais o fogo inflama/ E peleja contra o vil tentador” (*Harpa Cristã*, número 212).

Portanto, ao relatar esse arrebatamento de sentidos no mesmo lugar santo onde o Senhor falou com outros profetas, como Isaías,

(...) Paulo está igualando Jesus ao Deus do Templo e estabelecendo um paralelismo entre ele mesmo e Isaías, cuja mensagem também era dirigida a um povo que não queria ouvir (Is 6.9: “Vai e diz a este povo:

Ouvindo, ouvireis, e nunca entendereis; e, vendo, vereis, e jamais perceberéis”.) (GONZÁLEZ, p. 296).

Conclusão “desastrosa”

Ao receber a ordem de Jesus no Templo para pregar o evangelho, Paulo temia não ser aceito pelos cristãos, haja vista o seu passado como perseguidor do Caminho. Ele lembra, então, arrependido, do cruel assassinato da testemunha (gr. *martus*) Estêvão, perpetrado por seus pares do judaísmo, especialmente os membros do Sinédrio. “Aqui, a palavra ‘testemunha’ começa a ser empregada do modo que levou-a a tomar o sentido de ‘mártir’” (MARSHALL, p. 333).

Nosso pregador-modelo diz que, ao ouvir do Cristo ressurreto a ordem divina para pregar o evangelho fora de Jerusalém, argumentou: Senhor, eles bem sabem que eu lançava na prisão e açoitava nas sinagogas os que criam em ti. E, quando o sangue de Estêvão, tua testemunha, se derramava, também eu estava presente, e consentia na sua morte, e guardava as vestes dos que o matavam (At 22.19,20).

A despeito dessa acusação indireta, Paulo vem conseguindo, até certo ponto, acalmar a multidão. Mas chega o momento de mencionar, de modo enfático, a resposta do Senhor que confirmou a sua missão entre os gentios, a qual é exatamente o motivo do tumulto generalizado: “Vai, porque hei de enviar-te aos gentios de longe” (At 22.21). Aqui termina seu quarto sermão registrado, pois é impossível

que essas palavras — que precisam ser ditas — não firam o orgulho judaico.

Prisioneiro de Jesus Cristo

Se estivermos, mesmo, dispostos a pregar a Cristo, entrando pela grande porta que Ele tem aberto para nós, surgirão “muitos adversários” (1 Co 16.9). Nem sempre as palavras duras e verdadeiras de um mensageiro do Senhor terão como resposta a fé e o arrependimento, como aconteceu em Nínive (Jn 3). O evangelho também provoca reação hostil. E o que para os salvos é o poder de Deus, para os que perecem é loucura (1 Co 1.18).

Lucas informa que Paulo foi ouvido até o momento em que mencionou a sua missão entre os gentios. Então, “levantaram a voz, dizendo: Tira da terra um tal homem, porque não convém que viva!” (At 22.22). Aqui temos um lembrete da história de Jesus (cf. Jo 18.40; 19.6,12,15). Essa fúria dos judeus “contra Paulo é historicamente crível. Nos anos de 56 a 66 d.C. a intensidade do ódio judeu contra todas as coisas estrangeiras era muito forte” (WILLIAMS, p. 414).

Não se sabe se houve conversões. Mas, como resultado da apologia de Paulo diante da multidão enfurecida, ocorreu, com certeza, muita confusão. Creio que esse apóstolo, diante da reação do público, lembrou-se mais uma vez de outra pregação apologética, da qual foi espectador: a de Estêvão. Antes de ser concluída por esse jovem pregador, os membros

do Sinédrio já estavam com o coração cheio de ódio e desejosos de vê-lo morto (At 7.54).

Por que os judeus ficaram tão enfurecidos com a afirmação de que o Senhor enviara o fariseu Paulo “aos gentios de longe”? De acordo com alguns eruditos, os judeus viam os estrangeiros como “cães, comedores de carniça. Assim, em seu preconceito, eles começaram de novo a gritar pedindo a morte de Paulo. Eles achavam que ele não era digno de viver” (HORTON, p. 221).

Não podendo ultrapassar o muro de legionários, os inimigos de Paulo demonstraram toda a sua fúria gritando, “e arrojando de si as vestes, e lançando pó para o ar” (At 22.23), atitudes que simbolizavam rejeição total ao pregador e a sua mensagem. Era como se ele fosse um árbitro de futebol e tivesse marcado um pênalti de modo injusto a favor do time visitante no último instante do jogo.

A “torcida” queria invadir o “campo” e matar o “juiz”. Entretanto, nesse caso, quem havia cometido um grande pecado contra o Justo Juiz eram exatamente os “jogadores do time da casa”, os líderes religiosos judeus! Como Paulo não tinha como prioridade acalmar a multidão, e sim defender o evangelho, coube ao tribuno dissipar o tumulto, ordenando que os seus homens conduzissem o prisioneiro à fortaleza e o “examinassem com açoites” (At 22.24).

Vendo a situação cada vez mais complicada, Lísias — mesmo sem ter entendido muita coisa do discurso em aramaico e sem saber que Paulo era um cidadão romano — deduziu que ele era culpado pela formação do tumulto e também por aumentá-lo. Esse tribuno, ao mesmo tempo, queria

descobrir quem era esse homem misterioso que falava grego fluentemente. No entanto, acabou cometendo um grande erro ao ordenar que interrogassem “sob açoite” (At 22.24, ARA) um romano que conhecia muito bem os seus direitos.

Não pense que ser açoitado naqueles dias era uma simples surra, principalmente no caso de um “criminoso” que, até então, estava sendo tratado como não romano. Sob certas circunstâncias, um cidadão romano poderia ser punido com varas, mas no caso de escravos e não romanos usava-se o açoite de cordas ou couro, às vezes dotado de pedaços de metal ou de ossos [...]. Houve ocasiões em que essa tortura foi fatal (WILLIAMS, p. 415).

Lísias não sabia o real motivo da fúria do povo; apenas supunha que o seu prisioneiro era culpado de algum crime grave. Naquele tempo, era usual empregar a tortura no interrogatório de supostos criminosos que habitavam províncias subordinadas. Mas, no momento em que estava sendo amarrado e esticado para o início da sessão de açoites, nosso pregador-modelo perguntou ao centurião: “É-vos lícito açoitar um romano, sem ser condenado?” (At 22.25).

Essa dúplice pergunta certamente deixou o subordinado de Lísias preocupado. Punir fisicamente um cidadão romano ou usar contra ele qualquer outro tipo de castigo sem um julgamento eram procedimentos ilegais. O maior apologista do evangelho conhecia bem, aparentemente, as leis Valéria (500 a.C.), Pórcia (240 a.C.) e Júlia (em vigor no século I d.C.), as quais proibiam que se batesse em cidadão romano antes da conclusão de um processo judicial (cf. At 16.36-40).

Não restou alternativa ao centurião a não ser procurar o seu comandante e dizer-lhe: “Vê o que vais fazer, porque este homem é romano” (At 22.26). Lísias — que deve ter levado um susto — ordenou, então, que a flagelação e o interrogatório fossem suspensos até que se esclarecesse o caso na presença da autoridade judaica competente. Ele sabia que açoitar injustamente um cidadão romano “acarretava pena de morte! E até mesmo acorrentar um ‘romano’ era rigorosamente proibido” (BOOR, p. 320).

A preocupação desse tribuno era procedente, uma vez que já se tornara culpado, caso a informação de que o seu prisioneiro era romano fosse confirmada, simplesmente por mandar algemá-lo e ordenar o seu interrogatório sob açoite (cf. At 22.29). Aqui começa uma nova fase para nosso pregador-modelo, como prisioneiro de Jesus Cristo, marcada por muitos vaivéns. Entretanto, a Palavra de Deus jamais ficou presa (2 Tm 2.9).

Cidadão Romano e do Céu

Cláudio Lísias já havia ficado surpreso com o grego fluente do seu prisioneiro. Agora mais isto: ele é romano! Com quem estava lidando, afinal? Lucas diz:

“E, vindo o tribuno, disse-lhe: Dize-me, és tu romano? E ele disse: Sim. E respondeu o tribuno: Eu com grande soma de dinheiro alcancei este direito de cidadão. Paulo disse: Mas eu sou-o de

nascimento. E logo dele se apartaram os que o haviam de examinar; e até o tribuno teve temor, quando soube que era romano, visto que o tinha ligado” (At 22.27-29).

Nada podemos afirmar concretamente das circunstâncias pelas quais os antepassados de Paulo chegaram a tal *status*. Todavia, no primeiro século a.C., já havia muitos milhares de cidadãos romanos na Ásia Menor, já que esse privilégio vinha passando por um processo de concessão grandemente facilitada. No reinado de Cláudio, “com frequência era conseguido mediante suborno, mas sob Nero esse escândalo chegou ao fim, de modo que, pelo que sabemos, não voltou a ocorrer” (WILLIAMS, p. 415–416).

O tribuno não pôs em dúvida a cidadania romana de Paulo; apenas exprimiu sua amargura diante do fato de ela estar tão desvalorizada. Afinal, ele chamava-se Cláudio Lísias possivelmente porque comprara a sua cidadania sob o reinado de Cláudio, quando “a imperatriz Messalina conseguiu relevante lucro com a venda de cartas de cidadania” (GONZÁLEZ, p. 302). Nesse caso, acrescentou o nome romano (Cláudio) ao grego (Lísias) “em gratidão por sua cidadania e em honra ao imperador” (SPROUL, p. 337).

Era possível adquirir a cidadania romana mediante relevantes serviços ao Império Romano ou comprá-la por uma grande soma de dinheiro. Hoje, as pessoas são automaticamente cidadãs do país onde nasceram, mas ser um cidadão romano “significava fazer parte da elite.

Era um direito especial concedido, em grande parte, somente aos aristocratas da sociedade” (SPROUL, p. 337).

No caso de Paulo, seu pai (ou seu avô) deve ter prestado algum serviço especial ao Império Romano, sendo “recompensado com a cidadania romana para si e para sua família” (HORTON, p. 222). Seja como for, esse apóstolo não tinha uma documentação detalhada, como nos dias atuais, para corroborar a sua afirmação em latim, idioma que aprendeu em Tarso: *Civis romanus sum*, “Sou cidadão romano”. Ao fim e ao cabo, como ele poderia confirmar perante o tribuno que era romano de nascimento?

Naqueles dias, os romanos podiam usar uma toga para comprovar a sua cidadania. Se Paulo estivesse usando esse tipo de vestimenta — o que é muito improvável —, ela estaria completamente rasgada, já que ele quase fora linchado após ter sido arrastado para fora do Templo. Havia também uma plaquinha de madeira, uma espécie de diploma ou passaporte, conferida aos cidadãos romanos, a qual ele pode ter perdido durante o tumulto (WRIGHT, p. 357).

Uma coisa é certa: nenhum prisioneiro cometeria a loucura de mentir quanto à sua cidadania, pois isso era motivo de condenação à morte. Haja vista Paulo ter nascido romano, seus ascendentes podem ter obtido esse privilégio sem nunca terem pisado em Roma. O seu pai ou o seu avô eram provavelmente muito ricos. Há boas razões para acreditar que esse apóstolo “procedia de uma família abastada, dentre as maiores delas estava sua capacidade para vir até Jerusalém e estudar aos pés de Gamaliel” (SPROUL, p. 337).

Na ausência de documentos que pudessem comprovar qualquer alegação do seu prisioneiro, Lísias não hesitaria em consultar os próprios membros do Sinédrio. Aliás, outros discípulos de Gamaliel poderiam ter sido convocados a depor para confirmar ou negar as informações apresentadas pelo aluno desse famoso mestre. No entanto, ninguém, em momento algum, incluindo-se os sinedritas, tentou contestar a alegação de que Paulo era cidadão romano de nascimento.

O maior apologista do evangelho, por conseguinte, tinha uma quádrupla cidadania. Simultaneamente, era cidadão tarsiano (cilício) de nascimento; israelita, devido à sua ascendência (cf. Fp 3.5; Rm 11.1); e romano, também de nascimento. Mas, e a quarta cidadania? É a celestial, que ele obteve quando nasceu de novo a caminho de Damasco. Ao falar a respeito desta, ele assevera que “nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo” (Fp 3.20).

Capítulo 5

A Palavra de Deus não Está Presa

Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado de entre os mortos, descendente de Davi, segundo o meu evangelho; pelo qual estou sofrendo até algemas, como malfeitor; contudo, a palavra de Deus não está algemada.

2 Timóteo 2.8,9, ARA

O príncipe dos pregadores itinerantes diz, em sua última carta, que a Palavra de Deus não está presa ou algemada. Essa emblemática afirmação, quando ele, sob a perseguição de Nero, estava sem nenhuma liberdade — diferentemente dos primeiros anos em Roma (cf. At 28.30,31) —, prova que sua pregação em si tornou-se maior que a sua própria pessoa. Em outras palavras, Cristo cresceu, e Paulo diminuiu (cf. Jo 3.30). Esse deveria ser o objetivo de todos os pregadores do evangelho!

Entretanto, vivemos numa época muito difícil. Pregadores querem ser cada vez mais o centro das atenções e receber toda a glória. Eles aprisionam a Palavra de Deus, escondem-na do público para pregarem livremente as suas próprias “verdades” (2 Tm 4.3,4). Aprendamos com Paulo, que se tornou um prisioneiro de Cristo (Ef 3.1; 4.1; Cl 4.10; Fm vv. 1,9,23) para que a Palavra do Senhor estivesse completamente livre (2 Co 2.14-17; 2 Tm 2.8-13).

Nosso pregador-modelo — seguindo os passos de Jesus —, depois da sua prisão e da sua detenção noturna na Fortaleza Antônio, também foi levado, na manhã do dia seguinte, diante dos sinedritas reunidos em plenária, para ser interrogado por eles. Paulo, que, possivelmente, como supõem alguns eruditos, “fora membro do Sinédrio e tinha dado seu voto para o apedrejamento de Estêvão, tinha agora de enfrentar a mais alta corte dos judeus” (HORTON, p. 223).

Questiona-se o fato de o tribuno, ao constatar que esse apóstolo era um cidadão romano, ter participado de uma assembleia do supremo conselho judaico — geralmente conduzida em aramaico — com a finalidade de conhecer a acusação que pesava contra o seu prisioneiro (At 22.29,30; cf. 23.10). No entanto, não se tratou de uma sessão oficial do Sinédrio, e sim de uma reunião com os membros desse concílio, convocada por Lísias e, “provavelmente, realizada na própria residência dele ou em algum local romano de reunião” (GONZÁLEZ, p. 303).

Ter a cidadania romana era privilégio para poucos, haja vista os direitos políticos que ela conferia ao seu portador. Assim, quando soube que Paulo era romano, o tribuno passou a tratá-lo brandamente, até que se apurasse melhor o seu caso. E, no dia seguinte, “querendo saber ao certo a causa por que era acusado pelos judeus, soltou-o das prisões e mandou vir os principais dos sacerdotes e todo o seu conselho; e, trazendo Paulo, o apresentou diante deles” (At 22.30).

Perante o Sinédrio

Paulo, que estava preparado, olhou para o Sinédrio, e disse: “Varões irmãos, até ao dia de hoje tenho andado diante de Deus com toda a boa consciência” (At 23.1). Haja vista seu público-alvo, que eram os membros do conselho, andar diante do Senhor “com toda a boa consciência” pode aludir ao fato de ele, por ignorância, ter uma consciência tranquila, mesmo nos tempos em que ele perseguia os servos do Senhor. Ou seja, quando, enganado, fazia mal a estes antes do seu encontro com Jesus Nazareno, Paulo pensava estar prestando um grande serviço a Deus.

Por outro lado, como podia ele falar em boa consciência ao lembrar-se do seu passado como inimigo de Cristo? Paulo mesmo reconhece que é o principal pecador (1 Tm 1.15) e indigno de ser chamado apóstolo porque perseguiu a Igreja (1 Co 15.9). Nesse caso, como ele arrastava homens e mulheres antes da sua conversão, colocando-os na prisão e contribuindo para a sua execução, é mais provável que essa “boa consciência” refira-se à nova fase da sua vida. Afinal, ele estava sendo acusado por tudo o que fizera desde o seu encontro com Cristo a caminho de Damasco.

Quando falou à multidão em Jerusalém, Paulo fez a distinção entre “irmãos e pais” (At 22.1), dando destaque aos membros do Sinédrio. Agora, ele sabe que está diante dos seus pares. É momento de “fazer um jogo de igual para igual”. Não há nenhuma razão para sentir-se inferior. Por isso, ele fita os olhos no Sinédrio e declara, sem medo, que está cumprindo os seus deveres diante do Senhor com uma boa consciência (cf. At 24.16; 1 Co 4.4; Fp 3.6,9).

Essas palavras não foram bem recebidas, pois a plateia de Paulo era formada por saduceus e fariseus hipócritas, cuja consciência estava cauterizada. O sumo sacerdote Ananias, então, “mandou aos que estavam junto dele que o ferissem na boca” (At 23.2). Aqui temos um paralelismo com o julgamento do Senhor perante Anás. Naquela ocasião, “um dos criados que ali estavam deu uma bofetada em Jesus, dizendo: Assim respondes ao sumo sacerdote?” (Jo 18.22).

Ousado, Paulo reagiu de imediato, usando uma contundente expressão proverbial (cf. Ez 13.10-23): “Deus te ferirá, parede branqueada! Tu estás aqui assentado para julgar-me conforme a lei e, contra a lei, me mandas ferir?” (At 23.3). Será que esse apóstolo, que conhecia bem os seus direitos, não sabia que estava diante de judeus inescrupulosos, que condenaram Jesus Nazareno injustamente e lincharam Estêvão? Sim, ele sabia disso, porém não estava disposto a baixar a guarda, permitindo que a injustiça prevalecesse.

Ao chamar — aparentemente sem saber — o sumo sacerdote de “parede branqueada” (At 23.4), Paulo colocou mais um “crime” em sua ficha corrida, o de injuriar o “ungido de Deus”. Parede branqueada (ou caiada) alude à hipocrisia de quem procura esconder a realidade por trás da aparência, o que se coaduna com as acusações de Jesus aos escribas e fariseus: “sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia” (Mt 23.27).

Ananias era um homem violento e inescrupuloso, e foi como confirmação dessa reputação que ele mandou ferir o príncipe dos

pregadores itinerantes na boca. Teria ele pensado que Paulo estava mentindo, ou será que se sentiu ofendido por sua afirmação verdadeira? Esse sumo sacerdote aparentava ser um ministro da justiça, mas não o era de modo algum (cf. Lv 19.15), visto que na lei judaica os direitos dos acusados eram cuidadosamente protegidos (WILLIAMS, p. 419).

Paulo reagiu rapidamente à agressão que sofrera. No entanto, assim que o informaram de que Ananias — que não deve ser confundido com Anás (cf. At 4.6) — era o sumo sacerdote, pediu desculpas ao conselho, citando as Escrituras: “Não sabia, irmãos, que era o sumo sacerdote; porque está escrito: Não dirás mal do príncipe do teu povo” (23.5).

A afirmação desse apóstolo, *a priori*, é clara: ele não conhecia o presidente do Sinédrio, Ananias, nomeado sumo sacerdote em 47 d.C. por Herodes de Calcis. Paulo, desde muito, só havia estado em Jerusalém umas poucas vezes e, isso mesmo, por pouco tempo, por isso não é de estranhar que não tivesse visto antes o sumo sacerdote (HORTON, p. 224).

É possível também que Paulo tenha sido irônico, querendo dizer que não reconhecia o sumo sacerdócio de Ananias, haja vista a sua conduta hipócrita. Segundo essa tese, bastante imaginativa, Paulo quis dizer ironicamente: “Nunca imaginei que um sumo sacerdote que se preza seria capaz de ordenar que um prisioneiro fosse esbofeteado sem que houvesse o devido processo”.

Ademais, como não se tratava de uma reunião oficial do Sinédrio, já que os seus membros reuniram-se a convite do comandante romano, “deve-se supor que Ananias não usaria sua vestimenta oficial nem

presidiria a sessão, e que a discussão aconteceu em grego ou com intérpretes para que o comandante pudesse acompanhá-la” (GONZÁLEZ, p. 303). Todas essas suposições parecem mais plausíveis do que se pensar que Paulo era incapaz de distinguir dentre os que falavam porque tinha uma enfermidade nos olhos.

Seja como for, nosso pregador-modelo disse uma grande verdade a respeito de Ananias, que foi sumo sacerdote entre 48 e 58 d.C., devendo sua posição a Herodes Agripa II. Sua truculência, aliás, era tão grande que, em 66, quando estourou uma rebelião judaica, foi severamente punido pela multidão. A profecia “Deus te ferirá, parede branqueada!” finalmente se cumpriu, pois ele “foi assassinado poucos anos depois, no começo do levante judaico contra Roma, por ser amigo dos romanos” (BOOR, p. 323).

Não Toqueis nos Meus Ungidos?

O certo é que, embora não soubesse quem era Ananias, ou não o tivesse reconhecido, ou apelado à ironia, Paulo conhecia muito bem as Escrituras. Por isso, ao desculpar-se, citou Êxodo 22.28: “Os juízes não amaldiçoarás e o príncipe dentre o teu povo não maldirás”. Ao evocar essa passagem, demonstrou ter genuína humildade e disposição de submeter-se à Lei, em contraposição ao que diziam os seus acusadores.

Esse princípio de não dizer “mal do príncipe do teu povo” nunca foi revogado; devemos respeitar autoridades e líderes (cf. 1 Tm 2.1-3; Hb 13.17). Isso, porém, não significa obedecê-los cegamente ou deixar de

contrapor-se à injustiça e às heresias. Aliás, muitos líderes, conferencistas e cantores famosos valem-se da frase análoga “Não toqueis nos meus ungidos” (Sl 105.15) para ameaçar os seus críticos.

Considero importante abrir um parêntese aqui para explicar o que significa tocar no ungido do Senhor. A leitura atenta do Salmo 105 não nos deixa em dúvida: os ungidos mencionados nessa passagem veterotestamentária são os patriarcas Abraão, Isaque, Jacó (Israel) e José (vv. 9-17). Ademais, o título “ungido do Senhor” refere-se tipicamente aos reis de Israel no Antigo Testamento (1 Rs 12.3-5; 24.6-10; 26.9-23; Sl 20.6; Lm 4.20) e aos patriarcas em geral (1 Cr 16.15-22).

Por analogia, podemos afirmar que, na atualidade, Deus protege os seus ungidos assim como cuidou dos seus escolhidos no passado. Mesmo assim, não devemos presumir que todas as pessoas que se dizem ungidas de fato o sejam. Lembremo-nos das palavras do Senhor Jesus em Mateus 7.21: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus”.

É claro que a Bíblia abona o pensamento de que o Senhor cuida dos seus servos e protege-os (1 Pe 5.7; Sl 34.7). No entanto, isso se aplica aos que verdadeira-mente são ungidos, e não aos que parecem, pensam ou dizem sê-lo (Mt 23.25-28; Ap 3.1; 2.20-22). Afinal, Ele “conhece os que são seus, e qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade” (2 Tm 2.19).

Quando Paulo andou na terra, havia muitos “ungidos” ou que aparentavam ter a unção de Deus (2 Co 11.1-15; Tt 1.1-16). O imitador de Cristo nunca se impressionou com a aparência deles (Cl 2.18,23). Por isso,

afirmou: “E, quanto àqueles que pareciam ser alguma coisa (quais tenham sido noutra tempo, não se me dá; Deus não aceita a aparência do homem), esses, digo, que pareciam ser alguma coisa, nada me comunicaram” (Gl 2.6).

Aparência, popularidade, eloquência, títulos, anos de ministério... Nada disso denota que alguém esteja sob a unção de Deus e seja imune à contestação à luz da Palavra de Deus. Muitos enganadores, ao serem questionados quanto às suas pregações e práticas antibíblicas, têm citado a frase em análise, além do episódio em que Davi não quis tocar em Saul por ser este ungido do Senhor (1 Sm 24.1-6). A atitude de Davi, contudo, não denota que ele tenha aprovado as más obras daquele monarca.

Se alguém, à semelhança de Saul, foi ungido por Deus e comete erros, não cabe a nós matá-lo espiritualmente, condená-lo ao Inferno. Isso não significa que devemos silenciar ou concordar com todos os desvios do evangelho (Fp 1.16; Tt 1.10,11). O próprio Jônatas, filho de Saul, reconheceu que ele turbara a terra; e, por essa razão, descumpriu acertadamente as ordens do seu pai (1 Sm 14.24-29).

O texto de Salmos 105.15 em nenhum sentido proíbe o julgamento, o questionamento, o exame, a crítica, a análise bíblica de ensinamentos e práticas de líderes, pregadores, milagreiros, cantores, etc. Até porque o sentido de “toqueis” e “maltrateis” é exclusivamente quanto à inflicção de dano físico.

Mas é curioso como alguns “ungidos”, ao mesmo tempo em que citam o aludido bordão em sua defesa, partem para o ataque, fazendo todo tipo de ameaças quando são criticados. Certo *showman*, famoso por de-

rrubar pessoas com seu “paletó mágico”, verberou contra alguns apologistas usando os seguintes termos:

Vocês estão me atacando no rádio todas as noites — vocês pagarão e suas crianças também. Ouçam isto dos lábios dum servo de Deus. Vocês estão em perigo. Arrependam-se! Ou o Deus Altíssimo moverá sua mão. Não toqueis nos meus ungidos (HANEGRRAFF, p. 376).

Quem são os verdadeiros ungidos, afinal, que, mesmo não se valendo da frase citada, têm, de fato, a proteção divina até que cumpram a sua vontade? São os representantes de Deus que, tendo recebido a unção do Santo (1 Jo 2.20-27), preservam a pureza de caráter e a sã doutrina (Tt 1.7-9; 2.7,8; 2 Co 4.2; 1 Tm 6.3,4). Quem não passa no teste bíblico do caráter e da doutrina está, sim, sujeito a críticas e questionamentos (1 Tm 4.12,16).

Infelizmente, muitos líderes, pregadores, cantores e crentes em geral, considerando-se ungidos ou profetas, escondem-se atrás do bordão em análise e cometem todo tipo de pecado, além de torcerem a Palavra de Deus. Caso não se arrependam, serão réus naquele grande Dia! Os seus fabulosos currículos — “profetizamos”, “expulsamos”, “fizemos” — não os livrarão do juízo (Mt 7.21-23).

Portanto, que jamais aceitemos passivamente as heresias de perdição propagadas por pseudo-ungidos, que insistem em permanecer no erro (At 20.29; 2 Pe 2.1; 1 Tm 1.3,4; 4.16; 2 Tm 1.13,14; Tt 1.9; 2.1).

Respeitemos, porém, os verdadeiros ungidos (Hb 13.17), que amam o Senhor e a sua Santa Palavra, os quais são dádivas à sua Igreja (Ef 4.11-16).

Quanto aos que, diante do exposto, preferirem continuar dizendo — presunçosamente e sem nenhuma reflexão — “Não toqueis nos meus ungidos”, dedico-lhes outro enunciado bíblico: “Não ultrapasseeis o que está escrito” (1 Co 4.6, ARA). Ou seja, se eles quiserem aplicar a si mesmos a primeira frase, que cumpram a segunda antes!

Dividir e Conquistar

Voltando à defesa de Paulo perante o Sinédrio, ele percebeu que havia passado um pouco do tom e agiu bem ao desculpar-se. Embora estivesse sendo julgado de modo injusto, ele não tinha o direito de ofender o sumo sacerdote. Falar uma palavra dura durante uma pregação é correto só quando isso ocorre segundo a orientação do Espírito Santo (cf. At 7.51; Mt 3.7; 12.34). Mas, às vezes, podemos dizer palavras verdadeiras no momento errado (cf. Ec 8.6), o que requererá de nós uma ação inteligente para não estragar tudo.

Sábio e politicamente astuto, o maior apologista do evangelho não somente contornou essa situação, como também se valeu do seu conhecimento para deixar os membros do Sinédrio em contradição. Ninguém ali era mais israelita que ele! Mesmo como apóstolo dos gentios, Paulo “não deixou de ser israelita. Será que, portanto, deve permitir que o expulsem de Israel sem se defender?” (BOOR, p. 324).

Haja vista esse concílio ser formado principalmente por saduceus e fariseus, o príncipe dos pregadores itinerantes não entrou em uma discussão inútil, mas levou os seus membros a debaterem entre si: “Varões irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseu! No tocante à esperança e ressurreição dos mortos sou julgado!” (At 23.6).

Paulo, *a priori*, não podia ser condenado por um tribunal judaico, pois sempre se comportou como um judeu irrepreensível. Não havia como provar que ele voltara-se contra o judaísmo e o Templo, pois ainda preservava as tradições farisaicas. Nesse caso, sustentando que era fariseu e filho de fariseu, ele podia afirmar categoricamente que estava sendo julgado por sua esperança na ressurreição dos mortos.

A menção à ressurreição gerou um grande mal-estar entre os membros das principais seitas que compunham o Sinédrio (At 23.7). Aparentemente, Paulo “não demonstrou tato e tampouco algum desejo, como antes, de conciliar o auditório” (WILLIAMS, p. 417), visto que “os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo, nem espírito” (v. 8). Entretanto, preferindo não entrar em discussão inútil, usou a discórdia que sabia existir no próprio Sinédrio para fazer que, por fim, discutissem entre eles mesmos.

Tudo fazia parte de uma estratégia de defesa. Representantes das duas principais seitas do judaísmo estavam constantemente guerreando doutrinária e teologicamente, a despeito do fato de que aqui estavam juntos.

Os fariseus e os saduceus, adversários tradicionais, uniram-se pelo objetivo comum de parar o ministério do apóstolo Paulo. [...] Ele

conhecia o mais antigo estratagema de guerra — dividir e conquistar (SPROUL, p. 340).

Quando recontou, pelo que tudo indica, a história da sua conversão, dando ênfase ao que os fariseus criam, Paulo agradou-os. Não por acaso, alguns escribas fariseus — que creem na ressurreição e no mundo espiritual — começaram a defender esse apóstolo de modo enfático: “Nenhum mal achamos neste homem, e se algum espírito ou anjo lhe falou, não resistamos a Deus” (At 23.9).

A estratégia de Paulo, sem dúvida, foi uma “jogada de mestre”, considerando que saduceus e fariseus nunca foram, de fato, irmãos. Embora se unissem contra inimigos comuns, eram, de fato, rivais. Ademais, os sinedritas sabiam que o real motivo para perseguirem Paulo era a sua pregação sobre a ressurreição de Jesus Cristo, entregue à morte pelos judeus por inveja (Mc 15.10).

Quanto às acusações alusivas à profanação do Templo e outras, eram apenas um pretexto para matar o “apóstata”. Assim, como o real motivo da perseguição era a pregação de Paulo a respeito do Cristo ressurreto, logo esse apóstolo estava sendo perseguido por causa da ressurreição, que parte dos seus inimigos, os fariseus, defendia com fervor.

Na verdade, nessa ocasião, ante o Sinédrio — e depois, diante do governador (procurador) romano Antônio Félix e de judeus que o acusavam —, Paulo tirou proveito da situação.

Era uma oportunidade de testificar em favor da verdade da ressurreição e do fato da ressurreição de Jesus. [...] Isso dividiu o Sinédrio em dois campos. Enquanto discutiam uns com os outros, a discórdia cresceu. Foram além da ideia de ressurreição e começaram a debater a existência de anjos e espíritos (HORTON, p. 224).

Como se não bastasse o tema ressurreição — que em si já era muito contestado pelos saduceus —, a menção a anjo e espírito deve tê-los inflamado ainda mais. Mesmo assim, a maioria do Sinédrio ainda queria ver Paulo morto. Somente alguns dos fariseus apoiaram-no, mas de maneira provisória, pois o seu ódio a Jesus Nazareno e a sua mensagem ainda se mostraria maior do que a crença na ressurreição e no mundo espiritual.

Houve, portanto, tão ferrenha discussão entre fariseus e saduceus que faltou pouco para chegarem às vias de fato. E, se isso tivesse ocorrido, poderia evoluir para uma briga generalizada que resultaria em lesão corporal e até assassinato. Assim, o tribuno, “temendo que Paulo fosse despedaçado por eles, mandou descer a soldadesca, para que o tirassem do meio deles e o levassem para a fortaleza” (At 23.10).

Embora fosse um julgamento relacionado com o judaísmo, Lísias estava presente e ordenou a invasão do recinto por suas tropas, impedindo o linchamento do seu prisioneiro romano. Comumente, os judeus mantinham contatos com oficiais romanos; nesse inquérito especial, convocado por conveniência do comandante, nada havia que o impedisse de acompanhar e verificar o processo (WILLIAMS, p. 418).

Encorajado por Jesus Cristo

Nosso pregador-modelo, que, nas suas viagens missionárias, correria o risco de morrer “muitas vezes” (2 Co 11.23), sofrera, em apenas dois dias, três tentativas de assassinato em Jerusalém (At 21.31; 22.22; 23.10). Além disso, por mais que estivesse convicto de que precisaria passar por essa grande provação nessa cidade, ele era um ser humano e estava sozinho, já que nenhum dos seus companheiros podia estar ao seu lado naquele momento.

Que aflição estava enfrentando o preso do Senhor! Deus, todavia, não desampara os seus servos! Paulo estava em meio a uma “tempestade” e precisava de uma palavra similar à que o Senhor dirigiu aos seus discípulos: “Tende bom ânimo, sou seu; não temais” (Mc 6.50). E foi exatamente isso que aconteceu! Lucas diz que, na noite seguinte, apresentou-se-lhe o Senhor e disse-lhe: “Paulo, tem ânimo!” (At 23.11). Essa foi mais uma confirmação de que a sua ida a Jerusalém foi acertada, a despeito das graves consequências disso.

Nas suas viagens missionárias, esse apóstolo tinha pregado o evangelho a gentios, judeus e magistrados inferiores. Em nenhuma ocasião, ele havia estado perante reis ou o escalão superior do governo. Conquanto estivesse encarcerado, o seu ministério estava livre. Paulo perdeu a liberdade por algum tempo, mas a Palavra jamais esteve presa! Ele, que tinha o desejo de pregar em Roma, ainda não sabia que iria para lá como prisioneiro de Jesus Cristo.

Lucas diz que o próprio Senhor Jesus, “pondo-se ao lado dele, disse: Coragem! Pois do modo por que deste testemunho a meu respeito em Jerusalém, assim importa que também o faças em Roma” (At 23.11, ARA). Em outras palavras, “Paulo deve ter coragem não porque suas dificuldades logo acabarão, mas, antes, porque o que começou em Jerusalém continuará em Roma” (GONZÁLEZ, p. 304).

Atos dos Apóstolos é a continuação de “tudo que Jesus começou, não só a fazer, mas a ensinar”. Como já vimos no capítulo anterior e, também, em outra obra desta série, esse quinto livro do Novo Testamento pode ser chamado de Atos do Sumo Apóstolo, pois Jesus Cristo — “apóstolo e sumo sacerdote da nossa confissão” (Hb 3.1) — interveio, direta e pessoalmente, várias vezes na vida da Igreja Primitiva (ZIBORDI, 2018b, p. 28–29).

Logo no início de Atos dos Apóstolos, vemos o Cristo ressurreto como agente batizando os crentes com o Espírito Santo (2.4), em cumprimento das profecias (Jl 2.28,29; Mt 3.11). Mais tarde, Ele ficou em pé, à direita de Deus Pai, em sinal de aprovação à pregação de Estêvão (At 7.55; cf. Cl 3.1). Pouco tempo depois, o mesmo Senhor apareceu a Saulo de Tarso no caminho para Damasco e disse-lhe: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues” (9.5).

Mais tarde, alguns anos depois da sua conversão, Paulo voltou a Jerusalém, e o Cristo ressurreto falou com ele no Templo: “Dá-te pressa e sai apressadamente de Jerusalém, porque não receberão o teu testemunho acerca de mim” (At 22.18). Agora, como prisioneiro de Jesus Cristo, recebe a visita do mesmo Senhor, que vem e paira sobre ele para encorajá-lo.

Como veremos, a transferência de Paulo para Cesareia sob escolta militar, a fim de ser julgado junto à sede do governo romano, é outro passo em direção a Roma. Jesus, no entanto, fora claro: seu “vaso escolhido” não iria para lá a fim de defender-se, e sim para testificar do seu nome ou, literalmente, ser sua testemunha (gr. *martus*) diante de todos os homens (At 22.15).

A partir do momento em que o Senhor Jesus falou com esse apóstolo na Fortaleza Antônia, soube que faria uma viagem nada parecida com as anteriores. Deus tem os seus caminhos. Paulo estava na Macedônia, no continente europeu, na sua terceira viagem missionária, quando manifestou o desejo de pregar em Roma (cf. Rm 15.28). Mas era-lhe necessário passar por Jerusalém, onde ele começaria a sua longa viagem missionária até a capital do Império Romano.

Embora houvesse a garantia de que a sua vida seria preservada por Deus, Paulo sabia que os judeus fanáticos não desistiriam da ideia de matá-lo. E, na manhã seguinte, mais de 40 deles urdiram um plano para perpetrar isso:

Quando já era dia, alguns dos judeus fizeram uma conspiração e juraram dizendo que não comeriam nem beberiam enquanto não matassem a Paulo. E eram mais de quarenta os que fizeram esta conjuração (At 23.12,13).

Alguns eruditos acreditam que esses conspiradores eram zelotes, conhecidos como os terroristas do primeiro século. Eles reuniram-se e

fizeram um voto sagrado de fazer uma greve de fome. Não comeriam nem beberiam até que Paulo estivesse morto. Eram extremamente zelosos como Saulo de Tarso antes do seu encontro com o Cristo ressurreto, mas seu zelo era sem conhecimento, pois queriam matar o ungido de Deus.

Esses judeus fanáticos buscaram apoio dos príncipes dos sacerdotes e anciãos, especialmente saduceus pertencentes ao Sinédrio ou outros muito próximos destes (At 23.14). Talvez houvesse membros do farisaísmo nesse grupo, pois nem todos os sinedritas pertencentes a essa seita estavam do lado de Paulo. Somente “alguns escribas da parte dos fariseus” defendiam-no (cf. v. 9, ARA).

Aparentemente, esses mais de 40 judeus (zelotes?) tinham mais afinidade com os saduceus.

É até possível que se tratasse de um bando de *sicarii* contratados pelo próprio sumo sacerdote [...]. O fanatismo evidenciado por esses homens tornava-se cada vez mais uma característica da vida em Jerusalém (WILLIAMS, p. 422).

Os zelotes ficaram conhecidos como “sicários” (lat. *sicarii*, plural de *sicarius*, “homem da sica [adaga pequena]”), os quais, nas décadas que precederam a destruição de Jerusalém em 70 d.C., tentaram expulsar da Judeia os romanos e os seus simpatizantes. Eram hábeis com a adaga na mão, a qual escondiam nos seus mantos para atacar romanos e os seus simpatizantes. Podemos dizer que eles são precursores dos terroristas muçulmanos e ninjas japoneses.

Houve, então, um pacto secreto e um juramento para tirar a vida de nosso pregador-modelo: [...] Conjuramo-nos, sob pena de maldição, a nada provarmos até que matemos a Paulo. Agora, pois, vós, com o conselho, rogai ao tribuno que vo-lo traga amanhã, como querendo saber mais alguma coisa de seus negócios, e, antes que chegue, estaremos prontos para o matar (At 23.14,15).

Sem escrúpulos, os seus inimigos invejosos estavam dispostos a tudo para eliminar a quem era, àquela altura, o maior pregador do Caminho. Antes que Paulo se aproximasse, eles estariam esperando, prontos para matá-lo. Isto é, eles o emboscariam no caminho; assim, o Sinédrio não seria responsável por sua morte (HORTON, p. 225).

O plano, portanto, era bem simples e dificilmente falharia: os príncipes dos sacerdotes e anciãos pediriam a Lísias que enviasse o prisioneiro para um novo julgamento perante o Sinédrio para uma averiguação complementar. Se o tribuno autorizasse isso, os que juraram matar Paulo poderiam fazer isso com facilidade nas ruas estreitas de Jerusalém.

No curto trajeto, romperiam inesperadamente pela fileira de soldados que escoltariam Paulo, apunhalando-o. “Ainda que um ou outro deles sucumba ao golpe de uma espada romana, os sicários também são capazes de morrer, desde que libertem Israel de uma mácula dessas” (BOOR, p. 327). O Senhor, entretanto, estava com o seu servo para protegê-lo e cumprir a promessa de que ele testemunharia em Roma.

Diante do Governador

Nesse momento, entrou em cena mais um dos muitos anônimos de Atos dos Apóstolos, livro que menciona vários feitos de não apóstolos. Por algum motivo não explicado, um sobrinho de Paulo, presente à cena na ocasião, soube de toda a trama dos inimigos do seu tio e apressou-se em comunicar-lhe. Lucas menciona, aqui, pela primeira vez, algo mais específico sobre a família de Saulo de Tarso, a qual “deve tê-lo renegado depois de sua conversão, mas é aparente que a irmã de Paulo e seu sobrinho permaneceram leais a ele” (SPROUL, p. 345).

Quando dezenas de fanáticos fazem um juramento, não é muito fácil mantê-lo em segredo. No entanto, como a informação do atentado chegou aos ouvidos do sobrinho de Paulo? A resposta é simples: Deus sempre esteve no controle de tudo e usou um garoto para alertar o seu servo. Cuidadoso, esse apóstolo preferiu não falar nada aos centuriões. Apenas pediu a um deles que levasse o seu sobrinho ao comandante para comunicar-lhe “alguma coisa” (At 23.16,17).

Lísias estava disposto a tudo para preservar a integridade física do seu valioso prisioneiro romano. Por isso, recebeu o sobrinho de Paulo de modo cortês. Tomando-o pela mão, levou-o para um lugar onde pudessem conversar em particular. E, ao informar-se do conluio, “despediu o jovem, mandando-lhe que a ninguém dissesse que lhe havia contado aquilo” (At 23.18-22), sabendo que teria de tomar uma rápida decisão.

Essa história é tão vívida e circunstanciada que é quase certo que o autor de Atos dos Apóstolos esteve lá.

A referência ao sobrinho de Paulo é um dos poucos relances de que dispomos de suas ligações familiares. [...] Normalmente, um prisioneiro não podia fazer de um centurião seu mensageiro, mas deve ter ficado bem claro que o assunto era de extrema urgência (WILLIAMS, p. 423).

O tribuno chamou, então, dois centuriões e ordenou-lhes que aprontassem para as “três horas da noite” (3 horas depois do pôr do sol, ou seja, 21 horas) 200 soldados de infantaria, 70 montados em cavalos e mais 200 lanceiros para conduzirem Paulo até Cesareia marítima. Esse apóstolo e o Sinédrio terão de apresentar acusação e defesa diante do governador Félix, que não poderá simplesmente, nesse caso, “lavar as mãos”, já que o prisioneiro era um cidadão romano (At 23.23,24).

Alguns críticos consideram a escolta de quase 500 homens injustificável, haja vista esse número representar quase a metade da guarnição do forte. Entretanto, aquele momento era de grande aflição em meio ao fanatismo dos nacionalistas judeus. Afinal, o comandante não tinha ideia da extensão do levante. O menino havia falado em “mais de quarenta homens” (v. 21), mas quantos no total ele não sabia. De qualquer forma, os soldados a pé acompanhariam Paulo apenas durante a primeira e mais perigosa parte da viagem (WILLIAMS, p. 425).

Parece mesmo um pouco exagerado o forte esquema de segurança para impedir um atentado de aproximadamente 40 homens contra Paulo. Afinal, estamos falando de 400 soldados e 70 cavalarianos! Isso, entretanto, não ocorreu apenas por vontade do tribuno. Vemos, aqui, o cuidado do soberano Deus com a vida desse apóstolo, cuja missão ainda estava longe de ser concluída.

Na primeira etapa da viagem, toda a delegação percorreu uns 60 quilômetros pelas montanhas da Judeia até Antipátride, na fronteira entre os territórios de Judeia e Samaria, onde havia uma colônia romana. Essa cidade, que Herodes, o Grande, mandou construir em homenagem ao seu pai, Antipáter, era estratégica como posto militar. No dia seguinte, pela manhã, somente os homens a cavalo seguiram com Paulo por mais 40 quilômetros até Cesareia. Os homens da infantaria voltaram à Fortaleza Antônia (At 23.31-33).

Quando um magistrado romano transferia um caso para um superior, deveria “enviar junto um *elogium* no qual resumia o processo que tinha acontecido, bem como a natureza do caso” (GONZÁLEZ, p. 305). Diante disso, Lísias encaminhou uma carta ao “potentíssimo governador” Félix — procurador da Judeia entre 52 e 58 d.C. —, pela qual alterou levemente a ordem dos fatos.

Ele puxou uma cortina sobre a sua conduta errada para escapar de uma possível acusação: “Este homem foi preso pelos judeus; e, estando já a ponto de ser morto por eles, sobrevim eu com a soldadesca e o livreiro, informado de que era romano” (At 23.26,27). Na verdade, Lísias soube

da cidadania romana de Paulo *a posteriori*, quando seu prisioneiro estava na iminência de ser açoitado.

Esse tribuno também relatou o seguinte ao encaminhar Paulo ao procurador romano:

Querendo saber a causa por que o acusavam, o levei ao seu conselho. E achei que o acusavam de algumas questões da sua lei, mas que nenhum crime havia nele digno de morte ou de prisão. E, sendo-me notificado que os judeus haviam de armar ciladas a esse homem, logo te enviei, mandando também aos acusadores que perante ti digam o que tiverem contra ele. Passa bem (At 23.28-30).

Lucas deve ter tido acesso ao teor dessa missiva, haja vista o seu estilo realístico. Talvez uma cópia da carta houvesse sido entregue a Paulo como parte da documentação do seu apelo a César.

O texto traz a marca do que um oficial romano poderia ter dito, apresenta sua própria conduta sob uma luz mais favorável do que se ele dissesse a pura verdade e faz referência com certo desprezo aos judeus e “algumas questões da sua lei” (v. 29) (WILLIAMS, p. 426).

Defensor da Seita dos Nazarenos

Chegou o momento de cumprir-se a profecia de Ágabo, anunciada na casa de Filipe, o evangelista, a respeito do príncipe dos pregadores itinerantes: “o entregarão nas mãos dos gentios” (At 21.11). Entretanto, o Senhor Jesus também havia dito a Ananias, em Damasco, que Paulo seria “um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel” (9.15).

Esse apóstolo fora, por conseguinte, chamado por Deus para defender o evangelho diante de grandes autoridades, a começar por Antônio Félix, conhecido por Flávio Josefo como Cláudio Félix, “irmão de Palas, um liberto influente junto ao imperador Cláudio” (FABRIS, p. 600). Mais tarde, Paulo pregaria o evangelho perante o procurador Festo e o rei Agripa II.

Assim que o governador recebeu e leu a carta de Lísias, perguntou ao prisioneiro sobre a sua origem e, ao saber que era da província da Cilícia, disse-lhe: “Ouvir-te-ei quando também aqui vierem os teus acusadores” e encaminhou-o para o pretório (lat. *praetorium*), sede oficial do governador romano, palácio construído por Herodes, o Grande (At 23.33-35).

Para alguns eruditos, Paulo escreveu aos crentes de Filipos nesse pretório, haja vista ter dito que suas “prisões em Cristo foram manifestas por toda a guarda pretoriana e por todos os demais lugares” (Fp 1.13). Entretanto, de forma alguma combina com essa leitura o fato evidente de que na carta aos Filipenses Paulo se refere à intensificação do rigor da

prisão, enquanto em Cesareia, depois de pouco tempo, sua prisão foi relaxada (BOOR, p. 329; cf. Fp 2.17).

Félix perguntou sobre a origem de Paulo porque os governadores da Judeia evitavam assuntos ligados à religião. Estes eram espinhosos e poderiam levar a tumultos e dificuldades, “interpretados em Roma como sinal de incompetência do governador. [...] Se Félix conseguisse transferir o caso para a província de Paulo, ele se livraria de um assunto difícil” (GONZÁLEZ, p. 308). No entanto, esse processo dizia-lhe respeito, especialmente por causa da alegada cidadania romana do prisioneiro.

Depois de cinco dias, o sumo sacerdote Ananias e a sua comitiva viajaram a Cesareia Marítima, levando consigo um orador judeu — não obstante seu nome fosse romano —, Tértulo, para acusar Paulo formalmente (At 24.1,2). Os judeus apresentaram acusações formais contra esse apóstolo somente uma vez. “Nessa ocasião, eles contrataram um orador público profissional, para agir como advogado de acusação” (HORTON, p. 229). Ananias deve tê-lo chamado em razão de desconhecer os pormenores do direito romano.

O promotor de aluguel começou, então, o seu discurso em latim com uma *captatio benevolentiae*, lisonjeando o governador e pedindo a sua atenção:

Visto como, por ti, temos tanta paz, e, por tua prudência, se fazem a este povo muitos e louváveis serviços, sempre e em todo lugar, ó potentíssimo Félix, com todo o agradecimento o queremos

reconhecer. Mas, para que te não detenha muito, rogo-te que, conforme a tua equidade, nos ouças por pouco tempo (At 24.3,4).

Ficou evidente a estratégia de Tértulo quando empregou o primeiro elogio, não condizente com a verdade: “por ti, temos tanta paz”. Ele, assim, preparou a acusação contra o “perturbador” Paulo com grande habilidade ao enfatizar o cuidado do governador pela paz.

De fato, Félix investiu energicamente contra a atuação dos “sicários”. Agora deve liquidar esse causador de distúrbios entre os judeus [...] com o mesmo rigor (BOOR, p. 331).

Mas essa paz referida pelo orador, como se sabe, era a enganosa *pax romana*, imposta pelo Império Romano. “Naturalmente, os judeus odiavam o fato de serem uma nação ocupada por tropas estrangeiras. Eles conheciam a paz somente à custa da dominação romana” (SPROUL, p. 349). Essa paz era tão falsa que, pouco tempo depois, no ano 70 d.C., os romanos invadiram Israel, o que culminou com a destruição de Jerusalém.

Não por acaso, esse orador fez uma introdução cheia de adulação, exagerando nos elogios ao procurador romano Félix, que estava longe de ser um homem pacífico e responsável por “louváveis serviços”. Tértulo claramente se valeu da bajulação como uma estratégia de defesa, já que a sua denúncia contra Paulo mostrar-se-ia frágil e impossível de ser comprovada.

Em seguida, o orador contratado partiu para o ataque contra Paulo sem economizar na adjetivação e nas calúnias:

Temos achado que este homem é uma peste e promotor de sedições entre todos os judeus, por todo o mundo, e o principal defensor da seita dos nazarenos; o qual intentou também profanar o templo; e, por isso, o prendemos e, conforme a nossa lei, o quisemos julgar (At 24.5,6).

A acusação infundada contra Paulo era tríplice. Além de ser um sujeito pestilento — uma peste (gr. *loimós*, “praga” ou “pestilência”; cf. Lc 21.11) — que promovia discórdia, revolução e tumulto em todo o Império Romano, era um heresiarca. Ele seria o líder de uma seita contrária ao judaísmo, cujo fundador fora condenado à morte em Jerusalém havia alguns anos. Como se não bastassem essas duas acusações, o prisioneiro também era, segundo o promotor, um profanador do Templo.

Na verdade, na sua ânsia de desqualificar Paulo, Tértulo qualificou-o como “principal defensor da seita dos nazarenos”. De acordo com o texto grego (*protostáten te tes ton Nazoraion haireseos*), esse título resume o que esse apóstolo sempre representou para a cristandade: líder-modelo do cristianismo e maior apologista do evangelho.

Tértulo prosseguiu com o seu discurso vazio — porém cheio de ira —, responsabilizando Lísias indiretamente por ter ajudado Paulo a escapar da condenação em Jerusalém:

Mas, sobrevindo o tribuno Lísias, no-lo tirou dentre as mãos, com grande violência, mandando aos seus acusadores que viessem a ti; e dele

tu mesmo, examinando-o, poderás entender tudo o de que o acusamos. E também os judeus o acusavam, dizendo serem estas coisas assim (At 24.7-9).

Paulo, nesse caso, fora preso em flagrante tentando profanar o Templo, o que é uma grande calúnia. Tértulo não disse que o agarraram e, sem nenhum julgamento, começaram a espancá-lo visando a matá-lo como um ato de violência da multidão.

Em lugar disso (como os mais antigos manuscritos do Novo Testamento indicam), ele deu a entender que Paulo estava sendo julgado legalmente, de acordo com a lei deles, quando o tribuno interveio com muita violência e mandou que seus acusadores comparecessem perante o governador (HORTON, p. 230).

A grande fragilidade da argumentação dos acusadores é percebida principalmente nas seguintes palavras do promotor: “intentou também profanar o templo” (At 24.6). Outrora, em Jerusalém, disseram, de modo peremptório, que Paulo “profanou este santo lugar” (21.28). Depois, como não puderam provar isso, mudaram a acusação para tentativa de profanação do Templo.

Atrapalhado e flagrantemente mal-intencionado, Tértulo errou feio ao omitir a informação de que a multidão tentara linchar Paulo, já que Lísias havia relatado isso a Félix. O advogado de aluguel não sabia como contar a verdade, nem mesmo parte da verdade, e assim ele disse tudo menos a verdade e testemunhou falsamente contra o apóstolo Paulo (SPROUL, p. 351).

Quanto à acusação de esse apóstolo ter causado sedição entre os judeus de todo o mundo, onde estavam as evidências? Não havia nenhuma testemunha para comprovar essas acusações, que, além de muito mal alinhavadas por Tértulo, careciam “de argumentação e de provas, e até seu modo de exprimir-se deixa muito a desejar, como se ele achasse muito difícil concatenar palavra com palavra” (WILLIAMS, p. 430).

Quinto Sermão de Paulo em Atos dos Apóstolos

As palavras do orador de aluguel são fortes, porém pouco convincentes; para não dizer: flagrantemente inverídicas. Por isso, Félix não acata a sugestão de interrogar o acusado, preferindo conceder-lhe a palavra. Paulo, argumentador nato e cheio do Espírito Santo, não perderá essa valiosa oportunidade para defender, sobretudo, o evangelho, rebatendo ponto por ponto as acusações dos judeus.

Ele recebe do governador um sinal para começar a sua quinta pregação registrada por Lucas (At 24.10). E, mais uma vez, terá a oportunidade de discursar em sua própria defesa. Lembremo-nos, porém, de que estamos diante do maior apologista do evangelho, um homem que está pronto para morrer — se necessário — para dizer a todos que Jesus Cristo é o Messias de Israel, o Salvador do mundo, o único Mediador entre Deus e os homens.

Introdução estratégica

Tértulo era bastante conhecido pelo seu amor ao dinheiro e pela sua falta de escrúpulos, o que fica evidente na sua introdução lisonjeira. A atitude desse promotor contrasta com a de Paulo, que credita a Félix nada além do fato de ser governador por quatro anos. “As acusações levantadas contra Paulo são vagas e, várias delas, estão completamente além do escopo das leis e dos interesses romanos” (GONZÁLEZ, p. 311).

Paulo dirige-se ao governador de modo respeitoso, também com uma *captatio benevolentiae*: “Porque sei que já vai para muitos anos que de sta nação és juiz, com tanto melhor ânimo respondo por mim” (At 24.10). Ele mostra-se cortês diante do procurador romano, mas não apela para a lisonja, deixando claro que não pertence à mesma categoria de oradores de Tértulo. O seu modo calmo e objetivo de falar contrasta com a verborragia do seu acusador. Nada lhe interessava além da verdade (cf. 2 Co 13.8).

Em seguida, diz por que foi a Jerusalém: “Pois bem podes saber que não há mais de doze dias que subi a Jerusalém a adorar” (At 24.11). Nessa ocasião, pouco mais que dez dias eram decorridos desde que Paulo subira a Jerusalém para adorar. “Isto é, ele ali havia estado apenas sete dias antes de ser agarrado pela turba. Durante aqueles 7 dias, eles não encontraram discutindo [...] com quem quer que fosse” (HORTON, p. 230–231).

Como pode Paulo ser acusado de promover sedições se ele subira a Jerusalém para adorar? Ele sequer teve tempo suficiente ali para causar toda a confusão pela qual o acusavam. Sete desses dias foram dedicados a

oferecer seus sacrifícios no Templo, aonde ele havia ido para purificação. [...] Não havia gentio algum com ele, nem fizera qualquer coisa para profanar o Templo (SPROUL, p. 352).

Por isso, esse apóstolo sabiamente ignora a acusação generalizante de Tértulo, limita a sua defesa aos 12 dias desde que chegou a Jerusalém e é enfático ao dizer que “não me acharam no templo falando com alguém, nem amotinando o povo nas sinagogas, nem na cidade; nem tampouco podem provar as coisas de que agora me acusam” (At 24.12,13). Portanto, não vemos insurreição, heresia e profanação na sua conduta, e sim reverência, conformidade e adoração.

Defesa do evangelho

A primeira acusação de Tértulo, por conseguinte, não se sustenta; Paulo não fomentou rebelião alguma em sinagogas ou no Templo. Ele declara explicitamente que os chefes de Jerusalém não são capazes de provar nada, pois os seus verdadeiros acusadores, os judeus da Ásia, não estão presentes.

Paulo passa, então, a fazer uma declaração ou confissão pública da sua fé. Em respeito aos judeus, que o acusavam, refere-se ao cristianismo como “Caminho” e afirma que serve ao Deus dos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó (cf. Êx 3.13), bem como obedece às Escrituras: “Mas confesso-te que, conforme aquele Caminho, a que chamam seita, assim sirvo ao

Deus de nossos pais, crendo tudo quanto está escrito na Lei e nos Profetas” (At 24.14).

Constata-se nessas palavras de Paulo que o seu acusador queria convencer o procurador romano de que o acusado, ao abraçar a “seita” do Caminho, abriu mão da proteção dada à religião oficialmente permitida: o judaísmo. “Era compreensível que os judeus dissessem: Não temos nada a ver com esses ‘cristãos’, a proteção de nossa religião não pode nem deve mais beneficiá-los” (BOOR, p. 332).

Quando Paulo diz que, mesmo pertencendo ao Caminho, serve ao Deus os mencionados patriarcas, quer dizer que fazer parte dessa “seita” (gr. *hairesis*, “facção”, “partido”) não significa que deixou de ser “crente em tudo o que estava de acordo com a Lei, bem como em tudo o que foi escrito pelos profetas” (HORTON, p. 231). Ademais, também menciona seus ancestrais porque “os romanos tributavam grande respeito à sua religião ancestral, e talvez Félix se sensibilizasse diante de tal declaração” (WILLIAMS, p. 434).

Ressurreição dos mortos

Nosso pregador-modelo agora, ignorando a acusação de que “intentou também profanar o templo”, começa a falar sobre a esperança de uma ressurreição tanto de justos como de injustos (cf. Jo 5.29; Dn 12.2), assunto que havia dividido o Sinédrio: “Tendo esperança em Deus, como estes mesmos também esperam, de que há de haver ressurreição de mortos, tanto dos justos como dos injustos” (At 24.15).

Como somente aqui, em todo o Novo Testamento, Paulo afirma que todos os mortos, justos e injustos, ressuscitarão, creio que seja interessante abrir um parêntese para explicar essas duas modalidades de ressurreição. Aliás, o fundamento de tudo o que ele ensinou nas suas epístolas estava baseado na morte e na ressurreição de Jesus como “as primícias” (cf. 1 Co 15.1-23). “A reivindicação de toda a verdade do cristianismo permanece ou cai com base na ressurreição” (SPROUL, p. 340).

A ressurreição dos justos ou “primeira ressurreição” (Ap 20.6) é uma modalidade que abarca várias etapas. Ela foi inaugurada quando Jesus ressuscitou e terá continuidade a partir do Arrebatamento da Igreja, pois “os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro” (1 Ts 4.16). Trata-se de uma ressurreição seletiva dentre todos os mortos (Lc 20.35; Fp 3.11; 1 Co 15.51,52). Quanto à ressurreição dos injustos, ocorrerá após o Milênio e antes do julgamento do Trono Branco, o Juízo Final. Trata-se da “segunda ressurreição” (Ap 20.11-15).

Quais são as etapas da ressurreição dos justos? Primeira: Cristo, “as primícias dos que dormem” (1 Co 15.20; At 26.23). Segunda: os santos que saíram dos sepulcros depois da ressurreição de Cristo (Mt 27.52,53). Terceira: os que são de Cristo no momento do Arrebatamento (1 Co 15.23; 1 Ts 4.16). Quarta: as duas testemunhas, que atuarão na primeira parte da Grande Tribulação (Ap 11.11). Quinta: os mártires desse período (20.4-6).

Se a “primeira ressurreição” é uma modalidade que abarca várias ressurreições dos mortos em Cristo, a “segunda” é a da condenação dos injustos (Ap 20.4-6,13). No sermão em apreço, por conseguinte, Paulo assevera que tem a esperança de fazer parte da “primeira ressurreição”, a

dos justos, uma vez que procura “sempre ter uma consciência sem ofensa, tanto para com Deus como para com os homens” (At 24.16).

Não obstante, ele não menciona a ressurreição de Jesus Cristo diretamente. Alguns eruditos argumentam que Paulo sabiamente evitou fazer isso porque essa declaração seria facilmente interpretada de forma errônea por Félix, pois boa parte do nacionalismo e da resistência judaicas contemporâneas a Roma centrava-se na expectativa do Messias (GONZÁLEZ, p. 310).

A bem da verdade, o apóstolo dos gentios não precisa falar da sua fé em Jesus Cristo como Messias de Israel perante os sinédritas, pois eles já sabem disso. O seu testemunho consiste em mostrar com profunda seriedade aos seus antigos companheiros fariseus que seu evangelho não é outra coisa senão o pleno cumprimento de tudo o que também eles ensinavam e que por essa razão também eles estavam convocados a crer nos feitos através de Jesus (BOOR, p. 325).

Conclusão desafiadora

Paulo volta, então, a narrar os fatos relacionados com o seu caso e denuncia o falso testemunho de alguns judeus da Ásia, seus verdadeiros acusadores: “Ora, muitos anos depois, vim trazer à minha nação esmolas e ofertas” (At 24.17). As esmolas que levou à sua nação “não são outra coisa senão a coleta, interpretada por Lucas numa perspectiva filojudaica” (FABRIS, p. 602–603). Há, porém, uma dúvida quanto às ofertas.

Embora Paulo quisesse estar em Jerusalém por ocasião do Pentecostes, não há menção em Atos dos Apóstolos de que ele tivesse a intenção de fazer sacrifícios durante essa festa. No entanto, como ele menciona “ofertas”, é possível que tenha “desejado fazê-lo particularmente, por sua própria conta [...], ou apresentar uma oferenda em ação de graças pela coleta levantada” (WILLIAMS, p. 435).

Paulo tem a convicção de que não deixou de ser israelita por causa da sua conversão. Na verdade, como considera a primeira igreja em Jerusalém como o verdadeiro Israel, ele é capaz de afirmar de sua consciência perante o governador que essa coleta era destinada a “seu povo”. Ela é e continua sendo uma dádiva dos gentios cristãos especialmente para “Jerusalém”. [...] Consequentemente, não há nada de inverossímil na presente afirmação (BOOR, p. 333).

Em seguida, ele afirma:

Nisto, me acharam já santificado no templo, não em ajuntamentos, nem com alvoroços, uns certos judeus da Ásia, os quais convinha que estivessem presentes perante ti e me acusassem, se alguma coisa contra mim tivessem (At 24.18,19).

Essa afirmação põe por terra a principal acusação, pois nenhum judeu asiático estava presente para apontar-lhe o dedo. E, mesmo que algum deles estivesse presente, não tinha como provar que Paulo intentara profanar o Templo.

Sua defesa claramente deslegitima os seus acusadores, já que nenhum dos sacerdotes e anciãos ali presentes havia sido testemunha do que ocorreu no Templo. Só havia uma coisa, realmente, da qual eles haviam sido testemunhas: estavam presentes quando Paulo se levantou diante do Sinédrio e clamou que era por causa da ressurreição dos mortos que fora chamado a juízo (HORTON, p. 231).

Esse apóstolo não estava em Jerusalém em aglomerações nem promovendo tumulto. “Por inferência, os que causaram tumulto foram os ‘judeus da Ásia’, e eles é que deviam estar diante da corte testemunhando de suas próprias acusações” (GONZÁLEZ, p. 310). Como os acusadores originais haviam desaparecido, as acusações atuais, alteradas pelos sinedritas, não podiam ser provadas mesmo com todo o esforço do promotor contratado.

Por isso, Paulo, com segurança, lança o seu último desafio, lembrando-se da audiência no Sinédrio, em Jerusalém, onde não apresentaram nenhum crime de modo claro e determinado:

Ou digam estes mesmos se acharam em mim alguma iniquidade, quando compareci perante o conselho, a não ser estas palavras que, estando entre eles, clamei: hoje, sou julgado por vós acerca da ressurreição dos mortos! (At 24.20,21).

Vemos aqui mais um paralelismo com o julgamento do Senhor Jesus, julgado como um herege, supostamente de acordo com a lei judaica. Quanto ao príncipe dos pregadores itinerantes, foi acusado de ser infiel às Escrituras. Ele, no entanto, não cometera crime algum; apenas afirmava que as profecias messiânicas contidas no Antigo Testamento referiam-se a Jesus Nazareno, fato confirmado por sua ressurreição.

Ao fim e ao cabo, a única acusação que podia pesar contra o príncipe dos pregadores itinerantes era a sua crença na ressurreição. Ao referir-se a esse único “crime”, ele vale-se de certa ironia, pois os seus acusadores compareceram diante do procurador romano para apresentar uma acusação de ordem teológica, que jamais deveria ser trazida ao tribunal.

Deus Está no Controle

Não se chegou a nada nessa primeira audiência do processo de Cesareia. Assim, ouvidas as partes, o procurador romano resolveu não tomar decisão alguma. No entanto, “havendo ouvido estas coisas, lhes pôs dilação, dizendo: Havendo-me informado melhor deste Caminho, quando o tribuno Lísias tiver descido, então tomarei inteiro conhecimento dos vossos negócios” (At 24.22). Félix, na verdade, já tinha conhecimentos mais ou menos exatos acerca do Caminho. [...] Deveria ter dado liberdade a Paulo. Mesmo assim, pelo menos recusou-se a decidir a favor das autoridades judaicas (MARSHALL, p, 354).

Esse procurador romano, casado com uma judia, estava nesse cargo há muitos anos. E, como conhecia muito bem o jogo de interesses

praticado em Jerusalém, não podia nem queria condenar Paulo, cuja defesa fora objetiva e convincente. Por outro lado, o fato de não querer simplesmente prejudicar o relacionamento com o sumo sacerdote, motivo pelo qual também não queria libertar Paulo diretamente da prisão, certamente também foi decisivo para seu posicionamento (BOOR, p. 334).

Como é difícil enfrentar a injustiça! Mesmo sendo inocente, Paulo continuaria preso em Cesareia por dois longos anos por causa da politicagem de Félix. Que pensamentos passavam pela sua mente naquele momento? O que ele esperava e sobre o que orava? Sabemos muito pouco sobre isso. No entanto, nada na vida de um servo do Senhor ocorre por acaso ou por coincidência.

Deus manteve Paulo na prisão para preservá-lo de um mal maior e prepará-lo para novos desafios. Durante o seu encarceramento, estourou um enorme alvoroço, uma grande arruaça, seguida de uma luta campal entre judeus e gregos. Félix deixou os judeus ainda mais irados ao usar de violência para sufocar o tumulto, o que resultou na sua deposição.

Certo de que o Senhor está no controle de todas as coisas, ao príncipe dos pregadores itinerantes restava esperar com paciência no Senhor. Paulo estava no auge do seu ministério, no melhor momento da sua carreira, porém não tinha alternativa senão aguardar a abertura de mais uma porta grande e eficaz para pregar o evangelho (cf. 1 Co 16.9).

Lembra-se de José? Caluniado pela mulher de Potifar, no Egito, foi encarcerado e sofreu injustamente. Entretanto, o que foi que disse Estêvão acerca dele em sua pregação diante do Sinédrio? “Deus era com ele. E livrou-o de todas as suas tribulações e lhe deu graça e sabedoria ante

Faraó, rei do Egito, que o constituiu governador sobre o Egito e toda a sua casa” (At 7.9,10).

Às vezes, passamos por grandes dificuldades em nossa jornada. Estamos animados, cheios de entusiasmo, preparados para cumprir nosso ministério, mas sentimo-nos aprisionados. Por causa de maquinações ou conchavos políticos, motivados quase sempre por inveja, somos impedidos de realizar aquilo que tanto queremos. E, aparentemente, deixamos de atender à chamada que recebemos da parte de Deus.

Lembremo-nos, contudo, de que foi o Senhor Jesus Cristo que nos chamou! E, quando Ele opera, quem o impedirá? Deus está no controle de todas as coisas! Tudo o que fazemos na sua obra decorre, antes de tudo, da sua própria iniciativa (Jo 15.16). Confiemos na sua providência, mesmo quando nos sentirmos presos, de mãos atadas, pois “maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo” (1 Jo 4.4, ARA). No momento certo, uma grande porta ser-nos-á aberta!

Capítulo 6

Loucura da Pregação

Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus.

1 Coríntios 1.18

Após ouvir os acusadores do príncipe dos pregadores itinerantes e a sua convincente apologia, Antônio Félix considerou-se incapaz de condená-lo. Invocando o princípio romano conhecido como *amplius*, adiou formalmente o julgamento final, concedendo ampla defesa ao acusado. E, ao postergar a sua decisão, ordenou que Paulo fosse mantido na prisão em Cesareia, aguardando um exame adicional.

O procurador romano alegou que precisaria conversar com Cláudio Lísias para conhecer melhor os detalhes do processo. Todavia, jamais ouvimos sobre a chegada desse tribuno, o que nos leva a supor que Félix não apenas quis dar uma desculpa para despachar a comitiva de Jerusalém e ganhar tempo, como também garantir a segurança de Paulo, haja vista a possibilidade de ataque por parte dos sicários.

Félix ordenou que o prisioneiro recebesse um bom tratamento, “com brandura, e que a ninguém dos seus proibisse servi-lo ou vir ter com ele” (At 24.23). Não há dúvida de que foi “permitido aos cristãos visitá-lo, trazer-lhe alimento e dar-lhe tudo de que ele necessitasse” (HORTON, p. 232). Como se supõe, Paulo não escreveu nenhuma epístola durante o

período em que esteve preso em Cesareia — dois longos anos! —, mas, segundo alguns historiadores, seu companheiro Lucas acumulou boa parte das informações que incorporou ao seu segundo tratado.

Chama-nos a atenção o fato de esse autor de Atos dos Apóstolos não mencionar visita alguma por parte dos irmãos de Antioquia e Jerusalém, especialmente os apóstolos!

Onde estavam seus companheiros das igrejas gentias? [...] Nem mesmo somos informados sobre uma visita de irmãos a Paulo, embora Atos 23.16 mostre que tais visitas eram possíveis (BOOR, p. 325–326).

Alguns eruditos acreditam que Pedro estava longe de Cesareia nesse período, já que se tornara um pregador itinerante. Talvez estivesse em uma turnê missionária pela Europa ou morando em Roma (ZIBORDI, 2018c, p. 222–225). Quanto a Barnabé, é possível que, à época, fosse o pastor da Igreja de Chipre e ainda tivesse João Marcos como o seu auxiliar; ou, talvez, ambos estivessem em uma expedição missionária. Mas, e quanto aos outros?

Onde estavam Tiago, irmão do Senhor, e João, duas das colunas da Igreja em Jerusalém? Onde estavam os outros apóstolos citados por Lucas: André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago de Alfeu, Simão Zelote, Judas de Tiago e Matias?

Paulo passa por todas as vicissitudes de seu aprisionamento. Infelizmente, parece que a solidariedade e a irmandade a que os primeiros capítulos de Atos se referem estão se diluindo (GONZÁLEZ, p. 297).

Nosso pregador-modelo sentiu-se abandonado nos momentos em que mais precisava de um “ombro amigo”. Mais tarde, preso em Roma, escreveu a Timóteo sobre o seu processo, dizendo:

Ninguém me assistiu na minha primeira defesa; antes, todos me desampararam. [...] Mas o Senhor assistiu-me e fortaleceu-me, para que, por mim, fosse cumprida a pregação e todos os gentios a ouvissem; e fiquei livre da boca do leão (2 Tm 4.16,17).

Dois Anos na Prisão...

Enquanto Paulo estava na prisão em Cesareia, Félix e a sua esposa judia, Drusila, filha mais nova de Herodes Agripa I — grande perseguidor da Igreja, o mesmo que mandou assassinar Tiago e prender Pedro (At 12.1-4) —, resolveram chamá-lo para ouvirem “acerca da fé em Cristo” (24.24). Essa menção pouco comum à esposa de um procurador romano atesta a veracidade dos fatos, pois não havia nenhuma necessidade de Lucas introduzir o nome dela nessa história.

A sabedoria do imitador de Cristo e a sua oratória parecem ter encantado o eminente casal. Para Paulo, era muito difícil estar privado da

sua liberdade. Mas, em que outra circunstância ele poderia pregar o evangelho a um governador romano e à filha de Herodes? Como sabia que Deus havia-lhe aberto uma grande porta para pregar as Boas Novas a pessoas eminentes, discorreu com autoridade sobre a justiça, a temperança e o Juízo Final (At 24.25).

Quando ouviu sobre o juízo vindouro, Félix ficou com medo e encerrou a entrevista. A última coisa sobre a qual gostaria de pensar naquele momento era o julgamento final. E, por isso, desprezando a oportunidade de obter o perdão e a certeza da vida eterna, ordenou que Paulo fosse embora. Na verdade, o que parecia ser uma grande sede pelo evangelho era puro interesse por dinheiro.

Mesmo na condição de preso, o príncipe dos pregadores itinerantes pregou o que o governador e a sua esposa precisavam escutar, e não o que queriam ouvir. Para Paulo, a mensagem cristã era encorajadora, mas não à base de clichês teológicos abstratos. Não era o que poderíamos chamar de uma mensagem particularmente confortável. “Félix respondeu como alguém que já tivesse uma convicção formada: ‘Isso é o suficiente por hora! Você pode partir’” (BARTON, p. 406).

De acordo com Atos dos Apóstolos, a figura do procurador Antônio Félix oscila entre duas posições. Ele aparece como o juiz representante da justiça romana que tutela o direito de Paulo e, ao mesmo tempo, é um político que deseja agradar aos judeus (At 24.27). Essa imagem é ofuscada pela observação de que ele esperava que Paulo desse-lhe dinheiro.

Que decepção! Aparentemente, ao dizer que trouxera dinheiro a Jerusalém (cf. At 24.17), esse apóstolo despertou o lado interesseiro de

Félix. Lucas diz que ele, espavorido, respondeu: Por agora, vai-te, e, em tendo oportunidade, te chamarei; esperando, ao mesmo tempo, que Paulo lhe desse dinheiro, para que o soltasse; pelo que também, muitas vezes, o mandava chamar e falava com ele (At 24.25,26).

Félix talvez pensasse que nosso pregador-modelo fosse muito rico e tivesse muito dinheiro guardado ou posses a ponto de poder comprar a sua liberdade. Embora fosse proibido pela lei romana — *lex Julia de repetundis* —, o governador via no seu prisioneiro a possibilidade de ganhar dinheiro. Como isso jamais se materializou, manteve um cidadão romano inocente preso por dois anos.

Se Paulo não fosse um servo do Senhor, um apologista que priorizava a pregação e a defesa do evangelho em detrimento da sua própria liberdade, teria oferecido algum dinheiro ao procurador romano e, possivelmente, obtido a liberdade. Por outro lado, se esse apóstolo tinha mesmo alguma quantia em dinheiro, tal quantia era pequena. Talvez tivesse ainda uma parte do que fora arrecadado nas igrejas de Macedônia e Acaia.

Antônio Félix, na verdade, era dissimulado e muito malvisto pelos judeus por causa do seu casamento com Drusila, irmã de Agripa II e de Berenice, esposa do rei de Emesa, Aziz, que se convertera ao judaísmo. Ele servira-se da mediação de um mago judeu de Chipre para tirar Drusila do seu primeiro marido. Ademais, um dos meios que usou para progredir na sua carreira política foi casar-se “com mulheres influentes, e, por essa razão, Suetônio chama-o de ‘o marido das 3 rainhas’” (GONZÁLEZ, p. 308).

De acordo com Tácito (56–117 d.C.), embora o procurador Félix tivesse o poder de um rei e a mente de um escravo, ainda assim entrou para a História, mas “a coisa mais importante que lhe aconteceu foi seu encontro com o apóstolo Paulo” (SPROUL, p. 346). Esse eminente historiador romano refere-se ao fato de Félix, nascido escravo, ter recebido a sua liberdade por meio da intervenção do imperador Cláudio.

Ao manter Paulo preso, esse procurador romano agiu como Pilatos, que, após chegar à conclusão de que Jesus não havia cometido crime algum (Lc 23.1-25), lavou as mãos, querendo demonstrar que não carregaria a culpa, o “sangue nas mãos”, por ter condenado à morte um inocente (Mt 27.24). Convenientemente, não inocentou Paulo, agradando em parte aos judeus, sedentos por sangue, que podiam dizer aliviados: “Pelo menos, essa praga está presa”.

Como se não bastassem a sua dissimulação e o seu amor ao dinheiro, Félix também era um homem cruel. Para termos uma ideia disso, ele foi chamado de volta para Roma por ninguém menos que Nero logo após a morte de Cláudio. Um dos mais cruéis imperadores romanos da História estava preocupado — acredite — com o fato de um dos seus procuradores agir de modo muito brutal!

Fiel ao Senhor e plenamente honesto, o apóstolo Paulo preferiu enfrentar dois longos anos de prisão a pagar suborno a Félix. Por uma questão de oportunismo político, deixou-o na prisão para agradar aos judeus inimigos de Paulo, mesmo sabendo que não era um criminoso. Entretanto, o príncipe dos pregadores itinerantes confiava no Deus

soberano e aguentou firme até que o corrupto procurador foi substituído por Pórcio Festo (At 24.27).

Paulo passou por grande aflição e tribulações, porém não perdeu a paciência nem a esperança (cf. Rm 5.1-5). Depois de alguns séculos, não restou nada do imperador romano, do seu império, muito menos do seu fraco procurador, a não ser um eco distante nas páginas da História.

Ao passo que do pobre prisioneiro que parecia definhar nas prisões do império a lembrança viva permanece em todos os cantos do mundo, e sua mensagem ressoa ainda hoje com muito poder (GONZÁLEZ, p. 312).

Diante do Novo Governador

Nosso pregador-modelo permaneceu preso injustamente em Cesareia durante os dois anos finais do mandato de Félix. Aparentemente, Satanás prejudicou a expansão do Reino de Deus. Imaginemos o que um pregador como Paulo podia ter feito em liberdade! Entretanto, isso é mero raciocínio humano. Da mesma maneira que a morte precoce do grande apologista Estêvão não atrapalhou a marcha da Igreja, a detenção de Paulo estava nos planos do soberano Senhor, que jamais perde o controle de todas as coisas.

Uma nova fase estava prestes a começar. Assim que Festo assumiu a cadeira de governador provincial, logo no terceiro dia do seu mandato, resolveu visitar Jerusalém. Talvez não estivesse pensando nos seus

prisioneiros naquele momento, porém o sumo sacerdote e os principais dos judeus compareceram perante ele contra Paulo e lhe rogaram, pedindo como favor, contra ele, que o fizesse vir a Jerusalém, armando ciladas para o matarem no caminho (At 25.2,3).

A história repete-se. O ódio dos antigos companheiros de Paulo era tão grande que desejavam executar o mesmo plano maléfico que falhara havia dois anos. Eles esperavam que o novo governador permitisse a ida do seu prisioneiro a Jerusalém para um “simples” interrogatório, o que daria a oportunidade de os sicários atacarem-no com as suas lancetas ou adagas para assassinar-no.

Talvez esses inimigos de Paulo acreditassem que Festo não soubera do que havia acontecido. Não fica claro se ele sabia ou não da conjura anterior, mas esse magistrado romano respondeu-lhes que o seu prisioneiro “estava guardado em Cesareia e que ele brevemente partiria para lá. Os que, pois, disse, dentre vós têm poder desçam comigo e, se neste varão houver algum crime, acusem-no” (At 25.4,5).

Diante de novo fracasso, a última esperança dos judeus invejosos era conseguir junto ao novo procurador romano a pena capital para Paulo. Em dez dias, o sumo sacerdote e a sua equipe arregimentaram-se e partiram para Cesareia — dessa vez, sem um advogado contratado. Dois anos foi tempo suficiente para estudar o caso à luz do direito romano para apresentar uma acusação convincente diante de Festo.

Assim, poucos dias depois do início do novo governo, Paulo estava de novo no banco dos réus. Lucas diz que os judeus de Jerusalém rodearam-no, trazendo contra ele “muitas e graves acusações, que não

podiam provar” (At 25.6,7). Quando condenaram Jesus à morte, houve mentira. Quando lincharam Estêvão, basearam-se em falsas testemunhas. E, mais uma vez, os inimigos do evangelho queriam levar um mensageiro de Deus à morte mediante calúnias.

Com a garra dos inocentes, Paulo defendeu-se: “Eu não pequei em coisa alguma contra a lei dos judeus, nem contra o templo, nem contra César” (At 25.8). Festo certamente solicitou o registro do que ocorrera nas audiências anteriores e tomou conhecimento de que as acusações do Sinédrio eram frágeis. O seu prisioneiro era um judeu piedoso, que jamais havia sequer tentado profanar o Templo. Ademais, ele nada fizera que pudesse ser enquadrado no direito romano. Festo, no entanto, como todo procurador romano — haja vista Pilatos e Félix —, buscava sempre uma solução política. E, “querendo comprazer aos judeus, respondendo a Paulo, disse: Queres tu subir a Jerusalém e ser lá perante mim julgado acerca destas coisas?” (At 23.9). Isso já havia ocorrido antes, quando esse apóstolo fora acusado pelo Sinédrio diante do tribuno Cláudio Lísias, e nada fora provado.

Se o preso do Senhor aceitasse ser julgado em Jerusalém, correria o risco de ser morto pelos sicários, que estavam apenas esperando uma oportunidade para assassiná-lo. Por outro lado, é improvável que Festo estivesse mesmo disposto a montar um grande aparato de segurança para protegê-lo. Paulo reconhecia que a autoridade que estava por trás do tribunal, onde Festo estava sentado, era César. Como cidadão romano, estava onde tinha o direito de ser julgado. Nenhuma ofensa ou injúria

havia ele cometido contra os judeus, como Festo bem sabia (HORTON, p. 234).

Certo de que testemunharia de Cristo em Roma, Paulo resolveu, então, usar o seu último recurso como cidadão romano; e respondeu ao magistrado romano: Estou perante o tribunal de César, onde convém que seja julgado; não fiz agravo algum aos judeus, como tu muito bem sabes. Se fiz algum agravo ou cometi alguma coisa digna de morte, não recuso morrer; mas, se nada há das coisas de que estes me acusam, ninguém me pode entregar a eles. Apelo para César (At 25.10,11).

O que esse apelo significava? Se fizermos uma comparação com o que ocorre em nossos dias, apelar a César — que, naquele momento, era o imperador Nero — equivalia a recorrer à suprema corte. Como Festo era representante de Nero, o tribunal perante o qual Paulo estava, já “era o de César, mas como ele não tinha confiança suficiente no tribunal provincial, apelou ao tribunal supremo” (BRUCE, 2003, p. 352).

Festo percebeu que não estava julgando um prisioneiro qualquer. Por isso, consultou os seus conselheiros para averiguar se o pedido de Paulo estava em conformidade com a lei. Assim que falou “com o conselho, respondeu: Apelaste para César? Para César irás” (At 25.12). Mais uma grande decepção para os inimigos do príncipe dos pregadores itinerantes. De novo, voltariam a Jerusalém decepcionados com o resultado.

Alguns comentaristas acreditam que Paulo errou, pois ele nunca devia ter apelado a César. Entretanto, erro algum foi cometido; como cidadão romano, ele apenas exigiu os seus direitos como tal. “Voltar a

Jerusalém teria significado, definitivamente, sua morte. Ele não quis ser um mártir, intencionalmente. De fato, fez o possível para evitar o martírio” (MCGEE, 1991b, p. 137).

Ele não se entregou ao poder do mal ao apelar a César. Deus ordenou governantes humanos para punir transgressores e proteger aqueles que fazem o que é certo. “Paulo fez bem em usar os seus direitos como um cidadão romano para proteger-se a si mesmo e estender o seu ministério” (HUGHES, p. 321; cf. Rm 13.1-7).

Perante o Rei Agripa II

Nos dias anteriores à partida de Paulo à Itália, enquanto corria a parte burocrática, o novo procurador romano recebeu uma importante visita diplomática. O rei Herodes Agripa II — filho do cruel rei que matou Tiago, prendeu Pedro e morreu por não ter dado glória a Deus (cf. At 12) — e sua irmã viúva, Berenice, “vieram a Cesareia, a saudar Festo. E, como ali ficassem muitos dias, Festo contou ao rei os negócios de Paulo” (25.13,14).

Embora não fosse um modelo de virtudes, esse Herodes não era violento e cruel como o seu pai. Berenice, a sua irmã e esposa, fora casada com o seu tio e, após a sua morte, passou a ter uma relação incestuosa com Agripa II.

Houve uma breve interrupção quando se casou com outro homem, por um curto período, e então o deixou e voltou para Agripa II. Junto

com seu irmão, ela implorou aos judeus que não se envolvessem em rebelião contra os romanos, no ano 66 d.C., mas seus apelos foram ignorados (SPROUL, p. 363).

Aproximava-se o momento de Paulo partir para Roma mesmo sem saber o que lhe esperava ali, exceto o que lhe revelava o Espírito Santo (cf. At 20.22,23). Ele só tinha a certeza de uma coisa: o Paráclito estava no controle da sua vida. A ida para Jerusalém fora necessária; e a detenção por dois anos em Cesareia era inevitável. Tudo fazia parte do plano do Deus soberano.

Esse período de angústia certamente tornou o apóstolo Paulo ainda mais forte espiritualmente, fazendo com que ele aprendesse a contentar-se no Senhor e ter a certeza de que tudo ele podia em Cristo (cf. Fp 4.11-13). Ainda em Cesareia, o Cristo ressurreto cumpriria a promessa de que Paulo era “um vaso escolhido” para levar o seu nome diante dos reis (At 9.15).

Alguns eruditos acreditam que essa promessa só se cumpriu quando ele estava em Roma e pregou o evangelho a Nero (MCGEE, 1991a., p. 107), o que Atos dos Apóstolos não confirma. Entretanto, como a profecia está no plural, certamente contempla reis como Herodes Agripa II, ainda que este fosse um pequeno rei ante o grande imperador romano.

Agripa II era um importante estadista, com uma trajetória política bem consolidada. Ele tinha sido feito rei de Calcis, lugar que ficava entre as montanhas do Líbano e do Antilíbano, em 48 d.C.

Posteriormente (53 d.C.), tornou-se rei da tetarquia de Filipe, ao leste do mar da Galileia, e da de Lisâneas ao oeste e noroeste de Damasco. No ano 56 d.C., Nero anexou as cidades ao redor do mar da Galileia (HORTON, p. 235).

Como o governador romano estava disposto a cumprir a lei e, ao mesmo tempo, pretendia apaziguar os ânimos, considerou a possibilidade de dar uma solução política ou diplomática ao caso. Ele não queria desagradar às autoridades religiosas para não criar um mal-estar com os judeus, nem desejava entregar Paulo à morte, sabendo que não havia provas para os crimes de que o acusavam. Festo, então, disse a Herodes:

[...] Um certo varão foi deixado por Félix aqui preso, a respeito de quem os principais dos sacerdotes e os anciãos dos judeus, estando eu em Jerusalém, compareceram perante mim, pedindo sentença contra ele. A eles respondi que não é costume dos romanos entregar algum homem à morte, sem que o acusado tenha presentes os seus acusadores e possa defender-se da acusação. De sorte que, chegando eles aqui juntos, no dia seguinte, sem fazer dilação alguma, assentado no tribunal, mandei que trouxessem o homem (At 25.14-17).

Não foi sem motivo que o magistrado romano narrou a história do seu próprio ponto de vista ao rei Agripa. Após ouvir as duras acusações por parte dos principais sacerdotes e anciãos judeus, constatou que o seu

prisioneiro não cometera crimes ou coisas perversas. Tudo girava em torno de questões de ordem religiosa. Como pagão — leigo quanto ao judaísmo —, ele concluiu que Paulo era perseguido em razão de apegar-se a uma “superstição” ligada à crença de que “um tal Jesus, defunto” havia ressuscitado (At 25.18,19).

Festo também disse a Herodes:

E, estando eu perplexo acerca da inquirição desta causa, perguntei se queria ir a Jerusalém e lá ser julgado acerca destas coisas. Mas, apelando Paulo para que fosse reservado ao conhecimento de Augusto, mandei que o guardassem até que o envie a César (At 25.20,21). Isso, “lança nova luz ao caso. Paulo não estava apenas pedindo justiça romana, mas apelava à proteção romana” (WILLIAMS, p. 448).

Assim que ouviu o relato de Festo, Herodes acreditou que poderia resolver essa situação e respondeu-lhe: “Bem quisera eu ouvir também esse homem”. Então, no dia seguinte, “vindo Agripa e Berenice, com muito aparato, entraram no auditório com os tribunos e varões principais da cidade, sendo trazido Paulo por mandado de Festo” (At 25.22,23).

Jesus foi julgado pelo Sinédrio, pelo procurador romano e por Herodes em um único dia. No caso de Paulo, essas mesmas autoridades julgaram-no várias vezes ao longo de dois anos num desgastante vaivém. Aqui, porém, se evidencia a soberania de Deus. Jesus, o Salvador do mundo, veio prioritariamente para morrer por nossos pecados, e isso

ocorreu na plenitude dos tempos (Jo 10.17,18; Gl 4.4). Paulo, o príncipe dos pregadores itinerantes, veio especialmente para levar o nome do Senhor “diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel” (At 9.15).

Festo deu início à audiência saudando Herodes e a todos e, em seguida, explicou-lhes o caso em apreço:

[...] Rei Agripa e todos os varões que estais presentes conosco, aqui vedes um homem de quem toda a multidão dos judeus me tem falado, tanto em Jerusalém como aqui, clamando que não convém que viva mais. Mas, achando eu que nenhuma coisa digna de morte fizera, e apelando ele mesmo também para Augusto, tenho determinado enviar_lho (At 25.24, 25).

A objetividade de Festo contrasta com o modo lisonjeiro com que os oradores começavam os seus discursos (cf. At 24.3). Fica claro que ele chegou à conclusão de que Paulo não era digno da pena capital como queriam os seus inimigos. Ao mesmo tempo, esse magistrado não sabia ao certo como concluir esse caso. Como cidadão romano, o seu prisioneiro seria digno de alguma punição? Se sim, qual? E, se não o fosse, soltá-lo não significaria entregá-lo à morte? Parecia mesmo muito razoável enviar Paulo a Roma.

Entretanto, o procurador romano tinha dificuldade em justificar o envio do seu prisioneiro a Nero, o César Augusto de então. Por isso, disse a todos: [...] perante vós o trouxe, principalmente perante ti, ó rei Agripa, para que, depois de interrogado, tenha alguma coisa que escrever. Porque

me parece contra a razão enviar um preso e não notificar contra ele as acusações (At 25.26,27).

A decisão já fora tomada. Festo enviaria Paulo ao imperador romano, mas o seu problema era que ele não tinha coisa (digna de confiança) que escrever ao seu senhor, César.

Esperava que, após o interrogatório perante Agripa, aparecesse algo para ele escrever. Não lhe parecia razoável remeter um preso sem mencionar, numa carta, a acusação que contra ele pesava. [...] Até essa altura Nero tinha bons conselheiros, e Paulo tinha toda a razão de estar confiante em conseguir um julgamento justo em Roma (HORTON, p. 236).

Sexto Sermão de Paulo em Atos dos Apóstolos

Chega, então, o momento de Paulo apresentar mais um sermão apologético, agora diante do procurador romano Festo e do rei Agripa II. Este, que era versado em todas as coisas relativas aos costumes dos judeus, é quem lhe concede a palavra: “Permite-se-te que te defendas” (At 26.1). O príncipe dos pregadores itinerantes narrará a sua conversão novamente, dando alguns detalhes não mencionados até então.

Introdução autobiográfica

Em 1906, arqueólogos descobriram, perto da costa do médio Egeu, na Turquia, uma imagem do século VI que retrata Paulo como expoente das Escrituras. Numa pequena caverna recortada na rocha ao norte da elevação de Bülbül Dag, acima das ruínas de Éfeso, essa figura intacta mostra o apóstolo e mestre dos gentios segurando um livro com a mão esquerda e fazendo o costumeiro gesto dos oradores clássicos com a direita levantada (CROSSAN; REED, p. 9).

Diante de Herodes e autoridades presentes, Paulo faz de novo um gesto com a mão (cf. At 13.16; 21.40), dessa vez em honra ao rei, e começa o sermão com uma *captatio benevolentiae*:

Tenho-me por venturoso, ó rei Agripa, de que perante ti me haja, hoje, de defender de todas as coisas de que sou acusado pelos judeus, mormente sabendo eu que tens conhecimento de todos os costumes e questões que há entre os judeus; pelo que te rogo que me ouças com paciência (26.2,3).

Embora o termo grego *apologíá* denote “defesa” (cf. Fp 1.16; 1 Pe 3.15), sabemos que defender o evangelho, desde a apologia de Estêvão, consiste em apresentar a verdade atacando o erro (cf. At 7.3-56). Por isso, essa pregação apologética de Paulo torna-se “um ataque evangelístico pessoal ao rei, porém igualmente aos ouvintes dessa hora singular” (BOOR, p. 345).

Inicialmente, esse apóstolo chama a atenção para o fato de os judeus de Jerusalém conhecerem-no muito bem:

A minha vida, pois, desde a mocidade, qual haja sido, desde o princípio, em Jerusalém, entre os da minha nação, todos os judeus a sabem. Sabendo de mim, desde o princípio (se o quiserem testificar), que, conforme a mais severa seita da nossa religião, vivi fariseu (At 26.4,5).

Ele apresenta alguns trunfos em sua defesa: a sua origem, formação e o seu passado como fariseu, diante dos quais as acusações dos judeus tornam-se frágeis. Como se não bastasse ter sido educado na importante cidade de Tarso, na Cilícia, um notável centro de instrução — quase tão célebre quanto Alexandria e Atenas à época —, ele foi instruído teologicamente em Jerusalém pelo respeitado mestre Gamaliel, neto do rabino Hillel. Ora, como alguém com esse invejável *curriculum vitae* pode ter cometido crimes dignos de pena capital?

Esperança na ressurreição dos mortos

Paulo é um erudito, cuja formidável trajetória começa em Tarso, mas o que ele prefere ressaltar, haja vista os seus acusadores serem judeus, é o fato de as suas raízes estarem plantadas no judaísmo, a despeito de agora pertencer à “seita” do Caminho (cf. Fp 3.1-6). Ele esclarece mais uma vez

“que a fé não é um desvio do judaísmo, mas o cumprimento da fé judaica tradicional de seus antepassados” (LOPES, p. 474).

O rei Agripa II e o governador Pórcio Festo, sem dúvida, estão maravilhados com a erudição do réu, que é poliglota, versado em Filosofia, poesia antiga e Direito, além de ser hábil intérprete das Escrituras hebraicas. Inteligente e sagaz, Paulo já sabe que esses dois eminentes líderes estão convencidos de que ele é inocente das acusações de profanação do Templo e arruaças em Jerusalém e apresenta a Festo a justificativa para remetê-lo a Roma: a sua “incrível” e “absurda” crença na ressurreição dos mortos.

Ele mais uma vez associa a promessa da ressurreição aos pais ou patriarcas (Abraão, Isaque e Jacó), o que é o seu principal trunfo ante os seus acusadores:

E, agora, pela esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais, estou aqui e sou julgado, à qual as nossas doze tribos esperam chegar, servindo a Deus continuamente, noite e dia. Por esta esperança, ó rei Agripa, eu sou acusado pelos judeus. Pois quê? Julga-se coisa incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos? (At 26.6-8).

Muito mais que dar a Festo um motivo para remetê-lo a Nero, Paulo vale-se da pergunta: “Julga-se coisa incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?” para conduzir os seus eminentes ouvintes a uma grande verdade. Jesus Cristo, crucificado em Jerusalém, está vivo e tornou-se “o

primeiro da ressurreição dos mortos” (At 26.23). Ele refere-se, evidentemente, à ressurreição final dos justos, a “primeira ressurreição”, inaugurada por Jesus (cf. 1 Co 15.23,52; 1 Ts 4.16,17), que não deve ser confundida com outras ressurreições não definitivas, como as de Lázaro, Dorcas, Êutico, etc.

Perseguidor do Caminho

A presente pregação apologética combina autobiografia com argumento teológico. Este, em essência, une a doutrina farisaica, que abarca a esperança da ressurreição, com a gloriosa ressurreição de Jesus. Paulo não toca no verdadeiro ponto de contraste entre a crença tradicional dos fariseus e a mensagem cristã: enquanto os fariseus não acreditavam na ressurreição final, os cristãos afirmam que a ressurreição já começou com Jesus sendo levantado dentre os mortos (GONZÁLEZ, p. 316).

Depois de mencionar a ressurreição, que certamente deixa o seu auditório pensativo, Paulo volta a falar sobre a sua vida como zeloso fariseu: Bem tinha eu imaginado que contra o nome de Jesus, o Nazareno, devia eu praticar muitos atos, o que também fiz em Jerusalém. E, havendo recebido poder dos principais dos sacerdotes, encerrei muitos dos santos nas prisões; e, quando os matavam, eu dava o meu voto contra eles. E, castigando-os muitas vezes por todas as sinagogas, os obriguei a blasfemar (At 26.9-11).

Claramente, ele prepara o auditório para discorrer sobre a sua miraculosa transformação a partir do encontro com o Cristo ressurreto. Ao mencionar a sua sólida formação em todos os sentidos, sobretudo farisaica, e a sua perseguição aos cristãos, Paulo pretende salientar que seria preciso uma razão tremendamente forte e persuasiva para mudá-lo o caráter inclinado a perseguir a “seita” do Caminho.

Paulo dá a entender que tinha grande influência nos seus tempos de perseguidor dos cristãos: “quando os matavam, eu dava o meu voto contra eles”. Teria sido ele membro do Sinédrio? Há grande dúvida quanto a isso, não somente em razão da sua provável idade à época, como também por causa da sua origem. “O Sinédrio era uma assembleia de aristocratas, composto de homens de idade madura e muita influência” (WILLIAMS, p. 453).

Se ele foi mesmo um dos 70 membros do Sinédrio, isso explica por que os sinedritas odiavam-no tanto a ponto de quererem-no morto, já que ele seria um grande apóstata nesse caso. Por outro lado, “dar o voto” pode não significar literalmente o ato de votar, e sim o de consentir ou concordar com a ação dos que formalmente votavam. Essa é uma interpretação bastante plausível, haja vista a notável formação e habilidade pessoal do jovem Saulo, que admitiu ter consentido na morte de Estêvão (At 22.20).

Nos seus tempos de perseguidor do Caminho — quando, por ignorância, cometeu inúmeros pecados (1 Tm 1.13) —, ele não somente levava os cristãos à prisão, como também dava o aval para que muitos fossem mortos. Além disso, usava de violência contra eles nas sinagogas

a ponto de obrigá-los a blasfemar. Entretanto, a construção frasal grega em Atos 26.11 indica “que ele não conseguia o que procurava” (HORTON, p. 238), isto é, não tinha êxito em sua missão inglória contra a cristandade.

Encontro com Jesus Cristo

Três passagens de Atos dos Apóstolos narram a conversão de Paulo (cf. 9.1-18; 22.1-16; 26.1-18). Uma rápida verificação da sinopse revela que o núcleo da experiência é igual nas três narrativas.

Paulo vê apenas uma luz fulgurante vinda do céu. Uma voz dirige-se a ele pelo nome: “Saulo, Saulo, por que me persegues?”. Em resposta, Paulo pergunta sobre a identidade do interlocutor: “Quem és tu, Senhor?”, e obtém a resposta: “Eu sou Jesus [o Nazareno], a quem tu persegues” (MURPHY O’CONNOR, p. 100).

Nosso pregador-modelo começa a terceira narrativa desse encontro marcante com Jesus em Damasco, dizendo:

[...] E, enfurecido demasiadamente contra eles, até nas cidades estranhas os persegui. Sobre o que, indo, então, a Damasco, com poder e comissão dos principais dos sacerdotes, ao meio-dia, ó rei, vi no caminho uma luz do céu, que excedia o esplendor do sol, cuja claridade me envolveu a mim e aos que iam comigo (At 26.11-13).

Achando correto praticar atos contra o nome de Jesus Nazareno e com o respaldo do Sinédrio, Paulo partiu para Damasco. Em nome da religião judaica, ele transformara-se — paradoxalmente — no mais brutal inimigo do Filho de Deus de Israel! Não é exagero dizer que, antes da sua conversão, Saulo de Tarso tornara-se um precursor do Anticristo, isto é, uma espécie de anticristo (cf. 1 Jo 2.18).

Ficamos indignados quando vemos pessoas influentes do meio político ou da grande mídia perseguindo o cristianismo e querendo exterminar a fé cristã. Não tenhamos ódio delas. O que fazia Saulo de Tarso? E no que ele foi transformado? Pessoas que hoje se comportam como anticristos podem tornar-se grandes defensoras do evangelho. Amemos aqueles que nos perseguem (Mt 5.44).

Em pleno meio-dia, Paulo viu uma luz do céu mais forte que a do próprio sol, “cuja claridade me envolveu a mim e aos que iam comigo” (At 26.13). Não foi uma luz natural, e sim a presença do próprio Deus! Lembremo-nos do que está escrito em 2 Samuel 22.13: “Pelo resplendor da sua presença, brasas de fogo se acendem”.

Pentecostais costumam dizer que o batismo com o Espírito Santo comunica fogo (luz e calor) ao ser humano, o que não deixa de ser verdade. Entretanto, o que acende esse fogo na vida apagada do pecador é a presença de Jesus Cristo, a Luz do mundo (cf. Mt 4.16; Jo 8.12). O revestimento de poder, na verdade, aumenta esse fogo ou reaviva a sua chama (At 2.1-4).

A voz do Senhor está presente nas três narrativas da conversão de Saulo de Tarso. Mas somente agora ele menciona o idioma que Jesus usou:

“caindo nós todos por terra, ouvi uma voz que me falava e, em língua hebraica, dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Dura coisa te é recalcitrar contra os aguilhões” (At 26.14). Todos ouviram Jesus falando; somente Paulo escutou nitidamente o que Ele dizia-lhe!

O termo “língua hebraica” (gr. *hebraídi dialekto*) alude ao mesmo dialeto que Jesus usou ao andar na terra: o aramaico (cf. Mc 5.41; 7.11,34; 14.36; 15.34). Esse dialeto era bem conhecido de Paulo, que também o empregou quando falou à multidão nas escadas da Fortaleza Antônio, em Jerusalém (cf. At 21.40; 22.2). Quanto à frase “recalcitrar contra os aguilhões” — que também não aparece nas outras duas narrativas da conversão de Paulo —, era usada pelos mestres do judaísmo para expressar o pecado de opor-se ao Senhor.

Nos tempos do Novo Testamento, os animais de tração eram instigados com uma vara pontiaguda. “Quando o animal, ao invés de obedecer, se revoltava contra a vara, ele apenas fazia com que o ferrão penetrasse mais profunda e dolorosamente na carne” (BOOR, p. 348–349). Ou seja, Jesus quis dizer a Saulo que, apesar de toda a sua paixão e convicção, estava indo na direção errada, em oposição ao Deus de Israel.

Paulo diz, então, que perguntou ao Cristo ressurreto: “Quem és, Senhor?”, e Ele respondeu-lhe: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues” (At 26.15). Ante o *flash* de luz da presença do Senhor, tudo fez sentido para esse apóstolo ao mesmo tempo: a morte e a ressurreição de Jesus, o porquê de a sua consciência acusá-lo por causa da sua perseguição aos cristãos, especialmente a Estêvão (cf. 22.20), e a verdade pregada pelos membros do Caminho (BARTON, p. 426).

Quando examinamos atentamente o relato de Paulo, percebemos que a sua mente não estava vazia quando encontrou Jesus.

Aquilo que antes tinha considerado como absurdo (como a pretensão de que Jesus era o Messias, que tinha sido levantado dos mortos), agora considerava-as absolutamente verdade, sendo a essência do seu evangelho (MURPHY O'CONNOR, p. 102).

Saulo de Tarso, até então, era invencível no debate; somente um homem, que já estava morto, fora capaz de deixá-lo sem resposta: Estêvão (cf. At 6.10). Membro ou não do Sinédrio, Paulo já era, de longe, o principal expoente do judaísmo. Imaginemos o que ele sentiu ao descobrir que, perante Deus, a quem pensava servir, nada mais era que um anticristo, um oponente do Cristo ressurreto!

Chamada para pregar aos gentios

Nessa terceira narrativa do seu encontro com Jesus Cristo em Damasco, Paulo detalha o seu chamado para pregar aos gentios, filhos de Israel e reis. Ele enfatiza que o Senhor confiou-lhe a comissão de levar avante a sua obra redentora, propagando o evangelho, como foi profetizado por Isaías (42.6; 61.1,2), cooperando, assim, com a obra de Deus (cf. 1 Co 3.9).

De acordo com as narrativas anteriores, o Senhor Jesus dissera a Paulo por meio de Ananias qual seria a sua missão entre judeus e, especialmente, gentios, a qual foi confirmada algum tempo depois, quando ele orava no Templo em Jerusalém (At 22.12-21). Entretanto, esse apóstolo agora revela que recebera tal incumbência diretamente do Senhor, em primeira mão, ainda antes de entrar em Damasco.

Ao chamá-lo, o Cristo ressurreto disse-lhe: Mas levanta-te e põe-te sobre teus pés, porque te apareci por isto, para te pôr por ministro e testemunha tanto das coisas que tens visto como daquelas pelas quais te aparecerei ainda, livrando-te deste povo e dos gentios, a quem agora te envio, para lhes abrires os olhos e das trevas os converteres à luz e do poder de Satanás a Deus, a fim de que recebam a remissão dos pecados e sorte entre os santificados pela fé em mim (At 26.16-18).

Cronologicamente, vemos em Atos dos Apóstolos três confirmações do mandato vocacional do príncipe dos pregadores itinerantes. Primeiro, o Senhor contou a ele que seria ministro e testemunha diante dos gentios (At 26.16,17). Em seguida, o mesmo Jesus revelou a Ananias que Saulo de Tarso era um “vaso escolhido” para levar o seu nome diante de gentios, reis e israelitas (9.15,16).

A segunda confirmação, portanto, veio por meio do próprio Ananias, que disse a Paulo: “[...] O Deus de nossos pais de antemão te designou para que conheças a sua vontade, e vejas aquele Justo, e ouças a voz da sua boca. Porque hás de ser testemunha para com todos os homens do que tens visto e ouvido” (At 22.14,15). Ainda na casa de Judas, em

Damasco, o Senhor Jesus restaurou a visão desse apóstolo, que foi cheio do Espírito Santo (At 9.17,18).

Finalmente, no Templo, em Jerusalém, pouco tempo depois, o Senhor mais uma vez confirmou a chamada de Paulo, animando-o com as seguintes palavras: “Vai, porque hei de enviar-te aos gentios de longe” (At 22.21). Tudo isso nos mostra o cuidado do Senhor para com aqueles a quem convoca para a sua obra. Chamada ministerial é coisa séria! “E ninguém toma para si essa honra, senão o que é chamado por Deus, como Arão” (Hb 5.4).

O glorioso encontro com Cristo a caminho de Damasco marcou a vida de nosso pregador-modelo de maneira extraordinária, mudando completamente a sua maneira de pensar e agir, dando-lhe a certeza do seu chamamento para ser o apóstolo dos gentios (1 Co 9.1).

Paulo baseou sua convicção de que ele tinha visto o Jesus real na carne — Jesus ressuscitado e glorificado; e essa experiência foi a base de sua reivindicação de que era um apóstolo do mesmo grau e com os mesmos direitos dos Doze (MCKENZIE, p. 702).

Ele também salienta que o ministério que recebeu de Jesus Cristo consiste em pregar o seu evangelho para abrir os olhos das pessoas, levando-as a converterem-se das trevas e do poder do Inimigo ao Senhor, a Luz do mundo. Sua sublime tarefa é conduzir os pecadores à remissão dos pecados para que participem da família de Deus como santificados pela fé em Cristo Jesus.

O pecador só pode converter-se das trevas para a luz, do Diabo para Deus e da morte para a vida depois que os seus olhos forem abertos (1 Pe 2.9,10; Cl 1.13,14; Jo 5.24). Isso nos faz lembrar a graça de Deus, preveniente e persuasiva por meio da ação do Espírito Santo. Ninguém consegue entender o plano salvífico de Deus por si só, “razão pela qual Paulo e, com ele, todos os evangelistas do mundo receberam a incumbência ‘para abrir os olhos’ daqueles aos quais são enviados” (BOR, p. 348).

É clara a sequência apresentada por Paulo: a graça de Deus, pela qual os olhos do pecador são abertos, precede a conversão (Tt 2.11). E esta, por sua vez, antecede a remissão de pecados e a santificação (Rm 10.9-17). Fé e arrependimento são imprescindíveis para o recebimento da preciosa salvação em Cristo, mas, se não houver o convencimento por parte do Paráclito para abrir os olhos do pecador, não haverá verdadeira conversão (Jo 16.8-11).

Obediência à visão celestial

Em seguida, o príncipe dos pregadores itinerantes diz a Herodes Agripa II de modo enfático:

Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial. Antes, anunciei primeiramente aos que estão em Damasco e em Jerusalém, e por toda a terra da Judeia, e aos gentios, que se emendassem e se

convertessem a Deus, fazendo obras dignas de arrependimento (At 26.19,20).

Essa “visão celestial” não foi uma espécie de sonho, e sim uma aparição real. Jesus Cristo muitas vezes agiu por meio do Espírito Santo, o grande executivo em Atos dos Apóstolos. Entretanto, em alguns casos, como já vimos, o Cristo ressurreto agiu de modo pessoal. Não por acaso, Paulo escreveu que Ele, “por derradeiro de todos, me apareceu também a mim” (1 Co 15.8).

Esse apóstolo só foi o que foi porque obedeceu a Deus. Embora tenha sido separado pelo Senhor desde o ventre da sua mãe e chamado pela sua graça (Gl 1.15), ele nada teria feito em prol do evangelho se desobedecesse à visão celestial. Teólogos que defendem a doutrina da “graça irresistível” dizem que ele só obedeceu porque recebeu um “chamado eficaz”, o qual ser humano algum consegue ignorar. Entretanto, não é isso que o Senhor Jesus ensina na parábola do semeador.

De acordo com o Mestre dos mestres, a Palavra de Deus (a Boa Semente) só tem eficácia na vida daqueles que, ao ouvi-la, “a conservam num coração honesto e bom e dão fruto com perseverança” (Lc 8.15). Isso significa que Saulo de Tarso poderia não ter sido o apóstolo Paulo, príncipe dos pregadores itinerantes e o maior apologista do evangelho, caso tivesse desobedecido ao Senhor!

Certo de que a salvação em Cristo é proposta, e não imposta, Paulo anunciava o evangelho a judeus e gentios para “que se emendassem e se convertessem a Deus, fazendo obras dignas de arrependimento” (At

26.20). Ele não estava desenvolvendo a doutrina da justificação pelas obras [...]. Paulo estava de pleno acordo que nossas obras nada fazem para nos tornar retos aos olhos de Deus; mas uma vez que fomos convertidos, nossa fé deve produzir obras de obediência e justiça em nossas vidas (SPROUL, p. 369).

Nesse caso, as obras dignas de arrependimento mencionadas só podem ser praticadas pelo pecador capacitado previamente pela graça do Senhor. Não somos salvos pelas nossas próprias obras (Ef 2.8-10). A salvação, que consiste em três bênçãos instantâneas — justificação, regeneração e santificação —, é gerada inteiramente por essa maravilhosa graça sem qualquer participação do ser humano.

A salvação, porém, só é concedida, de fato, ao pecador que crê e arrepende-se mediante o convencimento do Espírito Santo. Por isso, a mensagem dos primeiros pregadores culminava inevitavelmente num chamado ao arrependimento (At 2.38; 3.19; 17.30; 26.20).

Podemos dizer aos pecadores que eles *não* precisam abandonar o pecado e mesmo assim chamar isso de evangelismo? Paulo ministrou aos incrédulos “dizendo que se arrependessem e se voltassem para Deus, praticando obras que mostrassem o seu arrependimento” (MACARTHUR, 2017, p. 209).

Em seguida, Paulo afirma que, por causa da sua obediência ao chamado do Senhor, demonstrada em Damasco e Jerusalém, bem como em toda a Judeia e também entre os gentios, os judeus lançaram mão dele

no Templo e procuraram matá-lo (At 26.21). À semelhança de João Batista, Jesus Cristo e Estêvão, assassinados por causa da sua mensagem, o príncipe dos pregadores itinerantes estava sendo perseguido.

Note que ele não se dá mais ao trabalho de defender-se da alegada profanação do Templo. Não havia mais dúvida, a essa altura, de que se tratava de uma acusação caluniosa e vã. Paulo está ciente de que deve ir a Roma, e seu objetivo prioritário é pregar o evangelho a todos, especialmente ao rei Agripa e a Festo, dando a este, de modo secundário, uma boa justificativa para encaminhá-lo aos cuidados de César Augusto.

Primado das Escrituras

O apóstolo Paulo não se limita à sua experiência transcendental e apresenta a todos a sua fonte primacial de autoridade:

Mas, alcançando socorro de Deus, ainda até ao dia de hoje permaneço, dando testemunho, tanto a pequenos como a grandes, não dizendo nada mais do que o que os profetas e Moisés disseram que devia acontecer, isto é, que o Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, devia anunciar a luz a este povo e aos gentios (At 26.22,23).

De fato, a razão de Paulo ainda estar vivo até aquele momento era o socorro de Deus. Desde a sua conversão, foram muitas as tentativas de

matá-lo por parte dos seus inimigos figadais, mas o Senhor preservou-o em vida para que testemunhasse a pequenos e grandes, isto é, aos vários níveis sociais que caracterizavam seu auditório (cf. Ap 11.18; 13.16; 19.5), embora tais palavras pudessem ser entendidas em termos das idades, “ao jovem (Agripa?) e ao idoso (Festo?)” (WILLIAMS, p. 458).

Paulo é o maior paradigma ou modelo para todos os pregadores depois de Jesus Cristo, o Pregador dos pregadores. Se tudo o que o precursor de Cristo, João Batista, disse do Senhor era verdade (Jo 10.41), então o imitador de Cristo não dizia nada além do que os profetas e Moisés haviam dito. Por isso, ele também escreveu aos crentes de Corinto animando-os e ensinando-lhes “a não ir além do que está escrito” (1 Co 4.6).

Ele jamais ensinou que a tradição ou as experiências estão sequer no mesmo nível da revelação escrita de Deus. Pelo contrário! Ele sempre enfatizou o primado das Escrituras. Em sua última epístola, assevera:

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra (2 Tm 3.16,17, ARA).

O que ele quer dizer diante de Agripa II é que a sua mensagem “concorda com o que Moisés e os profetas predisseram que ia acontecer: a redenção, o derramamento do Espírito Santo, o novo concerto e o julgamento final” (ARRINGTON, p. 785). Paulo ainda destaca “que o

Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, devia anunciar a luz a este povo e aos gentios” (At 26.23).

Diante dessas palavras, fica claro que o interesse principal de nosso pregador-modelo não é salvar-se. Ele não quer livrar-se a todo custo das acusações que ainda pesam contra si. O seu objetivo é pregar a Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios (1 Co 1.23, ARA). Ainda que sejamos perseguidos, não temos alternativa senão que nossa pregação deve ser Cristo crucificado! Não existe cristianismo sem ênfase à cruz!

Conclusão “delirante”

Não por acaso, Paulo havia escrito aos crentes de Corinto que a mensagem da cruz é loucura para os gentios (gr. *ethnos*), isto é, estrangeiros ou não judeus. Quem reage em alta voz às suas palavras, considerando-as delirantes, é o governador romano (gentio) Festo: “Estás louco, Paulo! As muitas letras te fazem delirar!” (At 26.24).

O conhecimento que esse apóstolo tinha deixava muitos eruditos boquiabertos. Lembremos da reação dos filósofos epicureus e estoicos em Atenas, Grécia, que, maravilhados com o que ouviram, o convidaram a falar ao conselho do Areópago (At 17.18-20). No entanto, quando Paulo afirma, diante de Agripa e Festo, que Moisés e os profetas previram que Jesus Cristo morreria e ressuscitaria para anunciar a luz a todos, é imediatamente chamado de louco, e sua pregação é interrompida.

Nos dias de hoje, conferencistas há que preferem dizer às pessoas o que elas gostam de ouvir. Valendo-se do pragmatismo e do utilitarismo, priorizam discursos politicamente corretos — porém bíblicamente errados —, visando a fama e o dinheiro. Não pregam a “loucura” do evangelho, e sim mensagens “inteligentes”, performáticas, humorísticas, divorciadas das Escrituras e daquele que diz: “fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre” (Ap 1.18).

Pregação Persuasiva, Graça Resistível

Ao interromper Paulo — falando, literalmente, “com uma grande voz” (gr. *megale te phoné*) , Festo demonstrou resistência à persuasão do Espírito Santo. O príncipe dos pregadores itinerantes não se assustou com essa reação, pois sabia que “a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus” (1 Co 1.18).

Era demais para um romano humanista ouvir um intelectual como Saulo de Tarso dizer que um simples pregador de Nazaré, morto pelo seu próprio povo — a quem, de modo desdenhoso, o próprio Festo chamara de “um tal Jesus, defunto” (At 25.19) —, tivesse ressuscitado para ser a luz do mundo. Paradoxalmente, esse procurador considerava que Paulo, conquanto fosse um erudito, criado na célebre Tarso e também aos pés de Gamaliel, tornara-se louco justamente por conhecer muitos livros e as Escrituras (BARTON, p. 429).

Para muitos pensadores da pós-modernidade, da mesma forma, fé nas Escrituras e ciência são incompatíveis. Eles acreditam que o intelectual

que se preza rejeita as ideias da pecaminosidade humana e da salvação eterna por meio de um Redentor. Um erudito, segundo pensam, só afirma que Jesus Cristo veio ao mundo a fim de morrer por nossos pecados e ressuscitar para nossa justificação quando se torna louco, fanático ou fundamentalista.

Alegam que a religião deva ser rejeitada pelos intelectuais, já que, segundo pensam, somente o que é cientificamente verificável é verdadeiro. No entanto, nenhum experimento científico pode averiguar essa asserção, pois é uma declaração de natureza *filosófica*, não científica. Além disso, a ciência se baseia na lógica, e nenhum experimento científico pode verificar a lógica. Ao contrário, pressupõe-se que a lógica é um componente válido do método científico (GEISLER; BOCCHINO, p. 69).

Para Festo, o príncipe dos pregadores itinerantes perdeu a cabeça por causa de excessivo conhecimento, mas o que ele afirmou acerca de Jesus eram palavras de verdade e de perfeito juízo. Nada há de irracional no cristianismo no sentido de assertivas contrárias à razão, embora haja tanta coisa que fica além da razão, só podendo ser apreendida pela fé (WILLIAMS, p. 459).

O apóstolo Paulo definitivamente não aparentava nenhum sinal de insanidade. Pelo contrário! Do alto da sua razão, respondeu ao governador com firmeza e serenidade:

Não deliro, ó potentíssimo Festo! Antes, digo palavras de verdade e de um são juízo. Porque o rei, diante de quem falo com ousadia, sabe estas coisas, pois não creio que nada disto lhe é oculto; porque isto não se fez em qualquer canto (At 26.25,26).

Supondo que Agripa II, além de conhecer as Escrituras, sabia dos fatos concernentes a Jesus, o sagaz Paulo dirigiu-se a ele: “sabe estas coisas, pois não creio que nada disto lhe é oculto”. Embora esse rei, nascido em 27 d.C., tenha sido educado em Roma, “ouviu o suficiente sobre os acontecimentos em torno de Jesus quando, depois da morte súbita do pai, assumiu o governo da Palestina no ano 44 d.C.” (BOOR, p. 350).

Deduz-se que Agripa, como judeu que vivia naquela região, sabia sobre os profetas e também estava ciente do surgimento do cristianismo em Jerusalém. No entanto, como ele aparentemente permaneceu calado — talvez para não contrariar Festo —, Paulo provocou-o: “Crês tu nos profetas, ó rei Agripa? Bem sei que crês” (At 26.27).

Na verdade, nosso pregador-modelo, com muita habilidade, deixou Agripa em situação difícil e sem resposta. Se dissesse que não cria nos profetas, perderia influência política junto aos judeus. E, se afirmasse que acreditava no que os profetas falaram a respeito de Jesus Cristo, não haveria nenhuma razão para não se tornar um cristão e seguir o Caminho, o que despertaria a fúria dos judeus.

Paulo não tinha como prioridade escapar da prisão. Para ele, uma alma verdadeiramente valia mais que tudo. E, por isso, estava disposto a morrer, a dar a sua própria vida, para ver o rei Agripa II salvo por Jesus Cristo. Todavia, esse Herodes, assim como Festo, endureceu o seu coração e disse-lhe: “Por pouco me queres persuadir a que me faça cristão!” (At 26.28).

Essa resposta a Paulo tem sido traduzida de algumas formas. A maioria dos eruditos interpreta-a como ironia, como se Agripa tivesse-lhe dito: “Tu realmente pensas que podes persuadir-me a tornar-me um seguidor de Cristo?”. Outros tomam a palavra desse rei como uma rejeição imediata. “Seja qual for a tradução, está claro que Agripa rejeitava os esforços de Paulo para convertê-lo” (HORTON, p. 240).

Agripa II percebeu o brilho nos olhos do pregador, que nitidamente estava “louco” para vê-lo arrependido dos seus pecados e crendo que o Senhor Jesus Cristo é o Messias, o Salvador de Israel e de todo o mundo. Ao afirmar estrategicamente que o rei cria nos profetas, Paulo prensou-o contra a parede, induzindo-a crer no que pregara. Herodes, contudo, mantendo-se duro, resistiu ao convencimento do Espírito Santo.

Sua conduta leva-nos a refletir sobre indivíduos de alta posição que ouvem o evangelho. Agripa representa a imagem de muitas pessoas de projeção e estudo que não têm coragem de ceder ao impacto que a Palavra causa nos seus corações. Não rejeitam asperamente o mensageiro de Jesus; têm apreço por ele. Contudo, esquivam-se de sua investida com um movimento de corpo elegante ou levemente zombeteiro (BOOR, p. 351).

Alguns teólogos defendem — repito — a doutrina da “graça irresistível”, segundo a qual Deus chama de modo incondicional os seus eleitos, que não podem resistir ao poder salvífico da graça de Deus. Segundo esse pensamento, a chamada para ser salvo pode ser geral ou eficaz. A primeira é para todos, e a segunda, somente para os eleitos antes da fundação do mundo (WALLS, p. 45–46).

Ou seja, apesar de todo o esforço de Paulo ao pregar para Herodes, este não teria sido chamado de modo eficaz pelo Espírito Santo! Ora, há vários textos do Novo Testamento pelos quais fica claro que a graça salvífica não é irresistível, e sim preveniente. Ela vem antes sobre o pecador para capacitá-lo previamente a receber a salvação, e ele pode, sim, resistir livremente ao convencimento do Espírito Santo (cf. At 7.51; 2 Co 6.1; Hb 12.15; Mt 23.37; Lc 7.30).

Nosso pregador-modelo, então, insistiu com a “loucura da pregação”, percebendo que a porta da graça abria-se a Herodes: “Prouvera a Deus que, ou por pouco ou por muito, não somente tu, mas também todos quantos hoje me estão ouvindo se tornassem tais qual eu sou, exceto estas cadeias” (At 26.29). Em outras palavras, ele “não inveja a posição nem o poder deles e [...], exceto pelas algemas, ele, na verdade, está em situação melhor que a deles” (GONZÁLEZ, p. 317).

Paulo tinha algemas, porém a Palavra de Deus não estava presa! Ele chegou a um nível de comunhão com Jesus Cristo e fidelidade ao seu chamado, que nada mais lhe era importante que anunciar o evangelho. Talvez a lembrança de Estêvão fosse recorrente nos seus pensamentos. O preso do Senhor era um autêntico apologista e não conseguia apagar da sua memória o feito do jovem pregador que, sem temer a morte, diante de uma plateia cheia de ódio, disse tudo o que recebeu do Senhor!

A resistência à graça de Deus manteve-se a ponto de levantar-se “o rei, e o governador, e Berenice, e os que com eles estavam assentados” (At 26.30). Enquanto eles portavam-se como magistrados em um julgamento, Paulo agia como um autêntico pregador e apologista do evangelho. Para

ele, salvaguardar-se era secundário. O que ele queria mesmo era ver todos salvos em Cristo Jesus. No entanto, nem sempre a Boa Semente cai em boa terra (cf. Mt 13.18-23).

Capítulo 7

A Última Viagem de Paulo

O Senhor me livrará também de toda obra maligna e me levará salvo para o seu reino celestial. A ele, glória pelos séculos dos séculos. Amém!

2 Timóteo 4.18 (ARA)

João Batista foi o primeiro, mas não o único pregador a acabar a carreira, perder a cabeça e guardar a fé. O segundo foi Tiago, filho de Zebedeu — primeiro mártir dentre os 12 apóstolos —, “decapitado como João, o Batista” (BARKER, 2011). O terceiro dessa lista seleta de heróis da fé é o príncipe dos pregadores itinerantes, cuja vida “foi terminada em Roma pela espada do carrasco” (BRUCE, 2003, p. 429).

Embora a informação de que Paulo foi decapitado na capital imperial, mais precisamente em *Aquae Salviae* — hoje, Ter Fontane, perto do terceiro marco, na estrada para Óstia — não apareça no Novo Testamento, ela é confirmada pela tradição. O que ainda persiste é a dúvida a respeito do ano da sua execução, que, de acordo com os eruditos, não pode ser colocado antes de 64 d.C. (KELLY, 1983) nem depois de 67 d.C. (MURPHY O’CONNOR, 2017).

Não por acaso, Paulo é o autor da emblemática frase: “Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé” (2 Tm 4.7). Nos dez anos que antecederam o seu martírio em Roma, aproximadamente, desde sua prisão em Jerusalém (57 d.C.), esse pregador, apóstolo e mestre dos

gentios combateu o bom combate pela fé e correu a carreira que lhe estava proposta.

Clemente de Roma (35–97 d.C.), talvez um dos cooperadores de Paulo (cf. Fp 4.3), escreveu no fim do primeiro século que esse apóstolo foi 7 vezes para a cadeia, exilado, apedrejado, tornando-se arauto no Oriente e no Ocidente e alcançou a nobre fama de sua fé. Depois de ter ensinado a justiça ao mundo inteiro e alcançado os limites do Ocidente, ele deu testemunho diante das autoridades, deixou o mundo e se foi para o lugar santo, tornando-se o maior modelo de perseverança (FABRIS, p. 642–643).

Últimos 10 Anos

O seu ministério como preso do Senhor durou cerca de uma década e teve cinco fases. Primeiro, ele foi detido pelo tribuno Cláudio Lísias em Jerusalém, em 57 d.C., o qual evitou o seu linchamento por uma multidão instigada pelos judeus asiáticos. Paulo, então, pregou ao povo em aramaico na escadaria da Fortaleza Antônia e, depois de alguns dias, foi julgado pelo Sinédrio com a presença de Lísias. Por causa de uma conspiração de cerca de 40 judeus (sicários) que queriam matá-lo, esse tribuno transferiu-o para Cesareia.

Na segunda fase, em Cesareia, nosso pregador-modelo ficou preso injustamente por, pelo menos, dois anos. Ali, foi julgado pelo procurador Antônio Félix, com a presença de representantes do Sinédrio, que contrataram Tértulo, um advogado de acusação. Passados dois anos, um

novo procurador romano, Pórcio Festo, assumiu o caso de Paulo e julgou-o, com a participação de Herodes Agripa II. Esse apóstolo, então, apelou a César.

A terceira fase do ministério do preso do Senhor começou com a sua deportação à capital do Império Romano, onde teve plena liberdade para pregar e ensinar. Embora não conste que os inimigos desse apóstolo tenham dado continuidade ao processo iniciado em Jerusalém, Deus permitiu que essa etapa durasse cerca de dois anos. Paulo escreveu, pelo menos, quatro cartas nesse período. Roma, aliás, foi o seu lugar de maior produção literária.

Entre a primeira e a segunda viagens missionárias, ele escreveu apenas a Epístola aos Gálatas, a sua primeira carta. Durante a sua segunda expedição evangelística, 1 e 2 Tessalonicenses. Mais tarde, na terceira viagem, 1 e 2 Coríntios e Romanos. Entre 60 e 62, em Roma, escreveu as quatro cartas da prisão: Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom. Entre 63 e 64, possivelmente na Macedônia, escreveu 1 Timóteo e Tito. E, finalmente, próximo da morte, em Roma, escreveu a sua última carta: 2 Timóteo.

Após dois anos em Roma, Paulo teria sido absolvido ou, pelo menos, posto em liberdade condicional, obtendo, em seguida, permissão para viajar. Foi nessa quarta fase do seu ministério como prisioneiro de Jesus Cristo que ele escreveu a primeira carta a Timóteo — quando esse jovem obreiro tinha entre 30 e 35 anos — e a Tito. Nosso pregador-modelo viajou a vários lugares da Europa e da Ásia nesse período.

Veio, então, a última fase. Paulo teria sido preso em alguma cidade da Ásia Menor: Trôade, onde deixou uma capa, livros e pergaminhos na casa de Carpo, Mileto ou, talvez, Éfeso (cf. 2 Tm 4.12-20). Foi nesse período que escreveu as suas últimas palavras, possivelmente na prisão Mamertina, uma caverna escura, úmida e muito fria onde foi mantido em cativeiro enquanto aguardava o martírio em Roma. Da escadaria dessa câmara ou cisterna de 4,5 metros de largura, 4,5 metros de profundidade e 2,5 metros de altura, pode-se ver, do outro lado da rua, o fórum onde os romanos legislavam.

Da janela da sua cela, Paulo deve ter assistido aos preparativos para a sua execução, ocorrida possivelmente em 67 d.C. (SPROUL, p. 394). Foi ali também que ele escreveu as últimas palavras de encorajamento ao seu filho na fé, Timóteo.

Depois da Pregação diante de Agripa II

Nos três capítulos anteriores, vimos que o prisioneiro de Jesus Cristo passou por momentos difíceis, encarcerado injustamente por dois anos em Cesareia. Nesse período, porém, teve o privilégio de pregar o evangelho a dois governadores romanos, Félix e Festo, e ao rei Agripa II, além de testificar de Cristo diante de judeus e gentios. Ou seja, as algemas não o impediram de cumprir integralmente o seu ministério.

Após a sua última pregação em Cesareia, Agripa II, Pórcio Festo e Berenice saíram da presença de Paulo e passaram a conversar sobre a sua

situação: “Este homem nada fez digno de morte ou de prisões. E Agripa disse a Festo: Bem podia soltar-se este homem, se não houvera apelado para César” (At 26.31,32). Subentende-se — já que eles lamentaram ter de enviá-lo a Roma — que Nero também constataria a inocência de nosso pregador-modelo e libertá-lo-ia.

Que privilégio teve Paulo! Pregou o evangelho na sede oficial do procurador do Império Romano, em Cesareia, diante de representantes do mundo judaico e gentílico! O mesmo Senhor que chama também capacita e abre portas grandes e eficazes para o exercício do ministério. Ele cumpriu a promessa de que o príncipe dos pregadores itinerantes fora chamado para anunciar o evangelho “diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel” (At 9.15).

Assim que atendeu aos compromissos da agenda de Deus em Cesareia, abriram-se-lhe duas portas grandes e eficazes para pregar o evangelho: na ilha de Malta (três meses) e em Roma (dois anos). Depois de um conturbado julgamento no tribunal romano em Cesareia, respondendo a acusações absurdas dos judeus, Paulo apelou a César e foi atendido, vindo a ser deportado para Roma.

Ele fez bem em apelar a César, pois isso, além de estar de acordo com o direito romano, era necessário para apaziguar os ânimos na Judeia e garantir a sua segurança. Não obstante, podemos ter certeza paradoxalmente “de que sua principal consideração, ao apelar para César, não foi sua segurança, mas o interesse do evangelho” (BRUCE, 2003, p. 354).

Nesse longo período em Cesareia (entre 57 a 59 d.C.), Paulo não pôde pregar livremente, porém sua agenda sempre esteve aos cuidados do Senhor Jesus. Lembremo-nos de que o pregador verdadeiramente chamado não cumpre o seu chamado onde quer, e sim onde o Senhor determina. João Batista era a voz que clamava no deserto. Paulo recebeu um ministério multifacetado, e a sua voz ecoou em vários lugares, inclusive diante de reis. Isso, no entanto, só foi possível na condição de preso do Senhor.

A promessa de que Saulo de Tarso seria um “vaso escolhido” para levar o nome do Senhor Jesus diante de gentios, reis e judeus já estava cumprida. Havia, contudo, outra profecia cujo cumprimento aproximava-se, feita a ele ainda em Jerusalém, quando os seus inimigos tentaram despedá-lo: “Paulo, tem ânimo! Porque, como de mim testificaste em Jerusalém, assim importa que testifiques também em Roma” (At 23.11).

Estava para começar uma nova fase para Paulo, em que, longe da ameaça de morte dos seus figadais inimigos, cumpriria importante papel como ensinador e principal teólogo da Igreja. Afinal, ele, que já não era tão jovem, sabia que obreiros novos como Timóteo e o próprio Marcos haviam sido levantados por Deus para continuarem a pregar o evangelho por toda a parte.

Crente que Tem Promessa Obedece!

Em seus dez últimos anos, o príncipe dos pregadores itinerantes cumpriu um ministério especial e extraordinário como prisioneiro de

Jesus Cristo! Quem, hoje, gostaria de exercer esse tipo de ministério? Na verdade, nem Paulo gostaria de desempenhá-lo, porém sabia que era um vaso de barro nas mãos do Oleiro. Ele, mais do que ninguém, entendia o sentido amplo da pergunta: “Porventura, a coisa formada dirá ao que a formou: Por que me fizeste assim?” (Rm 9.20).

Paulo era um “vaso escolhido”! Ele fora moldado e talhado especialmente para exercer o ministério de apóstolo dos gentios, mesmo como prisioneiro de Jesus Cristo. Desde o episódio no caminho para Damasco, o Senhor preparou-o para realizar uma tarefa sublime: pregar o evangelho a todos os tipos de pessoa — todos mesmo! —, sábios e ignorantes, velhos e jovens, homens e mulheres, pequenos e grandes.

Nunca vemos esse apóstolo como dono da sua agenda. Ele até desejava ir para certos lugares, mas nem sempre as suas aspirações concretizavam-se. Quando quis estabelecer-se na Ásia Proconsular e na Bitínia por ocasião da sua segunda viagem missionária, o Espírito Santo disse-lhe “não”. Ainda não era o tempo de Deus (At 16.1-10). Mais tarde, por ocasião de uma nova expedição evangelística, estabeleceu-se em Éfeso, cidade mais importante da província asiática (19.1).

Durante a sua terceira viagem missionária, o príncipe dos pregadores itinerantes revelou o seu plano de ir primeiro à Espanha e, depois, a Roma (Rm 15.22-24). Após ter sido impedido várias vezes, chegou primeiro ao segundo destino em 60 d.C. E, alguns anos mais tarde, possivelmente entre 62 e 64 d.C., pisou em terras hispânicas. No entanto, não foi ele quem “fez” essa agenda. Como vaso nas mãos do Oleiro, foi conduzido por Ele, obedecendo a todas as suas diretrizes.

Muitos gostam do bordão: “Crente que tem promessa não morre”. Paulo, no entanto, só não morreu antes de todas as promessas que lhe fez o Senhor serem cumpridas porque perseverou em obedecer à visão celestial. Ele sempre se comportou como um vaso nas mãos do Oleiro. Ele estava certo de que o crente que tem promessa obedece!

Diante do exposto, não há dúvida de que a sua viagem a Roma, mesmo como preso do Senhor, foi a sua quarta expedição missionária. Como alguém sob detenção poderia pregar o evangelho? Veremos que ele não somente pregou, como também realizou milagres pelo Espírito Santo. Desde o seu encontro com o Senhor a caminho de Damasco, a sua vida jamais esteve fora do centro da vontade de Deus.

Crente que Tem Promessa Passa pela Tempestade

“A descrição da viagem para a Itália é uma obra prima de narrativa emocionante” (BRUCE, 2003, p. 360). Paulo iniciou-a numa embarcação de Adramítio, um porto bem ao norte da praia ocidental da Ásia Menor, não muito distante de Trôade. Esse navio adramitino ia para Sidom, cuja situação geográfica na costa mediterrânea “favorecia a sua civilização e seu vasto comércio, tanto por mar como por terra. Hoje é uma pequena cidade de 5 mil habitantes, denominada Seida” (MONEY, p. 248).

Lucas apresenta essa viagem de Cesareia à Itália de maneira vívida, com riqueza de detalhes e pormenores. Aliás, esse autor de Atos dos Apóstolos estava entre os passageiros — 276 pessoas, contando

tripulantes e presos —, que ficaram sob os cuidados de um centurião chamado Júlio, pertencente à Coorte Augusta (At 27.1).

Em Sidom, a uns 100 quilômetros de Cesareia, o príncipe dos pregadores itinerantes, que não estava sendo tratado como um criminoso, teve permissão para ver os seus amigos e ser assistido por eles. Lucas — que era um dos companheiros mais fiéis de Paulo (cf. 2 Tm 4.11) — e Aristarco de Tessalônica adquiriram uma passagem e ingressaram no navio para acompanhar esse apóstolo (At 27.2,3).

A embarcação foi levada para o norte da ilha de Chipre e, depois, a oeste, pelo mar que banha as costas de Cilícia e Panfília por causa de ventos contrários. Ela aportou em Mirra, na Lícia, para uma conexão, e todos se transferiram para um navio de carga egípcio oriundo de Alexandria (At 27.4-6). O Egito era uma das principais fontes de alimento para a cidade de Roma, “e os navios que transportavam trigo eram considerados muito importantes” (HORTON, p. 244).

Devido a mais ventos contrários, não foi possível aportar em Cnido, na região da Cária, entre as ilhas de Rodes e Cós, onde havia dois portos bons e acomodações amplas. A nave, então, bordejou vagarosamente a ilha de Creta, na entrada do mar Egeu, obrigando a tripulação a fazer escala em Bons Portos, que, apesar do nome, era um ponto de parada bastante inseguro (At 27.7,8).

O Espírito Santo estava com Paulo, que aconselhava a tripulação, dizendo: “Varões, vejo que a navegação há de ser incômoda e com muito dano, não só para o navio e a carga, mas também para a nossa vida” (At 27.10). Mas Júlio, o centurião, ignorou as palavras do prisioneiro,

preferindo — obviamente — confiar na capacidade do piloto e do mestre, que decidiram pela partida (v. 11).

Daí para frente, a viagem através do mar Mediterrâneo tornou-se muito perigosa, quase inviável (At 27.9). Ainda que o graneleiro alexandrino fosse de grande porte — tinha 70 metros de comprimento e deslocava 1.200 toneladas (GOWER, p. 229) —, não era resistente o bastante para enfrentar a enorme tempestade que se levantou, com fortes ventos vindos do noroeste.

O Euroaquilão, um repentino e temível tufão vindo das montanhas, apanhou a embarcação antes que aportasse em Fenice, um porto de Creta, onde, de acordo com o plano de navegação, deveriam invernar. Os navios de então não eram capazes de enfrentar o mar aberto, tampouco navegar contra o vento, como fazem os iates modernos. “Com esse vento soprando sobre eles, [...] não tinham outra opção senão disparar adiante, pelo que se viram empurrados para o sul” (WILLIAMS, p. 469).

Experiente, a tripulação desceu a vela principal e usou uma pequena vela na proa, além de despejar os cereais no mar. Outra solução usada em situações emergenciais para evitar que a embarcação sofresse avarias era passar um cabo da proa até a popa, e outro, na vertical, por cima e por baixo para manter unidas as tábuas.

Os tripulantes fizeram o possível para evitar o encalhamento nos golfos arenosos de Sirte, na costa norte da África, porém o barco ficou à deriva por 14 dias. O comandante não acreditou na solução divina, mesmo diante de uma situação desesperadora, em que nada mais poderia ser feito.

Deus então permitiu a chegada de um grande furacão, uns 800 quilômetros em direção oeste, e o navio naufragou, despedaçando-se na baía do lado nordeste da ilha rochosa de Malta, ao sul da Sicília. Entretanto, por causa de Paulo e a sua obediência à chamada divina, todos, mesmo desesperançados, sobreviveram (At 27.12-44; 28.1).

Nosso pregador-modelo não era um super-homem e, sem dúvida, teve medo. Mas o Senhor, que jamais o abandonou, enviou o seu anjo para confirmar a promessa de que pregaria em Roma: “Paulo, não temas! Importa que sejas apresentado a César, e eis que Deus te deu todos quantos navegam contigo” (At 27.24).

Fica a impressão de que tudo teria sido diferente se o centurião tivesse ouvido os conselhos de Paulo. Aliás, ele próprio disse à tripulação: “Fora, na verdade, razoável, ó varões, ter-me ouvido a mim e não partir de Creta, e assim evitariam este incômodo e esta perdição” (At 27.21). Entretanto, o que acontecerá na ilha de Malta irá convencer-nos de que o Senhor permitiu tudo o que aconteceu para que o evangelho fosse pregado ali. Lembremo-nos de que esta é a quarta expedição missionária do apóstolo dos gentios!

Pregando aos Bárbaros em Malta

Muitos têm dito na atualidade: “O Senhor planta sonhos em nosso coração. Se você deseja pregar em tal lugar, saiba que isso é um sonho que Deus sonhou para você”. Alto lá! Em momento algum, Paulo havia manifestado o desejo de pregar o evangelho em Malta. Ele só esteve ali

porque isso estava na agenda de Deus! Em Fenice, na ilha de Creta, talvez houvesse maior conforto para todos. Quis, porém, o Senhor que todos invernassem em Malta, onde foram muito bem recebidos pelos malteses (At 28.1,2).

Estes — chamados por Lucas de “os bárbaros” (gr. *hoi barbaroi*) em razão de não falarem o grego — não eram selvagens, mas simples e rústicos. Eles descendiam dos fenícios, povo altamente civilizado, e, possivelmente, só se comunicavam no dialeto púnico ou fenício. Mais um grande desafio para nosso pregador-modelo: Como pregar o evangelho a esses bárbaros?

Depois de viajar vários dias a esmo, todos estavam com muito frio, famintos, desidratados e sequer sabiam onde estavam. Só depois descobriram que “aportaram” em uma ilha chamada Malta. Os bárbaros não tiveram dificuldade de perceber que não se tratava de uma invasão e logo acenderam uma grande fogueira para receber os visitantes e abrigaram-nos da chuva torrencial que caía.

Paulo já tinha enfrentado todo tipo de provação. Que mais lhe faltava? Ser mordido por uma cobra! Risos. E Deus permitiu que isso acontecesse assim que a fogueira foi acesa. Faminto e exausto, esse apóstolo não percebeu uma víbora, que, fugindo do fogo, o picou. Ele, no entanto, com certa naturalidade, sacudiu-a no fogo e “não padeceu nenhum mal” (At 28.3-5).

Os bárbaros, evidentemente, conheciam a espécie de cobra que mordeu Paulo, pois, esperando que ele inchasse e caísse morto, diziam uns aos outros: “Certamente este homem é homicida, visto como,

escapando do mar, a Justiça não o deixa viver” (At 28.4-6). Até então, eles não sabiam quem era o príncipe dos pregadores itinerantes. Para eles, tratava-se de um criminoso qualquer sendo conduzido a Roma.

Como o tempo passou e nada aconteceu, os malteses começaram a acreditar que o suposto homicida era um deus (At 28.6). Como o ser humano muda rapidamente de opinião! Paulo conhecia muito bem isso, pois, logo na sua primeira viagem missionária, havia experimentado algo parecido, porém inverso, quando os moradores de Listra primeiro acharam que ele era um deus e, depois, quiseram apedrejá-lo (14.8-19).

Isso foi apenas o “cartão de visita”, pois, ao hospedar-se na casa de um homem chamado Públio, o apóstolo dos gentios orou pelo seu pai e, impondo-lhe as mãos, levantou-o. A situação desse enfermo era grave, pois tinha febre e diarreia, devendo estar já bastante desidratado, quase à morte. Uma pessoa assim, hoje, precisa de atendimento médico imediato. Imagine como seriam as condições naqueles dias, numa ilha bastante afastada dos grandes centros. Após essa primeira cura, muitas outras pessoas foram agraciadas por Deus (At 28.6-9).

Na ilha de Malta, o Senhor Jesus cumpriu o que prometera aos seus apóstolos antes de subir ao Céu: confirmar a pregação do evangelho com sinais, prodígios e maravilhas. Até em serpente Paulo pegou! E ainda tem teólogo cessacionista dizendo que não crê nas promessas contidas na passagem de Marcos 16.15-20, já que esta, como se supõe, não consta dos melhores manuscritos... Ora, faça-me o favor!

Públio era um homem muito rico e influente, dono de muitas propriedades, a ponto de ser considerado o “principal da ilha” (gr. *Proto*

tes nésou). Digamos que ele era o “cara” daquele lugar. É possível que esse anfitrião tenha sido o intérprete de Paulo, pois o seu título em grego sugere que ele era o governador romano de Malta ou, pelo menos, o principal funcionário de César nessa ilha (ARRINGTON, p. 797).

Ele hospedou Paulo e os seus companheiros na sua casa por três dias. No entanto, depois dos milagres realizados por Deus, muitas outras pessoas quiseram honrar o servo do Senhor. Lucas diz: “os quais nos distinguiram também com muitas honras; e, havendo de navegar, nos proveram das coisas necessárias” (At 28.10).

Depois da tempestade, vem a bonança. Paulo enfrentara dois anos de grande provação em Cesareia. E, como se isso não bastasse, navegou a esmo por vários dias e sofreu um naufrágio. A partir de agora, ele passaria por um bom período de tranquilidade, apesar do *status* de prisioneiro. Lembremos, porém, de que ele era o preso do Senhor Jesus (Ef 3.1; 4.1; Fm v. 1), título que ostentou até os seus últimos dias (2 Tm 1.8).

Príncipe dos Pregadores Itinerantes na Itália

Deus honrou tremendamente o seu servo durante os três meses que ele permaneceu em Malta (At 28.11). Isso mesmo: três meses! O capitão do navio possivelmente se arriscou em vão, na tentativa de evitar essa longa parada, pois, no período dessa viagem, pelo que tudo indica, os ventos no Mediterrâneo tornaram-na inviável. Eles “eram considerados perigosos

depois de 15 de setembro; e era impossível enfrentá-los entre 11 de novembro e 10 de março” (BARTON, p. 437).

Viajar naqueles dias, especialmente nos períodos mencionados, era muitíssimo arriscado. O Senhor, todavia, estava no controle de todas as coisas e propiciou muitas alegrias a Paulo e aos seus companheiros. A essa altura — oficialmente, um prisioneiro de César e, sobretudo, preso ao seu chamado —, ele cumpria o seu ministério com toda a liberdade. O próprio centurião, ante todo o ocorrido, certamente via esse apóstolo com outros olhos.

Todas as 276 pessoas sobreviventes do naufrágio (cf. At 27.37) puderam, então, embarcar no navio Castor e Pólux, de Alexandria, rumo a Siracusa, para fazer ali uma escala de três dias. Em seguida, aportaram em Régio, na extremidade sudeste da península itálica, para, no dia seguinte, navegar a Putéoli, um dos principais portos da Itália, junto a Nápoles (28.10-13).

Essa parte da viagem, de Régio a Putéoli, durou mais um dia. Os viajantes, muito exaustos, deviam estar dizendo: “Chegaremos à Espanha, mas não chegamos a Roma”. Risos. A boa notícia é que eles estavam já muito próximos da capital do império. E chama a atenção a liberdade que o “prisioneiro” Paulo teve em Putéoli, o que confirma a ideia de que, a partir de Malta, a sua situação realmente melhorou e muito.

Lucas — que usa o “nós”, deixando claro que foi testemunha ocular dos fatos — afirma que “achando alguns irmãos, nos rogaram que por sete dias ficássemos com eles; e depois nos dirigimos a Roma”. O centurião, sequer mencionado aqui, deve ter-se convertido em Malta. Houve, então,

grandes cultos ao ar livre na Praça de Ápio e em Três Vendas. Paulo é pioneiro nessa modalidade de evangelização (cf. At 17.17; 20.20). A sua felicidade era tão grande ao ver tantos servos do Senhor reunidos que ele “deu graças a Deus e tomou ânimo” (28.14,15).

Depois disso, passando pelo grande caminho real, a famosa Via Ápia, esse apóstolo e todos que o acompanhavam pisaram na capital romana sãos e salvos, onde “o centurião entregou os presos ao general dos exércitos; mas a Paulo se lhe permitiu morar por sua conta, com o soldado que o guardava” (At 28.16). Embora ainda fosse um prisioneiro, ele nitidamente estava sendo bem tratado a ponto de poder alugar a sua própria casa.

Ministério de Paulo em Roma

O príncipe dos pregadores itinerantes chegou a Roma por volta do ano 60 d.C. para desfrutar de dois anos de relativa paz antes de uma nova expedição missionária e o seu martírio, ocorrido possivelmente em 67 d.C. Essa cidade, porém, não era nada tranquila, pois já contava com cerca de 1 milhão de habitantes, sendo metade deles escravos.

Qual era a real condição de Paulo como prisioneiro do Senhor Jesus em Roma? Ele estava em prisão domiciliar, numa casa cujo aluguel podia pagar (At 28.30). Certamente, contava com a ajuda de amigos e alguns recursos próprios (cf. Fp 4.10-18; At 21.24; 24.26). Ademais, nessa modalidade de prisão, ele tinha permissão para trabalhar, embora ainda estivesse algemado a um soldado com uma corrente leve (cf. At 28.20), “de

modo que não podia entrar e sair como lhe agradasse; fora isso, todavia, gozava de considerável liberdade, de modo especial a de poder receber em sua casa a quem quer que desejasse” (WILLIAMS, p. 487– 488).

Havia líderes judeus na capital do império. “Inscrições romanas antigas mostram que havia várias sinagogas judaicas em Roma por esse tempo” (HORTON, p. 252). Esses compatriotas de Paulo, *a priori*, seriam o s seus potenciais inimigos. Contudo, naquela época, não havia telefone, Internet, rádio, televisão ou jornais, e eles pouco sabiam a respeito do passado desse apóstolo.

O máximo que chegou até os judeus foram relatos negativos sobre a “seita” do Caminho, pois também havia cristãos em Roma. De acordo com a Epístola aos Romanos, escrita por Paulo em Corinto na sua terceira viagem missionária, a igreja romana estava estabelecida antes de 57 d.C. Nesse caso, os líderes do judaísmo já haviam tido algum tipo de contato com membros do Caminho.

Paulo era autêntico, honesto e não estava disposto a ocultar os detalhes do seu passado. Sabendo também que, como cidadão romano, vivendo na capital do império, teria segurança — havia um soldado da guarda imperial à sua volta —, disse toda a verdade aos judeus, que, inclusive, se interessaram pelo evangelho.

Quando se estabelecia em alguma cidade durante as suas expedições evangelísticas, o príncipe dos pregadores itinerantes tinha o costume de visitar primeiro as sinagogas (At 13.14,15; 17.1,2,10,17; 18.4,19). Por ocasião dessa quarta viagem missionária, por assim dizer, conquanto pre

cisasse mudar o seu *modus operandi*, já que o seu “campo missionário” estava restrito à sua casa, priorizou os judeus.

Último Sermão de Paulo em Atos dos Apóstolos

Não há muitos detalhes no Novo Testamento sobre as suas atividades em Roma. Nada se menciona sobre o resultado do seu apelo a César e do seu relacionamento pessoal com a igreja que já existia na capital do Império Romano. Lucas apenas informa que, após três dias da sua chegada — tempo suficiente para conhecer as reais condições da sua prisão domiciliar e alugar uma casa —, Paulo convida os principais dos judeus para apresentar-lhes explicações (At 28.17), o que se constitui no seu último sermão registrado em Atos dos Apóstolos.

Introdução conciliatória

Ele dirige-se aos judeus de modo respeitoso:

[...] Varões irmãos, não havendo eu feito nada contra o povo ou contra os ritos paternos, vim, contudo, preso desde Jerusalém, entregue nas mãos dos romanos, os quais, havendo-me examinado, queriam soltar-me, por não haver em mim crime algum de morte. Mas, opondo-se os judeus, foi-me forçoso apelar para César, não tendo, contudo, de que acusar a minha nação (At 28.17- 19).

A linguagem conciliatória de Paulo é notada especialmente nos termos: “irmãos”, “ritos paternos” e “minha nação”. Ele coloca-se no mesmo nível dos principais dos judeus, pois ainda se considera um autêntico israelita. Por isso, evita chamá-los de “pais”, tratamento usado em outros discursos apologéticos que só se aplicaria caso estivesse falando a membros do Sinédrio ou ao sumo sacerdote (cf. At 7.2; 22.1).

Cidadão romano e inocente de todas as acusações apresentadas pelos judeus invejosos, que lhe causaram muitos males e sofrimentos, Paulo chega a Roma para explicar-se diante da corte suprema de Nero. Sua primeira ação, no entanto, é encontrar-se com os seus compatriotas!

Ele poderia simplesmente pensar: “Não quero conversa com essa gente. Que o tribunal de César me julgue”, porém prefere imitar a Deus, que jamais deixou de amar o seu povo (Is 49.14,15). Que exemplo! Paulo diz que foi entregue aos romanos sem ter cometido crime algum, numa circunstância parecida com a da prisão do Senhor Jesus em Jerusalém (Lc 9.44; 18.32).

Mas as semelhanças param por aí, visto que a entrega desse apóstolo aos gentios visou a salvaguardar a sua vida do ódio dos judeus. O procurador romano e Herodes Agripa II, inclusive, quiseram soltá-lo e só não o fizeram porque o próprio réu apelou a César. Paulo lembra os seus compatriotas de que não há nele “crime algum de morte”. Ele pode afirmar isso com plena convicção, pois havia sido absolvido da pena capital em três diferentes ocasiões (cf. At 23.29; 25.25; 26.31).

Esperança de Israel

Roma exigia que qualquer um que prestasse queixa contra outro apresentasse provas das acusações perante o tribunal romano. “Até agora ninguém de Jerusalém havia aparecido, não porque seus adversários tivessem perdido seu zelo, mas devido ao mau tempo naquela época do ano” (SPROUL, p. 387).

Paulo antecipa-se e demonstra que não guarda mágoa dos seus inimigos e nem pretende acusá-los perante César. Como um autêntico israelita, considera verdadeiramente cumprida em Jesus a esperança do seu povo: “Por esta causa vos chamei, para vos ver e falar; porque pela esperança de Israel estou com esta cadeia” (At 28.20). Ele deseja convencer os seus compatriotas de que Jesus manifestou-se, *a priori*, por causa de Israel e a sua esperança na chegada do Messias Salvador, ênfase recorrente nas suas pregações como preso do Senhor (cf. At 23.6; 24.15; 26.7).

Para nosso pregador-modelo, a esperança de Israel está ligada ao “cumprimento das primeiras profecias messiânicas de Deus dadas ao patriarca Abraão” (BARTON, p. 453). Em outras palavras, Paulo está preso “porque aceita o Jesus crucificado e ressurreto como cumprimento da esperança maior de sua nação” (ARRINGTON, p. 800).

Há uma reação da plateia nesse momento. Os judeus dizem que não receberam quaisquer acusações contra Paulo e manifestam interesse em saber as suas considerações sobre o Caminho:

[...] Nós não recebemos acerca de ti cartas algumas da Judeia, nem veio aqui algum dos irmãos que nos anunciasse ou dissesse de ti mal

algum. No entanto, bem quiséramos ouvir de ti o que sentes; porque, quanto a esta seita, notório nos é que em toda parte se fala contra ela (At 28.21,22).

Nenhum relatório oficial da parte do Sinédrio ou do sumo sacerdote fora enviado aos principais dos judeus, o que deve ter surpreendido Paulo. Embora não houvesse, então, muita facilidade de envio de correspondência, dois anos haviam passado desde a prisão desse apóstolo em Jerusalém. O tempo mostrará que os seus inimigos desistiram do processo porque este estava baseado em calúnias e mentiras desde o início.

Eles haviam perdido em todas as instâncias. Por que acreditar que conseguiriam a condenação de Paulo em Roma? Não haviam sido felizes perante Félix e Festo; depois, Festo e Agripa na verdade consideraram-no inocente, inculpável de qualquer crime.

A perspectiva judaica de conseguir a condenação de Paulo em Roma não tinha a menor probabilidade, e às vezes as autoridades romanas davam um tratamento duro aos acusadores que não conseguiam comprovar suas acusações (WILLIAMS, p. 489).

Outro fato deve ter contribuído para os sinedritas desistirem da demanda contra Paulo. Havia pouco tempo, como resultado das desordens que aconteceram em Roma em torno da pregação de determinado Crestos, o imperador Cláudio expulsou os judeus da cidade

ou, pelo menos, os líderes deles. Portanto, é bastante provável que os judeus de Roma estivessem ansiosos para evitar incidentes semelhantes, e os de Jerusalém, conhecendo a situação em Roma, podem ter desistido de fazer mais acusações contra Paulo (GONZÁLEZ, p. 330).

Por outro lado, os principais dos judeus em Roma querem conhecer melhor a “seita” do Caminho. Eles evidentemente a viam como uma ramificação do judaísmo que vinha sendo difamada por judeus de toda parte. Como o cristianismo em Roma fora fundado por desconhecidos, é importante para os judeus dirigentes de Roma que uma pessoa notável dos “nazarenos” (At 24.5), um fariseu e escriba, esteja entre eles e possa lhes dar informações sobre sua posição diante do cristianismo (BOOR, p. 368).

Reino de Deus

Diante desse interesse, o sermão é interrompido e adiado. O que Paulo tem a dizer é muito importante, e os líderes judeus querem que um número maior ouça as suas palavras. O príncipe dos pregadores itinerantes, então, num dia designado, novamente em sua casa, declara-lhes “com bom testemunho o Reino de Deus” e procura “persuadi-los à fé de Jesus, tanto pela lei de Moisés como pelos profetas, desde pela manhã até à tarde” (At 28.23).

Paulo sabe que o Reino de Deus é o tema que liga as profecias veterotestamentárias ao Novo Testamento. O conteúdo do evangelho tem a ver com a pessoa de Jesus e a obra de Cristo, mas antes de ouvirmos esse

evangelho de Jesus Cristo, a primeira referência ao evangelho é sobre o evangelho do reino (SPROUL, p. 388; cf. Mt 3.2; 4.17).

Em Atos dos Apóstolos, a expressão “Reino de Deus” pode aludir à totalidade da mensagem cristã (19.8; 20.25; 28.31). Nesse último sermão de Paulo, significa essencialmente o reinado do Senhor, incluindo o futuro, “a ser cumprido na Segunda Vinda de Cristo [...]. O governo de Deus foi estabelecido por seus atos poderosos na morte e ressurreição de Jesus” (ARRINGTON, p. 800).

Observe que o autor de Atos dos Apóstolos sintetiza a pregação de Paulo numa única frase, porém informa que ele prega “tanto pela lei de Moisés como pelos profetas, desde pela manhã até à tarde”. Ora, é impossível discorrer sobre o Reino de Deus e a salvação por meio de Cristo em poucos minutos! O príncipe dos pregadores itinerantes deve ter seguido o modelo do sermão pregado aos judeus de Antioquia da Pisídia (cf. At 13.16-41).

Hoje, lamentavelmente, o período para a exposição das Escrituras está cada vez menor nas igrejas. Líderes do “cristianismo emergente” preferem reduzir o tempo da Palavra para dar mais espaço à música, às coreografias e à teatralização. Além disso, no momento da pregação, é necessário que haja um “bom fundo musical” e animação de plateia para que as pessoas não durmam! Que Deus nos ajude nesses últimos dias a observar o que Paulo disse a Timóteo: “prega a Palavra” (2 Tm 4.2, ARA).

Conclusão contundente

Lucas diz que “alguns criam no que se dizia, mas outros não criam” (At 28.24). Incomodados ou insatisfeitos, judeus incrédulos retiram-se, ouvindo, porém, um último alerta. Paulo diz-lhes que a salvação não é uma bênção oferecida exclusivamente aos israelitas; ela está à disposição também dos gentios que dão ouvidos ao anúncio do evangelho e deixam-se convencer pelo Espírito Santo.

Sua palavra final é a citação de Isaías 6.9,10:

[...] Bem falou o Espírito Santo a nossos pais pelo profeta Isaías, dizendo: Vai a este povo e dize: De ouvido, ouvireis e de maneira nenhuma entendereis; e, vendo, vereis e de maneira nenhuma perceberéis. Porquanto o coração deste povo está endurecido, e com os ouvidos ouvirem pesadamente e fecharam os olhos, para que nunca com os olhos vejam, nem com os ouvidos ouçam, nem do coração entendam, e se convertam, e eu os cure (At 28.25-27).

Ao mencionar essa profecia — também evocada por Jesus (Mt 13.14,15) —, Paulo quer dizer que a Palavra de Deus traz consigo o diagnóstico do pecado, doloroso de escutar e de aceitar. Em compensação, fere a fim de curar. Uma vez que a pessoa deliberadamente recusa a Palavra, chega a um ponto em que é despojada da capacidade para recebê-la. Esta é uma advertência severa às pessoas que não levam a sério o evangelho (MARSHALL, p. 395).

Nosso pregador-modelo, então, conclui seu sermão: “Seja-vos, pois, notório que esta salvação de Deus é enviada aos gentios, e eles a ouvirão” (At 28.28). Embora ele esteja sob vigilância constante, impossibilitado de visitar sinagogas e pregar em praça pública, a sua estratégia missionária não muda. O seu primeiro enfoque é nos judeus incrédulos. “Ao longo de seu trabalho missionário, ele sempre fez seu primeiro apelo aos judeus; quando eles rejeitaram o evangelho, ele se voltava aos gentios” (ARRINGTON, p. 799).

Paulo não é um animador de auditório nem um pregador *coach*. As suas mensagens incomodam os ouvintes. E não é diferente dessa vez, pois, “havendo ele dito isto, partiram os judeus, tendo entre si grande contenda” (At 28.29). O compromisso desse apóstolo é com a Palavra de Deus e com o Deus da Palavra. Por isso, a sua conduta em Roma é a mesma que adotou em Antioquia da Pisídia, Corinto e Éfeso: pregar aos judeus primeiro e, constatada a rejeição, evangelizar os gentios (cf. 13.46; 18.6; 19.8,9).

Sem Impedimento Algum

Que livro maravilhoso é Atos dos Apóstolos! Começa e termina com a ação de ensinar. No primeiro versículo, seu autor informa que escreveu o primeiro livro (Evangelho de Lucas) para discorrer “acerca de tudo que Jesus começou, não só a fazer, mas a ensinar”. No último, diz que Paulo permaneceu dois anos em Roma “pregando o Reino de Deus e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo”. Como

pode alguém que se diz pastor priorizar apresentações musicais e teatrais em detrimento do ensino da Palavra do Senhor?

Quando li o quinto livro neotestamentário pela primeira vez, fiquei muito ansioso pelo seu desfecho. Entretanto, não encontrei um *The end* para a maravilhosa história narrada por Lucas. O seu segundo tratado não termina de fato; ele é simplesmente interrompido. “Ao ler as últimas palavras do livro, queremos virar a página para ver o que acontece a seguir. Mas não existe a página seguinte” (GONZÁLEZ, p. 331).

Lucas conclui (conclui?) Atos dos Apóstolos dizendo apenas que Paulo “ficou dois anos inteiros na sua própria habitação que alugara e recebia todos quantos vinham vê-lo, pregando o Reino de Deus e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo, sem impedimento algum” (28.30,31). Não há uma conclusão propriamente dita porque o objeto desse livro é a operação do Espírito Santo por meio dos salvos em Cristo, que continua até os dias de hoje.

O quinto livro do Novo Testamento retrata apenas os feitos do Paráclito por meio dos servos de Jesus Cristo no primeiro século. Se essa obra inspirada por Deus fosse como as grandes enciclopédias, que são atualizadas todos os anos, imagine que tamanho ela teria! Mas, como o cânon das Escrituras está completo, devemos considerar Atos dos Apóstolos um livro paradigmático quanto à maneira como o Espírito Santo atua na Igreja e por meio dela.

Quanto aos dois anos de Paulo em Roma, temos algumas informações importantes nas epístolas que ele escreveu nesse período: Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom. Nestas, descobrimos que a sua

prisão levou a Igreja de Roma a pregar o evangelho com mais ousadia (Fp 1.14-16); que ele evangelizou toda a guarda pretoriana e membros da casa imperial (4.22; 1.12,13); e que escreveu as mencionadas cartas a fim de pedir oração às igrejas e animá-las (Ef 3.1; 6.20; Fp 1.7,8; Cl 4.18; Fm vv. 1,9,10).

Mas, e quanto ao processo movido pelo Sinédrio? Foi Paulo condenado ou absolvido? Permaneceu ele em Roma até o fim da sua vida? O autor de Atos dos Apóstolos nada diz sobre tudo o que tanto gostaríamos de saber. Dirige nosso olhar unicamente para o avanço da grande causa do evangelho. [...] O evangelho é pregado livremente na capital do mundo. É isso que nos deveria deixar cheios de gratidão, alegria e adoração (BOOR, p. 367).

O último termo grego registrado em Atos dos Apóstolos é *akolytos*, “sem impedimento algum” (At 28.31). É curioso que o pregador, apóstolo e mestre (1 Tm 2.7) pudesse discorrer sem nenhum impedimento sobre as coisas pertencentes ao “Senhor Jesus Cristo” (gr. *Kyríon Iesou Christou*). A final, o título de *Kyrios*, “Senhor”, era exclusivo de Nero, pretensamente o soberano do mundo!

Entretanto, Paulo — “servo de Jesus Cristo” (Rm 1.1) — já havia ordenado aos romanos, pelo Espírito Santo, mesmo antes de ir a Roma, que se revestissem “do Senhor Jesus Cristo” (13.14). Isso denota crer que Ele é o Senhor dos senhores, o Salvador do mundo e o Messias esperado pelos israelitas. E, como os cristãos não abriam mão de afirmar que Jesus era o seu supremo Senhor, essa conduta “politicamente incorreta”, sem

dúvida, contribuiu para fomentar as perseguições imperiais contra a Igreja.

A expressão “sem impedimento algum”, diante do exposto, é uma referência ao fato de que o evangelho não está limitado pela estreita perspectiva nacionalista, mas entra livremente nos corações daqueles que creem.

Todos os obstáculos e impedimentos da salvação são removidos em Cristo. [...] A proclamação desimpedida no centro do mundo gentio tange poderosa nota de triunfo da missão cristã. A despeito das cadeias, Paulo está livre para pregar a salvação do evangelho (ARRINGTON, p. 803).

Chegamos, pois, ao clímax do quinto livro do Novo Testamento sabendo que o programa missionário (cf. At 1.8) agora é levado a um ponto decisivo: O evangelho chegou à capital do Império Romano, e é proclamado aos gentios sem impedimento; a igreja está à beira de expansão adicional, com a esperança de Paulo chegar à Espanha (Rm 15.24,28) sempre presente nos planos, indicando a direção para maiores avanços (MARSHALL, p. 391–392).

O que Houve depois de Atos 28?

Durante dois anos, ainda que não pudesse sair da sua casa, Paulo pregou à vontade a judeus e gentios que o procuravam. O seu julgamento não parecia prioritário para o imperador romano e, quando ocorreu em 62 d.C., possivelmente foi favorável a esse apóstolo. A carta que Festo remeteu a César por ocasião da viagem de Paulo certamente se perdeu, porém ele deve ter-lhe enviado outra algum tempo depois.

Junto com o parecer desse procurador da Judeia (cf. At 26.31,32), deve ter pesado a favor de nosso pregador-modelo o relatório de Júlio, centurião da Coorte Augusta. Não se sabe se Paulo obteve a absolvição plena ou apenas permissão para viajar. No entanto, há pormenores nas suas cartas que confirmam a realização de mais uma expedição missionária, a quinta se considerarmos a viagem a Roma como a quarta.

Próximo da sua libertação, Paulo fez um pedido a Filemom: “[...] prepara-me [...] pousada, pois espero que, por vossas orações, vos serei restituído” (Fm v. 22, ARA). Alguns eruditos afirmam que a sua libertação ocorreu depois de dois anos porque, ao ser chamado perante o imperador, constatou-se que os judeus não enviaram nenhuma acusação. Outros acreditam que o processo prescreveu automaticamente ao fim de dois anos porque nenhuma acusação foi apresentada (HORTON, p. 253).

Como foram os últimos dias de Paulo? Eusébio de Cesareia supõe que o apóstolo Paulo, depois de defender a sua causa, foi de novo enviado no ministério de pregação e que, chegando pela segunda vez à mesma cidade, teve a vida encerrada pelo martírio. Durante sua prisão ele

escreveu a segunda epístola a Timóteo, em que indica sua primeira defesa e também sua morte iminente (EUSÉBIO, 2014).

Esse período da vida desse apóstolo ainda está coberto de mistério. Mas há um consenso de opinião no sentido de que, sendo genuínas as Epístolas [Pastorais], as atividades ali subentendidas não se encaixam na carreira de Paulo em qualquer ponto anterior (MARSHALL, p. 396).

Diante disso, haveria três possibilidades. A primeira é a mais plausível. A segunda, praticamente impossível. E a terceira, acreditável, embora menos provável que a primeira.

Primeira possibilidade: viagem a Creta, Ásia Menor e Macedônia

Nas últimas cartas de Paulo, há indícios de que ele partiu de Roma com Tito e Timóteo para a ilha de Creta, onde deixou o primeiro. Em seguida, empossou o segundo como pastor de Éfeso e seguiu para a Macedônia, de onde escreveu a esses dois companheiros (1 Tm 1.3-20; 3.14; Tt 1.5). Na carta a Tito, esse apóstolo convocou-para — logo após a chegada em Creta de dois outros cooperadores, Ártemas e Tíquico — encontrarem-se em Nicópolis, onde passariam o inverno (3.12).

Depois disso, como Timóteo permanecera em Éfeso, Paulo resolveu visitá-lo, mas — em meio a uma grande perseguição imperial contra o cristianismo em 64 d.C. — acabou preso em Trôade, deixando para trás, na casa de Carpo, pertences pessoais, ou em Mileto. A sua detenção teria ocorrido por instigação de certo Alexandre, o latoeiro. De volta à capital

imperial, ele enfrentou uma audiência preliminar e permaneceu encarcerado até o dia do seu martírio (2 Tm 4.13-20).

Alguns eruditos consideram improvável que o apóstolo dos gentios tenha viajado para o leste, já que dissera aos presbíteros de Éfeso: “[...] não vereis mais o meu rosto” (At 20.25). Entretanto, é preciso observar que, ao dizer essas palavras em Mileto, ele imaginava que poderia ser morto em Jerusalém (cf. 21.13).

Na prisão, em Roma, Paulo voltou a manifestar o desejo de sair dali e visitar as igrejas do Oriente (Fp 1.18-26; 2.24; Fm vv. 19-22). Os seus planos de viagem nunca foram inflexíveis: sempre estiveram sujeitos à sua percepção de orientação divina. Na verdade, a prontidão com que Paulo estava disposto a mudá-los deixava seus amigos desconcertados, e dava motivo a seus adversários para acusá-lo de vacilação (BRUCE, 1992, p. 24-25; cf. 2 Co 1.15-24; 2.1).

Segunda possibilidade: viagem somente à Espanha

Esta tem sido levantada, especialmente com base numa carta escrita por Clemente de Roma em 96 d.C., pela qual afirma que Paulo chegou “aos limites ocidentais” (BRUCE, 2003, p. 424), o que muitos interpretam como Espanha, lugar que ele desejava muito visitar (cf. Rm 15.22-28). Alguns eruditos contestam essa hipótese, alegando que as Epístolas Pastorais (1 Timóteo, Tito e 2 Timóteo), escritas após a prisão de dois anos em Roma, nada mencionam sobre uma viagem às terras espanholas.

N. T. Wright, no seu mais novo livro sobre esse apóstolo, *Paul: a Biography*, escreveu um capítulo intitulado *From Caesarea to Rome — and Beyond?*, com o objetivo de discorrer sobre alguns indícios de uma nova expedição missionária. Ele examina as possibilidades já conhecidas, chamando a atenção especialmente para essa suposta viagem à Espanha.

O príncipe dos pregadores itinerantes teria passado por Tarraco (atual Tarragona), já que havia um tráfego regular entre Roma e essa histórica cidade, que, desde o mandato do imperador Augusto (27 a.C.–14 d.C.), estendia-se pelo norte da Península Ibérica até a costa do Atlântico. Se Paulo estava desejoso de anunciar Jesus como Rei e Senhor em todos os lugares dominados por César, então Tarraco, capital da província romana *Hispania Tarraconensis*, seria um alvo natural (WRIGHT, p. 392–393).

Terceira possibilidade: turnê por Europa e Ásia

É impossível que Paulo tenha tido como alvo apenas Espanha. Para defender essa hipótese, teríamos de ignorar os indícios de que esse apóstolo esteve em Creta e na Ásia Menor. Diante disso, alguns eruditos propõem uma improvável turnê que contemplaria as duas possibilidades anteriores.

Essa longa viagem de nosso pregador-modelo teria durado cinco anos e pode ser reconstituída, como se supõe, levando-se em consideração o seguinte:

- a) a intenção de Paulo de ir à Espanha (Rm 15.24,28);

b) o testemunho de Eusébio sobre a soltura de Paulo, após sua primeira detenção em Roma [...];

c) os testemunhos de Clemente de Roma [...] e do Cânon Muratoriano (LOPES, p. 18,19).

No Cânon Muratoriano, que é uma lista do Novo Testamento feita em latim em Roma, no segundo século, e publicada em 1740 pelo cardeal L. A. Muratori, há duas informações que chamam a atenção. Afirma-se que o autor de Atos dos Apóstolos omite de propósito “a morte de Pedro, bem como a viagem que Paulo fez de Roma à Espanha” (BRUCE, 2003, p. 436). Como teria sido essa viagem missionária?

Presume-se que Paulo primeiro foi à Espanha entre 62 e 64 d.C. (Rm 15.24-28). Depois, a Creta, Mileto, Colossos e Éfeso entre 64 e 66 d.C. (Tt 1.5; 2 Tm 4.20; Fm v. 22; 1 Tm 1.3). Em seguida, a Filipos e Nicópolis entre 66 e 67 d.C. (Fp 2.23,24; 1 Tm 1.3; Tt 3.12). Finalmente, teria sido preso em Trôade em 67 d.C. (2 Tm 4.13) e conduzido a Roma para ser decapitado no mesmo ano. Suposições, suposições, suposições... Um dia, teremos o privilégio de conversar com o príncipe dos pregadores itinerantes!

Últimas Sete Mensagens de Paulo

Antes de concluir esta obra, quero apresentar ao estimado leitor um sermão expositivo sobre o momento final do ministério de Paulo. Para isso, convido o estimado leitor a ler e ter em mente o texto de 2 Timóteo 4,

o qual nos apresenta as últimas mensagens desse apóstolo, escritas em Roma momentos antes do seu martírio.

Introdução: por que Timóteo?

Por que Paulo endereça a sua última epístola ao jovem obreiro Timóteo? Por que não escreve a Lucas, um dos seus companheiros mais fiéis, ou a tantos outros mencionados em 2 Timóteo 4, como Tito, Priscila e Áquila, João Marcos e Trófimo? Talvez seja importante, antes de tudo, relembrar um pouco da trajetória desse obreiro que nasceu em Listra, cidade da Licaônia, na província romana da Galácia, no centro-sul da Ásia Menor (At 16.1-3).

O relacionamento entre Paulo e Timóteo deve ter começado ainda na primeira viagem missionária, quando esse apóstolo e Barnabé fizeram um grande trabalho evangelístico no sul da Galácia. Nessa ocasião, possivelmente, a mãe de Timóteo e a sua avó converteram-se (At 13.49; 14.1-25; 1 Tm 3.10,11).

Na sua segunda expedição evangelística, Paulo passou novamente pela mesma região e decidiu convidar Timóteo, que tinha bom testemunho, a acompanhá-lo (At 16.2). Havia, no entanto, uma dificuldade: o seu pai era gentio, e a sua mãe, judia. Assim, o apóstolo dos gentios, não querendo arruinar a sua missão entre os judeus da diáspora, circuncidou o rapaz.

Desde o início, o relacionamento entre Paulo e esse jovem obreiro foi de afeição mútua, como se fossem pai e filho (Fp 2.19-24). Se o apóstolo

dos gentios realmente não casou, podemos afirmar que Timóteo foi o filho que ele não teve. Daí chamá-lo de “meu filho amado e fiel no Senhor” (1 Co 4.17; cf. 1 Tm 1.2; 2 Tm 1.2) e “meu cooperador” (Rm 16.21; cf. 1 Ts 3.2; 1 Co 16.10).

Timóteo não era, nem de longe, o cooperador mais talentoso de Paulo. Várias vezes ele é retratado como um jovem muito novo, enfermiço, tímido, carente de espírito enérgico. Daí que nessas duas cartas [1 e 2 Timóteo] vemos Paulo tentando estimular a coragem do jovem em face das dificuldades (FEE, p. 13).

O Deus soberano chama a quem quer!

Por outro lado, como Timóteo era o discípulo amado de nosso pregador-modelo, este se preocupava ao extremo com ele, dando a entender, possivelmente, que era mais frágil do que aparentava. Embora esse jovem tivesse algumas limitações e uma enfermidade recorrente no estômago (1 Tm 5.23), levou a cabo, praticamente sozinho, pela graça do Senhor, as missões em Tessalônica e Corinto.

A nenhum cooperador Paulo confiou tantas responsabilidades como a Timóteo, inclusive a de colaborar em seis de suas epístolas (duas delas aos crentes de Tessalônica, 2 Coríntios, Colossenses, Filemom e Romanos). Ele também foi deixado em Éfeso assim que Paulo saiu da prisão, em Roma, para enfrentar os falsos mestres (cf. At 20.28-31), como Himeneu e Alexandre, que estavam muito empenhados em destruir aquela igreja (1 Tm 1.3-20).

Timóteo não era um filho na fé como qualquer outro. Ele tornou-se o mais íntimo companheiro e amigo do apóstolo, a quem este sempre

queria por perto (1 Tm 4.6; 2 Tm 1.13; 2.2; 3.10,11). Assim como o Senhor Jesus treinou Pedro para sucedê-lo como líder entre os apóstolos, Paulo treinou esse rapaz de modo especial para assistir às igrejas que ele fundou (cf. 1 Ts 3.1-3; 1 Co 4.17; 16.10,11; Fp 2.19,20).

Quanto à Segunda Epístola a Timóteo, como e quando o destinatário original recebeu-a? Estaria Paulo ainda vivo? Teria o portador dessa carta, Tíquico (2 Tm 4.12), conseguido entregá-la a Timóteo antes do martírio do seu pai na fé? Embora o sistema judiciário romano fosse moroso, não há garantia de que esse jovem obreiro tenha conseguido chegar a Roma antes da morte de Paulo.

Lembremo-nos de que Timóteo estava em Éfeso ou em algum lugar da Ásia Menor. A carta levaria ao menos 2 meses para cobrir a distância de 2 mil quilômetros que separava Paulo de Timóteo, e ainda mais 2 meses para Timóteo chegar a Roma (MURPHY-O'CONNOR, p. 125). De qualquer modo, as lágrimas certamente rolaram pela sua face ao ler as últimas palavras do seu pai na fé.

1. Mensagem sobre o compromisso com a Palavra de Deus

Paulo começa assim as suas palavras finais a Timóteo: “Conjuro-te, pois, diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo” (2 Tm 4.1). O verbo “conjurar”, aqui, é uma ação solene que denota “jurar em comum”.

Esse apóstolo propõe a Timóteo que se comprometa diante do Justo Juiz a pregar somente a Palavra do Senhor. Esse compromisso é tão sério

e inegociável que Paulo acrescentou o seguinte acerca “daquele a quem temos de prestar contas” (Hb 4.13, ARA): “Que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu Reino”. Ele quis dizer que não há como fugir dessa grande responsabilidade, pois haveremos de comparecer diante do Senhor Jesus, que será o juiz em todos os julgamentos escatológicos.

Haverá cinco julgamentos a partir do Arrebatamento da Igreja. O primeiro é o Tribunal de Cristo, para os salvos, para recebimento de galardão (Rm 14.10; 2 Co 5.10), e não para julgamento do pecado, pois o Senhor Jesus garantiu: “[...] quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida” (Jo 5.24, ARA). Aqui, o termo “juízo” (gr. *krísis*) é forense e indica que o crente salvo, se permanecer em Cristo até o fim, não comparecerá diante do Justo Juiz como réu.

Por ocasião da Grande Tribulação, ocorrerão mais dois julgamentos, o das nações, mencionado com riqueza de detalhes em Mateus 25.31-46, e o de Israel, em cumprimento do que disse o profeta Daniel: E, naquele tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta pelos filhos do teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas, naquele tempo, livrar-se-á o teu povo, todo aquele que se achar escrito no livro (12.1).

Finalmente, após o Milênio, ocorrerão os dois últimos julgamentos, começando pelo que condenará, em última instância, o Diabo e as suas hostes (Ap 20.7-10; cf. Jo 16.8-11). Em seguida, haverá o Juízo Final, conhecido como o julgamento do Grande Trono Branco, quando todos

aqueles cujos nomes não constarem no Livro da Vida serão lançados no Inferno final, o Lago de Fogo (Ap 20.11-15; cf. ZIBORDI, 2012).

Não assumimos o compromisso de pregar somente a Palavra de Deus diante dos homens, mas diante do Justo Juiz, que julgará a todos na Segunda Vinda e no seu Reino. Não temos permissão do Senhor Jesus para pregar nossa própria mensagem. Não tentemos ser tão criativos e engraçados que as pessoas não entendam a verdade. Não há necessidade de substitutos sem sentido e tolos que divertem, mas que raramente convencem os perdidos e edificam os salvos. Pregue a verdade (SWINDOLL, p. 380).

Com a frase “instes a tempo e fora de tempo”, Paulo diz a Timóteo que deve permanecer na tarefa de pregar somente a Palavra, “quer a pregação venha numa hora conveniente para os ouvintes, quer não” (FEE, p. 299). Cabe ao mensageiro do Senhor semear a Boa Semente, seja qual for o tipo de terreno (a disposição do coração), quer ouçam, quer deixem de ouvir (cf. Mt 13.18-23).

Em seguida, Paulo emprega três imperativos para referir-se aos vários aspectos da sublime missão de expor as Escrituras: “corrige, repreende, exorta” (2 Tm 4.2, ARA). Ele enfatiza que é necessário pregar “com toda a longanimidade” (paciência), já que nem todos dão atenção ao expoente da Palavra, e “doutrina”, isto é, introduzindo a sã doutrina na pregação. Hoje, muitos pregadores introduzem de tudo na pregação (fundo musical, animação de auditório, humorismo, trechos de filmes, etc.), menos a sã doutrina!

2.Mensagem sobre o compromisso de cumprir o ministério recebido do Senhor

O príncipe dos pregadores itinerantes, então, profetiza: “Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas [...] desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas” (2 Tm 4.3,4). Não é isso que vemos hoje? Falsos evangelhos, sementes adulteradas à base de pragmatismo e utilitarismo “conforme as suas próprias concupiscências”, são depositados em corações de pessoas que rejeitam a Boa Semente!

Diante disso, ele desafia o jovem Timóteo e a nós, por extensão: “Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições” (2 Tm 4.5, ARA). Imaginemos o que esse apóstolo suportou. Ele tinha autoridade para escrever essas palavras, pois aprendera a passar por toda e qualquer circunstância (cf. Fp 4.11-13; Rm 8.38,39).

Em seguida, aconselha: “Faze a obra de um evangelista, cumpre o teu ministério”. Timóteo fora chamado para ser um evangelista e deveria priorizar esse ministério em detrimento de outras atividades, ainda que relevantes. Cada um de nós tem um chamado, que não deve ser confundido com o título que recebemos da igreja local, e nem sempre este corresponde ao nosso ministério, como escrevi em outro livro da série *Pregadores da Bíblia* (ZIBORDI, 2019).

Timóteo é mencionado no fim da Epístola aos Hebreus, escrita pouco antes do ano 70 d.C., cujo autor ainda é desconhecido: “Sabei que já está solto o irmão Timóteo” (13.23). Segundo a tradição, ele sustentou

virilmente a verdade em Éfeso até o ano 97, quando foi morto por homens mascarados e armados de paus que detestavam a sua pregação contrária ao pecado (KNIGHT; ANGLIN, p. 15). Ele cumpriu o seu ministério; e, naquele grande Dia, o Justo Juiz dará a ele a coroa da justiça!

3. Mensagem sobre a convicção do momento da sua morte

Paulo reconhece que está sendo oferecido “por aspersão de sacrifício” ou “por libação” (2 Tm 4.6). Nos tempos do Antigo Testamento, quando os animais eram sacrificados, o sangue deles era derramado sobre o altar. Nosso pregador-modelo vê a sua vida como um cálice derramado na presença de Deus. Mesmo consciente de que o sacrifício oferecido por Jesus foi perfeito, ele acredita que era o seu dever oferecer-se por amor a Cristo.

Ele acrescenta: “O tempo da minha partida está próximo”. O termo “partida” (gr. *análisis*), aqui, é o mesmo que deu origem à nossa palavra “análise”. Literalmente, Paulo afirma que o tempo da sua análise está próximo. Para nós, hoje, isso soa estranho, como se dissesse respeito a uma consulta com um psiquiatra. A ideia desse apóstolo, ao mencionar a proximidade da sua partida, é a “da desmontagem do acampamento ou soltura das amarras de um navio de seu ancoradouro. Era um eufemismo comum para a morte” (FEE, p. 303).

No primeiro século, *análisis* denotava “esmiuçar”, isto é, fazer uma estreita e cuidadosa separação das partes de um todo.

Paulo estava dizendo que em bem pouco tempo seu corpo iria se separar de sua alma. Ele continuaria vivo, e sua alma entraria na presença de Cristo, embora seu corpo seria colocado em um túmulo (SPROUL, p. 395). Que estejamos prontos para o encontro com o Senhor!

4. Mensagem sobre a satisfação por ter cumprido a sua missão

Vem agora uma frase emblemática pela qual Paulo exprime a sua alegria por ter triunfado: “Combati o bom combate” (2 Tm 4.7). Ele vê o obreiro como um atleta, um competidor, que sofre as aflições como bom soldado de Cristo sem embarçar-se “com negócio desta vida, a fim de agradar àquele que o alistou para a guerra” (2.3,4). Pelo contexto geral, combater o bom combate alude a uma batalha. Mas, à luz do contexto imediato, trata-se de uma metáfora do atletismo. Paulo compara o ministério a uma maratona e acrescenta: “acabei a carreira, guardei a fé”.

O termo “maratona” deriva de uma famosa batalha travada entre atenienses e persas em 490 a.C., quando um soldado, Fidípedes, correu dezenas de quilômetros — da planície de Maratona até Atenas — para avisar os espartanos da chegada dos inimigos. Ele acabou morrendo do coração assim que cumpriu a sua missão. A primeira maratona olímpica ocorreu na Grécia em 1896, no percurso entre as cidades de Maratona e Atenas.

Hoje, uma maratona geralmente tem por volta de 40 quilômetros. Isso significa que Paulo não se refere a uma corrida curta, de poucos

metros, e sim a uma longa jornada. Muitos pregadores são velocistas. Correm bem, mas por pouco tempo; sua carreira é curta, meteórica, pois se desviam da verdade e perdem a fé (cf. 2 Tm 4.10; Gl 5.7).

Não por acaso, nosso pregador-modelo diz: “guardei a fé”. Paulo sabe que preservou intacta a sã doutrina no cumprimento do seu ministério (1 Tm 1.10) e o bom depósito que lhe foi confiado (2 Tm 1.14). Ele correu bem e agora, cheio de fé, está ansioso para deixar a cela úmida, claustrofóbica, abaixo da rua, e cruzar a linha de chegada para encontrar-se com o Senhor Jesus.

5. Mensagem sobre a certeza do galardão

A confiança de Paulo de que combateu o bom combate e triunfou é tão grande que ele pode dizer: “Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele Dia” (2 Tm 4.8). Ele refere-se ao nosso encontro com o Senhor Jesus nos ares, por ocasião do Arrebatamento da Igreja (1 Ts 4.16,17), quando a coroa da justiça será entregue “a todos os que amarem a sua vinda”, em cumprimento do que Ele prometeu: “E eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo para dar a cada um segundo a sua obra” (Ap 22.12).

6. Mensagem sobre o seu amor pelos amigos e companheiros

Paulo abre o seu coração a Timóteo e revela que se sente só, abandonado por amigos e companheiros, dos quais têm muitas saudades. Ele emprega frases que exprimem tais sentimentos: “Procura vir ter comigo depressa. [...] Ninguém me assistiu na minha primeira defesa; antes, todos me desamparam” (2 Tm 4.9,16).

Nosso pregador-modelo faz questão de citar nominalmente boa parte dos seus companheiros, demonstrando que ama cada um deles. Ele começa por aquele que o decepcionara grandemente, cuja partida foi a mais dolorosa: “Porque Demas me desamparou, amando o presente século, e foi para Tessalônica” (2 Tm 4.10).

O que deixa Paulo extremamente triste não é o simples fato de Demas ter viajado para Tessalônica, pois ele afirma em seguida que outros dois companheiros também partiram para Galácia e Dalmácia. Demas não apenas o abandonou, como também se desviou, amando o mundo. Literalmente, ele apostatou da fé. “O contraste, especialmente com o versículo 8, é tão nítido, que é difícil dar à ação de Demas uma interpretação mais branda” (FEE, p. 313).

Após dizer que Crescente e Tito também estão distantes, Paulo afirma: “Só Lucas está comigo” (2 Tm 4.11). Este recebe destaque por ser um dos seus antigos companheiros, que se juntou a ele por ocasião da segunda expedição missionária (cf. At 16.10). O mais antigo de todos, mencionado em sua primeira carta — escrita entre o fim da primeira viagem e o início da segunda — é Tito (Gl 2.1). Mais adiante, porém, esse

apóstolo cita outros cooperadores que estão com ele em Roma, momentos antes do seu martírio: Êubulo, Pudente, Lino, Cláudia e “todos os irmãos” (2 Tm 4.21).

Vem, então, um pedido: “Toma Marcos e traze-o contigo, porque me é muito útil para o ministério” (2 Tm 4.11). No passado, este tinha decepcionado Paulo ao desertar; agora, esse apóstolo deseja dar-lhe uma última palavra. Talvez queira incumbi-lo pessoalmente de alguma missão.

João Marcos, apesar da primeira má impressão, tornou-se um obreiro de valor, vindo a escrever o segundo Evangelho sinótico e, possivelmente, redigir pelo menos uma das cartas de Pedro (ZIBORDI, 2018c, p. 225). Paulo estava próximo da morte, mas ainda fazia planos!

Apesar das circunstâncias, esperava ainda estar vivo até mais 4 a 5 meses a contar da redação da carta. Além disso, esperava estar livre para poder trabalhar com Timóteo e com Marcos (MURPHY-O’CONNOR, p. 125).

Numa demonstração de que reconhece o trabalho dos seus companheiros, Paulo faz questão de citá-los por nome. Tíquico é o portador da carta e, possivelmente, sucessor de Timóteo em Éfeso (2 Tm 4.12). Priscila e Áquila, casal de ensinadores e amigos de longa data (v. 19; cf. At 18.1-3,18-26; 1 Co 16.19; Rm 16.3,4). Outros mencionados com destaque: a família de Onesíforo, aparentemente falecido (cf. 2 Tm 1.16-18), Erasto, que está em Corinto, e Trófimo, deixado doente em Mileto, quando Paulo passou por essa cidade em sua quinta turnê missionária (4.19,20).

7. Mensagem sobre os seus últimos anseios, preocupações e sentimentos

Em suas palavras finais, Paulo não esconde nada de Timóteo. Diz a ele tudo o que passa na sua mente e como se sente. Numa prova de que, apesar de saber que o momento da sua partida está próximo, porém a sua execução ainda não tem data marcada, demonstra preocupação com a chegada do inverno e o consequente fechamento da navegação no Mediterrâneo de novembro a março: “Quando vieres, traze a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo [...]. Procura vir antes do inverno” (2 Tm 4.13,21).

Não havia muita roupa naquele tempo. Ter duas capas era sinal de vida relativamente abastada. Paulo precisa da sua capa — uma pesada vestimenta usada pelos viajantes — para cobrir o seu corpo na masmorra gélida onde está aprisionado. Entretanto, também necessita de algo que seja bom para a sua alma e o seu espírito, pois sentia o desejo de ler e de estudar a Palavra de Deus: “traze [...] os livros, principalmente os pergaminhos” (2 Tm 4.13).

Ele mesmo ensinara aos crentes de Tessalônica que o ser humano é tripartido (1 Ts 5.23). Logo, o seu espírito precisava dos “pergaminhos”, as Escrituras, a Palavra de Deus, que penetra na divisão da alma e do espírito (Hb 4.12); a sua alma, de conhecimento (livros); e o seu corpo, de aquecimento (capa). Atentemos para estas três importantes áreas de nossa vida: espírito, alma e corpo, nesta ordem!

Outro sentimento de Paulo, próximo do seu martírio, é o de indignação por causa da injustiça praticada por Alexandre, o latoeiro: “causou-me muitos males; o Senhor lhe pague segundo as suas obras. Tu, guarda-te também dele, porque resistiu muito às nossas palavras” (2 Tm 4.14,15). Esse deve ser o mesmo Alexandre que, juntamente com Himeneu, fora excomungado em Éfeso por causa das suas heresias e blasfêmias (1 Tm 1.19,20).

Lembre-mo-nos do que Paulo havia dito aos presbíteros de Éfeso, em Mileto: Porque eu sei isto: que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si (At 20.29,30).

Curiosamente, havia em Éfeso um judeu chamado Alexandre, que tentou sufocar um levante contra a igreja (At 19.33,34). Teria ele ingressado na comunidade cristã e, depois, desviado-se, tornando-se um lobo cruel?

Nosso pregador_modelo, então, faz menção da sua primeira defesa , na prima actio, isto é, audiência preliminar perante o imperador ou um magistrado romano, a qual antecedia o julgamento final. Embora mencione algumas decepções e revele um sentimento de abandono, Paulo demonstra não ser uma pessoa amargurada nos momentos finais da sua vida. Ele reproduz a conduta de Jesus ao ser crucificado, bem como a de

Estêvão ao ser apedrejado e diz: “Que isto lhes não seja imputado” (2 Tm 4.16).

Ao fim e ao cabo, Paulo tem motivo para sentir-se confiante: “Mas o Senhor assistiu-me e fortaleceu-me, para que, por mim, fosse cumprida a pregação e todos os gentios a ouvissem; e fiquei livre da boca do leão” (2 Tm 4.17). Ele continua o mesmo apologista, que aproveita cada audiência para defender o evangelho (cf. At 24.1-20; 26.1-32; Fp 1.16).

Por isso mesmo, ele diz que pregou a Palavra de Deus para que “todos os gentios a ouvissem”, falando com autoridade, no coração do sistema imperial, a um auditório cosmopolita. Quando ele menciona a “boca do leão”, pode ser uma referência ao tipo de martírio do qual escapou ou, então, uma metáfora sobre o Inimigo (cf. 1 Pe 5.8). É mais provável que esteja citando Salmos 22.21 em referência ao livramento da morte.

Conclusão

Chega o momento de Paulo concluir as suas últimas palavras. Primeiro, ainda antes dos lembretes e saudações finais já citados acima (2 Tm 4.19,20), ele faz uma doxologia: “o Senhor me livrará de toda má obra e guardar-me-á para o seu Reino celestial; a quem seja glória para todo o sempre. Amém!” (v. 18). Trata-se de uma repetição do que ele mesmo dissera aos crentes de Filipos por ocasião da sua primeira prisão em Roma (Fp 4.20).

Assim como Pedro, o primeiro pregador pentecostal, Paulo, o príncipe dos pregadores itinerantes, sairá de cena fazendo uma referência à graça do Senhor Jesus (cf. 1 Pe 3.18). “Tudo é pela graça do Senhor, proveniente, salvífica, abundante e fortalecedora! É por ela que fomos salvos, somos salvos e seremos salvos!” (ZIBORDI, 2018c, p. 228).

Depois de mais uma palavra específica a Timóteo, a quem está transferindo o bastão — “O Senhor Jesus Cristo seja com o teu espírito” — , Paulo dirige a sua última palavra no plural, isto é, a todos que lerem a sua epístola: “A graça seja convosco. Amém!” (2 Tm 4.22). Conquanto 2 Timóteo seja uma carta muito pessoal, é “bem apropriado que as últimas palavras de Paulo sejam uma bênção, um desejo de que a graça de Deus seja com todo o seu povo” (FEE, p. 316).

A Última Grande Viagem de Paulo

Muito já se escreveu sobre o martírio desse apóstolo em Roma. Não há mais nada a acrescentar aos fatos históricos, mesclados a lendas, sobre esse episódio. É conhecida a história — ou lenda? — de que Nero ateou fogo a Roma e ficou tocando seu violino enquanto a cidade estava em chamas. No fim da catástrofe, alguém tinha de ser culpado, e visto que Nero certamente não se colocaria como culpado, ele publicamente acusou os cristãos (SPROUL, p. 390).

Embora haja certo exagero nos relatos alusivos às ações desse cruel imperador romano, não há dúvida de que ele perseguiu e matou muitos servos do Senhor a partir de julho de 64 d.C. Houve, sim, um incêndio que

durou mais de uma semana e queimou praticamente toda a cidade de Roma, e Nero culpou os cristãos disso (TENNEY, p. 300–301).

Ademais, é certo que a morte do apóstolo Paulo, principal expoente do cristianismo naquela ocasião, aconteceu nessa capital imperial pela espada de um carrasco. O mesmo César (Nero) a quem nosso pregador-modelo apelara quando estava sendo julgado em Cesareia tornou-se inimigo número um da Igreja.

De acordo com Tácito, que não tinha nenhuma simpatia pelos cristãos a ponto de chamá-los de “peste”,

(...) uma grande multidão foi condenada, não tanto como incendiários quanto por seu ódio à raça humana. Sua execução acabou sendo um esporte: alguns foram costurados dentro da pele de animais selvagens e jogados aos cães para serem despedaçados; outros foram amarrados em cruzes e transformados em tochas vivas, para iluminar a cidade quando o dia acabava (BRUCE, 2003, p. 430).

Antes desse incêndio, Nero vinha agindo com justiça e lealdade, sendo um bom administrador, até que se tornou um protótipo do Anticristo. Ele passou a nutrir um ódio fútil pelo cristianismo a ponto de abrir os jardins do seu palácio para espetáculos macabros que resultavam no massacre de inúmeros seguidores de Cristo. Ademais, “tinha estabelecido o precedente sinistro de que a culpa dos cristãos podia ser presumida, sendo que a pena apropriada era a morte” (MURPHY-O’CONNOR, p. 126).

Caso não fosse um cidadão romano, o príncipe dos pregadores itinerantes teria sido morto de imediato. Graças a esse *status*, pôde defender-se perante César, dessa vez do “horrendo” crime de propagar a mensagem de Cristo. A sua questão agora era exclusivamente com o tribunal romano, que, em primeira instância, lhe fora favorável, apesar de não ter contado com nenhum tipo de ajuda (2 Tm 4.16,17).

Nas suas últimas palavras, Paulo demonstrou ter esperança de que seria absolvido, mas isso não ocorreu. Em última instância, ele foi condenado à morte. Chegou, portanto, o momento de fazer a sexta — mas não a última — grande viagem, a saber, de Roma para o Terceiro Céu, o Paraíso, um lugar que ele teve o privilégio de conhecer por ocasião da sua terceira viagem missionária (2 Co 12.1- 4).

As primeiras duas grandes viagens do apóstolo Paulo começaram e terminaram em Antioquia da Síria. A terceira começou nessa cidade, mas terminou em Jerusalém, onde ele foi preso. A quarta começou em Cesareia e terminou em Roma. A quinta começou na capital do Império Romano e terminou em algum lugar da Ásia Menor. A sexta começou em Roma e terminou no Paraíso!

Detalhemos um pouco essa sexta viagem. O ponto de partida foi a prisão Mamertina, que ele — algemado, esfarrapado e sujo — deixou, passando pela porta pesada e pelo muro de pedra que cercava Roma. Em seguida, acompanhado de um pelotão de soldados de semblantes fechados, passou pela pirâmide de Céstio e caminhou pela estrada Ostiana até chegar às Águas Sálvias.

Ali, a pouca distância da Basílica de São Paulo, fora dos muros, com ar de triunfo, ele embarcou para o Paraíso! A cabeça de Paulo rolou no pó. Naquele momento brutal, silenciosa e invisivelmente, a alma do grande apóstolo — homem de coragem e graça — foi imediatamente liberta. Seu espírito voou para os céus; ausente do corpo, afinal, em casa com o Senhor (SWINDOLL, p. 383).

Nero certamente se regozijou em sua Casa Dourada, que ocupava três dos sete montes sobre os quais Roma foi construída. Sua mansão cobria as faldas do monte Esquilino, ao sul, avançando ao norte pelo Célio, e sobre quase todo o Palatino [...]. Embora o conjunto se chamasse *casa*, era na verdade um complexo de jardins, vinhas, pavilhões e palácios, distribuídos em mais de 300 acres (CROSSAN; REED, p. 327).

Lembra-se do que Jesus disse a respeito de quem possui um “céu particular” na terra, mas não tem a certeza da vida eterna? “Pois que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo e perder a sua alma?” (Mc 8.36). O cruel imperador Nero anqueteou-se por algum tempo em sua Casa Dourada. Entretanto, onde está a sua alma agora? Quanto a Paulo, o seu “homem interior” partiu deste mundo e adentrou nas Mansões Celestiais!

Talvez o leitor esteja perguntando: “Essa é a sexta viagem do apóstolo Paulo? Qual seria a última?” Bem, a última começará no Paraíso, no Terceiro Céu, onde o príncipe dos pregadores itinerantes está, neste momento, descansando das suas obras; ela terminará no Novo Céu e na Nova Terra depois de algumas escalas.

A primeira escala será na Terra no dia do Arrebatamento da Igreja, quando seu “homem interior” (espírito e alma) descer para participar da ressurreição dos mortos em Cristo (1 Ts 4.16,17). Após “embarcar” novamente em seu corpo, agora glorificado e incorruptível (1 Co 15.51,52), ele partirá para a Cidade Celestial (Fp 3.20,21) juntamente com todos aqueles que amam a Segunda Vinda (2 Tm 4.8), os quais serão galardoados ainda nos ares (Ap 22.12).

Paulo, que ficou vários anos preso em Cesareia e Roma, desfrutará de sete anos de gozo na presença do Noivo nas Bodas do Cordeiro. E, depois desse glorioso período, todos os salvos voltarão a Terra juntamente com o Rei dos reis e Senhor dos senhores para reinar com Ele por mil anos (Ap 19–20). Finalmente, após essa última escala, o príncipe dos pregadores itinerantes e todas as pessoas cujos nomes estiverem no Livro da Vida embarcarão para o Reino Celestial e viverão para sempre, pelos séculos dos séculos, com o Senhor (2 Tm 4.18). Que creiamos na sua promessa: “Certamente, cedo venho”; e tenhamos confiança para responder-lhe: “Amém! Ora, vem, Senhor Jesus!” (Ap 22.20). “A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém!” (v. 21). Marana-ta!

Referências e Notas

AQUILINA, Mike. *The Apostles and their Times: archeology, history, and Scripture unveil what life was really like during the apostolic age*. 1.ed. Manchester, New Hampshire: Sophia Institute Press, 2017.

ARRINGTON, French L. *et al.* *Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

BALL, Charles Ferguson. *A Vida e os Tempos do Apóstolo Paulo*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

BARKER, Kenneth L. *et al.* *The NIV Study Bible*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2011. Versão digital.

BARTON, Bruce B. *et al.* *Life Application Bible Commentary: Acts*. 1. ed. Carol Stream, Illinois: Tyndale House Publishers, 1999.

BEERS, Ronald A. *et al.* *Bíblia de Estudo Cronológica Aplicação Pessoal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

BÍCEGO, Valdir. *Manual de Evangelismo*. 6. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

BINGHAM, D. Jeffrey. *História da Igreja*. 1. ed. São Paulo: Fundamento, 2012.

BISSEL, Tom. *Apostle: travels among the tombs of the Twelve*. New York, NY : Vintage Books, 2016.

BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BOOR, Werner de. *Atos dos Apóstolos*. 1. ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

BOYD, Frank M. *Cartas aos Coríntios*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1984.

BRAY, Gerald L. *História da Interpretação Bíblica*. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2017. _____. *Comentário Bíblico da Reforma: Gálatas e Efésios*. 1. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

BROOKS, Rice. *Man, Myth, Messiah*. 1. ed. Nashville, Tennessee: Thomas Nelson, 2016.

BROWN, Michael L. *Authentic Fire*. 1. ed. Lake Mary, Florida: Creation House, 2015. Versão digital.

BRUCE, F. F. *Novo Comentário Bíblico Contemporâneo: Filipenses*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 1992. _____. *Paulo, o Apóstolo da Graça*. 1. ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.

BUCKLAND, A. R. *Dicionário Bíblico Universal*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 1995.

BUDZISZEWSKI, J. *Mantendo a Fé na Universidade: instruções para a defesa da sua fé no campus universitário*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

CABAL, Ted *et al.* *The Apologetics Study Bible*. Nashville, Tennessee: Holman Bible Publishing, 2007. Versão digital.

CALVINO, João. *Calvin's Commentaries*. Edinburgh, Scotland: Calvin Translation Society, 1847. Traduzido do original latim e comparado com a edição francesa por John King M. A. Versão digital.

CARR, Nicholas. *A Geração Superficial: o que a Internet está fazendo com os nossos cérebros*. 1. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CARSON, D. A. *Igreja Emergente: o movimento e suas implicações*. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

CHAPELL, Bryan. *Pregação Cristocêntrica*. 1. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006.

COLEMAN, William L. Manual dos Tempos e Costumes Bíblicos. 1. ed. Venda Nova, MG: Editora Betânia, 1991.

COWAN, Steven B. et al. Five Views on Apologetics. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2000. Versão digital. Uma coletânea de comentários apologeticos de 5 grandes apologistas do nosso tempo: William Lane Craig, Gary R. Habermas, John M. Frame, Kelly James Clark e Paul D. Feinberg.

CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. Em Busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2015.

CYMBALA, Jim. Redescubrimiento del Espíritu. 1. ed. Miami, Florida: Editorial Vida, 2012. DAVIS, John. Novo Dicionário da Bíblia. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2006.

DOWLEY, Tim. Pequeno Atlas Bíblico. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005. _____ . Os Cristãos: uma história ilustrada. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

DOWNING, David C. O que Você Sabe Pode Não Estar Certo: 180 explicações de passagens bíblicas mal interpretadas. 1. ed. Deerfield, Florida: Editora Vida, 1990.

EASTON, M. G. Easton Dictionary of the Bible. 3. ed. Impresso em 1897. Texto em domínio público, versão digital.

ENGELBRECHT, Edward A. et al. Bíblia de Estudo da Reforma. 1. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

EUSÉBIO DE CESAREIA. História Eclesiástica. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2014. Versão digital.

EVANS, Craig A. Jesus and the Ossuaries. 1. ed. Waco, Texas: Baylor University Press, 2003.

FABRIS, Rinaldo. Paulo: Apóstolo dos Gentios. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

FARIA, Jacir de Freitas. A Vida Secreta dos Apóstolos e Apóstolas à Luz dos Atos Apócrifos. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

FEE, Gordon D. Novo Comentário Bíblico Contemporâneo: 1 e 2 Timóteo, Tito. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 1994.

FINNEY, Charles G. Uma Vida Cheia do Espírito. 4. ed. Venda Nova: Editora Betânia, 1980.

FOUILLOUX, Danielle et al. Dicionário Cultural da Bíblia. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

FOX, John. O Livro dos Mártires. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

GANGEL, Kenneth O.; HENDRICKS, Howard G. Manual de Ensino para o Educador Cristão. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000. GEISLER, Norman. Eleitos, mas Livres. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 2001. GEISLER, Norman; BOCCHINO, Peter. Fundamentos Inabaláveis: resposta aos maiores questionamentos contemporâneos sobre a fé cristã. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 2003.

GEORGE, Jim. Guia de Biografias Bíblicas. 1. ed. Grand Rapids, Michigan: Editorial Portavoz, 2010.

GILBERTO, Antonio. O Fruto do Espírito: a plenitude de Cristo na vida do crente. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

_____. Verdades Pentecostais: como obter e manter um genuíno avivamento pentecostal nos dias de hoje. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

_____. Pneumatologia: a Doutrina das Últimas Coisas. In: GILBERTO, Antonio. et al. Teologia Sistemática Pentecostal. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

GONZÁLEZ, Justo L. Atos: o Evangelho do Espírito Santo. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2011. GORMAN, Michael J. Introdução à Exegese Bíblica. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

GOWER, Ralph. Usos e Costumes dos Tempos Bíblicos. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. GRAHAM, Billy. A Plenitude do Espírito e como Ob tê-la. 3. ed. São Paulo: Edições Enéas Tognini, 1968.

_____. O Espírito Santo. 1. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1980.

GRIMAL, Pierre. Dicionário da Mitologia Grega e Romana. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertland Brasil, 2011.

GUNDRY, Robert H. Panorama do Novo Testamento. 1. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1996.

HABERSHON, Ada. Manual de Tipologia Bíblica. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 2003.

HANEGRAAFF, Hank. Cristianismo em Crise. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

HENRY, Matthew. Matthew Henry's Concise Commentary. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2002. Versão digital.

HORTON, Stanley M. O Livro de Atos. 1. ed. Deerfield, Florida: Editora Vida, 1983.

HOUAISS, Antônio. Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. 1 jul. 2009. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

HUGHES, R. Kent. Acts: the Church Afire. 1. ed. Wheaton, Illinois: Crossway, 1996. HURLBUT, Jesse Lyman. História da Igreja Cristã. 1. ed. Deerfield, Florida: Editora Vida, 1996.

JAMIESON, Robert et al. Jamieson, Fausset, and Brown Commentary. Comentário crítico e explanatório de toda a Bíblia, por Robert Jamieson, A. R. Fausset e David Brown. Impresso em 1871. Texto em domínio público, versão digital. J

EREMIAH, David. Is This the End. 1. ed. Nashville, Tennessee: Thomas Nelson, 2016.

JONES, E. Stanley. Mastery: the Art of Mastering Life. 1. ed. Nashville, Tennessee: Abingdom Press, 1992.

KELLY, John Norman Davidson. 1 e 2 Timóteo e Tito: Introdução e Comentário. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1983.

KENDRICK, Michael; LUCAS, Daryl. 365 Lições de Vida Extraídas de Personagens da Bíblia. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

KLEINMAN, Paulo. Tudo o que Você Precisa Saber sobre Filosofia: de Platão e Sócrates até a ética e a metafísica, o livro essencial sobre o pensamento humano. 1. ed. São Paulo: Editora Gente, 2014.

KNIGHT, A.; ANGLIN, W. História do Cristianismo. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1983.

KOLLER, Charles W. Pregação Expositiva Sem Anotações. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1987.

LAHAYE, Tim. Temperamentos Transformados. 2. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2008. LIM, David. Os Dons Espirituais. In: HORTON, Stanley M. et al. Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

LLOYD_JONES, D. Martyn. Pregação e Pregadores. 2. ed. São José dos Campos: Fiel, 2008. LOCKWARD, Alfonso. Nuevo Diccionario de la Biblia. 1. ed. Miami, Florida: Editorial Unilit, 1999. Versão digital.

LOPES, Hernandes Dias. Atos: a Ação do Espírito Santo na Vida da Igreja. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2012.

LUTZER, Erwin W. Quem É Você para Julgar? 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

MACARTHUR, John. Ministério Pastoral: alcançando a excelência no ministério cristão. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004a.

_____. Atos: a Difusão do Evangelho. 1. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

_____. O Evangelho Segundo os Apóstolos: o papel das obras na vida de fé. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

MACARTNEY, Clarence E. Grandes Sermões do Mundo. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

MALZONI, Cláudio Vianney. As Edições da Bíblia no Brasil. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2016.

MANSER, Martin H. et al. Dictionary of Bible Themes. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1999. Versão digital.

MARKOS, Louis. Apologética Cristã para o Século XXI. 1. ed. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2013.

MARSHALL, I. Howard. Atos: Introdução e Comentário. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1982.

MAXEY, Duane V. The Collected Sermons of John Wesley. Holiness Data Ministry, 1995. Versão digital.

MCDOWELL, Sean. A New Kind of Apologist. 1. ed. Eugene, Oregon: Harvest House, 2016.

MCFARLAND, Alex. The Ten Most Common Objections to Christianity. 1. ed. Bloomington, Minnesota: Bethany House, 2014.

MCGEE, John Vernon. Thru the Bible Commentary Series: Acts Chapters 1-14. 1. ed. Nashville, Tennessee: Thomas Nelson, 1991a.

_____. Thru the Bible Commentary Series: Acts Chapters 15-28. 1.ed. Nashville, Tennessee: Thomas Nelson, 1991b.

MCKENZIE, John L. Dicionário Bíblico. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

MCLEAN, Mark D. O Espírito Santo. In: HORTON, Stanley M. et al. Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

MENZIES, Robert P. Pentecostes. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2016. Versão digital. MERRILL, Eugene H. História de Israel no Antigo Testamento. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

METZGER, Bruce M.; COOGAN, Michael D. Dicionário da Bíblia: as pessoas e os lugares. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

MONEY, Netta Kemp de. Geografia Histórica do Mundo Bíblico. 7. ed. Deerfield, Florida: Editora Vida, 1994.

MOODY, D. L. Men of the Bible. 1. ed. Chicago, Illinois: The Bible Institute Col- portage Association, 1898. Versão digital.

MOUNCE, William D. Mounce's Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2006. Versão digital.

MURPHY_O'CONNOR, Jerome. Jesus e Paulo: vidas paralelas. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2017.

ORR, James. International Standard Bible Encyclopedia. HeavenWord, 2002. Versão digital.

PALMER, Michael D. Panorama do Pensamento Cristão. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

PATZIA, Arthur G. Novo Comentário Bíblico Contemporâneo: Efésios, Colossenses, Filemom. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 1995.

PECOTA, Daniel B. A Obra Salvífica de Cristo. In: HORTON, Stanley M. et al. Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

PFEIFFER, Charles F. et al. Dicionário Bíblico Wycliffe. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

PLATÃO. Platão, Vida e Obra. 1. ed. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

POLHILL, John B. The Acts of the Apostles. In: DOCKERY, David S. et al. The Holman Concise Bible Commentary. 1. ed. Nashville, Tennessee: B&H Publishing Group, 1998.

POLLINGER, Seth. The Word Jesus Knew. 1. ed. Franklin, Tennessee: Worthy Books, 2017. POLLOCK, John. The Apostle: a Life of Paul. 3. ed. Colorado Springs, CO: David C. Cook, 2012.

POSTMAN, Neil. Amusing Ourselves to Death. New York, NY: Penguin Books, 1986. Versão digital.

RADMACHER, Earl et al. Compact Bible Commentary. 1. ed. Nashville, Tennessee: Thomas Nelson, 2004.

RATZINGER, Joseph. Os Apóstolos e os Primeiros Discípulos de Cristo. 1. ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

RICHARDS, Lawrence O. Guia do Leitor da Bíblia. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

RIGGS, Ralph M. O Guia do Pastor. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 1997.

SAILHAMER, John H. Biblical Archaeology. 1. ed. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1998.

SCOFIELD. C. I. The Scofield® Reference Bible. 1. ed. New York, NY: Oxford University Press, 1917.

SHEDD, Russel P. O Líder que Deus Usa. 1. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 2003.

SMITH, Oswald. O Fogo Consumidor. 3. ed. São Paulo: Editora Vida, 1995.

_____. O Homem que Deus Usa. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 1996.

SOARDS, Marion L. The Apostle Paul: an introduction to his writings and teaching. 1. ed. Mahwah, New Jersey: Paulist Press, 1987.

SOUZA, João A. de. A Nova Moda das Igrejas: Ambientes Escuros e Negros. 25 dez. 2018. Disponível em: <<http://www.pastorjoaodesouza.com.br>>. Acesso em: 30 dez. 2018.

SPROUL, R. C. Estudos Bíblicos Expositivos em Atos. 1. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2017.

SPURGEON, Charles. O Melhor de C. H. Spurgeon. 1. ed. Curitiba: Editora Luz e Vida, 1997.

STAGG, Frank. Atos: a Luta dos Cristãos por uma Igreja Livre e sem Fronteiras. 3. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

STAMPS, Donald C. Bíblia de Estudo Pentecostal. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1995. STROBEL, Lee. The Case for the Real Jesus: a journalist investigates current attacks on the identity of Christ. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2007.

STRONSTAD, Roger. A Teologia Carismática de Lucas: trajetórias do Antigo Testamento a Lucas-Atos. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

SWINDOLL, Charles R. Paulo: um Homem de Coragem e Graça. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

TENNEY, Merrill C. Tempos do Novo Testamento. 1. ed. São Paulo: CPAD, 2010.

THIESSEN, Henry Clarence. Palestras em Teologia Sistemática. 1. ed. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1987.

TOMLIN, Graham. Comentário Bíblico da Reforma: Filipenses e Colossenses. 1. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

TOZER, A. W. Dia a Dia com Tozer. 1. ed. Curitiba: Publicações Pão Diário, 2016.

VINE, W. E. et al. Dicionário Vine. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

WALKER, Peter. Pelos Caminhos de Jesus. 1. ed. São Paulo: Edições Rosari, 2007.

WALLS, Jerry L. Qual o Caminho das Assembleias de Deus? — Amor para todos ou somente alguns? O cerne do que está errado com o calvinismo. 1. ed. São Paulo: Editora Reflexão, 2016.

WILKERSON, David. God Is Faithful. 1. ed. Bloomington, Minnesota: Chosen Books, 2012.

WILLIAMS, David J. Novo Comentário Bíblico Contemporâneo: Atos. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 1996.

WRIGHT, Nicholas Thomas. Paul: a Biography. 1. ed. San Francisco: HarperOne, 2018.

YORK, John V. Missões na Era do Espírito Santo. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

ZIBORDI, Ciro Sanches. Erros que os Pregadores Devem Evitar. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

_____. Evangelhos que Paulo Jamais Pregaria. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

_____. Mais Erros que os Pregadores Devem Evitar. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

_____. Escatologia: a doutrina das últimas coisas. In: GILBERTO, Antonio et al. Teologia Sistemática Pentecostal. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

_____. Erros que os Adoradores Devem Evitar. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD,

2009. _____. Erros Escatológicos que os Pregadores Devem Evitar. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

_____. Procuram-se Pregadores como Paulo. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

_____. João Batista: o Pregador Politicamente Incorreto. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018a.

_____. Estêvão: o Primeiro Apologista do Evangelho. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018b.

_____. Pedro: o Primeiro Pregador Pentecostal. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018c.

_____. Filipe: o Primeiro Evangelista da Igreja. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2019a.

_____. Barnabé: o Pregador de Fé e Obras. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2019b.

Sobre o Autor

Ciro Sanches Zibordi é pastor na Assembleia de Deus da Ilha da Conceição, em Niterói-RJ; pregador do Evangelho, autor e articulista. É formado em Teologia (Faculdade Evangélica de São Paulo-SP) e Relações Internacionais (Universidade La Salle-RJ). É membro da Academia Evangélica de Letras do Brasil e da Casa de Letras Emílio Conde; colunista do CPAD News e articulista do Mensageiro da Paz (CPAD). É também autor de diversas obras, entre elas as da série Pregadores da Bíblia: João Batista: O Pregador Politicamente Incorreto; Estevão: O Primeiro Apologista do Evangelho; Pedro: O Primeiro Pregador Pentecostal; e Filipe: O Primeiro Evangelista da Igreja e também dos livros Procuram-se pregadores como Paulo; Erros que os Pregadores Devem Evitar; Evangelhos que Paulo Jamais Pregaria; Erros que os Adoradores Devem Evitar, além de coautor de Teologia Sistemática Pentecostal, todos publicados pela CPAD. Zibordi pastoreou congregações na AD do Ministério do Belém-SP e foi copastor da AD Cordovil-RJ. É casado com Luciana e pai de Júlia.
